



**Rituais verbais de indelicadeza em ambientes digitais  
com aplicação ao Ensino e Aprendizagem do Português  
Língua Não Materna**

**Contributos para a análise linguístico-discursiva da gestão  
interacional das identidades discursivas**

MARTA ALEXANDRA CAÇÃO LOPES ANTÃO

**Doutoramento em Estudos Portugueses, especialidade em  
Linguística Portuguesa**

**Tese de Doutoramento orientada pela Professora Doutora**

CARLA AURÉLIA RODRIGUES DE ALMEIDA

Lisboa – 2025



**Rituais verbais de indelicadeza em ambientes digitais  
com aplicação ao Ensino e Aprendizagem do Português  
Língua Não Materna**

**Contributos para a análise linguístico-discursiva da gestão  
interacional das identidades discursivas**

MARTA ALEXANDRA CAÇÃO LOPES ANTÃO

Tese orientada pela  
Professora Doutora Carla Aurélia Rodrigues de Almeida  
Doutoramento em Estudos Portugueses – Especialidade em  
Linguística Portuguesa

Lisboa – 2025

## **Agradecimentos**

Este trabalho não seria possível sem o apoio de muitas pessoas. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu marido, Chema López e ao meu filho, Daniel, o apoio incondicional que sempre me ofereceram ao longo da minha trajetória acadêmica. Reconheço, com profunda gratidão, os esforços que empreenderam para criar as condições necessárias que me permitiram dedicar tempo e atenção a este trabalho. Ao meu marido, os elogios, a inspiração e a motivação para continuar os estudos acadêmicos. Ao meu filho Daniel, o seu contínuo estímulo ao meu aprimoramento pessoal e profissional, e a sua compreensão perante as minhas ausências.

Agradeço à minha orientadora da tese de doutoramento, a professora Carla Aurélia de Almeida, o estímulo essencial na realização deste trabalho e o genuíno interesse demonstrado, desde o início, pelo tema da tese. O seu constante e incondicional apoio científico e a sua disponibilidade emocional contribuíram de maneira decisiva para assegurar o pleno desenvolvimento desta tarefa. Também lhe devo a descoberta da área de estudo, que começou precisamente nas unidades curriculares que lecionou nos cursos de mestrado e doutoramento. As suas aulas despertaram em mim um grande interesse pelas questões sociolinguísticas e de análise do discurso. Todo este trabalho prévio cimentou as bases da presente investigação.

Estendo os meus agradecimentos a todas as pessoas que preencheram os inquéritos e que permitiram a recolha dos dados de análise para a presente análise, em especial às minhas alunas (e alunos) de Português da *Escuela Oficial de Idiomas de València-Zaïdia*, com quem aprendo diariamente e redescubro o fascínio de ensinar e aprender uma língua estrangeira.

Não queria deixar de agradecer a todas as pessoas que de forma direta e indireta contribuíram para a realização desta tese de doutoramento.

À minha mãe e irmã, o exemplo de perseverança e capacidade para enfrentar e superar desafios. Foram e serão sempre uma fonte de inspiração em cada esforço e dificuldade encontrada.

Ao meu pai, os valores que me transmitiu e o exemplo de vida que me deixou.

*Lá nas redes sociais  
a tendência é ser juiz  
e condenar muitas vezes  
sem saber nem o que diz.  
Mas não é nenhum segredo  
que quando se aponta um dedo  
voltam três pro seu nariz.*

*Poesia que Transforma, Bráulio Bessa (2018)*

*Impoliteness always involves emotional consequences for the target (victim).*

*Using Language to Cause Offence, Jonathan Culpeper (2011:21)*



*Nubes Negras (detalhe), Chema López*

*Óleo sobre linho, 2004*

*(Imagem autorizada pelo autor)*



## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no *Diário da República*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

Universidade Aberta, 10 de julho de 2025

Nome completo: MARTA ALEXANDRA CAÇÃO LOPES ANTÃO

Assinatura:

## **STATEMENT OF INTEGRITY**

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal *Diário da República*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 215, november 6, 2013).

Universidade Aberta, 10/07/2025

Full name: MARTA ALEXANDRA CAÇÃO LOPES ANTÃO

Signature:

## Resumo

As tecnologias digitais transformaram as interações verbais. A diminuição dos equilíbrios interacionais que ocorre nas redes sociais exige a reflexão sobre a *indelicadeza linguística* e a sua aplicação aos contextos de ensino e aprendizagem de uma língua.

A presente investigação de base teórico-prática insere-se na área da Pragmática Sociocultural, com convergência de pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional e da Análise do Discurso. O papel da linguagem na configuração das dinâmicas sociais está na base da presente análise que apresenta duas fases. Primeiro, estudam-se os mecanismos linguístico-discursivos da *indelicadeza linguística* em interações verbais em Português Europeu, realizadas no género do *comentário* da rede social do Facebook, analisando-se a formação das identidades discursivas e a constituição do capital social dos participantes. Em segundo lugar, estuda-se o comportamento discursivo de estudantes de Português Língua Não Materna, tendo por base as produções linguísticas realizadas nos mesmos contextos digitais observados na primeira fase do estudo e considerando outros contextos com estratégias de *indelicadeza linguística*.

Os resultados obtidos, tanto pela análise das produções de *indelicadeza linguística* nas redes sociais, como pela aplicação dessa análise a grupos de estudantes de português como língua não materna, comprovam a importância de uma abordagem educacional integrada. Tal abordagem deve combinar a aquisição e o desenvolvimento de uma competência digital com a promoção de uma reflexão crítica acerca da comunicação, considerando o impacto que o discurso violento pode exercer na construção de identidades discursivas e na diminuição do capital social das pessoas.

**Palavras-chave:** Indelicadeza linguística, Sociolinguística Interacional, estratégias discursivas, interações verbais, discurso de ódio, redes sociais, competência digital, ensino da competência pragmática em PLNM

## **Abstract**

Digital technologies have transformed verbal interactions. The decrease in interactional equilibrium that occurs on social network platforms calls for reflection on *linguistic impoliteness* and its application to language teaching and learning contexts.

The present theoretical-practical research falls within the area of Sociocultural Pragmatics, with intersection of theoretical frameworks from Interactional Sociolinguistics and Discourse Analysis models. The role of language in shaping social dynamics is at the basis of this two-stage analysis. Firstly, the linguistic-discursive mechanisms of *linguistic impoliteness* in verbal interactions in European Portuguese, as seen in the *comments* on Facebook, are studied, together with an analysis of the formation of discursive identities and the emergence of the participants' social capital. Secondly, the discursive behaviour of students of Portuguese as a non-native language is studied, based on linguistic productions carried out in the same digital contexts observed in the first phase of the study and considering other contexts involving strategies of *linguistic impoliteness*.

The results obtained, both by analysing the production of *linguistic impoliteness* on social networks and by applying this analysis to groups of students of Portuguese as a non-native language, prove the importance of an integrated educational approach. This approach should combine the acquisition and development of digital competence with the promotion of critical reflection on communication, taking into account the impact that violent discourse can have on the construction of discursive identities and the reduction of people's social capital.

**Keywords:** Linguistic impoliteness, Interactional Sociolinguistics, discursive strategies, verbal interactions, hate speech, social networks, digital competence, teaching pragmatic competence in Portuguese as a non-native language

## Resumen

Las tecnologías digitales han transformado las interacciones verbales. La disminución de los equilibrios interaccionales que se produce en las redes sociales hace necesario reflexionar sobre la *descortesía lingüística* y su aplicación a contextos de enseñanza y aprendizaje de lenguas.

Esta investigación teórico-práctica se enmarca en el ámbito de la Pragmática Sociocultural, con la convergencia de presupuestos teóricos procedentes de la Sociolingüística Interaccional y de la Análisis del Discurso. El papel del lenguaje en la configuración de las dinámicas sociales es la base de este análisis que se desarrolla en dos fases. En primer lugar, se estudian los mecanismos lingüístico-discursivos de la *descortesía lingüística* en interacciones verbales en Portugués Europeo (a partir de *comentarios* de la red social Facebook). De este modo se analiza la formación de identidades discursivas, así como la consecuente creación del capital social de los participantes. En segundo lugar, se estudia el comportamiento discursivo de estudiantes de Portugués como Lengua No Materna, a partir de producciones lingüísticas realizadas en los mismos contextos digitales observados en la primera fase del estudio y considerando otros contextos con estrategias de *descortesía lingüística*.

Los resultados obtenidos, tanto al analizar la producción de *descortesía lingüística* en las redes sociales como al aplicar este análisis a grupos de estudiantes de portugués como lengua no materna, demuestran la importancia de un enfoque educativo integrado. Este enfoque deberá combinar la adquisición y el desarrollo de la competencia digital con la promoción de la reflexión crítica sobre la comunicación, teniendo en cuenta el impacto que el discurso violento puede tener en la construcción de identidades discursivas y en la reducción del capital social de las personas.

**Palabras clave:** Descortesía lingüística, Sociolingüística Interaccional, estrategias discursivas, interacciones verbales, discurso del odio, redes sociales, competencia digital, enseñanza de la competencia pragmática en Portugués como Lengua No Materna

## ÍNDICE

Agradecimentos	II
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE	IV
Resumo	V
Abstract	VI
Resumen	VII
Índice de Tabelas	X
Índice de Gráficos	X
Lista de Abreviaturas e Siglas	XII
PARTE I: PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1. Introdução	1
1.1. Considerações sobre linguagem inclusiva e racializada usada na investigação	13
2. Enquadramento teórico	20
2.1. A Competência pragmática	20
2.2. A Pragmática Ilocutória	23
2.3. A Sociolinguística Interacional	28
2.4. O princípio da delicadeza	31
2.5. O princípio da indelicadeza	34
2.6. Variação pragmática: a indelicadeza e a comunicação virtual das redes sociais	43
2.7. As identidades discursivas	49
2.8. Os conceitos de indelicadeza e identidade(s)	55
2.9. Comunidades de prática	59
2.9.1. As identidades discursivas nas comunidades de prática	61
2.10. As identidades e o género	64
2.11. A linguagem em Pierre Bourdieu	69
2.11.1. Reanálise: a perspetiva do “habitus” linguístico de Bourdieu e a proposta de Mary Bucholtz	75
PARTE II: INVESTIGAÇÕES EMPÍRICAS	76
3. Questões metodológicas	76
3.1. O género textual do comentário nas redes sociais	80
3.2. Questões em torno do bilinguismo	82
3.3. Questões em torno da terminologia de língua segunda e língua estrangeira	84
3.4. O fator idade	86
3.5. Autonomia da aprendizagem	87
4. Estudo 1: A delicadeza em contexto didático	90
4.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição do <i>corpus</i>	90

4.2. Descrição, análise e discussão dos dados do <i>corpus</i> sobre delicadeza em contexto didático .....	93
4.2.1. População e amostra: caracterização sociolinguística do grupo de estudantes em análise .....	93
4.3. Resultados da análise dos dados coletados sobre o estudo da delicadeza.....	95
5. Estudo 2: A indelicadeza nas redes sociais .....	99
5.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição dos <i>corpora</i> .....	99
5.2. Descrição, análise e discussão dos dados dos <i>corpora</i> sobre indelicadeza nas redes sociais .....	103
5.2.1. <i>Corpus</i> da publicação de Joacine Katar Moreira .....	103
5.2.2. <i>Corpus</i> da publicação do Jornal <i>Público</i> sobre proposta de alteração do hino nacional .....	112
5.2.3. <i>Corpus</i> da publicação do Jornal <i>Público</i> sobre hábitos alimentares veganos .....	130
5.3. Conclusões da análise dos <i>corpora</i> virtuais .....	168
6. Estudo 3: A indelicadeza em contexto didático .....	176
6.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição dos <i>corpora</i> .....	176
6.2. Descrição, análise e discussão dos dados dos <i>corpora</i> sobre indelicadeza em contexto didático .....	178
6.2.1. População e amostra: caracterização sociolinguística do grupo de estudantes em análise .....	178
6.2.2. <i>Corpora</i> sobre a aplicação didática da indelicadeza no contexto de ensino e aprendizagem do PLNM .....	183
6.2.2.1. Questionários sobre a avaliação da indelicadeza: Grupo 1 (estudantes) e Grupo 2 (falantes do português como L1) .....	183
6.2.2.2. Questionários sobre a aplicação didática da indelicadeza ao PLNM: Grupo 3 (docentes de PLNM) .....	224
6.3. Conclusões da análise dos <i>corpora</i> sobre o estudo da indelicadeza em contexto didático .....	229
7. Conclusões .....	235
7.1. Conclusões sobre a indelicadeza nas redes sociais .....	235
7.2. Conclusões sobre a delicadeza em contexto didático.....	243
7.3. Conclusões sobre a indelicadeza em contexto didático.....	245
7.4. Reflexões sobre a aplicação das conclusões na sala de aula .....	250
8. Bibliografia .....	258
9. Anexos .....	275

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Paralelismos entre prática e identidade (Wenger, 1998: 150), tradução própria.	62
Tabela 2: Atos presentes em comentários ofensivos _____	113
Tabela 3: Atos de discurso _____	115
Tabela 4: Estratégias de indelicadeza no <i>corpus</i> _____	128
Tabela 5: A construção do discurso _____	129
Tabela 6: Participação de acordo com o género _____	131
Tabela 7: Estratégias de indelicadeza segundo Culpeper (1996) de acordo com o género.	131
Tabela 8: Estratégias de indelicadeza segundo Culpeper (1996) de acordo com os atos ilocutórios observados _____	155

## Índice de Gráficos

Gráfico 1: Ilustração do ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb _____	89
Gráfico 2: Idade do grupo estudantil _____	179
Gráfico 3: Habilitações académicas do grupo estudantil _____	179
Gráfico 4: Número de línguas faladas pelo grupo estudantil _____	180
Gráfico 5: Domínio linguístico do grupo estudantil quanto às línguas cooficiais e a língua de aprendizagem _____	181
Gráfico 6: Domínio da língua portuguesa do grupo estudantil _____	181
Gráfico 7: Perceções do grupo 1 quanto ao comentário 1 _____	184
Gráfico 8: Perceções do grupo 2 quanto ao comentário 1 _____	185
Gráfico 9: Respostas do grupo 1 ao comentário 1 _____	186
Gráfico 10: Respostas do grupo 2 ao comentário 1 _____	187
Gráfico 11: Reações do grupo 1 ao comentário 1 _____	188
Gráfico 12: Reações do grupo 2 ao comentário 1 _____	189
Gráfico 13: Respostas do grupo 1 ao comentário 2 _____	190
Gráfico 14: Respostas do grupo 2 ao comentário 2 _____	191
Gráfico 15: Opiniões do grupo 1 sobre o comentário 3 _____	192
Gráfico 16: Opiniões do grupo 2 sobre o comentário 3 _____	193
Gráfico 17: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 4 _____	194
Gráfico 18: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 4 _____	195
Gráfico 19: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 5 _____	196
Gráfico 20: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 5 _____	197
Gráfico 21: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 6 _____	198
Gráfico 22: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 6 _____	198
Gráfico 23: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 7 _____	200
Gráfico 24: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 7 _____	200
Gráfico 25: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 1 _____	201
Gráfico 26: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 1 _____	202
Gráfico 27: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 2 _____	203
Gráfico 28: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 2 _____	204
Gráfico 29: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 3 _____	205

Gráfico 30: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 3 _____	205
Gráfico 31: Reações do grupo 1 na situação 1 _____	207
Gráfico 32: Reações do grupo 2 na situação 1 _____	207
Gráfico 33: Reações do grupo 1 na situação 2 _____	209
Gráfico 34: Reações do grupo 2 na situação 2 _____	209
Gráfico 35: Reações do grupo 1 na situação 3 _____	211
Gráfico 36: Reações do grupo 2 na situação 3 _____	211
Gráfico 37: Opiniões do grupo 1 sobre o uso de linguagem ofensiva _____	215
Gráfico 38: Opiniões do grupo 2 sobre o uso de linguagem ofensiva _____	215
Gráfico 39: Opiniões do grupo 1 sobre o ato de cumprimentar vizinhos _____	217
Gráfico 40: Opiniões do grupo 2 sobre o ato de cumprimentar vizinhos _____	217
Gráfico 41: Opiniões do grupo 1 sobre questões de género _____	219
Gráfico 42: Opiniões do grupo 2 sobre questões de género _____	219
Gráfico 43: Opiniões do grupo 1 sobre comportamentos pouco corteses _____	221
Gráfico 44: Opiniões do grupo 2 sobre comportamentos pouco corteses _____	222
Gráfico 45: Opiniões do grupo 1 sobre o pedido de desculpa _____	223
Gráfico 46: Opiniões do grupo 2 sobre o pedido de desculpa _____	224
Gráfico 47: Opiniões do corpo docente sobre a inserção do estudo da indelicadeza nos currículos de PLNM _____	225
Gráfico 48: Opiniões do corpo docente sobre o estudo da indelicadeza em ambientes digitais _____	225
Gráfico 49: Opiniões do corpo docente sobre a motivação estudantil e o estudo da indelicadeza _____	226
Gráfico 50: Opiniões do corpo docente sobre o estudo da indelicadeza e as competências partilhadas _____	227
Gráfico 51: Opiniões do corpo docente sobre práticas pedagógicas baseadas em pressupostos interacionais _____	227
Gráfico 52: Opiniões do corpo docente sobre a investigação científica e as práticas educativas _____	228
Gráfico 53: O corpo docente e o uso de <i>emojis</i> _____	228

## Lista de Abreviaturas e Siglas

AC: Análise Conversacional

ACD: Análise Crítica do Discurso

AF: Atos de Fala

BUMMER: *Behaviors of Users Modified and Made into Empires for Rent* (Modificação do comportamento dos utilizadores ao serviço de um império para alugar)

CP: Comunidade de Prática

FFA: *Face Flattering Act*

FT: Formas de Tratamento

FTA: *Face Threatening Act*

L1; Língua Primeira

L2: Língua Segunda

LE: Língua Estrangeira

LM: Língua Materna

LNМ: Língua Não Materna

LS: Língua Segunda

MG: Masculino Genérico

PB: Português do Brasil

PC: Princípio da Cooperação

PE: Português Europeu

PLE: Português Língua Estrangeira

PLNM: Português Língua Não Materna

PRI: Princípio da Reciprocidade da Indelicadeza

QECR: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

SI: Sociolinguística Interacional

## PARTE I: PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*War is what happens when language fails*

*The Blind Assassin*, Margaret Atwood (2000)

### 1. Introdução

A capacidade de adaptação às mudanças é uma característica da existência humana. O contacto com as inovações é fundamental para a evolução das sociedades, mas também impõe desafios e cria necessidades, como a reconfiguração de normas e práticas no relacionamento entre as pessoas.

Ao longo das últimas décadas, a comunicação virtual tem vindo a adquirir o estatuto de alicerce fundamental da convivência social. A atividade digital está presente nas mais diversas esferas da sociedade. O discurso na web, além de constituir um processo através do qual indivíduos e instituições trocam informações, oferece uma possibilidade de interligação sem fronteiras. A sua ampla difusão possibilitou uma omnipresença de tal forma que as próprias pessoas utilizadoras, muitas vezes, deixam de estar conscientes da estrutura que transforma e redefine as suas relações, assim como as formas de produção nas sociedades contemporâneas. Deuze (2014: 138) defende que esta perspetiva de se viver não com os media mas no seio destes poderá significar que os hábitos mediáticos já são uma parte constitutiva das pessoas, sendo por isso uma referência ontológica a considerar nas investigações do século XXI.

No âmbito dos processos comunicativos, ancorados nos meios digitais, a competência para ler, escrever, editar ou partilhar conteúdos passou a configurar o sentido da realidade<sup>1</sup>. A procura de significado, autoapresentação e pertença é orientada pela capacidade de os indivíduos se produzirem a si próprios (e, portanto, uns aos outros) nos media, transformando, deste modo, as suas vidas e identidades. Porém e adicionalmente, esta

---

<sup>1</sup> O DigComEdu, Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores, advoga que a literacia digital dos estudantes é entendida atualmente como requisito para a plena inclusão social, empregabilidade e exercício da cidadania (<https://www.dge.mec.pt/noticias/tic-na-educacao/digcompedu-quadro-europeu-de-competencia-digital-para-educadores>)

realidade também é suscetível de ser maleável, manipulável ou ampliada, quer através das dinâmicas comunicativas geradas, quer mediante a própria organização das tecnologias digitais, como poderiam ser os parâmetros que regulam as plataformas e as redes sociais.

O interesse nos estudos sobre a comunicação em ambientes digitais tem vindo a aumentar. Nas investigações, os aspetos sociolinguísticos tornam-se essenciais, não só para entender o funcionamento das práticas linguísticas, como também para compreender como o discurso *online*, nas suas multifacetadas formas e expressões, tem redefinido o conceito de cultura nas sociedades contemporâneas. Neste âmbito, por conseguinte, a expressão das identidades, que se destacam pela sua natureza dinâmica e adaptável, apresenta um grande potencial transformador das práticas culturais.

Algumas características da comunicação virtual, como a rapidez, a fragmentação, o anonimato (Briz, 2014) ou inclusive a própria interface do computador, têm vindo a ser apontadas como aspetos que favorecem a diminuição do contrato social que rege os princípios da delicadeza linguística. De facto, no contexto digital tem-se observado o predomínio de ataques e comportamentos verbais indelicados que, noutros contextos, seriam muito violentos e degradantes para a imagem social das pessoas intervenientes.

Os novos desafios comunicacionais geram necessidades pedagógicas e educativas. Estudos efetuados (Herring, 2003; Blitvich, 2009, 2010; Bou-Franch, P. & Blitvich, 2014; Antão & Almeida, 2021, 2024) comprovam a urgência de uma abordagem educacional integrada que combine a aquisição e desenvolvimento da aprendizagem de uma competência digital com a reflexão sobre uma comunicação mais consciente e responsável, impulsionadora de uma convivência social que parece ser complexa num ambiente cada vez mais permeado pela tecnologia.

As palavras têm consequências. A violência exercida mediante o discurso pode diminuir o capital social das pessoas, conduzir a danos psicológicos graves e ameaçar a vida em sociedade<sup>2</sup>. A preocupação que estimulou o presente trabalho surgiu da observação de

---

<sup>2</sup> A título exemplificativo, atente-se nalgumas notícias de imprensa. Segundo o Jornal Público de 27 de setembro de 2024, o caso de ofensas racistas de uma mulher portuguesa a crianças luso-brasileiras, ocorrido em 2022, em Almada, provocou danos emocionais às referidas crianças (<http://jornal.publico.pt/magoo/noticia.aspx?a=2024&m=09&d=28&uid=&id=47993441&sid=143393>). Este caso mediático obteve igualmente consequências penais, pois a acusada foi condenada por crimes de injúrias agravadas (<https://www.publico.pt/2024/11/15/sociedade/noticia/quatro-anos-pena-suspensa-16500-euros-racismo-filhos-bruno-gagliasso-giovanna-ewbank-2112046>). Não obstante, e ainda de acordo com o Jornal Público de 11 de novembro de 2024, apenas 2,9% dos inquiridos por crimes de ódio vão para julgamento (<https://www.publico.pt/2024/11/11/sociedade/noticia/acusacoes-odio-equivalem-29-inqueritos-racismo-apoio-lei-juristas-2110913>).

uma certa normalização do discurso violento das redes sociais, ao mesmo tempo que parecia haver uma carente ou incipiente formação académica<sup>3</sup> focalizada no papel consciente que cada internauta pode exercer nas interações virtuais. Partiu-se da intuição inicial de que havia uma escalada da violência nos comentários das redes sociais. Manifestações pouco violentas presentes em contextos virtuais pareciam estimular a escalada progressiva de comportamentos discursivos mais violentos. Neste sentido, acreditou-se que era necessário estudar a indelicadeza no género discursivo do *comentário* das redes sociais pelo facto de ter um valor ideológico e de poder ser usada como estratégia discursiva para formar uma imagem de descrédito do Outro.

A reflexão sobre o papel da língua que tem vindo a ser desenvolvida no âmbito da Pragmática Sociocultural (PS), quadro geral em que se baseia esta investigação, remete para as normas e valores culturais que influenciam as interações. É mediante estas que os sujeitos constroem a identidade e viabilizam a sua relação com o mundo e com os outros. Por outras palavras, a PS possibilita a compreensão de como se estruturam a identidade individual e social das pessoas interlocutoras. No processo de ensino e aprendizagem de uma língua não materna (LNM) um dos pressupostos de base é justamente a necessidade da interação. O ato de produzir um texto, escrito ou oral, e a sua interpretação constituem formas de sociabilização, enraizadas na essência intercomunicativa do ser humano.

A presente análise desenvolve-se na área da PS com confluência de pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional (SI) e da Pragmática Linguística (PL), nomeadamente, a Pragmática Ilocutória. Neste âmbito, por meio da aplicação de ferramentas analíticas (como a teoria dos atos de fala ou as implicaturas), procura-se examinar como as práticas linguísticas refletem e configuram as dinâmicas sociais e culturais num contexto específico. O propósito último da pesquisa é o de fornecer contributos úteis para as áreas do ensino de línguas e dos estudos do discurso.

---

<sup>3</sup> Apesar da existência de políticas educacionais internacionais que propõem educar para a paz social, como a “Cultura da Paz” promovida pela Unesco em 1989 (<https://www.unesco.org/biennaleluanda/2021/pt/recursos-sobre-cultura-da-paz>), e entre as oito competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida, lançadas pelo Conselho da União Europeia em 2018 (<https://education.ec.europa.eu/pt-pt/focus-topics/improving-quality/key-competences>), constarem as competências de sensibilidade e expressão culturais, os atuais desafios tecnológicos tornam urgentes novas e específicas abordagens sobre o modo como tratar o discurso do ódio e o conflito social virtual. Em questões relativas ao *cyberbullying* e ao plágio, a proposta do *Modelo de Competência Digital de Professores Pré-Universitários* apela já à dimensão da competência ética: alerta-se para a necessidade de criar a consciência sobre o impacto das ações em relação às que se desenvolvem nas tecnologias, tanto no mundo digital como no mundo físico (Prendes e Calatayud, 2023:52).

A noção de competência comunicativa convoca um saber interiorizado que permite comunicar eficazmente em situações socialmente diversificadas, assim como produzir e compreender discursos adequados às circunstâncias de utilização. A aquisição e desenvolvimento de uma plena competência comunicativa em LNM passa não só por exercitar a comunicação verbal no plano da oralidade e da escrita, mas também por um percurso de práticas de língua e reflexão sobre a mesma. O conhecimento reflexivo sobre a estrutura e funcionamento do sistema linguístico é uma condição indispensável para o aperfeiçoamento do uso efetivo da língua.

Em documentos de referência do ensino e aprendizagem de uma LNM, como o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), a/o estudante aparece como centro do processo de aprendizagem, sujeito ativo da construção de saberes, sendo o conhecimento estrutural e funcional da língua não um fim em si mesmo, mas uma tomada de consciência progressiva das potencialidades da língua. Neste contexto, o/a professor/a deverá continuar a orientar esse processo de aprendizagem, levando o grupo estudantil a tomar consciência do funcionamento e das regularidades que presidem ao uso adequado da língua, tendo em conta que o contexto comunicativo e as relações estabelecidas entre os interlocutores determinam o tipo de estruturas utilizadas na interação comunicacional.

As trocas linguísticas constituem práticas sociais que intervêm na relação estabelecida e na correta comunicação entre os/as falantes: estamos perante convenções de uso e normas socialmente partilhadas. Fatores como as marcas de delicadeza (e indelicadeza) são a prova de como se espera uma certa diplomacia na comunicação. Na interação, pretende-se manter a própria face e a da pessoa interlocutora, sabendo que todos os atos do discurso estão subordinados ao contexto e às relações sociais entre os/as participantes.

Deste modo, é primordial que um/a estudante de Português Língua não Materna (PLNM) seja capaz de adaptar os diferentes recursos linguísticos às situações de uso, sabendo manter a sua face em interações que envolvem um maior grau de tensão. Um dos objetivos de docência de PLNM será chamar a atenção para as diferenças linguísticas de forma ativa, de modo que esses elementos surjam num nível explícito de consciência e possam ser tratados adequadamente.

De acordo com a PS, a análise do discurso da delicadeza<sup>4</sup> e da indelicadeza linguísticas consiste em examinar comportamentos que ficam gravados no texto como

---

<sup>4</sup> Opta-se aqui pelo termo preferido por Carreira (2014:30) e referido em Batoréo (2015).

produto da atividade discursiva. Nesta perspetiva, na interpretação desses comportamentos ou práticas, são contemplados os contextos situacional, social e cultural, de modo a compreender o sentido destas práticas discursivas no seio da comunidade. Noutras palavras, o uso da linguagem não pode ser entendido sem os vários contextos socioculturais em que os diversos códigos linguísticos estão inseridos. Ao considerar a dimensão acional da linguagem em todas as práticas discursivas, o presente estudo analisa regularidades formais culturalmente produzidas, como os Atos de Fala (AF), tipologias propostas por John Austin (1962) e John Searle (1981), visto os AF estarem intimamente relacionados com o conhecimento das normas culturais que envolvem o uso da língua. Conjuntamente também se analisam as estratégias de delicadeza<sup>5</sup> ou da falta desta (Culpeper, 1996), tendo em consideração a intenção da pessoa locutora e a hipotética reação das/dos ouvintes.

A relação dialógica refere-se à ideia de que os enunciados produzidos pelos interlocutores respondem a enunciados anteriores (que podem estar presentes noutros textos, noutros momentos e lugares) e que são direcionados a um público específico. A cadeia de enunciados construída pelos/pelas coparticipantes é o resultado de iniciativas discursivas dialógicas que representam, através da linguagem, discursos variados presentes na sociedade. Assim, o discurso é uma construção social da realidade e o texto completo é visto como uma unidade constituída por práticas socioculturais (Maingueneau, 1991; Fairclough, 1993).

A presente abordagem sociolinguística de práticas discursivas pretende constituir um estudo de base teórico-prático com duas linhas de investigação: por um lado, a análise dos mecanismos linguístico-discursivos da indelicadeza verbal e o modo como as identidades discursivas são concebidas em interações virtuais retiradas de comentários da rede social do Facebook; por outro lado, o estudo do comportamento discursivo de aprendentes de PLN, nos mesmos contextos digitais observados na primeira fase do estudo. Paralelamente, pretende-se observar as perceções sobre o que seria ou não indelicado em contextos específicos para ambos os grupos de estudantes de PLN e falantes do português como língua primeira (L1). Esta abordagem tem por base a noção de que o uso de certos lexemas ou vocábulos não implica diretamente uma intenção educada ou indelicada, pelo contrário,

---

<sup>5</sup> A presente investigação sobre a indelicadeza desenvolve-se a partir de outra investigação sobre a delicadeza efetuada na área de estudos de mestrado pela mesma autora (Antão, 2019). Dada a forte conexão destas duas investigações e tendo em conta a quantidade de informação relevante recolhida, considerou-se a possibilidade de recuperar, de modo entrosado, parte desses dados para a sua apresentação na presente tese de doutoramento, considerando novos dados que foram recolhidos para o presente estudo.

são os elementos contextuais que definem o grau de afetação da imagem social dos/das interlocutores/as (Mills, 2003a). Adicionalmente também se pretende observar a percepção de um grupo de docentes sobre a pertinência da introdução do conceito da indelicadeza em interações sociais (virtuais ou presenciais) nos programas curriculares do PLNM.

Como ponto de partida, aspira-se a examinar diferentes tipos de comportamentos indelicados em interações virtuais escritas de natureza *polilocal*. Estas surgem, muitas vezes, como um ajuste de forças, associado a uma dinâmica de tensão e conflito que nem sempre conduz a uma negociação. O objetivo da análise é estudar a indelicadeza no contexto específico das interações no género textual do *comentário* de uma rede social, neste caso o Facebook. Pretende-se, de forma simultânea, observar o modo como se formam as regularidades discursivas presentes na sequencialidade dos atos ilocutórios de maior ou menor agressividade. As estruturas linguísticas usadas pelos falantes de uma primeira língua ou línguas adicionais são responsáveis pelo estabelecimento de identidades discursivas que se refletem nas relações interpessoais, porquanto estabelecem papéis e consolidam relações sociais. Assim, neste processo, é também considerada a formação de identidades discursivas na gestão do discurso argumentativo, de modo a observar a constituição do capital social dos/das internautas e o papel da linguagem na configuração das dinâmicas sociais.

O género discursivo do *comentário* em *postagens* de redes sociais constitui uma forma cada vez mais frequente de interação virtual de natureza polifónica. A rede social virtual do Facebook constitui um ponto de encontro de pessoas com diversos posicionamentos. Vários estudos (Hardaker, 2010; Herring, 2002; Wodak, 2021) detetaram a presença de valores ideológicos nos referidos discursos que, recorrendo a estratégias discursivas de comportamentos indelicados, contribuem para a formação de grupos identitários opostos, numa tentativa de minar a credibilidade dos/das seus/suas interlocutores/as. Dado este contexto e por se pretender analisar a estreita relação entre as estratégias conversacionais e as identidades discursivas emergentes no discurso (Culpeper, 2013), a presente análise considerou que, mediante a Análise do Discurso, com convergência dos pressupostos da Análise Conversacional (AC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD), seria relevante o estudo do género discursivo do comentário virtual, tendo como foco o estudo da indelicadeza linguística. Deste modo, pretendeu-se ter como enfoque analítico as estratégias discursivas e os mecanismos linguísticos que contribuem para a dominação social por meio da linguagem (Bourdieu, 1982).

As redes sociais podem influenciar o *capital social* dos sujeitos envolvidos nas interações *online*. Os conceitos bourdieusianos são evidenciados na presente análise para descrever o dinamismo da relação entre os indivíduos e as sociedades. De acordo com Bourdieu (1989), o capital social não se limita às conexões que um indivíduo possui, mas à sua habilidade de as mobilizar para alcançar benefícios. Portanto, o estudo tem por base uma análise linguística das estratégias discursivas que configuram, por um lado, a credibilização das imagens do/da enunciador/a e, por outro lado, o modo como discursivamente se realiza o descrédito e a diminuição do capital social do alocutário visado. A observação dos usos linguísticos nas redes sociais permite compreender as dinâmicas e as relações sociais que aí se estabelecem, possibilitando o levantamento de regularidades discursivas desenvolvidas pelos/pelas seus/suas utilizadores/as e a verificação do modo como a indelicadeza (Culpeper, 2013; Culpeper & Haugh, 2021: 315) e o discurso do ódio (Culpeper, 2021) são lexicalizados no contexto específico da comunicação virtual.

Por outro lado, e simultaneamente, a necessidade de aprendizagem na sala de aula das conexões entre linguagem e sociedade permeia a presente pesquisa. Deseja-se compreender melhor o processo de desenvolvimento da competência pragmática no contexto de ensino e aprendizagem do PLNM por parte de estudantes, cujas línguas maternas apresentam uma grande proximidade linguística com o Português: o Espanhol e o Catalão (vertente valenciana)<sup>6</sup>. Cada cultura é regida pelas suas próprias regras sociais e referências culturais, pelo que não basta saber dizer: é importante saber como dizer. O contexto cultural e a relação social entre os indivíduos detêm um papel predominante na escolha de estruturas linguísticas para cada ato de fala e estratégia discursiva.

O desenvolvimento da competência pragmática tem um papel fundamental no pleno aperfeiçoamento da competência comunicativa. Partindo desta premissa, e sabendo que os fenómenos da delicadeza e indelicadeza apresentam uma oscilação cultural, considera-se pertinente aprofundar os conhecimentos sobre a Pragmática Ilocutória em contexto de aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE), realizando o estudo da perceção dos referidos comportamentos e a sua consequente gestão em interações virtuais.

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, será usada a designação de “valenciano” para indicar a variante da língua catalã falada na região autónoma bilingue da Comunidade Valenciana, em Espanha. Este é o contexto sociolinguístico da escola onde a autora do presente estudo exerce a sua atividade profissional docente, há 20 anos, a *Escuela Oficial de Idiomas de València-Zaïdia*.

Acredita-se, portanto, que o reforço da competência pragmática de estudantes passa também pela aprendizagem de diferentes estratégias discursivas que coocorrem com diferentes atos ilocutórios, com diversos interlocutores e em contextos diferenciados. Deste modo, aqueles podem aprender a dominar os códigos sociolinguísticos partilhados por uma determinada sociedade.

A atual investigação reconhece os riscos de transferência de práticas pragmáticas inadequadas entre as várias línguas dominadas por um indivíduo. Não obstante, esta análise também almeja destacar o uso de competências partilhadas entre os diferentes sistemas linguísticos de um/a falante. O conhecimento de diferentes idiomas pode enriquecer a capacidade de um estudante se adaptar a diferentes contextos comunicativos. Em concreto, pretende-se evocar uma maior consciencialização do uso das estratégias discursivas na gestão do discurso argumentativo em mecanismos linguísticos considerados indelicados e que favorecem a criação de posturas predominantes e opostas nas conexões digitais.

Em suma, a abordagem proposta, baseada na comunidade, tem como principais aspirações contribuir para a análise do funcionamento do discurso indelicado na gestão das identidades discursivas em contexto digital. Do mesmo modo, e tendo em conta a instabilidade dos conceitos da delicadeza e indelicadeza, pretende-se observar o desempenho de estudantes de PLNM em situações indelicadas. A proposta de relacionar os conceitos sociopragmáticos, em análise, com o ensino de línguas estrangeiras ambiciona promover o desenvolvimento de competências partilhadas pelos aprendentes, mais concretamente no que diz respeito a uma maior consciencialização sobre as consequências do discurso violento (sobretudo aquele que é coelaborado nas redes sociais) na criação das identidades discursivas e no capital social dos indivíduos. Este processo não desconsidera os diversos fatores sociolinguísticos que podem contribuir para o desenvolvimento da competência pragmática do corpo discente ao longo do processo de aprendizagem de uma nova língua.

A primeira parte do estudo sobre a indelicadeza abrange a análise de comentários virtuais realizados entre o período de julho do ano 2021 e janeiro de 2023, tendo-se delimitado a análise aos comentários da rede social do Facebook. A segunda parte da análise teve por base os dados recolhidos mediante inquéritos que foram distribuídos a três grupos em observação: estudantes de PLNM, falantes de português como L1 e corpo docente de PLNM durante os meses de janeiro e fevereiro de 2023. A pesquisa direcionou a sua atenção para um grupo de estudantes de PLNM da *Escuela Oficial de Idiomas* de Valência, em

Espanha, onde a autora trabalha e reside. Expõe-se e relaciona-se igualmente com uma parte dos resultados obtidos, em 2019, na investigação de trabalho de mestrado sobre a delicadeza, com foco em grupos de PLNМ da mesma escola.

O presente trabalho divide-se em três partes. Na primeira parte, procede-se à contextualização da problemática da investigação e ao enquadramento teórico. Na segunda parte, apresentam-se e analisam-se as investigações empíricas. Na terceira parte relacionam-se os dados obtidos e expõem-se as conclusões.

No enquadramento teórico da primeira parte do estudo evidenciam-se os conceitos de competência pragmática e de ato de fala no seio da Pragmática Illocutória, relacionando este modelo com o da Sociolinguística Interacional. Estes instrumentos de análise são basilares para entender como se constrói e se negocia o sentido em interações reais que, por sua vez, são reguladas por normas sociais.

A base teórica da análise do exercício da comunicação e interação humanas em contextos sociais e culturais particulares fundamenta-se nos principais estudiosos da área em questão. Erving Goffman (1967), com as noções de *equilíbrio interacional* e *facework* alude ao esforço dos/das participantes para preservarem a sua imagem e manterem o fluxo adequado da comunicação. As condições sociais e contextuais afetarão os atos de discurso, teoria desenvolvida por John Austin (1962) e John Searle (1981). Os AF como, por exemplo, ordens ou críticas, requerem certas precauções para que o equilíbrio conversacional se mantenha. A noção de *deixis*, desenvolvida por Émile Benveniste (1976), sustenta que os AF precisam de ser analisados no contexto. Ganham destaque os papéis tanto dos/as interlocutores/as, como os momentos específicos de cada interação. Para a correta interpretação de um AF, entra igualmente em jogo o *Princípio de Cooperação* desenvolvido por Paul Grice (1975). As implicaturas abertas por cada ato realizado em contexto são calculadas de acordo com as máximas conversacionais para que não haja uma disrupção na comunicação. John Gumperz (1972), por sua vez, salienta o papel das variáveis sociais e culturais, como a entoação ou a linguagem não verbal, no seio das chamadas *pistas de contextualização*. Estes dados podem variar dependendo do contexto e das identidades dos indivíduos que realizam um esforço permanente para ajustar a sua face durante a interação e equilibrar as relações de poder e identidade.

Em seguida, destacam-se os estudos sobre os princípios da delicadeza e indelicadeza, de acordo com especialistas da área, como Brown e Levinson (1987), Kerbrat-

Orecchioni (1997), Fraser (2005), Locher e Bousfield (2008), Almeida (2013), Batoréo (2015), Culpeper (1996, 2013, 2021), Eelen (2001), Mills (2007), ou Blitvich e Sifianou (2019), entre outros. A complexidade das interações exige que se tenha em conta variáveis culturais, sociais e situacionais. Neste sentido, o modelo universal da delicadeza de Brown e Levinson (1978) tem sido objeto de intenso debate e de críticas. Porém, continua a ser uma referência importante, porque serviu de base para as investigações que lhe sucederam. Kerbrat-Orecchioni (1997) contribuiu para o estudo em questão desenvolvendo a noção de *Face Threatening Acts* (FTA) e analisando as estratégias de mitigação desses atos. Autores como Fraser (2005), Locher e Bousfield (2008) ou Batoréo (2015) defendem o caráter não universal da delicadeza, pois as normas de cada sociedade sobre o que é ou não apropriado na gestão da diplomacia podem variar. Portanto, todo o trabalho de figuração que os participantes têm de realizar na interação está profundamente enraizado nas práticas sociais e culturais concretas. Ao estudar contextos de conflitos e agressões verbais, e partindo dos pressupostos dos FTA, Culpeper (2010) destacou que a noção da indelicadeza pode ser uma forma deliberada de transgressão das regras da delicadeza. Por outro lado, a crítica à universalidade do modelo da delicadeza também se reflete nos textos de Mills (2003a), Blitvich (2009) ou Sifianou (2012) que, de uma forma mais dinâmica, relacionam as expectativas sociais com as relações de poder e identidade na negociação discursiva. Como consequência destas abordagens, o método de análise defendido não pode ser único, devendo ser uma combinação integrada de diferentes perspectivas que contemplem metodologias interpretativas e quantitativas.

A variação pragmática do estudo é discutida, com ênfase no objeto de análise, isto é, a indelicadeza na comunicação virtual das redes sociais. Evidenciam-se as contribuições dos principais teóricos sobre a matéria, como Susan Herring (2001, 2013), Claire Hardaker (2010), Anna De Fina (2016), ou Jaron Lanier (2018). As comunidades de prática propostas por Étienne Wenger (1998) são relacionadas com os conceitos de indelicadeza e identidades discursivas (Bucholtz & Hall, 2005, 2008; Polletta & Jasper, 2001; De Fina, 2006; Mills, 2003a, entre outros teóricos), tendo, a nível macro, como referência os pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu (1989, 1997).

Susan Herring (2001, 2013) é uma das primeiras e principais autoras a analisar a negociação discursiva em ambientes digitais. O seu interesse pelas dinâmicas da identidade e do poder relaciona-se com as teorias de Bourdieu (1982), porquanto os indivíduos utilizam

diferentes formas de capital simbólico para estabelecer e reforçar as suas identidades em campos sociais específicos, neste caso, as interações digitais. Também Claire Hardaker (2010) tem abordado a indelicadeza em ambientes *online* sob a ótica de esta poder ser interpretada como uma forma de acumular capital simbólico. O posicionamento de confronto apresenta-se como um modo de afirmação da identidade. Concomitantemente, a construção narrativa das identidades sociais evidenciada por De Fina (2009), na terminologia de Bourdieu (1982), constituiria a produção dentro de um campo social, tendo em conta variáveis como o capital simbólico e os conflitos de poder. Lanier (2023) é crítico com o impacto das plataformas sociais na formação da identidade e na relação entre as pessoas. O autor argumenta que o meio tem um papel importante na polarização das opiniões. O novo campo social, constituído pelas plataformas digitais, é influenciado não só pelas interações humanas, mas também pela inteligência artificial dos algoritmos. As comunidades de prática dos novos campos sociais partilham valores e desenvolvem hábitos na competição pelo capital cultural e simbólico dentro do grupo. Nestas dinâmicas, são criadas relações de poder e exclusão. Em suma, os conceitos de Bourdieu (1982, 1989) parecem oferecer uma estrutura sólida para explorar como a linguagem e as relações sociais estão ligadas à formação e negociação das identidades.

As investigações empíricas da segunda parte deste estudo começam por apresentar as questões metodológicas empregues nas análises efetuadas. Estudam-se as características do género textual do *comentário* nas redes sociais, tendo em conta as bases teóricas de Adam (2001:40) e Silva (2013, 2020) sobre os géneros textuais. As contribuições de Rosa & Ricciardi (2021) não são desconsideradas: as autoras defendem que se trata de um género textual dinâmico e fluido que questiona e amplia as noções tradicionais do discurso.

Seguidamente, discutem-se questões relacionadas com o ensino e a aprendizagem do grupo de PLNM em análise: o bilinguismo, o fator da idade e a autonomia da aprendizagem. Considera-se que estes fatores desempenham um papel importante no processo de aprendizagem de línguas adicionais e que estão estreitamente relacionados com o desempenho do grupo específico discente em observação neste trabalho.

Posteriormente, descrevem-se os três casos de estudo efetuados: a delicadeza em contexto didático, a indelicadeza nas redes sociais e a indelicadeza em contexto didático. Foi recolhida uma grande quantidade de dados através de métodos de pesquisa diferenciados: para a análise dos comentários presentes na plataforma social do Facebook recorreu-se à

análise qualitativa de dados mediante a observação direta e o recurso à ferramenta ATLAS.ti para a organização e codificação dos elementos encontrados; para os estudos da delicadeza e da indelicadeza em contexto didático, foram distribuídos inquéritos a estudantes, professores e falantes de português como L1, não só com o objetivo de obter informações sobre os seus comportamentos linguísticos nas mesmas situações virtuais analisadas na primeira parte da análise, como também de averiguar as suas opiniões e atitudes em situações de indelicadeza diversificadas.

A análise da indelicadeza nas redes sociais compreende as sequências de comentários originadas a partir de diferentes postagens da rede social do Facebook. Em primeiro lugar, foram contempladas duas publicações da ex-deputada luso-guineense Joacine Katar Moreira, ambas de 2021. Uma referia as homenagens realizadas ao cônsul Aristides de Sousa Mendes e outra o facto de a rede social Facebook ter removido um grupo de apologistas da discriminação racial e do fascismo. Em segundo lugar, foram observados os tópicos (os *threads*) de comentários gerados na sequência da publicação de 2023 de uma crónica do Jornal *Público* que comentava a proposta do cantor português Dino d'Santiago de alterar o hino nacional. Em terceiro lugar, analisaram-se os comentários de uma outra publicação do Jornal *Público*, do final de 2022, desta feita um artigo sobre uma família com hábitos alimentares veganos.

Em relação aos processos desenvolvidos em contexto didático, para além dos inquéritos que pretendem analisar o desempenho linguístico dos/das estudantes nas mesmas situações de indelicadeza observadas nas redes sociais, também se pergunta sobre o modo como esta é percebida e gerida pelo grupo estudantil em diferentes situações presenciais e virtuais. Adicionalmente, foram contemplados os elementos sociais e linguísticos que influenciam o desenvolvimento da competência pragmática dos grupos discentes em apreço, considerando mais um questionário que solicita informações sobre a caracterização sociolinguística dos/das estudantes. Um terceiro inquérito indaga a opinião de um grupo de professoras/es de PLNM em Espanha sobre a relevância do estudo da indelicadeza em contexto didático e a sua inclusão na esfera educacional. Para cada uma das situações de estudo, enumeram-se e discutem-se os dados obtidos.

A terceira parte da pesquisa apresenta as conclusões retiradas das três investigações empíricas. Os resultados obtidos e a sua análise abrem a expectativa de que este estudo possa contribuir de maneira substancial para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e a

consequente formação de indivíduos mais comprometidos com os valores essenciais da convivência social.

### 1.1. Considerações sobre linguagem inclusiva e racializada usada na investigação

*O falar não se restringe ao ato de emitir palavras,  
mas de poder existir.*

*Lugar da Fala*, Djamilia Ribeiro (2019)

*The quarrels of popes and kings, with wars or pestilences, in every page;  
the men all so good for nothing, and hardly any women at all—it is very tiresome.*

*Miss Morland in Northanger Abbey*, Jane Austen (1803)

*Ó menina onde está o seu marido?  
As malas. O frio. Era só uma fila de táxi. Era só uma pergunta, a minha. A dele era uma ordem, pré-  
requisito de existência.  
(...)*

*A fronteira é masculina. Mulheres são meninas sem nomes, limo frio de sonhos escutados.*

~~Volta~~ *para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeiros em Portugal*, Carla Mühlhaus (2001)

A intersecção entre os fenómenos gramaticais e a prática social é uma prática que requer uma observação atenta e uma atualização constante por parte da investigação sociolinguística e do ensino da língua. Em conjunto com outros âmbitos do conhecimento, estas áreas prestam especial atenção ao funcionamento da língua como instância a partir da qual se (inter)age no mundo.

As línguas naturais expressam a organização sociocultural das sociedades humanas. Através do seu estudo poder-se-á obter uma ideia mais clara dos preconceitos de várias ordens (raciais, religiosos, etc.) que permeiam a sociedade (Correia, 2009: 155). O património linguístico da humanidade advém do contacto e do acumular de experiências do coletivo de falantes ao longo dos tempos e, por isso, espelha a cosmovisão de uma sociedade, ao mesmo tempo que exerce um poder sobre cada falante através das estruturas cognitivas e socioculturais (Matos, 2020: 93).

A investigação no domínio do poder estabelece a polarização das categorias masculinidade e feminilidade como diretriz edificadora da dicotomia sexual mediante a qual

a experiência humana é organizada. Não obstante, esta divisão não significa que essas duas categorias tenham um estatuto de igualdade na interação humana (Matos, 2020: 3).

O uso do gênero como categoria analítica provém de uma visão crítica que destaca as origens socioculturais, históricas e, portanto, modificáveis, do que se entende por feminino e masculino. Trata-se de uma categoria relacional que inclui as avaliações e expectativas sociais sobre os papéis de cada conjunto entre si e no complexo social mais amplo.

Na área da linguística, várias investigações têm chamado a atenção para as práticas linguísticas androcêntricas, como o(s) Masculino(s) Genérico(s) (MG), que demonstram a natureza patriarcal da organização da comunicação quotidiana. Estruturalmente, os MG são formas linguísticas marcadas com traços de gênero e plural. Semanticamente, a sua interpretação pode ser ambígua, porque caracterizam de igual maneira, um conjunto de homens ou um grupo de homens e mulheres.

As questões do gênero são consideradas fundamentais para as disciplinas científicas que lidam com cognição, ações, instituições ou culturas humanas. Os trabalhos científicos de Robin Lakoff, discípula de Labov, constituíram um forte contributo para que o gênero fosse acolhido no seio da Linguística. Em 1975, esta linguista publicou um trabalho pioneiro sobre a linguagem e o gênero intitulado “Language and Woman's Place”, no qual demonstrou como a linguagem reflete e perpetua as desigualdades de gênero na sociedade. A obra demonstrava como as diferenças linguísticas eram moldadas pelas expectativas culturais e estereótipos de gênero, o que tinha consequências sobre a maneira como mulheres e homens eram tratados socialmente.

Contrariamente a Labov, que se referia ao discurso das mulheres como resultado da própria essência feminina, Lakoff defendia que as diferenças no discurso das mulheres, comparativamente ao dos homens, se deviam às expectativas de gênero que determinavam as condutas sociais esperadas para as mulheres. Neste sentido, a autora concluía que certos mecanismos linguísticos não só refletiam o papel de subalternidade ou invisibilidade das mulheres, como também o reproduziam e reforçavam (Lakoff, 1973).

A visão do homem como representante do ser humano, e o conseqüente silenciamento da presença feminina na linguagem, responde a uma forma de pensar e a um *habitus linguístico* (noção de Bourdieu, 1972) milenar que tem consequências na visão e

organização da sociedade.<sup>7</sup> Diversos textos têm avivado o debate<sup>8</sup> sobre o facto de uma cultura dominada pela perspectiva masculina transformar esta visão enviesada em universal. Tomando o homem *branco* como modelo para a visão do mundo, a sua abordagem genérica transforma a mulher, e todas as pessoas que não são nem masculinas, nem *brancas*, em algo específico e, portanto, relegadas para o conjunto do “Outro”<sup>9</sup>.

Pierre Bourdieu (1972) referia-se à tradição como algo silencioso que passa sem necessidade de verbalização. O *habitus* de pressupor que o masculino (*branco*) é universal tem consequências tanto na visão masculina, como na maneira como os coletivos considerados específicos (mulheres, população racializada, coletivos não-binários, etc.) se veem a si próprios. Nos sistemas hierárquicos de dominação, em certos grupos subordinados, coincidem várias discriminações. Por exemplo, se existe um fosso nos dados para as mulheres, essa distância aumenta se considerarmos outras capas de distinção que se vão acumulando no indivíduo, por exemplo, ser mulher *negra* e não heterossexual. Este interseccionismo coloca as mulheres pertencentes a minorias étnicas dentro da categoria mais ampla das mulheres (Pérez, 2019: 16), desaparecendo, por exemplo, o estatuto ontológico da mulher *negra*.

Analogamente, o âmbito académico não é um lugar neutro. As práticas discursivas envolvem escolhas políticas e ideológicas (intencionais ou não), influenciadas por relações de poder que produzem efeitos diferentes no mundo social. Em consequência, os projetos de investigação são subjetivos e moldam a produção do conhecimento (Orton e Biar, 2023: 1).

---

<sup>7</sup> Caroline Criado Pérez (2019:16), no seu livro *Invisible Women. Exposing Data bias in a World Designed for Men*, expõe a parcialidade dos dados que excluem as mulheres. A autora apresenta inúmeros casos de fosso de dados em relação ao género, isto é, a disparidade na quantidade, qualidade e disponibilidade de dados desagregados por género. Entre os exemplos apresentados, destaca-se aqui o caso das informações sobre a autoria das pinturas rupestres. Por regularmente tratarem temas de caça, associados ao género masculino, atribuíam-se aos homens a sua criação. Investigações recentes da marca das mãos que aparecem junto a essas pinturas em grutas de França e Espanha sugerem que a maioria delas foi feita por mulheres. Similarmente, também se ensina que na Grécia Antiga nasceu a democracia, quando metade da população feminina estava excluída das tomadas de decisões da política e sem direito a voto. Por este motivo, Clara Não, no seu artigo do Jornal *Expresso* sugere que em vez da expressão “berço da democracia” se devia dizer “berço do pensamento crítico público dos homens” (Crónica de Clara Não, no Jornal *Expresso*, de 20 de fevereiro de 2023: “As implicações do masculino genérico” [https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmstctbpDQEhrw3xUj3t9\\_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658](https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmstctbpDQEhrw3xUj3t9_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658)). Estes exemplos ancestrais indicam como a História tem sido incalculavelmente marcada por enfoques masculinos e ausências femininas.

<sup>8</sup> Quão sexista é a Língua Portuguesa e como é que isso se resolve? Uma reflexão a partir do documento que indignou os militares: <https://expresso.pt/sociedade/2020-10-01-Quao-sexista-e-a-Lingua-Portuguesa-e-como-e-que-isso-se-resolve--Uma-reflexao-a-partir-do-documento-que-indignou-os-militares>

<sup>9</sup> Em 1949, Simone de Beauvoir afirmava: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autónomo.” (Beauvoir, 1960:10).

Segundo Grada Kilomba (2021: 49), a esfera académica também é um espaço de violência, porque tradicionalmente tem considerado um único modelo epistemológico (o discurso ocidentalocêntrico académico *branco*) como conhecimento universal, enquanto tem desqualificado *outras* vozes de indivíduos que somente aparecem no papel de *objetos*. O sociólogo Loïc Wacquant (2023) converge na advertência de se considerarem modelos de análise ocidentais como universais. O campo académico está, nesta perspetiva, também ele estruturado por relações de poder que excluem outras vozes periféricas ou alternativas<sup>10</sup>. Decidir quem pode falar, quem pode vestir o papel de *sujeito* é também uma forma de exercer a violência.

Djamila Ribeiro em “O que é lugar de fala?” (2019a: 26) salienta o deslocamento do pensamento hegemónico e a ressignificação das identidades, quer sejam de raça, género ou classe, para que se possam construir novos lugares de fala, com o objetivo de possibilitar a voz e dar visibilidade a sujeitos considerados implícitos dentro da normalização hegemónica. Nesta linha de pensamento, pensar novas maneiras de produzir e validar o conhecimento científico constitui uma abordagem que é simultaneamente transdisciplinar e transgressiva.

O conceito de “violência simbólica” de Bourdieu (1989: 8) faz alusão à legitimidade criada dentro de cada campo, no qual a autoridade subtilmente cria as condições de receção através da aprovação naturalizada sob a forma de *habitus*. Como resultado, e de acordo com Kilomba (2021: 53), o conhecimento académico não seria uma verdade científica objetiva, mas sim o resultado de relações desiguais raciais de poder. A autora reivindica uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo<sup>11</sup> como parte do discurso académico, tendo por base o facto de todos os indivíduos falarem a partir de um tempo e lugar específicos, com uma história e realidades próprias. Assim, não haveria discursos neutros, mas sim dominantes. A descolonização do discurso académico passaria por dar uma oportunidade à construção de um discurso académico emancipatório alternativo (periférico). Não obstante, também seria necessário um entendimento e estudo da própria marginalidade,

---

<sup>10</sup> Em relação ao silenciamento de vozes, também o sociólogo Michel Pialoux (2019) salienta que os discursos dominantes tendem a ignorar ou deturpar as narrativas sobre a classe trabalhadora.

<sup>11</sup> Esta proposta vai ao encontro dos *Objetivos do Ano Europeu Contra o Racismo*, nomeadamente “Tirar partido, sempre que possível, da experiência das pessoas real ou potencialmente afectadas pelo racismo, a xenofobia, o anti-semitismo ou a intolerância, e promover a sua participação na vida da sociedade (*Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, 15.08.1996, p. 3: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:41996X0815&qid=1560768260792&from=EN> ).

que conduzisse à superação da possível interiorização de inferioridade por parte dos elementos dos grupos dominados. O objetivo último aponta para a transformação das configurações do conhecimento e do poder em prol da abertura de novos espaços para a teorização e prática (Kilomba, 2021: 57-69).

Em sintonia com as investigações acima descritas, várias instituições europeias têm tentado fomentar práticas linguísticas inclusivas em relação ao género, como a utilização de uma linguagem neutra, que procura promover a inclusão e aumentar a igualdade social. Em Portugal, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género<sup>12</sup> publicou um Manual de Linguagem Inclusiva para a Administração Pública<sup>13</sup>, tal como outras instituições têm vindo a publicar diretrizes de aconselhamento para uma linguagem inclusiva<sup>14</sup>.

No âmbito dos Planos Nacionais para a Igualdade, os guias de linguagem inclusiva elogiam as potencialidades da plasticidade da língua e apelam a alternativas discursivas para os mecanismos que podem invisibilizar (mais de) metade da população, neste caso o coletivo das mulheres. O MG tem tido tradicionalmente uma dupla função, genérica e específica, ao invés do plural feminino que é somente específico, porque indica o conjunto de elementos femininos. Com o MG, as mulheres são colocadas num plano secundário que aponta para a sua sub-representação. Desaconselha-se, portanto, o uso genérico do plural masculino, que é considerado uma forma de sexismo na linguagem, ao tomar o homem como medida do ser humano. Propõem-se formas respeitadoras do direito das mulheres e dos homens à representação linguística da sua identidade. Em vez de “o cidadão” ou “os trabalhadores”, são sugeridas formas neutras como “a cidadania”, ou duplas, como se pode ver em “os trabalhadores e as trabalhadoras”. Expressões como “o Homem” ou “os homens” são preteridas, propondo-se expressões neutras como “a Humanidade”. Para uma total visibilidade e simetria dos dois sexos, recomenda-se também alternar a ordem dos géneros e não antepor sempre o masculino ao feminino.

Em conformidade com as investigações expostas, o presente estudo académico procura usar uma linguagem inclusiva em relação ao género/sexo<sup>15</sup> constituindo uma

---

<sup>12</sup> <https://www.cig.gov.pt/>

<sup>13</sup> [https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/11/Guia\\_ling\\_mulhe\\_homens\\_Admin\\_Publica.pdf](https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/11/Guia_ling_mulhe_homens_Admin_Publica.pdf)

<sup>14</sup> Veja-se, por exemplo, o Guia publicado pela Universidade do Porto:

[https://www.up.pt/portal/documents/76/Guia\\_para\\_a\\_Utiliza%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Linguagem\\_Inclusiva.pdf](https://www.up.pt/portal/documents/76/Guia_para_a_Utiliza%C3%A7%C3%A3o_de_Linguagem_Inclusiva.pdf)

<sup>15</sup> Este trabalho refere *sexo* e *género* indistintamente. *Sexo* aponta para as características biológicas que determinam se um indivíduo é homem ou mulher e *género* indica os significados sociais, no caso das

contribuição para a consolidação de um *habitus linguístico* de inclusão e respeito que promova uma comunicação mais alinhada com as demandas sociais. Assim, nesta investigação, são usadas formas neutras coletivas (por exemplo, “a comunidade estudantil”) ou formas duplas com barras (“as/os interlocutoras/es). Para facilitar a leitura que estes sinais gráficos, por vezes, dificultam, são também usados plurais de forma indistinta, ora no feminino, ora no masculino, devendo entender-se sempre, o conjunto de todas as pessoas implicadas, sejam elas masculinas, femininas ou não-binárias<sup>16</sup>.

Comumente, as palavras *negro/a* e *branco/a* fazem referência, respetivamente, a coletivos de afrodescendentes e a ocidentais cuja ascendência não é africana. No entanto, em português, estes vocábulos encerram um dilema teórico. Ambas as palavras têm origem em realidades de discriminação. As palavras *negro* e *negra* provêm de um conceito colonial criado durante a expansão europeia, estando, por isso, intimamente ligadas a uma história de violência e desumanização: foram inicialmente usadas nas relações de poder entre a Europa e a África para relegar a população africana a um lugar de subordinação e inferioridade (Kilomba, 2021: 11). *Branco/a* passou a ser o oposto, a posição de quem se considerava superior e, portanto, com mais poder<sup>17</sup>. Não obstante, as palavras *negro* e *negra* são atualmente consideradas as formas politicamente mais adequadas<sup>18</sup>. Para tornar visível a problematização destes conceitos, as referidas palavras, neste trabalho, aparecem em itálico.

O presente trabalho contempla a diferenciação entre *etnia* (identidade cultural partilhada) e *raça* (construção social baseada em diferenças físicas dos indivíduos). Ambos os conceitos são construções sociais assentes em sistemas de diferenciação e classificação. Contudo, incidem em aspetos diferenciados: por exemplo, as pessoas negras podem ser alvo

---

mulheres, a forma como estas são percecionadas. Aqui abordam-se não os corpos das mulheres, mas o significado social atribuído a coletivos considerados “outros”.

<sup>16</sup> A presente investigação não contempla o uso do Sistema ELU que propõe a adaptação da linguagem a uma forma de comunicação que respeita as pessoas não-binárias: Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-problemativa-da-linguagem-neutra-e-inclusiva/5376>

<sup>17</sup> Rosa Cabecinhas (2002), em *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*, aborda o tema do racismo e da etnicidade em Portugal, fornecendo uma análise psicossociológica sobre a homogeneização das minorias. Deste estudo, torna-se relevante aludir à citação de António Oliveira Salazar de 1935, que a autora destaca por revelar a visão colonialista da época: “Devemos organizar cada vez mais eficazmente e melhor a proteção das raças inferiores cujo chamamento à nossa civilização cristã é uma das concepções mais arrojadas e das mais altas obras da colonização portuguesa.” Esta citação exemplifica as ideologias subjacentes às políticas coloniais e a justificação do colonialismo como um ato civilizador.

<sup>18</sup> Outros termos como *preto/a* são insultuosos, como ficou comprovado na recolha de dados efetuada nos *corpora* da presente investigação.

de discriminação com base na categoria de *raça*, ou seja, por via do racismo, mas não podem apresentar racismo entre si, porque o viés não é a *raça*, mas outros, como a etnia, isto é, o conjunto de traços de identidade cultural dentro de um grupo humano. Neste caso, não se falaria de racismo, mas sim de preconceito étnico.<sup>19</sup>

Nas últimas décadas tem-se gerado um debate ontológico em torno da palavra *raça*. O termo não tem um significado fixo nem estável, tendo começado por se referir a características físicas para outras do âmbito cultural. De um ponto de vista social funcional, as “raças” são uma construção social (Wodak e Reisigl, 2001: 373). Apesar de biologicamente não existirem, têm implicações na forma como as sociedades se organizam, estruturam e articulam os diferentes grupos *racializados*. O conceito tem sido utilizado como um instrumento ideológico legitimador para oprimir e explorar grupos sociais específicos e para lhes negar o acesso a recursos (Wacquant, 2023: 146). Por esta razão, esta análise não quis aderir às propostas de eliminação da palavra por considerar que o seu desaparecimento não elimina a carga política e social nela contida. Desta forma, considera-se que o conceito não pode ser ignorado na investigação sociolinguística devido à sua relevância na análise de comportamentos e perceções racistas. Neste estudo, a palavra não deve ser interpretada como uma entidade biológica, mas como uma construção social<sup>20</sup>, análoga às categorias de género e classe.

---

<sup>19</sup> *Crónica de João Ferreira Dias, no Jornal Público, de 17 de novembro de 2022: “A questão da etnia, da raça e do género na proposta de revisão constitucional do PS”:*

<https://www.publico.pt/2022/11/17/opiniao/opiniao/questao-etnia-raca-genero-proposta-revisao-constitucional-ps-2027951>

<sup>20</sup> Rebeca Walker no seu livro *Black, White and Jewish: Autobiography of a Shifting Self*, no qual explora a sua própria identidade multiétnica e multicultural questiona: “What is whiteness? And how can one ‘feel white’ when race is just about the biggest cultural construct there is? (Walker, 2001: 305) ou “the skin of my body determined this [not being accepted for being black and white] long before I have even had a chance to speak” (Walker, 2001: 256).

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1. A Competência pragmática

*Falar, agarrar as pessoas pela manga, mandá-las sentarem-se à nossa frente e pô-las a ouvir. A seguir, inverter os papéis, tornar-se ouvinte e escutar o que as pessoas têm para “falar”, “falar”. Acaso não foi já dito: “Falo, logo existo”? Assim sendo, fala-se, logo existe-se. E para tal, há que usar todos os meios possíveis, metáforas, parábolas, gaguejos, frases inacabadas, sem se preocupar que a frase fique a meio, como se a seguir ao verbo se abrisse de repente um abismo.*

Viagens, Olga Tokarczuk (2010)

É conhecida a necessidade de estudar os Atos de Fala na aula de Língua Portuguesa, tanto no quadro do ensino do Português Língua Materna (Fonseca, 1992) como no quadro do Ensino do Português Língua Não Materna (Fonseca, 1992) realçando-se que o ensino da língua materna constitui uma “pedagogia dos discursos” (Fonseca, 1992: 235).

Com efeito, o enquadramento dos Atos de Fala no documento do QEQR justifica a necessidade do estudo da competência pragmática no contexto do ensino de uma LNM.

O QEQR apresenta uma perspetiva acional do ensino e aprendizagem: as/os estudantes são vistas/os como agentes sociais que desenvolvem várias competências com o fim de atingirem uma finalidade comunicativa. O referido documento descreve “exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os *conhecimentos* e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação.” (QEQR, 2001: 19). Esta descrição abrange, igualmente, o contexto cultural do código linguístico, pois “[a] competência comunicativa em língua compreende diferentes componentes: *linguística, sociolinguística e pragmática.*” (QEQR, 2001: 34). A componente linguística corresponde ao conhecimento da gramática da língua (aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais); a componente sociolinguística envolve as condições socioculturais do uso da língua; e a componente pragmática é responsável pela produção dos atos de fala. É a junção de todas estas componentes que permite falar, ouvir, ler e escrever, isto é, agir em contextos comunicativos específicos. Neste sentido, torna-se fundamental que os atos discursivos façam parte dos programas de ensino de uma LNM, para que o corpo discente seja capaz de praticar e interpretar determinadas ações, desde os níveis mais elementares até situações mais complexas com subtilidades sociolinguísticas e eficácia pragmática, como inferências do

sentido, que advêm do conhecimento cultural desse universo linguístico e do chamado “conhecimento compartilhado” entre interactantes (Kerbrat-Orecchioni, 1986).

Os estudos pragmáticos consideram a reflexão do estudo da linguagem como um fenómeno comunicativo, intersubjetivo e social. Os significados linguísticos não são analisados unicamente de acordo com os seus valores semânticos ou sintáticos. São inferidos a partir de uma interação existente entre quem fala e quem ouve, num determinado contexto, com presença dos elementos socioculturais em uso, estes estreitamente relacionados com as intenções comunicativas.

Cada ato de enunciação cria uma rede de relações de espaço e tempo organizadas em torno da pessoa locutora e a sua interlocução. Assim, motivada pela interação social, a comunicação linguística não depende unicamente do contexto linguístico, mas também do *contexto situacional* (Gouveia, 1996: 384).

Gouveia defende a importância fundamental da pragmática e ressalta os seus aspetos centrais para a comunicação: os “fatores linguísticos e não linguísticos, e que inclui, pelo menos, o que é dito, o modo como é dito e a intenção com que é dito, o posicionamento físico, os papéis sociais, as identidades, as atitudes, os comportamentos e as crenças dos participantes, bem como as relações que entre eles se estabelecem.” (Gouveia, 1996: 384) Todos estes fatores, que incluem o conhecimento mútuo ou a intersubjetividade, vão condicionar os enunciados linguísticos de quem fala, a fim de se alcançar a convergência ou a divergência no relacionamento com a alteridade.

Nesta linha de análise, a língua assume um novo estatuto teórico: possui um dinamismo interno, compreende a base da multifuncionalidade para a qual está orientada e é, ao mesmo tempo, uma parte essencial desse processo. Assim, são destacados os elementos relativos à interlocução, à interação e ao dialogismo (Fonseca, 1994).

Émile Benveniste, “estruturalista não ortodoxo” (Fonseca, 1989), conhecedor do papel fulcral da língua na interação, defende para esta uma dimensão essencialmente social: a relação dialógica e intersubjetiva da comunicação proporciona ao sujeito a impressão das suas *marcas* e a sua definição como ser humano que interage no mundo. A condição de diálogo proporciona a constituição da *pessoa*, pois implica uma relação mútua e recíproca, estabelecida entre a pessoa locutora que diz *eu* em face de um *tu*<sup>21</sup>. Assim, esta relação de

---

<sup>21</sup> Esta relação de alocação entre o “eu” e o “tu” é recíproca e, por isso, regularmente, na Análise Interacional fala-se de Locutor/a 1 e Locutor/a 2.

complementaridade e reversibilidade dos termos *eu* e *tu* numa realidade dialética e interativa, própria do processo de comunicação, é característica intrínseca da interação social. Através desta relação mútua, Benveniste defende que qualquer ato discursivo é sempre coproduzido, sendo que a condição essencial do exercício linguístico é a polaridade entre dois indivíduos interlocutores que apresentam um *conhecimento compartilhado*. Este nem sempre está explícito no discurso, mas tem um papel ativo na comunicação. Deste modo, a noção da subjetividade de Benveniste contém igualmente a noção de intersubjetividade.

A noção de *deixis* é examinada a partir da teoria de Benveniste como prova da representação da subjetividade na linguagem: através da realização de um ato enunciativo, um *eu* tenta relacionar-se com o mundo, num momento inédito e num contexto irrepetível. Toda a referenciação deíctica adquire um relevo especial nos estudos pragmáticos. A Pragmática Linguística estuda a língua enquanto estrutura formal usada pelas pessoas falantes em contextos específicos, o que significa que o enunciado de um/a falante só pode ser compreendido tendo em conta o seu contexto único de enunciação. Como a interação linguística visa a compreensão mútua, no intuito de evitar mal-entendidos ou interpretações erróneas do ato comunicativo, a referência à *deixis* torna-se capital, uma vez que examina a relação dos elementos discursivos com as circunstâncias de produção e as consequentes dimensões cognitivas, psicológicas, sociais e culturais das pessoas interlocutoras. Neste contexto, a *deixis social* destaca igualmente a importância da análise das estruturas de delicadeza, como as formas de tratamento ou os marcadores de discurso (ambos os elementos inscrevem a subjetividade na linguagem, como afirma Kerbrat-Orecchioni, 1999), por considerar que estes elementos linguísticos não são só reguladores das relações interpessoais, mas também garantes de um eficaz *equilíbrio interacional* (Goffman, 1982).

## 2.2. A Pragmática Ilocutória

*Suppose, for example, I see a vessel on the stocks, walk up and smash the bottle hung at the stem, proclaim 'I name this ship the Mr. Stalin' and for good measure kick away the chocks: but the trouble is, I was not the person chosen to name it.*

*How to do Things with Words*, John Austin (1962)

O destaque da linguagem como uma prática e discurso em que o estudo do contexto e da situação enunciativa são essenciais conduziu o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein a introduzir o conceito de *jogos de linguagem*, contrariando as perspectivas então dominantes na filosofia da linguagem marcada pelo neopositivismo lógico. O novo paradigma teórico da comunicabilidade afastava-se das perspectivas reducionistas que só contemplavam a vertente referencial ou denotativa da linguagem (Lopes, 1995: 297). Em oposição a uma visão puramente lógica, o destaque no aspeto humano e contextual da linguagem aproximava-se do que viria a ser, mais tarde, denominada Pragmática Ilocutória. Nesta linha de análise, são consideradas as diversas ações executadas por meio da linguagem que, por sua vez, estão alinhadas com as normas sociais cuja conformidade resulta do consenso intersubjetivo.

O trabalho de John Austin (1962) sobre os Atos de Fala (AF), apresentado em *How to do things with words* constitui uma importante base para a postura teórico-metodológica da Pragmática Ilocutória. A visão performativa proposta apresenta a linguagem como produtora de factos e realizadora de determinados AF em que a pessoa falante introduz uma intenção: a de realizar um objetivo comunicativo, como *ordenar, perguntar, pedir, convidar*, etc.

O filósofo norte-americano John Searle, discípulo de Austin e igualmente relevante no âmbito do estudo dos atos discursivos, surge algum tempo depois com a obra *Speech Acts* (1981), na qual tenta descrever o modo como as palavras realizam ações. De acordo com o autor, “falar é executar actos de acordo com certas regras” (Searle, 1981: 33). Para a interpretação de uma enunciação como um ato ilocutório, em primeiro lugar, é necessário que a/o ouvinte conheça a língua em causa para, depois, poder interpretar o seu conteúdo proposicional, e ser capaz de reconhecer a intenção de quem fala. Desta forma, poderá atribuir à frase uma determinada força ilocutória.

Assim, os significados linguísticos não são analisados somente segundo os seus valores semânticos ou sintáticos, mas inferidos a partir de uma interação existente entre

quem fala e quem ouve, num determinado contexto, sendo necessário ter em conta os elementos socioculturais em uso, relacionados com as intenções comunicativas. Com base nestes pressupostos, de acordo com Searle, os enunciados mais correntes da linguagem não são os atos diretos, mas os indiretos, nos quais o mais importante é o objetivo ilocutório, a intenção última da pessoa locutora (e não a forma linguística utilizada) juntamente com a força ilocutória do ato do discurso: uma ordem e um pedido têm o mesmo objetivo ilocutório (levar o interlocutor a fazer algo), mas distintas forças ilocutórias, ou seja, diferentes funções assumidas pelo enunciado no contexto em que é produzido.

A partir do pensamento de Austin, Searle propõe uma taxinomia dos atos ilocutórios tendo em conta o seu objetivo ilocutório: assertivo (relaciona a verdade expressa no enunciado com quem enuncia); diretivo (dirige a locução para a realização de um ato futuro); compromissivo (a locução compromete-se a realizar um ato futuro que pode constituir um ato de promessa se for um ato que é do interesse do alocutário ou, no caso de não ser do interesse deste último, pode ter o valor de ameaça); expressivo (quem enuncia exprime o estado psicológico); declarativo ou as declarações assertivas (atos fortemente ritualizados, nos quais a locução altera a realidade das coisas).

Esta descrição tipológica corresponde a uma tentativa de categorização das ações realizadas por meio da linguagem e permite concluir que o número de coisas básicas que se podem fazer com a língua é limitado, se for adotada a noção de objetivo ilocutório como critério classificador.

A distinção entre objetivo ilocutório e força ilocutória é particularmente importante para a presente investigação, uma vez que a realização destes atos de fala nem sempre se faz de uma forma direta, como referido. O *sentido* que ocorre em diferentes situações comunicativas e que deve ser calculado em função do contexto, tendo por base o que está implícito na conversa é um aspeto fundamental a ter em conta na aula de PLNM, considerando que o significado literal é diferente do valor indireto e equacionando as razões da divergência entre forma e função do enunciado. Ao comunicar, escolhem-se as expressões linguísticas que melhor se adaptam à situação social e à finalidade comunicativa. Sempre que o conhecimento do significado da expressão usada for partilhado pela interlocução, o/a ouvinte reconhece a intenção comunicativa. Assim, são considerados aspetos que dizem respeito à dimensão acional do discurso em contexto interlocutivo: “Os contributos de cada

um dos participantes são orientados pela necessidade de adequação (ao contexto e ao interlocutor) e pela pertinência do conteúdo” (Sim-Sim, 1998: 184).

No âmbito dos atos indiretos, Searle revisita a teoria de Paul Grice sobre o sentido e as implicaturas conversacionais, ao afirmar que a força ilocutória pode ser calculada através destas implicaturas. Conversar não é falar de um modo desconexo. A eficácia do uso da linguagem na interação depende de um acordo mútuo que é traduzido em esforços de cooperação. Paul Grice destaca o Princípio da Cooperação (PC), desdobrado em máximas conversacionais, cuja violação proporcionará o entendimento ou o desentendimento na interação. É de ressaltar, no entanto, que a comunicação diária é uma constante transgressão do princípio de cooperação e que, nem sempre, o objetivo comunicativo é cooperar com as pessoas interlocutoras.

Estudos acadêmicos recentes (Mills, 2003a; Fraser, 2005; Terkourafi, 2008; Sifianou, 2012) têm elaborado emendas ou criticado a universalidade do PC. Não obstante, o trabalho de Grice representa uma contribuição inovadora para explicar a comunicação indireta. Ambos os atos indiretos de Searle e as implicaturas de Grice permitem comunicar sem ferir suscetibilidades e desempenham um papel vital na comunicação: possibilitam a leitura nas entrelinhas, quer por interesses de conveniência social, quer por razões de criatividade sociolinguística. Neste âmbito, os aspetos extralinguísticos ganham relevância na compreensão da interlocução.

Em 1967, Erving Goffman publicou *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*, um estudo pioneiro sobre as características das interações sociais dos indivíduos. Esta obra converteu-se numa referência para os trabalhos de microanálises, pois facilitou a inclusão da observação dos gestos, dos olhares, dos posicionamentos dos sujeitos e da verbalização dos participantes, no decorrer da interação presencial.

Segundo Goffman, a interação humana pode ser explicada mediante a metáfora do palco, na qual cada interveniente, em situações correntes e diárias, assume diversos papéis, isto é, adotam-se diferentes comportamentos dependendo da situação comunicativa e da interlocução específica. Nesta abordagem dramaturgica, Goffman criou a teoria das faces<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> A escolha desta palavra não é aleatória. São muitas as expressões com a palavra “face” que remetem para a ideia de postura ou imagem projetada pelo eu. Goffman explica a sua escolha dando os exemplos, em inglês, de “to lose face” para “prejudicar a sua reputação” ou “to save one’s face” significando “dar a alguém uma oportunidade de evitar constrangimento, humilhação ou vergonha”. Do mesmo modo, também podemos encontrar em português: “à face do mundo”, para dizer “publicamente”; “em face de” para “perante” ou

ou de figuração (*face work*), na qual a *face* constitui a imagem que cada pessoa constrói de si própria, assente no que a interlocução pressupõe durante a interação, ou seja, a imagem do *eu* delineado em termos de atributos sociais aprovados. A pessoa locutora procura causar uma imagem positiva na sua interlocução, de modo a ser aceite por esta. Neste sentido, o trabalho da face constitui uma estratégia interacional no intuito de assegurar o equilíbrio conversacional: os participantes tentam não perder a sua face, quer se trate da face positiva, o desejo de aprovação social e autoestima, quer se trate da face negativa, a integridade do seu território ou o desejo de não ser impedido nas suas ações. Deste modo, é do interesse de cada interlocução preservar a face da outra pessoa para não pôr em perigo a sua própria face: “this kind of mutual acceptance seems to be a basic structural feature of interaction, especially the interaction of face-to-face talk” (Goffman, 1967: 11).

Goffman afirmou ainda que a manutenção da face é uma condição da interação, e não o seu objetivo. Os objetivos da comunicação, como poderiam ser aqueles que permitem expressar livremente ideias e crenças, introduzir informações depreciativas sobre os outros ou resolver problemas e executar tarefas, são alcançados em consonância com a manutenção da face. Assim “os falantes respeitam um certo número de *regras e convenções* com vista à construção de uma ‘ordem ritual’ que nasce da gestão do próprio trabalho de *figuração*” (Almeida, 2009: 45). Em qualquer sociedade, este ritual consiste num sistema de práticas, convenções e regras processuais que funciona como um meio de orientar e organizar o fluxo das mensagens. Nas palavras de Goffman, as interações “(...) often become habitual and standardized practices; they are like traditional plays in a game or traditional steps in a dance” (Goffman, 1967: 13), por conseguinte estudar a manutenção da face é estudar o fluxo das normas de interação social.

Em sociedade, é esperado que os membros de todos os círculos sociais tenham algum conhecimento e experiência quanto ao trabalho de figuração. A este tipo de capacidade chamamos comumente *tato, savoir-faire*, ou diplomacia. Dominar estas estratégias de habilidade social é uma condição para o ato da comunicação efetiva, pois quase todos os atos que envolvem outros são modificados. Nos atos de discurso com valores

---

“fazer face a” que significa “encarar, resistir a, suportar”. Persiste a ideia de enfrentar o mundo exibindo uma cara ou postura.

ilocutórios mais ameaçadores, as regras de delicadeza destacam-se, mais uma vez, pelo seu papel, visto determinarem as escolhas linguísticas para o ato, de modo a suavizar ou amenizar a possível intimidação, que pode ser a ação de comunicar. Nestes requisitos estabelecidos na organização ritual dos encontros sociais, observamos como as “trocas confirmativas” e as “trocas reparadoras” surgem como ferramentas comprovativas do delicado trabalho da figuração ao serviço da manutenção do equilíbrio interacional entre as faces das pessoas interlocutoras. Por exemplo, a sequência reativa da recusa da oferta costuma exigir um segmento de justificação e de pedido de desculpa (troca reparadora), de modo a evitar que o indivíduo locutor da oferta se sinta ameaçado na sua face positiva (Almeida, 1998).

Na análise das experiências quotidianas como experiências interacionais, Goffman (1979) chamou de *footing* a mudança ou manutenção de postura ou alinhamento da interlocução. Os participantes organizam e orientam os discursos, em função do uso permanente de enquadramentos em relação às diversas situações de comunicação e interação. A noção de *footing* pode ser definida como o alinhamento, ou postura, ou projeção pessoal do “eu” dos participantes envolvidos numa interação (Paiva & Rodrigues Júnior, 2007; Almeida, 2014).

De acordo com Goffman (2002), os *footings* ou *alinhamentos* são introduzidos, negociados e modificados na interação. Dependendo dos comportamentos e das escolhas linguísticas das pessoas interlocutoras, os *alinhamentos* são mantidos ou alterados. Segundo o autor, a constante mudança de *footing* é uma característica instintiva da interação. No ajuste da adequação da interlocução à situação comunicativa, para além da competência linguística, a competência social desempenha um papel proeminente. Os indivíduos interlocutores mudam de *footing*, em virtude das regras de conduta e da interpretação sociocultural, que é partilhada por diferentes comunidades e situações de fala. Estes requisitos comprovam a estreita relação entre linguagem e interação<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Com base nos temas propostos por Goffman, Brown e Levinson (1987) realizaram um estudo exaustivo sobre a delicadeza, apoiando-se na noção de face de Goffman e abrindo um campo metodológico para investigações sobre a delicadeza, tendo destacado igualmente a noção de *footing*. Por seu lado, Schiffrin realçou o uso de marcadores discursivos, abordou a influência dos géneros sociais na fala e tentou aplicar os conceitos de *footing* e face ao ensino de línguas (Schiffrin, 1996).

No jogo interacional de intenções comunicativas, inferências interpretativas e coconstrução de significados semântico-discursivos inseridos na estrutura da interação, o *footing* está imbuído de um caráter dinâmico. Trata-se de um modo de expressar a relação entre a linguagem em uso (discurso) e a indexação, isto é, o processo através do qual os enunciados são relacionados a momentos, lugares e sujeitos sociais particulares, incluindo, o próprio “eu” com as suas múltiplas formas de expressão em interação.

Os enunciados que as pessoas interlocutoras presenciais ou virtuais produzem contêm em si pistas linguísticas que expressam as suas posturas ou alinhamentos. Na presente análise, foram encontrados indícios nas escolhas da linguagem (adjetivos, advérbios, formas verbais, pronomes de tratamento, palavras abreviadas, etc.) e marcas que apontam para elementos extralinguísticas (interjeições, *emojis*, letras minúsculas ou maiúsculas, etc.). Por um lado, a análise destas pistas permite identificar a forma como a interlocução virtual constrói conjuntamente os seus discursos e, por outro lado, ajuda a constituir sistemas discursivos que caracterizem o género discursivo do comentário virtual de uma rede social.

### **2.3. A Sociolinguística Interacional**

*I'm just a soul whose intentions are good...*

*Don't Let Me Be Misunderstood*, Nina Simone (1964)

Os estudos de Erving Goffman mantêm uma estreita relação com a Sociolinguística Interacional (SI) de John Gumperz, pois ambos enfatizam o papel da linguagem na construção da realidade social e mostram interesse nas microanálises das interações dos sujeitos. Estas abordagens permitem relacionar fala e interação.

John Gumperz, com a publicação do livro *Discourse Strategies* (1982), apresentou as bases teóricas da SI que representou um avanço significativo na compreensão do papel da linguagem nas relações interpessoais e no processo de interpretação do discurso. A investigação teve por base exemplos de interações gravadas em diversos contextos, tendo mostrado como a comunicação verbal pode aproximar ou distanciar pessoas de diferentes origens sociais e étnicas com base em suposições culturais subconscientes. Comprovou-se

como as diferenças culturais podem levar a interpretações equivocadas e levantar barreiras à comunicação efetiva entre pessoas de origens distintas.

Os fatores socioculturais interagem com a linguagem no processo de negociação de significados. Assim, o objeto de análise da SI é a *competência da comunicação* dos indivíduos falantes. Para além da capacidade de esses indivíduos produzirem frases gramaticais de acordo com os princípios e as regras de cada sistema linguístico, isto é, a *competência linguística*, adquirem estatuto de análise as *competências sociolinguísticas* e *socioculturais*, as capacidades atinentes ao conhecimento do mundo da interlocução, com inclusão das regras dos códigos sociais, como o princípio da delicadeza.

A abordagem interacional insere-se no âmbito da Etnografia da Fala e tem por base a *competência da comunicação* (Gumperz & Hymes, 1972). A linguagem é estudada em ação em cada contexto. Por um lado, a comunicação é estabelecida por uma pessoa locutora que fala a um indivíduo alocutário com quem estabelece uma relação interpessoal e/ou intersubjetiva, e, por outro lado, este tem um papel importante na interpretação do que foi dito, de maneira explícita ou implícita. Nesta perspetiva, ganham importância as pluralidades das interações comunicativas em diferentes contextos de produção e usos da língua, que são, por sua vez, marcados por parâmetros específicos, como o cenário, os tópicos, ou as relações de poder entre os membros da interlocução. As coordenadas da enunciação jogam igualmente um papel importante na interpretação dos atos comunicativos pois só podem ser interpretadas mediante o contexto em causa.

A perspetiva etnográfica de Gumperz (1992) contempla a totalidade dos padrões de variação linguística: os recursos linguísticos, os códigos sociocomunicativos provenientes das restrições socioculturais, como o estatuto, os grupos socioeconómicos de pertença, os lugares, ou, por exemplo, os papéis sociais das pessoas interlocutoras e a relação entre elas. O registo da língua e o sistema das formas de tratamento são um bom exemplo de como a escolha das variantes linguísticas obedece a determinados padrões que são regulados por fatores sociais.

Neste âmbito, o discurso é visto como o produto de uma interação verbal específica proveniente das escolhas realizadas no conjunto de todas as opções potenciais numa língua. Dubois e Sankoff (2001: 282) destacam ainda o conceito de *competência discursiva*, no qual incluem o conhecimento das formas linguísticas, o contexto em que estas podem ser usadas e as circunstâncias sociolinguísticas que permitem a sua realização, ou seja, o universo

conceptual dos/das falantes, as suas características socioculturais e as estratégias de interação entre os indivíduos falantes.

A pragmática tem uma relação estreita com a sociolinguística. Enquanto a primeira foca principalmente os processos cognitivos envolvidos na inferência de significados, a segunda dirige a sua atenção para os processos linguísticos que refletem as restrições sociais e institucionais, normas e valores ideológicos. Holmes (2018: 28) defende a junção destas duas áreas naquilo que denominou de *sociopragmática*, a análise da interação face a face tendo em conta diversos contextos e normas sociais. Desta forma, exploram-se preocupações sociolinguísticas de nível micro e macro e oferecem-se novas abordagens sobre a maneira como os indivíduos negociam significados e identidades sociais complexas.

O esquema participativo em cada interação é, assim, modelado por normas de interação que são acionadas em função de um tema comum, de acordo com a interpretação dos dados da memória partilhada (Almeida, 2012: 63). Para além dos recursos linguísticos e socioculturais, são ainda objeto de estudo os elementos paralinguísticos e as pistas de natureza não verbal que expressam as intenções comunicativas. Segundo Gumperz, as *pistas de contextualização* de natureza sociolinguística remetem para a sinalização de elementos contextuais que são de grande relevância para explicar o que acontece na interação. Estas pistas podem ser de natureza linguística (ex: mudança de código e de estilo), de natureza paralinguística (ex: pausa, hesitações) e/ou de natureza prosódicas (ex: entonação, ritmo) (Gomes, 2012: 2).

Nos *corpora* em análise, sendo as interações escritas, mas muito próximas da oralidade, os internautas procuram compensar a falta de recursos comunicativos próprios da interação presencial. Em vez de pausas ou hesitações, encontramos o uso de reticências, em vez da entonação, foi detetado que o uso de maiúsculas, repetições e interjeições é recorrente, e em vez de expressões faciais, foram encontrados elementos como *emojis*. Na presente análise, a construção da face ou *ethos* da interlocução, na interação, tem unicamente como recursos a informação gráfica ou linguística. Não obstante, estratégias como estas, em vez de refletirem uma comunicação empobrecida ou simplificada, demonstram a capacidade de os membros utilizadores adaptarem o meio informático às suas necessidades expressivas. O resultado é uma variedade linguística que, apesar de ser produzida por meios semelhantes à escrita, contém frequentemente características da oralidade (Herring, 2001: 617).

No contexto educativo, as investigações no âmbito da SI podem ser muito relevantes, dada a importância atribuída aos diversos usos da língua e à diversidade sociocultural e linguística dos grupos de estudantes. Conceber a língua como parte integrante da cultura pode ajudar a compreender a estrutura de participação da sala de aula, seja ela física ou virtual.

#### **2.4. O princípio da delicadeza**

*A delicadeza do mundo chega-nos  
através de frases interrompidas.*

*A Noite Abre Meus Olhos, José Tolentino Mendonça (2021)*

A ação conjunta da comunicação desenvolve-se entre indivíduos e implica a existência de atitudes cooperativas por parte dos sujeitos locutores, que deverão ser conhecedores das condições socialmente contextualizadas da interação. O desejo de conseguir algo implica a aprovação externa que é alcançada não só através da linguagem utilizada, mas também mediante a imagem projetada pela locução. Na escolha das formas linguísticas a usar em cada ato de fala, diversos fatores sociais vão ter um papel essencial, tais como a idade, o sexo, o grau de conhecimento prévio do interlocutor ou a posição social, sendo estes determinantes para avaliar o grau de distanciamento entre as/os participantes da interlocução.

Segundo o dicionário da Porto Editora, a delicadeza é definida como “qualidade de quem ou daquilo que é delicado; suscetibilidade; cortesia; boa educação”. De facto, numa perspetiva sociolinguística, trata-se de um conjunto de normas sociais que cada comunidade estabelece para regular o comportamento adequado dos seus membros, ajustando as atitudes às normas. Assim, as formas da delicadeza constituem um ponto de apoio que regulará a distância entre os indivíduos na interação. As formas linguísticas selecionadas, como poderiam ser as formas de tratamento ou os tempos verbais, fazem parte das estratégias discursivas selecionadas para manter o equilíbrio conversacional e se atingirem os objetivos comunicativos (Antão, 2019: 30).

Erving Goffman descreve a interação humana mediante a metáfora do palco, na qual cada interveniente, em situações correntes e diárias, assume diversos papéis. Este classifica de *face* ou *processos de figuração* (“face work”) a imagem que cada indivíduo interlocutor constrói de si próprio assente no que as pessoas interlocutoras pressupõem durante a interação. Este trabalho da face constitui uma estratégia no intuito de assegurar o

equilíbrio interacional: os membros da interação tentam não perder a sua face, quer se trate da face positiva, o desejo de aprovação social e autoestima, quer se trate da face negativa, a integridade do seu território ou o desejo de não serem impedidos nas suas ações. Por conseguinte, Goffman refere que “os falantes respeitam um certo número de *regras* e *convenções* com vista à construção de uma ‘ordem ritual’ que nasce da gestão do próprio trabalho de *figuração*” (Almeida, 2009: 45). As regras de delicadeza relacionadas com as “trocas confirmativas” e “trocas reparadoras” surgem como ferramentas comprovativas do delicado trabalho da figuração ao serviço da manutenção do equilíbrio interacional entre as faces da interlocução (Almeida, 2009: 45).

O Princípio da Cooperação de Paul Grice constitui um pilar no qual várias teorias comunicacionais se têm apoiado. Grice postulou que, para levar a bom termo uma ação conjunta de comunicação verbal, é necessária a existência de cooperação mínima entre os sujeitos locutores, a qual deve conter os princípios que regulam basicamente qualquer transmissão verbal de informação. Estes princípios estabelecem uma ligação entre o que é dito e o que é inferido das palavras faladas, isto é, entre o que se diz e o que realmente se quer dizer. Nas trocas comunicativas espera-se que a/o interlocutor/a forneça a informação correta necessária (princípio da quantidade), que será verdadeira (princípio da qualidade), relevante (princípio da relevância) e que será exposta de maneira clara e ordenada (princípio do modo). Se algum destes princípios ou máximas não for seguido, será inferida uma informação não explícita, gerando-se implicaturas conversacionais, que evocam produções de sentido não convencionais implícitas nos enunciados (implicaturas não conversacionais). Por exemplo, a metáfora, a ironia ou os trocadilhos não seguem as máximas de Grice, pois pretendem comunicar efeitos expressivos concretos, diferentes dos significados literais (Antão, 2019: 32).

Para Brown e Levinson (1987), o princípio de delicadeza é fortemente responsável pelo incumprimento das máximas de conversação de Grice. Em sintonia com a teoria de Goffman, Brown e Levinson defendem a teoria das faces (a autoestima e a imagem pública construída socialmente) como central para a seleção das estratégias de delicadeza. Neste contexto, explicam que o funcionamento da delicadeza parte da ideia de que as pessoas falantes são potencialmente agressivas e que utilizam a delicadeza como forma de mitigar esse comportamento ofensivo. Daqui surge a distinção entre a delicadeza positiva, que valoriza a imagem do alocutário, e a delicadeza negativa, que ocorre quando a pessoa

locutora, por exemplo, no ato de pedir, procura mostrar ao seu interlocutor que compreende que o pedido pode constituir um impedimento à sua liberdade de ação, oferecendo-lhe um pedido de desculpas, protegendo, assim, a própria imagem.

Na mesma linha de análise, Kerbrat-Orecchioni descreve a delicadeza como uma estratégia não ameaçadora ou como o “trabalho de gestão das faces no quadro do trabalho de figuração” (Almeida, 2009: 46), que tem o objetivo de facilitar a interação e minimizar potenciais conflitos. Esta autora introduz as noções de *Face Threatening Act* (FTAs) e *Face Flattering Act* (FFAs). Os primeiros são atos ameaçadores do discurso que podem ser suavizados e/ou atenuados. Os segundos são atos que valorizam as faces da interlocução e que têm tendência para ser reforçados (Almeida, 2009: 46). Ambos os conceitos partem do princípio de que a comunicação é um ato racional em que os membros interlocutores escolhem as diferentes estratégias de delicadeza para evitar as ameaças à interação, isto é, para preservar a face ou para combater os FTAs. A seleção das estratégias de delicadeza dependerá da correlação entre três fatores: a relação de poder, a distância social e o peso da imposição ou grau de ameaça para a face.

Sobre o princípio da delicadeza, algumas objeções têm sido colocadas quanto aos estudos acima apresentados. Fraser (2005: 41) questiona-se sobre o estatuto da delicadeza: (i) Será uma máxima, paralelamente à máxima da quantidade, uma implicatura, a norma, ou terá algum outro estatuto?; (ii) Qual a relação entre deferência e delicadeza?; (iii) Deve a delicadeza ser estudada como uma tentativa de manter a harmonia entre os interlocutores, ou deveríamos também estudar a indelicadeza?; (iv) A noção de face será universal ou variará dependendo da cultura? Sobre estes aspetos, Batoréo (2015: 169) defende o carácter não universal da delicadeza. Para a autora trata-se de um fenómeno passível de ser circunscrito e esquematizado, visto resultar da análise das relações entre o linguístico e o social, daí a importância do estudo da mesma em diferentes códigos linguísticos (Antão, 2019: 38).

As abordagens tradicionais sobre a delicadeza de Brown e Levinson (1987) reuniram principalmente aspetos de nível micro, embora tivessem referido também características do nível macro da estrutura social, como o poder e a distância social. No entanto, esta perspectiva universalista não contemplava a heterogeneidade das sociedades. Enfoques discursivos posteriores (Eelen, 2001; Locher & Bousfield, 2008; Mills, 2003b) salientaram as estruturas micro e macro, ao realçar o carácter émico da delicadeza e as

avaliações que os/as participantes faziam dos próprios enunciados. Em vez de a análise ser feita ao nível dos enunciados, começou a dar-se preferência a análises de fragmentos de discurso mais longos, tendo por base o facto de a delicadeza ou a falta dela advirem do contexto e da interpretação, não sendo, deste modo, propriedades intrínsecas de certas formas linguísticas (Blitvich & Sifianou, 2019: 94).

A delicadeza pode ser detetada em todos os usos linguísticos e em todos os atos comunicativos interpessoais, inclusive nos atos mais agressivos. Não obstante, o seu uso dependerá da relação social entre as pessoas interlocutoras e das intenções comunicacionais e estratégicas da locução, especialmente quando esta pretende adotar uma atitude divergente para com a alocução.

Na língua portuguesa é comum encontrar nas formas de delicadeza o uso de eufemismos, diminutivos e determinados tempos verbais, como o pretérito imperfeito do indicativo, o condicional e o imperativo, assim como certos verbos modais geralmente no imperfeito do indicativo (*podia e queria*), sendo utilizados por quem enuncia para exprimir, por exemplo, um desejo e /ou um pedido, de uma forma mais gentil, e de modo a produzir uma reação na alocução. Contudo, independentemente do ato de fala, a delicadeza estará sempre integralmente submetida ao contexto e à relação social entre os indivíduos interlocutores.

## 2.5. O princípio da indelicadeza

*português –  
gente e língua –  
todo o dia me ensina  
a violência que transita  
entre o silêncio e a palavra*

*Volta para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeiros em Portugal*, Luciana Soares (2001)

Os estudos académicos sobre a indelicadeza estão relacionados com as investigações realizadas no âmbito da delicadeza. Não obstante esta relação, tal como sugerem Culpeper (1996) e Mills (2007), é necessário considerar a indelicadeza como uma entidade radicalmente diferente da delicadeza e não apenas o seu oposto<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Por este motivo, no presente trabalho, não são utilizadas fórmulas como (in)delicadeza.

Na revisitação do conceito da delicadeza, os trabalhos de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983) sobre o trabalho de figuração têm sido frequentemente convocados e reexaminados. As estratégias e máximas da delicadeza apresentadas por estes autores baseiam-se no Princípio de Cooperação de Grice (1991), segundo o qual as pessoas falantes procuram manter a harmonia na comunicação, evitando, desta forma, os conflitos na interação. No entanto, ao contrário do que expressavam Brown e Levinson (1987), vários autores têm vindo a advertir que a harmonia nem sempre representa o padrão das interações e que não existe um discurso ideal que colocaria a indelicadeza na categoria de discurso excecional (Antão & Almeida, 2021: 151).

No âmbito do desacordo, Maria Sifianou (2012: 1556) insiste na ideia de que este, ao invés de ser um discurso fora do comum, pode ser um ingrediente essencial em muitos contextos quotidianos, como por exemplo, em conversas de café sobre futebol, especulações sobre resultados eleitorais ou jogos infantis. Nestes casos, o desacordo ou a divergência aparecem, por vezes, como atos preferidos e podem ser um sinal de intimidade e sociabilidade. Os resultados destas análises demonstram a importância do contexto interacional.

Longe de fáceis análises, discordar envolve a realização de um ato complexo, multidirecional (pode afetar um ou vários aspetos da *face* de ambos os elementos da interlocução) e multifuncional (pode ser um sinal de adversidade ou de filiação). Compreender a natureza de tais atos requer a noção de que a origem do desacordo pode estar localizada para além de uma frase ou de um discurso, ao contrário do que preconizavam as primeiras teorias de delicadeza que se concentravam nos aspetos positivos da *face* do destinatário (Sifianou, 2012: 1556).

Goffman (1967) definiu *face* e o trabalho de figuração como a imagem que cada pessoa constrói de si própria, assente no que as pessoas interlocutoras pressupõem durante a interação, ou seja, a imagem do eu delineado em termos de atributos sociais aprovados (Antão, 2019). Não são apenas os valores positivos que se desejam para si próprio, mas o que se pode reivindicar sobre si a partir da imagem construída pelos outros. Enquanto Brown e Levinson (1987) punham a tónica nas propriedades psicológicas do indivíduo, os desejos de *face* negativos (não ser impedido) e os desejos de *face* positivos (ser aprovado), sem grande destaque para os ataques da *face*, Goffman destacou a interdependência do eu e do

---

meio social. Não se trata de pensar em si mesmo como inteligente, mas reivindicar ser inteligente e ser tratado como tal (Culpeper, 2020).

O suporte teórico da noção de *face* pode ajudar a entender como as identidades são forjadas. Garcés-Conejos Blitvich (2009, 2013), que identificou a importância da identidade na interpretação do que é dito, sugeriu concomitantemente que os conceitos *identidade* e *face* se coconstituem um ao outro. A autora alertou para a relação entre a delicadeza e indelicadeza e a identidade social das pessoas. As consequências emocionais advindas de interações indelicadas podem destruir contextos e normas sociais. Assim, como ofende as pessoas, a indelicadeza é uma forma de violência verbal ou simbólica.

Spencer-Oatey (2008: 13-14) introduziu o conceito de ‘sociality rights’, ao relacionar *face* com o valor pessoal/relacional/social e a noção de dignidade, reputação e competência das pessoas. Os direitos e obrigações de sociabilidade visam as expectativas sociais e refletem as preocupações dos indivíduos sobre justiça e adequação comportamental. Deste modo, as normas sociais têm um papel central na interação e justificam a reciprocidade do que é esperado acontecer (Culpeper, 2013).

Não existem avaliações de delicadeza e indelicadeza livres de contexto, os valores positivos da *face* e dos direitos e obrigações variam de cultura para cultura. Por conseguinte, tem havido reações ao estudo da *face* por parte de investigações em culturas não ocidentais, que propõem o conceito de ‘identidade de grupo’ (Ele e Zhang 2011; Nwoye 1992; cf. também Culpeper 2020).

Quando se fala de preferências culturais, convém agir com prudência em relação às generalizações excessivas. A diversidade é grande: alguns estudos revelaram que na cultura norte-americana aflora uma tendência para se gostar de pessoas com as quais existe um acordo, enquanto na cultura australiana, por exemplo, tende-se a mostrar mais interesse por pessoas com as quais se discorda. No primeiro caso, a concordância implica gostar e a discordância a rejeição, ao passo que no segundo, a discordância é uma fonte de conversa estimulante (Sifianou, 2012: 1556).

Como referido anteriormente, os estudos sobre a indelicadeza estão intimamente relacionados com as investigações sobre delicadeza. Ao contrário do que expressavam Brown e Levinson (1987), a indelicadeza não é nem universal, nem inerente aos atos de fala. Não existem fórmulas linguísticas delicadas ou indelicadas. A variação contextual e cultural

deve ser tida em conta, o que dificulta a constituição de quadros teóricos sobre os fenómenos da delicadeza e indelicadeza.

Na década de 1990, Culpeper (1996) apresentou uma das primeiras tentativas de sistematização da *indelicadeza* em interações humanas, tendo atualizado as suas definições com estudos posteriores (Culpeper, 2005, 2011, 2020). O autor começou por denunciar que as teorias clássicas da delicadeza apresentavam a falta de delicadeza como um tipo de falha pragmática, um comportamento anómalo. As suas críticas foram fundamentadas em análises, nas quais observou que a violência verbal tinha um papel de destaque na comunicação, com uma alta frequência de casos em que a linguagem era usada, não para cooperar, mas para causar danos.

Na sua tentativa de definição da indelicadeza, Culpeper (2010) começou por traçar uma linha entre o significado semântico e pragmático. Existe um lado semântico e um lado pragmático da delicadeza e indelicadeza, ambos opostos e interdependentes numa escala, mas sem garantias de que algo seja indelicado num determinado contexto. O autor referiu-se à ‘delicadeza discursiva’, com variação transcultural, como um antídoto para as teorias clássicas da delicadeza excessivamente focadas na forma e na pessoa falante. Fez a distinção entre a delicadeza e indelicadeza como um sistema de estratégias e um julgamento social. As estratégias de delicadeza podem ser identificadas nas formas linguísticas, embora, por vezes, haja alguma dificuldade, se houver um conhecimento limitado sobre o contexto. Os julgamentos sociais, por outro lado, são fenómenos sociocognitivos altamente variáveis porque são dependentes do contexto e, embora possam ser influenciados pelas estratégias de delicadeza, não são determinadas por elas.

Os últimos estudos de Culpeper (2013: 3) levaram-no a atualizar a sua definição de indelicadeza:

*Impoliteness is a negative attitude towards specific behaviours occurring in specific contexts. It is sustained by expectations, desires and/or beliefs about social organisation, including, in particular, how one person's or group's identities are mediated by others in interaction. Situated behaviours are viewed negatively when they conflict with how one expects them to be, how one wants them to be and/or how one thinks they ought to be. Such behaviours always have or are presumed to have emotional consequences for at least one participant, that is, they cause or are presumed to cause offence. Various factors can exacerbate how offensive an impolite behaviour is taken to be, including for example whether one understands a behaviour to be strongly intentional or not.*

Numa abordagem de segunda ordem, de perspectiva da análise científica, Culpeper colocou as noções de *face*, *intencionalidade*, *normas* e *moralidade* na base da definição da indelicadeza. A intencionalidade está presente nos estudos sobre a delicadeza desde Goffman (1967: 14) que distinguia as intenções conscientes das inconscientes, isto é, aquelas que não são realizadas intencionalmente por parte da pessoa locutora. Culpeper modificou esta noção ao argumentar que a indelicadeza pode não ser intencional pois, por vezes, o indivíduo locutor não está consciente dos efeitos ofensivos que produz, e estar consciente é uma parte fundamental da noção de intencionalidade. Igualmente, a alocação precisa de reconhecer a intenção da locução de ser indelicada. É bastante plausível que dentro da mesma interação ambas as pessoas participantes tenham diferentes interpretações da intenção de um determinado enunciado e, portanto, interpretem de forma diferente o que é indelicado ou grosseiro. E, por último, pode dar-se o caso de a indelicadeza não ser percebida como tal nem por parte da pessoa que produz a locução nem por parte do/da ouvinte, mas tais atos poderem ser rotulados de indelicados contextualmente por parte de quem ouve, o público<sup>25</sup>. Para Culpeper, a intencionalidade plena não é uma condição necessária para a definição de indelicadeza. O autor argumenta que o fundamental é a previsibilidade de a pessoa locutora não prever os efeitos indelicados num determinado contexto.

Em alguns estudos sobre a indelicadeza verbal, aparece a referência à agressividade e violência verbais. Locker & Bousfield (2008) classificam a agressividade verbal como um ato intencional de ameaça da face (FTA). Também Charaudeau (2019:4) refere que a violência verbal vem de um ato da linguagem que se manifesta pelo emprego de certos vocábulos ou estruturas com o objetivo de ferir psicologicamente a interlocução. Neste contexto ações como criticar, insultar ou ofender podem medir a intensidade da violência verbal (Antão & Almeida, 2021: 152).

A indelicadeza não é a atitude em si, mas certos tipos de comportamento em relação aos quais os membros de uma comunidade mantêm uma atitude negativa. As pessoas partem do conhecimento baseado em quadros sobre normas e avaliações de comportamento para julgarem situações de delicadeza e indelicadeza que podem nunca ter experimentado de uma forma direta. Watts (2003; cf. também Graham 2007) propõe um modelo não binário de

---

<sup>25</sup> Culpeper (2021) também se refere à *incitação* que é um ato de fala indireto e complexo, pois envolve pelo menos três participantes e uma intenção de ver que uma outra pessoa comete o ato de ataque à face de uma potencial vítima que pode não ser consciente do contexto.

delicadeza com uma estrutura que permita identificar comportamentos ao longo de um *continuum* de delicado/educado (*polite/politic*) a apropriado e de inapropriado a indelicado (*impolite*). No comportamento delicado, educado ou apropriado, o autor faz a distinção entre comportamento marcado positivamente e o indelicado, não marcado; no comportamento marcado negativamente inclui o comportamento indelicado, grosseiro e o excessivamente delicado ou educado. Não obstante, Watts não aborda a diferença entre comportamento impróprio (“non-politic”) e indelicado (“impolite”). Graham (2007) defende que esta diferença assentaria, mais uma vez, na intenção da pessoa locutora. Se um/a ouvinte interpreta um enunciado marcado negativamente como intencional, é mais provável que esse enunciado seja interpretado como indelicado, em vez de apenas impróprio. Contudo, a determinação da intenção nem sempre é isenta de dificuldades.

Afastando-se da visão tradicional de que a intenção está na base da comunicação, Culpeper (2011) defendeu que a intencionalidade não é o que torna as formas linguísticas indelicadas e que também não é prévia à interação, mas é, em contrapartida, alcançada *em conjunto* durante a interação. Nesta abordagem, as emoções são incluídas como um processo cognitivo. Alguns estudos académicos demonstraram que as pessoas têm tendência para associar as emoções à indelicadeza, mas não necessariamente à delicadeza (Blitvich, 2010: 69; Kienpointner 2008b: 41; cf. também Culpeper 2013). Culpeper (2013) apresentou um estudo dos descritores de emoções relacionados com a face e com os direitos de sociabilidade. Não obstante esta relação estudada, existe ainda pouca pesquisa empírica sobre as emoções associadas à indelicadeza.

Uma abordagem para estudar a indelicadeza é considerar a sua metapragmática e, mais especificamente, a sua metalinguagem. Deste modo, o entendimento sobre como as formas linguísticas são convencionalizadas como indelicadas ou violentas pode ser facilitado. Mais uma vez, os significados semânticos e pragmáticos devem ser convocados para explicar as formas de indelicadeza convencionalizadas (significado semântico) e as não convencionalizadas (significado pragmático e contextual).

Por outro lado, a experiência indireta das fórmulas de indelicadeza inclui a experiência do discurso sobre o discurso da indelicadeza, ou seja, o metadiscurso da indelicadeza. As experiências indiretas desempenham um papel fundamental na convencionalização das fórmulas de indelicadeza. O metadiscurso molda a dinâmica de uma comunidade e dá origem a comportamentos considerados delicados ou indelicados. Por

exemplo, ao dizer a uma criança o que não se deve fazer, porque é um comportamento considerado falta de educação, é usado o metadiscorso da indelicadeza. Estes deveres sociais consubstanciam-se na moralidade de uma determinada cultura e são sustentados pelas ideologias dominantes.

Com o objetivo de investigar as fórmulas de indelicadeza convencionalizadas, Culpeper (2010) propõe pesquisar as expressões para as quais o metadiscorso da indelicadeza se orienta e procura focar-se nas regularidades dessas expressões em contextos de indelicadeza. Contudo, por um lado, é preciso ter em conta que as fórmulas convencionalizadas de indelicadeza podem ser desencadeadas por algo não-verbal ou por uma implicação. E, por outro lado, também podem ser exploradas criativamente, dando origem a fenómenos como o sarcasmo ou a ironia.

Brown e Levinson (1987) argumentaram que, se alguém deseja realizar um ato de ameaça da face (FTA), mas deseja manter a face dos/das agentes envolvidos, empreenderá um trabalho de delicadeza adequado à ameaça de face do ato. A partir daqui, o primeiro passo de quem enuncia será calcular o grau de ameaça da face. Isto é feito considerando as principais dimensões que afetam a ameaça da face, ou seja, o poder, a distância social e o grau da imposição do ato.

Baseando-se no modelo de Brown e Levinson sobre as estratégias de delicadeza, Culpeper (1996) propôs uma tipologia de estratégias da indelicadeza. Estas são formas de alcançar os objetivos na interação e podem ajudar a ter um quadro analítico da indelicadeza. No entanto, o próprio autor advertiu que eram bastante abstratas e muito sensíveis ao contexto: chamar nomes insultuosos a alguém nem sempre é violento, podendo ser também uma demonstração de familiaridade ou de brincadeira, que pode levar a fortalecer os laços de solidariedade entre os/as participantes.

Nas estratégias da indelicadeza que se sistematizam a seguir, importa ressaltar que os termos ‘positivo’ e ‘negativo’ não se relacionam com a dicotomia entre o ‘bom’ e ‘mau’, mas sim com as noções de valores da face que se reivindicam e os desejos de não ser impedido nos seus objetivos. De acordo com Culpeper (1996) as cinco superestratégias são as seguintes:

– *Indelicadeza bald-on-record*: o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com a face não é relevante ou minimizada (por exemplo, usar o imperativo para ordenar).

- *Indelicadeza positiva*: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face positiva do destinatário (por exemplo, ignorar ou excluir alguém, usar formas de tratamento inapropriadas, fazer com que o alocutário se sinta incomodado, usar palavrões ou nomes caluniosos).
- *Indelicadeza negativa*: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face negativa do destinatário (por exemplo, assustar, ser condescendente ou ridicularizar, enfatizar o poder sobre o alocutário, interromper o turno de palavra).
- *Indelicadeza off-record*: o FTA é realizado mediante uma implicatura, de tal maneira que uma determinada intenção claramente domina qualquer outra (por exemplo, falar por indiretas, fazer perguntas retóricas, usar ironia ou metáforas).
- *Indelicadeza withhold (contida, reprimida)*: a ausência de delicadeza em situações em que ela é esperada (por exemplo, não agradecer um presente).

Culpeper referiu ainda a metaestratégia de indelicadeza do sarcasmo ou escárnio (*sarcasm or mock politeness*) para referir-se a um FTA no qual as estratégias de delicadeza são claramente falsas, e portanto, permanecem como realizações superficiais.

Tal como para o modelo de delicadeza de Brown e Levinson, o que fundamenta as estratégias de indelicadeza acima sistematizadas é o PC de Grice (1975), quer seja para o desrespeitar, como na *indelicadeza bald-on-record*, quer seja para o defender, como na *indelicadeza off-record*. O sarcasmo ou escárnio tem as suas raízes no Princípio da Ironia de Leech (1983) que está baseado em Grice. De modo a evitar interpretações erróneas, convém recordar que o PC se aplica à cooperação na troca de informações e não à facilitação de objetivos sociais. Para ser indelicado, é preciso trocar informações, isto é, defender o PC, de modo a transmitir a sua mensagem indelicada.

As críticas ao modelo de Culpeper assentam no mesmo tipo de críticas feitas ao modelo de Brown e Levinson: por um lado, são modelos que se focam nas fórmulas linguísticas, sendo difícil calcular as implicaturas envolvidas em cada ato; por outro lado, falta a informação da delicadeza e indelicadeza paralinguísticas ou não-verbais, cuja ausência no *corpus* escrito em análise poderia estar compensada com a inclusão de ideogramas como os *emojis* que têm uma função de intensificação prosódica.

Por seu lado, Bousfield (2008) sugeriu duas revisões das superestratégias. Uma seria combinar a indelicadeza positiva e negativa, uma vez que, muitas vezes, se encontram

interligadas e a separação é difícil. A outra apontaria para a percepção de que a categoria *balloon record* também envolve a face.

Para além das estratégias de indelicadeza, as investigações de Culpeper levaram-no a sistematizar fórmulas da indelicadeza em língua inglesa que podem ser consultadas em Culpeper (2013, 2021). Analogamente, para uma sistematização de fórmulas da indelicadeza em português pode consultar-se o trabalho de Barreto, Neves & Monteiro (2019). Uma ressalva deve ser, de novo, feita para recordar que nenhuma fórmula específica é intrinsecamente indelicada e que o seu valor depende sempre do contexto de uso.

As pesquisas realizadas na área da indelicadeza apontam ainda para outro fator que Culpeper (2021) chamou de Princípio da Reciprocidade da Indelicadeza (PRI). A reciprocidade está relacionada com a ordem moral, por isso, nas interações sociais, nas quais prima a delicadeza, ela é esperada e deve acontecer. Os estudos mostram que a indelicadeza não é unidirecional e que é normalmente retribuída. Pode ser classificada como uma forma de delicadeza positiva que procura reparar os estragos da perda de face ocasionados pela indelicadeza inicial. Como princípio interacional sociopragmático, o PRI pode ser definido como uma pressão na interação humana para corresponder à delicadeza ou indelicadeza percebidas ou antecipadas dos outros participantes, mantendo-se, assim, um equilíbrio conversacional.

A indelicadeza tem a função geral de reforçar ou opor identidades específicas, relações interpessoais, normas sociais e/ou ideologias. Alguns estudos têm sido aplicados às funções mais específicas que a indelicadeza pode desempenhar na interação. Culpeper (1996, 2005) descreve três tipos de funções específicas da indelicadeza: a afetiva, a coercitiva e a de entretenimento. A primeira tem o objetivo de expressar emoções de um modo impulsivo, em contextos nos quais elas não são esperadas, por exemplo, o riso num funeral, ou a expressão da raiva com culpabilização do alvo por produzir esse estado emocional negativo. A segunda é mais provável de ocorrer em situações onde há um desequilíbrio de poder da estrutural social, pois o/a participante mais poderoso/a, por exemplo, um pai ou um/a diretor/a, tem menos possibilidades de obter retribuição. A terceira inclui participantes que se entretêm com o ataque feito a uma vítima. Os participantes estão conscientes da indelicadeza realizada, enquanto que a vítima pode ou não estar consciente de ser alvo de troça. É o caso dos grafítis ou fenómenos como o *bullying*. Nestes casos, a

indelicadeza pode ser criativa, o que vem desmontar o mito comum de que é um mero reflexo emocional articulado numa linguagem simplista.

Em suma, a indelicadeza não pode ser explicada através de um único método de análise. Pelo contrário, Culpeper e Haugh (2018: 218) convocam a aplicação o modelo da chamada Pragmática Integrativa que contempla diferentes perspectivas e uma combinação de metodologias interpretativas e quantitativas. A análise da proposta não se cinge à compreensão dos enunciados por parte do/da locutor/a, pois contempla também a interpretação dos enunciados por parte dos/das alocutários/as.

## 2.6. Variação pragmática: a indelicadeza e a comunicação virtual das redes sociais

*Você comenta minhas fotos com desdém  
Você não gosta que eu não goste de ninguém  
Você não gosta que ninguém goste de mim e assim  
Fica difícil saber o que lhe convém*

*Diz que tem uma crush me stalkeando  
Diz que eu alimento uma paquera virtual  
Diz que eu mando mal me comunicando  
Que eu tô cochilando nessa rede social*

*Dislike, Chico César e Zeca Baleiro (2024)*

As línguas humanas naturais são diassistemas (Samaniego, 2003), o que significa que apresentam uma grande variedade de realizações possíveis. Estas dependem de variações diacrónicas (históricas), diatópicas (geográficas) ou diastráticas (sociais). O registo cibernético das línguas poderia incluir-se nesta última variação e incluiria a comunicação mediante a interface de um dispositivo eletrónico.

As redes sociais oferecem às sociedades contemporâneas uma possibilidade de interconexão incalculável. Como redes discursivas híbridas, as práticas discursivas resultam de diversas contribuições das pessoas interlocutoras para a formação de uma cadeia mista e intertextual de enunciados.

No género discursivo de *comentários* da rede social do *Facebook*, observou-se que, por meio de um canal escrito, as realizações discursivas encerram uma forte característica coloquial. Predomina um discurso imediato e conciso, pois a tendência é para *escrever como*

*se se falasse* (Briz, 2014). As interações revelam o registo informal das pessoas participantes, assim como outras características da conduta interacional, como a transgressão de certos princípios cooperativos e sociais (Antão & Almeida, 2021: 156).

Neste sentido, a interação *online* desafia as noções tradicionais do discurso e da interação. A comunicação é vivida pelos/pelas participantes como diferente da escrita ou da oralidade, por vezes como uma mistura das duas, mas, em qualquer caso, sujeita aos seus próprios constrangimentos e potencialidades (Herring, 2001: 614): sem presencialidade física, as interações são mediadas pela interface da máquina e vão tecendo uma sequência de mensagens escritas da comunidade de internautas (Marcoccia, 2003). Estas contribuições podem ser revisitadas e editadas, isto é, modificadas, em diferido, pelo que também podem ser censuradas por um/a moderador/a, ou por quem faz as postagens da rede social.

O interesse na investigação das práticas de grupo em ambientes digitais tem vindo a aumentar. Não obstante, a análise pragmática em ambientes digitais enfrenta alguns desafios. Por um lado, as interações são semelhantes ao mundo *offline*, as pessoas interpretam enunciados com a ajuda do contexto e produzem significados sociais mediante a interação. Por outro lado, sendo menores os recursos de contextualização no mundo virtual, com a ausência da presencialidade física e da comunicação não-verbal, as interações virtuais desafiam as noções tradicionais de género. A rede permite novos tipos de participação e coconstrução de sentidos, sendo o canal ou o meio elementos que influenciam a qualidade e a quantidade de informação contextual, assim como o esforço mental dedicado à interpretação dos enunciados (Yus, 2018: 269).

A análise dos fenómenos discursivos que sublinham a importância da noção de “prática” como um elemento definidor da identidade e da construção da comunidade é central para as teorias que influenciaram a sociolinguística, como, por exemplo, o quadro da Comunidade de Prática proposto por Wenger (1998) e a teoria do *habitus* de Bourdieu (1991). As características da Web 2.0 vêm demonstrar a natureza de forte interatividade dos meios de comunicação digitais e, por conseguinte, também explicam porque é que as abordagens orientadas para a prática e centradas na pessoa utilizadora são as mais adequadas para analisar a comunicação realizada entre os indivíduos participantes nas interações.

Portanto, as disciplinas pragmáticas como a AC, a SI ou a etnometodologia devem ser capazes de explicar como as interações virtuais são estruturadas e o modo como constroem o sentido. As estratégias comunicativas, etapas inferenciais e gestão das

interações que ocorrem nas trocas *offline* e presenciais são também realizadas em cenários *online*. Porém, a aplicação das teorias pragmáticas à comunicação virtual implica, muitas vezes, um ajustamento ou reconceitualização das hipóteses, metodologias e conclusões utilizadas na análise de contactos presenciais (Yus, 2018: 280).

Existem novos tipos de conteúdo passíveis de serem analisados (atualizações de estados, anotações de texto em vídeos, edições em *Wikis*, entre outros). Da mesma forma, emergem novos contextos (discursos com autorias diversificadas, coatividade mediática ou múltiplas atividades quase simultâneas numa única plataforma, por exemplo). De acordo com Herring (2013: 22), o Discurso da Web 2.0 oferece um campo fértil para os analistas do discurso, propondo a autora uma análise multimodal integrada que contemple estudos longitudinais, automatizados e etnográficos.

A cultura participativa e os ambientes em linha encorajam o comportamento como um ato central de autoapresentação no qual se pretende uma visibilidade. Esta parece ser mais facilmente conseguida mediante o conflito ou a provocação que acaba por contribuir para a individualidade da entidade locutora (De Fina, 2016: 403). Não obstante, é aconselhável não enveredar por generalizações fáceis, como adverte Androutsopoulos (2006), que destaca o papel da variabilidade linguística na formação da interação e das identidades sociais na internet: ao invés de uma suposta homogeneidade em ambientes *online*, observa-se uma diversidade social, pelo que as mesmas variáveis, geralmente estudadas como condicionantes da interação, como o sexo, a idade, o estatuto, a relação entre os participantes ou o objetivo comunicacional, também afetam a linguagem virtual. Esta mudança coloca a variedade das *práticas de grupo* no centro das atenções (Locher, 2010).

Desafiando a homogeneidade, a linguagem usada em contextos virtuais ajusta-se a uma série de fatores tecnológicos e a variáveis contextuais. Por um lado, a persistência das transcrições durante muito tempo no sistema permite editar as comunicações feitas na interface, assim como responder às intervenções realizadas. Deste modo, a comunicação entre os internautas poderá ser assíncrona, com a possibilidade de modificações recorrentes da reflexão sobre cada intervenção. Por outro lado, as interações carecem de pistas extralinguísticas, notando-se a presença de diferentes formas de compensar esta ausência, a saber, o uso repetido de sinais de pontuação, como os pontos de exclamação ou interrogação, as reticências, o uso de letras maiúsculas ou de certos sinais, como o asterisco, para veicular

significado. A utilização de *emojis* (Gauducheau & Marcoccia 2007; Seargeant, 2019) é igualmente recorrente para indicar expressividade emocional (positiva ou negativa)<sup>26</sup>.

Para além da assincronicidade, a interação *online* é, por vezes, caracterizada por uma natureza *polilocal* (Marcoccia, 2004: 116), ou seja, a participação, sendo aberta ao público, conta com múltiplas pessoas interlocutoras que se podem ir juntando ao longo do tempo. O formato oferece, igualmente, a possibilidade de anonimato das pessoas utilizadoras da interface que correm poucos riscos de serem identificadas ou responsabilizadas pelas suas ações. Por conseguinte, e de acordo com Hardaker (2010) e Blitvich (2014), este anonimato pode favorecer uma atuação baseada em impulsos normalmente inibidos, um efeito que se conhece como *desindividualização*. Anonimamente e em grupo, a tendência para perder parte do autoconhecimento e da autocontenção pode fazer com que as pessoas enveredem por ações que não fariam estando sozinhas.

Não obstante, alguns estudos, como a investigação de Angouri e Tseliga (2010) sobre interações em fóruns em linha, mostraram que, mesmo nestas situações nas quais existe uma identificação das pessoas internautas que se conhecem fora do mundo virtual, o desacordo era a norma. A tendência para se abordarem tópicos altamente controversos justificava este facto.

Na rede social virtual do Facebook, a despersonalização acima referida prevalece, não havendo qualquer identificação das pessoas, para além do avatar ou foto e nome de perfil que cada uma escolhe para a sua apresentação. Predomina a propensão para a identificação abstrata com um grupo, estando os relacionamentos assentes não numa base interpessoal, mas intergrupar. O anonimato e a desindividualização referida podem levar à polarização da dinâmica de grupo, que poderá contribuir para o agravamento do conflito *online*. Blitvich (2014) alega que, embora os participantes sejam expostos a diferentes argumentos, a distância entre grupos sociais com diferentes visões do mundo aumenta e as opiniões polarizam-se, tendo por base a noção de identidades sociais partilhadas.

---

<sup>26</sup> De acordo com a investigação realizada por Caroline Pérez em *Invisible Women. Exposing Data bias in a World Designed for Men* (Pérez, 2019:21), a linguagem que cresce mais rapidamente, sendo usada por mais de noventa por cento dos internautas, é a dos *emojis*. Esta forma de comunicação teve origem no Japão, nos anos 80, e os seus principais utilizadores são mulheres: 78% das mulheres utilizam *emojis* frequentemente, em comparação com 60% dos homens. No entanto, a autora indica que, apesar deste facto, até 2016, o mundo representado nos *emojis* era predominantemente masculino.

Jaron Lanier (2018), cientista da computação e um dos precursores da realidade virtual, alega que os algoritmos das redes sociais tendem a privilegiar conteúdos extremistas e explica este facto mediante dois motivos inter-relacionados: por um lado, as temáticas controversas promovem mais discussões e mantêm os utilizadores mais tempo em frente dos ecrãs; por outro lado, as plataformas das redes sociais privilegiam os conteúdos com mais interações. O autor faz um apelo à necessidade de se repensar o relacionamento dos utilizadores com as redes sociais de modo a enfrentar os problemas de radicalização e polarização que surgem nos ambientes *online*<sup>27</sup>.

Lanier explica como a rigidez da tecnologia digital e a natureza irregular do *bit* atrai o pensamento behaviourista. Todas as pessoas utilizadoras das redes sociais recebem estímulos individualizados e adaptados aos seus perfis. As suas reações e emoções maioritárias são usadas pela plataforma para fins de dependência ou manipulação. As emoções negativas, ao serem mais rentáveis, são mais amplificadas pela dinâmica digital, o que poderá estar a provocar uma modificação contínua no comportamento humano e uma degradação da convivência social (Lanier, 2023: 30).

O cientista criou o acrónimo BUMMER<sup>28</sup> para explicar a máquina estatística que existe na computação e que determina o esquema de funcionamento das redes sociais. Em inglês, o acrónimo significa “Behaviors of Users Modified and Made into Empires for Rent” (*modificação do comportamento dos utilizadores ao serviço de um império para alugar*). As pessoas internautas são reunidas num ambiente no qual a principal (muitas vezes a única) recompensa é a atenção. Neste contexto, os jogos mentais ganham importância com o objetivo de captar seguidores, e deste modo, aumentar a visibilidade e a viralidade dos conteúdos. O sistema BUMMER analisa o comportamento da população global de utilizadores. Aquilo que poderia ser apenas uma probabilidade para cada pessoa (por exemplo, a tendência para criticar ou insultar) é quase uma certeza para a média de um

---

<sup>27</sup> No relatório *Democracias Ameaçadas* (<https://globalextrémism.org/reports/mapping-the-far-right-the-movements-conferences-illuminate-its-growing-transnational-networks/>) do Projeto Global contra o Ódio e o Extremismo (GPAHE), lançado em 2020, recomenda-se que as empresas tecnológicas mudem os seus algoritmos, de forma a investir numa melhor moderação de conteúdos: <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2024-01-10-tiktok-e-os-jovens-a-maquina-de-fazer-extremistas/>. Em setembro de 2024, acendendo o debate entre a liberdade de expressão e o controlo das redes sociais, o Brasil foi a primeira grande democracia a suspender o acesso a uma plataforma virtual (X), por incumprimento de uma sentença que obrigava a rede social a tomar medidas para travar a propagação do discurso de ódio e de informações falsas: <https://www.publico.pt/2024/08/31/mundo/noticia/suspensao-x-brasil-aprofundado-debate-gigantes-tecnologicas-2102510>

<sup>28</sup> De acordo com a Infopédia, BUMMER em inglês também significa “deceção, falhanço ou chatice”.

elevado número de pessoas. A população global, no seu todo, pode ser afetada com maior previsibilidade do que um só indivíduo (Lanier, 2023: 38).

O trabalho de Justin Cheng (2017) sobre as redes sociais e o comportamento *online* têm contribuído, de forma significativa, para a compreensão dos mecanismos subjacentes à partilha de conteúdos e à formação de opiniões nas plataformas das redes sociais. O efeito de rede, os padrões subjacentes à viralidade do conteúdo, a tendência para as pessoas se associarem a outras parecidas com elas e o modo como as interações sociais influenciam as opiniões e comportamentos dos internautas são questões estudadas pelo autor com o objetivo de criar programas de combate à desinformação e à violência nas redes sociais.

Através da comparação entre os seres humanos e os lobos, Lanier faz uma tentativa de explicação do comportamento humano virtual (Lanier, 2023: 57). Tal como os lobos, as pessoas podem ser solitárias ou estar integradas numa alcateia. Os lobos solitários são mais livres, no sentido de poderem pensar por si próprios e poderem improvisar as suas ações. Pelo contrário, em grupo, como os lobos em alcateias, quando as pessoas se encontram numa estrutura de poder de competição e hierárquica, como numa empresa, a luta pelo poder adquire uma grande importância. De acordo com esta teoria, quando as pessoas se encontram na posição “alcateia” são controladas por uma hierarquia e têm tendência para desvalorizar os que estão mais abaixo, com receio de serem despromovidos. O antagonismo floresce em relação a outras alcateias. Pelo contrário, na posição “lobo solitário”, cada pessoa tem acesso a informações ligeiramente diferentes sobre o mundo e formas de pensamento diferentes em relação a essas informações. Segundo, Lanier o sistema BUMMER coloca os utilizadores na posição “alcateia”, ficando presas ao raciocínio do grupo. O estatuto social, as intrigas ou a paranoia tornam-se mais imediatos do que a realidade mais vasta e tornam-se formas eficientes de captar a atenção.

Nos ambientes virtuais das redes sociais, em modo “alcateia”, dá-se uma renúncia ao contexto. A interpretação que os algoritmos fazem de tudo o que é dito afasta-se da intenção primeira dos locutores que, usualmente, adaptam os enunciados aos indivíduos específicos da sua interlocução. Além disso, na plataforma, cada internauta tem de se tornar extraordinariamente extremo/a se quiser dizer alguma coisa que sobreviva, ainda que, por breves instantes, num contexto imprevisível. Para os algoritmos, as pessoas utilizadoras são números e nesta situação, um número é uma verificação pública de diminuição da liberdade, do estatuto e da individualidade (Lanier, 2023: 77).

Os algoritmos determinam o que cada indivíduo vê de forma individualizada, deixando de existir uma base comum de percepção social que possa promover emoções como a empatia. A capacidade para compreender a experiência dos outros diminui com o sistema BUMMER das redes sociais, porque se desconhece o que os outros experienciam nos respetivos *feeds*. Lanier avisa sobre como este sistema está a contribuir para anular os avanços sociais: para o código BUMMER se otimizar de forma automática, aproveita qualquer tribalismo ou racismo latente em prol do monopólio da atenção. As emoções negativas são mais atrativas e rentáveis do que as emoções positivas, assim como as mensagens mais malignas e paranoicas são as que recebem uma maior atenção. Como consequência, e de acordo com Lanier, com a BUMMER, o racismo sofreu um aumento exponencial nas últimas décadas (Lanier, 2023: 90).

Com efeito, nas análises efetuadas, foi observado que vários conjuntos se foram formando nas sequências analisadas: “os fascistas e os comunistas” ou “os (luso)-africanos e os portugueses”. Os conflitos morais entre o bem e o mal basearam-se na associação de indivíduos a categorias identitárias partilhadas, como etnia, religião, ideias políticas ou, até, regimes alimentares e condutas ecológicas. A argumentação é desencadeada pela oposição que se estabelece como emergente na interação sequencial e alerta para a noção de conflito como um processo de interpretação contextual. Apesar de os ataques realizados terem destinatários específicos, não são sempre pessoais em sentido estrito: os ataques, efetuados em razão de os destinatários pertencerem a um grupo social específico, transformam as testemunhas desse ato em alvos devido à percepção de identidades sociais partilhadas.

## **2.7. As identidades discursivas**

*A identidade é a soma das intenções, uma foto instantânea para um propósito imediato que não dura.*

*Identidade em Duplo Império, Pedro Mexia (1999)*

A conexão entre a linguagem e a identidade é um aspeto essencial da experiência humana. O uso da língua não é só um reflexo das ações do ser humano, como também o define de maneira direta e indireta. A observação dos comportamentos linguísticos

partilhados permite comprovar como as pessoas pertencem a grupos que se interseccionam, tanto a nível local (amizades, família, etc.), como em âmbitos mais globais (género, classe, etnia, nacionalidade, etc.). As escolhas linguísticas realizadas pelos indivíduos quando se expressam dão relevo a certos aspetos da sua identidade em cada momento das suas interações e revelam indícios sobre as dimensões identitárias intergrupais e interindividual das pessoas intervenientes na comunicação (Llamas, 2010: 15).

Nos anos 60, o trabalho de William Labov sobre as variações fonológicas do dialeto inglês dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard foi considerado pioneiro na análise de como a linguagem pode servir como ferramenta para a construção de identidades. O estudo salientou como as/os utilizadoras/es, ao invés de adotarem um papel passivo, podiam ser agentes capazes de utilizar a variação linguística para fins de criação e marcação da identidade. As diferenças linguísticas demonstraram, neste caso, como estas podem ser um indicador de pertença social.

Uma década mais tarde, os estudos de Robin Lakoff sobre um foco identitário particular, o género, liderou o caminho para a análise da identidade através da linguagem. O trabalho da autora salientou a forma como algumas características, por exemplo, marcadores de pausa ou *question-tags*, entre outras, ocorriam mais frequentemente no discurso das mulheres do que no dos homens. Isto apontava para indícios de insegurança e de enquadramento das mulheres no papel que lhes era socialmente esperado. Estas investigações constituíram um desafio para a sociolinguística que, até então, se tinha concentrado nas diferenças de classe. Estava, assim, aberto o caminho para o estudo da ligação entre a língua e as identidades de todo o tipo.

De acordo com a teorização de Mary Bucholtz e Kira Hall (Bucholtz & Hall, 2005, 2008), a identidade advém, como um produto, a partir do discurso, não sendo a fonte deste. Emerge na interação em forma de construção discursiva. Enquanto interagem, as pessoas interlocutoras negociam os significados sociais, construindo, deste modo, a sua identidade mediante a linguagem que usam para enquadrar e avaliar os contributos próprios e alheios. Por conseguinte, a identidade é um fenómeno relacional e sociocultural, localizado em contextos discursivos locais de interação, e não uma estrutura estável localizada na psique individual e em categorias sociais fixas (Bucholtz & Hall, 2005:2). A proposta das autoras dirige o olhar da investigação para o processo dinâmico de construção das identidades em interações linguísticas contextualizadas, em vez do método tradicional de aplicação de

categorias teóricas preestabelecidas à análise textual. Em suma, as identidades são vistas como processos em construção e não como estados finalizados.

Para uma compreensão analítica do modo como as identidades são forjadas e negociadas nas interações sociais, Bucholtz e Hall (2005) propõem um quadro teórico com cinco princípios que representam as diferentes abordagens académicas sobre a questão da identidade. Em primeiro lugar, o princípio da emergência, segundo o qual a identidade, como produto e não fonte de práticas linguísticas, é um fenómeno social e cultural. Em segundo lugar, o princípio do posicionamento que realça as categorias demográficas de nível macro, as posições culturais locais e os papéis temporários decorrentes de cada interação. Em terceiro lugar, de acordo com o princípio da indexicalidade, as identidades podem ser indexadas linguisticamente através de rótulos, implicaturas, posturas, estilos e escolhas de códigos. Em quarto lugar, segundo o princípio central da relação, as identidades adquirem o seu significado social em relação a outras entidades identitárias disponíveis, sendo construídas com base em critérios de semelhança ou diferença, autenticidade ou artifício, e autoridade ou deslegitimação. Desta forma, as identidades são fenómenos intersubjetivos. Finalmente, o quinto princípio da parcialidade enfatiza o facto de as identidades serem sempre parciais (de modo inconsciente ou não) como resultado da construção de perceções e representações dos outros e com a participação em processos e estruturas ideológicas mais amplas. Todos estes fatores emergem na interação e são passíveis de serem analisados em vários níveis simultaneamente, não se excluindo, mas complementando-se.

A identidade pessoal de acordo com Polletta & Jasper (2001: 298), ou seja, os traços individuais como poderiam ser, por exemplo, as características físicas, só ganham relevância mediante alguma forma de discurso. Tal como acontece com a cultura ou a gramática, a identidade emerge das condições específicas do contexto interacional que visa sempre um diálogo com outras vozes. Estas não têm necessariamente de estar presentes no momento interativo, em análise, podendo estabelecer uma relação com interações anteriores, recorrendo-se, assim, a estruturas ideológicas e/ou linguísticas produzidas noutros momentos.

A questão do posicionamento aponta para a importância dos estudos etnográficos, pois ganham aqui relevo as subtilezas da identidade em contextos locais. Na comunicação, os/as participantes assumem papéis temporários situados, como por exemplo, o de julgar, contar histórias, dar um toque de humor, ser um/a ouvinte ativo/a, atacar a face do Outro,

etc. Estas posições temporárias podem reunir associações ideológicas e categorias identitárias locais e de grande escala (Bucholtz & Hall, 2005: 7).

Enquanto os princípios de emergência e posicionamento se centravam no estatuto da identidade, o terceiro princípio proposto por Bucholtz e Hall foca o mecanismo pelo qual a identidade é constituída. O conceito de indexicalidade envolve a criação de ligações semióticas entre as formas linguísticas e os seus significados sociais. As associações entre língua e identidade estão enraizadas em crenças e valores culturais, isto é, em ideologias. Os processos indexicais, como a referência a categorias ou rótulos, o recurso a implicaturas e pressuposições em relação às posições identitárias próprias e alheias, os alinhamentos e os papéis do grupo da interlocução fornecem informações importantes sobre a construção das identidades discursivas (Bucholtz & Hall, 2005: 10). Como se pode verificar na análise do *corpus* do presente trabalho, os meios indiretos de instanciar as identidades incluem processos pragmáticos, como implicaturas e pressuposições que requerem um trabalho inferencial adicional para a interpretação dos enunciados.

O princípio relacional chama a atenção para o facto de as identidades nunca serem autónomas ou independentes, visto adquirirem um significado social em função das posições identitárias dos outros agentes sociais. Concomitantemente, destaca que as identidades não são somente moldadas de acordo com os elementos de convergência ou divergência entre as pessoas. Para além da adequação ou distinção – termos propostos por Bucholtz e Hall (2005) para os critérios de semelhança e diferença – existem ainda outras relações complementares que participam na construção das identidades, como a autenticidade ou o artifício e a autoridade ou a deslegitimação. As identidades são construídas na intersubjetividade mediante as diferentes relações.

A parcialidade das identidades alude a uma ideia que foi central para a análise feminista da segunda vaga, na década dos anos 70, no contexto de crítica às grandes narrativas modernas que unificavam o conhecimento e a ação social. Assumiu-se um compromisso ético de reconhecer o carácter situado e parcial de qualquer reivindicação do conhecimento. Todas as representações culturais passaram a ser vistas como forçosamente parciais, rejeitando-se a existência de verdades absolutas ou sujeitos transcendentais. Sendo a identidade inerentemente relacional, será sempre parcial, produzida através de configurações contextualmente situadas e ideologicamente informadas sobre o “eu” e os outros agentes sociais (Bucholtz & Hall, 2005: 21). Os fatores ideológicos desempenham

um papel significativo na construção da identidade de grupo em particular, uma vez que os membros de um grupo negociam quem são, quais são os critérios de pertença ao seu grupo, como se relacionam com os membros de outros grupos e quais são os seus objetivos (De Fina, 2006: 355). Não obstante, trata-se de um processo de análise complexo, porque os indivíduos são usualmente membros de vários grupos ideológicos. Os seus discursos, por conseguinte, podem ser manifestações complexas de objetivos, normas ou valores diferentes e até contraditórios. Por exemplo, enquanto feminista ou antirracista, uma mulher pode ser progressista, mas como neoliberal, em questões económicas, pode aderir a valores mais conservadores (van Dijk, 2014: 319).

As formas com as quais a identidade ultrapassa o “eu” individual são múltiplas. Por isso, a identidade é, ela própria, um tipo de ação social efetuada pelos agentes sociais. Por um lado, é através da interação discursiva que surgem as estruturas sociais de grande escala, e, por outro lado, as interações quotidianas são afetadas pelas construções ideológicas e materiais que produzem as relações de poder. Tanto a estrutura como a agência estão interligadas em articulações micro e macro da identidade. A interação é um ponto de partida importante para a análise da prática sociolinguística, mas não pode ser o ponto de chegada. A análise pode atingir uma compreensão mais completa da formação das identidades, se incluir as várias dimensões referidas: a microanálise da conversa, a macroanálise dos processos ideológicos, a análise quantitativa e qualitativa das estruturas linguísticas, assim como o enfoque etnográfico das práticas culturais locais (Bucholtz & Hall, 2008:9).

A metáfora do palco apresentada por Erving Goffman, na qual o “eu” surge como uma construção e um desempenho projetado no seio de um grupo social parece identicamente idónea para explicar como os indivíduos moldam e formam as suas identidades não só em contextos presenciais, mas também virtuais. A comparação da apresentação de si próprio/a numa atuação num palco perante uma audiência parece poder aplicar-se à apresentação de um perfil numa plataforma virtual. Este pode ser falso, fictício ou parcial, podendo ir ao encontro dos diferentes objetivos comunicativos situados em cada interação.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação digitais, os novos padrões de participação social criaram diversos sítios de construção da identidade *on* e *offline*. A participação virtual em plataformas de redes sociais tornou-se uma prática quotidiana. Por conseguinte, a análise sociolinguística começou a revelar um interesse crescente no estudo

das identidades discursivas em interações virtuais. Apesar de se encontrarem no mundo digital, estas práticas encontram-se intimamente relacionadas com os envolvimentos sociais fora das redes.

O estudo sobre a apresentação do “eu” no mundo virtual, desenvolvido por Bullingham e Vasconcelos (2013), sustenta a atualidade e aplicabilidade do trabalho de Goffman em relação às interações virtuais. Na análise de perfis de blogues e de plataformas de *Second Life*, as autoras concluíram que a disparidade entre as identidades *online* e *offline* é minimizada. Para além do desejo de ser honesto e direto com os outros, e a crença de que a identidade não muda realmente *online*, também se verificou a premissa fundamental do trabalho de Goffman: como agindo num palco, e apoiadas pelas vantagens do anonimato, as pessoas escolheram características identitárias que queriam projetar. Certas qualidades foram ora suprimidas, ora realçadas, tendo-se criado oportunidades para a edição do “eu”. O mundo virtual oferece oportunidades para o desenvolvimento do modelo de Goffman, ao sugerir que as identidades projetadas abarcam a adoção de uma máscara, assim como edições mais acentuadas do “eu” (Bullingham & Vasconcelos, 2013: 110).

Na análise da construção discursiva das identidades em comentários críticos publicados em páginas de jornais virtuais, Eller (2018) destacou como a crítica pode ser usada para colocar em primeiro plano certos aspetos da identidade. Nestes sítios *online*, tal como nos *corpora* analisados na presente investigação, as publicações escritas são o único canal disponível para as pessoas interactantes, verificando-se que os meios linguísticos desempenham um papel importante na construção e negociação da identidade. A análise textual comprovou como o desacordo e a crítica se tornam comuns neste tipo de interação devido à grande diversidade do grupo de interlocutores/as que apresenta opiniões divergentes, especialmente se o tema for de grande interesse pessoal para os/as participantes e o envolvimento emocional for elevado. Estes encontros linguísticos representam um desafio para o estudo da gestão das faces e a consequente construção da identidade e estratégias de indelicadeza (Eller, 2018: 180). No artigo, a autora conclui que os comentadores das notícias dos jornais observados utilizam a crítica como um instrumento eficaz na construção da identidade. Os ataques são efetuados a partir da posição segura do anonimato, sendo o discurso utilizado para assumir um papel na interação, o que vai ao encontro do princípio do posicionamento de Bucholtz e Hall (2005).

## 2.8. Os conceitos de indelicadeza e identidade(s)

Como referido anteriormente, nas investigações na área da delicadeza, destacam-se os trabalhos pioneiros de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983) sobre o trabalho de *figuração* (“face work”). As estratégias e máximas da delicadeza apresentadas por estes autores baseiam-se no Princípio de Cooperação de Grice (1975), segundo o qual as pessoas falantes procuram manter a harmonia na comunicação, evitando, desta forma, os conflitos na interação. Destacou-se assim que estes relatos linguísticos sobre o uso da linguagem partiam da hipótese de que o entendimento era a norma da comunicação. Contudo, como foi assinalado, vários autores têm vindo a advertir que nem sempre o acordo representa o padrão das interações e que não existe um discurso ideal que colocaria a indelicadeza na categoria de discurso excepcional.

As pesquisas realizadas pelos autores, acima referidos, sobre a delicadeza linguística incidiram principalmente no relacionamento entre duas pessoas e as suas análises parecem ter ficado ao nível do enunciado. Sara Mills, no seu livro *Gender and Politeness* (2003a), argumenta que o desacordo sobre a delicadeza, especialmente sobre a indelicadeza, é uma das características constitutivas e definidoras de delicadeza (Mills, 2003a: 6). A autora questiona a ideia de que existe um consenso entre o que constitui um ato delicado ou indelicado e defende que se trata de um julgamento e de uma avaliação dependentes da variação contextual e cultural, isto é, da elaboração de hipóteses que as pessoas interlocutoras fazem sobre as verdadeiras *intenções* dos indivíduos participantes na interação. Por conseguinte, Mills sustenta que a análise sociolinguística deve focar o processo de avaliação dos membros participantes sobre o que se considera ser delicado ou não, caso contrário, obter-se-á uma avaliação pessoal e não uma análise teorizada.

Deste modo, contrariamente ao que expressavam Brown e Levinson (1987), a indelicadeza não é nem universal, nem inerente aos Atos de Fala e não existem fórmulas linguísticas intrinsecamente delicadas ou indelicadas. A variação contextual e cultural deve ser tida em conta, o que dificulta a constituição de quadros teóricos sobre o que é o fenómeno da indelicadeza.

Enquanto Brown e Levinson punham a tónica nas propriedades psicológicas do indivíduo, focando a análise nos desejos da face negativa (não ser impedida) e da face positiva (ser aprovada), sem grande destaque para os ataques da face, Goffman destacou a interdependência do *eu* e do meio social, isto é, a imagem do *eu* delineado em termos de

atributos sociais aprovados. Nas palavras de Culpeper (2020), não se trata de pensar em si mesmo como inteligente, mas reivindicar ser inteligente e ser tratado como tal.

O vínculo entre o desacordo e a crítica conflui na formação das identidades emergentes no discurso. A questão de como as pessoas fazem uso do direito de dizer o que pensam é relevante não só para a investigação das práticas comunicativas e a utilização dos media numa perspetiva crítica do discurso, mas também para quem tem interesse no comportamento social em geral (Eller, 2018: 178).

Mills (2003a) descarta analisar a interação como uma estratégia planeada e facilmente compreendida por todo o conjunto de participantes. A autora considera que o sentido nos encontros linguísticos é elaborado de um modo mais accidental, com as pessoas interlocutoras a elaborarem hipóteses sobre as intenções dos indivíduos locutores, e a criarem respostas que possam ser relevantes para os enunciados anteriores.

Por outro lado, variáveis como classe, *raça* e género dependem da avaliação dos outros e de nós próprios e essas apreciações estão muitas vezes dependentes de presumíveis estereótipos. De acordo com a noção de *habitus* de Pierre Bourdieu, as variáveis e ideias preconcebidas conformam a produção da fala, quer porque os estereótipos vão determinar o modo como as pessoas falantes julgam as participações na interação, quer porque essas variáveis determinam o acesso a certos recursos, o que pode afetar o tipo de estilo de discurso adotado.

Segundo Bourdieu (1989), os indivíduos, mediante a socialização, adquirem hábitos de conduta que os levam a interiorizar certas práticas sociais. O *habitus* produz o modo como os/as agentes agem e reagem, o que explicaria, por exemplo, as variantes fonéticas ou o uso de expressões vistas como masculinas ou femininas. Este conjunto de disposições inculcadas no indivíduo mediante a socialização explícita e implícita torna problemática qualquer classificação identitária como natural.

Do ponto de vista de análise metodológica, na interpretação dos dados, Mills (2003a: 48) defende uma combinação das abordagens da Análise Conversacional e da Análise Crítica do Discurso. Ambas se concentram no papel das variáveis: enquanto, na primeira, o indivíduo é estratégico e detém o controlo, na segunda, o sujeito está à mercê das forças sociais, deixando entrever as relações de poder na interação. Esta última abordagem está em sintonia com as teorias de Bourdieu (1989) sobre os condicionamentos dos agentes sociais que se consubstanciam na noção de *habitus* linguístico. Trata-se de uma forma de

análise que está consciente de que as variáveis de classe, *raça* e gênero e os hipotéticos estereótipos influenciam o discurso, assim como as negociações realizadas durante a interação.

Geralmente as afirmações sobre as normas de delicadeza ou a *falta de educação* dentro ou entre culturas tendem a ser afirmações sobre normas culturais linguísticas de caráter conservador e ideológico. Os julgamentos sobre a indelicadeza baseiam-se na suposição de que, dentro de uma interação particular, o comportamento apropriado é conhecido por todas as pessoas participantes. Deste modo, os julgamentos negativos não fazem parte de uma avaliação linguística, mas sim das pessoas e dos valores culturais de um determinado grupo social.

No conflito entre o desejo de generalizar e a consciência da especificidade das amostras tem prevalecido o primeiro. A maior parte das pesquisas parece estar baseada em normas de condutas da classe média de países ocidentais. Dentro das Comunidades de Prática, conceito desenvolvido mais adiante, as regras de adequação são frequentemente negociadas, e quando as normas são percebidas como desrespeitadas, podem ser explicitamente discutidos pelos participantes. No entanto, a nível social, as noções de adequação são de caráter ideológico. Ao afirmar que o comportamento linguístico de certos grupos de indivíduos não é apropriado para uma sociedade, elabora-se um julgamento sobre se essas pessoas pertencem a um grupo linguístico ou cultura, e provavelmente cria-se uma desvalorização da sua cultura.

Mills argumenta que as normas de uma comunidade são inevitavelmente estereótipos hipotéticos, e, por esse motivo, advoga por uma abordagem mais foucaultiana, na qual o poder é exercido mediante discursos, normas e práticas que determinam o que é considerado verdadeiro ou correto numa sociedade. Noutras palavras, Mills (2009) defende uma análise dos mecanismos discursivos pelos quais os estereótipos culturais sobre a linguagem são desenvolvidos e divulgados na linha de Foucault (1969).

No modelo de delicadeza de Brown e Levinson (1987), são avaliados os estereótipos do discurso das mulheres em vez do discurso real destas, por isso Mills (2003a) afirma tratar-se de um modelo baseado em estereótipos de mulheres e homens em relação à delicadeza. Sendo que o comportamento linguístico é uma forma de obter prestígio social, a comunidade espera que os subalternos tratem os seus superiores com mais delicadeza. Conforme esta visão, a delicadeza tornou-se fundamental para as mulheres, uma vez que,

muitas vezes, não podendo ganhar prestígio mediante o trabalho remunerado, se encontravam numa posição inferior. Apesar de Brown e Levinson estarem conscientes do papel da delicadeza em questões de posição social, focaram o seu trabalho nas intenções das pessoas falantes e não se preocuparam com a interpretação e o julgamento de quem ouve, o que seria um elemento crucial para a análise do estatuto dentro de uma comunidade. Desta forma, e de acordo com Mills (2003a: 61), Brown e Levinson basearam os seus estudos em hipóteses estereotipadas sobre a homogeneidade das mulheres como grupo, assumindo que o discurso destas era necessariamente mais deferente e delicado que o dos homens.

É a partir dos conceitos de delicadeza que emergem muitas tensões a nível social. Brown e Levinson (1987) consideraram que existem culturas de delicadeza negativa (relacionada com a distância) e culturas de delicadeza positiva (preocupadas com o envolvimento). Esta análise constitui uma forma de generalização e as generalizações, quando aplicadas a culturas, tendem a ser conservadoras. As boas maneiras podem estar convencionalizadas, o que não faz uma cultura ser mais delicada do que outra. Por este motivo, Mills (2003a) adverte contra formas idealizadas de teorização, quer de quem fala ou ouve, quer do modelo de cultura. A autora prefere analisar o papel dos estereótipos como de *raça*, género e cultura na produção linguística de cada indivíduo e na sua interpretação.

Mills (2003a) afasta-se do modelo da pessoa falante ideal e aproxima-se de uma forma de análise que questiona a autonomia do indivíduo e o situa em Comunidades de Prática onde a sua posição, identidade de género, *raça* e classe são constantemente negociadas. Pretende observar o quadro de conjeturas feitas pelo indivíduo devido ao seu envolvimento com grupos onde esses valores são afirmados e contestados.

Para Mills, o poder não é simplesmente uma variável, sendo a indelicadeza uma forma de exercer o poder. Na mesma linha de análise, Ruth Wodak, no seu livro *Disorders of Discourse* (1996), examina os mal-entendidos que acontecem entre indivíduos que interagem com aqueles em posições de poder institucionalizado, em grande parte, atribuindo esses mal-entendidos ao resultado da desigualdade estrutural. Na sua análise de hospitais e escolas, mostra os efeitos que as diferenças de poder podem ter sobre aqueles que não estão familiarizados com as instituições. Uma visão mais atenta à heterogeneidade dentro dos grupos culturais poderá contribuir para uma mudança da linguagem em relação às normas de indelicadeza e para uma melhor compreensão dos conflitos que ocorrem entre os indivíduos nos diferentes âmbitos sociais. Assim, o conflito e os mal-entendidos precisam

de estar no centro do modelo analítico ao contrário da hipótese de que existe uma comunicação perfeita e cooperante entre as pessoas falantes.

## 2.9. Comunidades de prática

*Comparamo-nos  
porque somos unidades  
que podem aparecer nos mesmos contextos coletivos*

*Porém  
sabemo-nos  
diversos  
mesmo antes de agir*

*Curso de Linguística Geral, Igor Lúgrís (2016)*

A noção de Comunidade de Prática (CP) oferece à investigação linguística uma possibilidade de combater vastas generalizações de todos os que integram uma determinada cultura ou grupo linguístico específicos. O enfoque na análise contextualizada salienta o sentido da interação entre indivíduos na sua relação com outros grupos e as normas sociais (Eckert & McConnell-Ginet, 1992).

Os membros de uma determinada CP decidem conjuntamente as regras ou o conjunto de práticas que serão adequadas para o contexto ao qual pertencem. Porém, estes regulamentos comunitários não são imutáveis, porquanto podem ser alterados ao longo do tempo. As CP estão em constante processo de mudança e são determinadas pelas ações e apreciações dos membros individuais em relação ao grupo. A noção de adequação numa CP é importante, mas geralmente existe uma grande variedade de pareceres em torno da noção do que é ou não apropriado. Muitas vezes, entram em jogo crenças ou ideias estereotipadas. Assim, sendo a adequação crucial para a interpretação da produção linguística, torna-se difícil avaliar as normas de delicadeza ou indelicadeza.

Não existe uma separação radical entre as normas individuais, as normas da CP e as hipotéticas e mais amplas normas sociais. Essas práticas comportamentais consideradas por indivíduos e grupos como apropriadas ou habituais influenciam as práticas a um nível cultural mais extenso. Existe uma consciência das normas das outras CP, e também um conhecimento macro das normas e estereótipos sociais. Todo este conjunto influencia o processo dinâmico de construção das normas de adequação de cada CP. Eckert e McConnell-Ginet, segundo Mills (2008: 1058), argumentam que a teorização sobre as CP deve

contemplar a noção de que o indivíduo dentro de um determinado CP desempenha um papel na construção do que é percebido em geral como normas sociais mais amplas.

Parte da caracterização de uma CP é a sua relação com outras CP. Nem os próprios indivíduos, nem as suas CP existem isoladamente na sociedade. Os seus representantes não pertencem unicamente a uma CP, mas a diversas. O estreito contacto gerado na multiplicidade das participações estimula o intercâmbio das diferentes normas, que podem ser afixadas ou desafiadas. Neste sentido, a noção de CP proporciona uma noção mais complexa da identidade individual, porque, ao participar em várias CP, e de diferentes maneiras, o indivíduo adquire distintas posições e é visto como um ser multifacetado e talvez fragmentado internamente. Noutras palavras, em cada interação, e em cada CP, o indivíduo mostra diferentes partes da sua complexidade. É definido e alterado por essas relações e contribui para as mudanças que ocorrem no seio de uma CP.

A variedade de CP existentes aponta para a complexidade de definir o conceito. Eckert e McConnell-Ginet (1992: 7) sublinharam a natureza interativa das CP e ofereceram uma definição: as CP circunscrevem sistemas linguísticos, normas e identidades sociais dentro de uma construção vagamente definida como "comunidade de fala". Atente-se na definição de comunidade de fala de John Gumperz (1982): um grupo de falantes, delimitado geograficamente, que partilha regras e normas de uso da língua. As diferenças e relações entre as pessoas falantes definem-se em termos de características abstratas, como o sexo, a idade, a classe socioeconómica ou a etnia, sendo a diversidade linguística interpretada com base em hipóteses sobre a relação entre estas características e a prática social.

Por sua vez, a noção de CP apresentada por Jean Lave e Etienne Wenger afasta-se da comunidade delimitada por um local ou por uma população. Em vez disso, concentra-se numa comunidade definida pelo envolvimento social, pois a linguagem está presente nessa participação e não num lugar ou num grupo de pessoas. Lave e Wenger (1998) descrevem uma CP como um grupo vagamente definido de pessoas envolvidas numa tarefa concreta e que têm "um repertório partilhado de recursos negociáveis e acumulados ao longo do tempo" (Wenger, 1998: 76).

O envolvimento de pessoas que interagem *online*, analisado no presente estudo, parece aproximar-se do conceito de CP defendido por Wenger: um agregado de pessoas que, voluntariamente, se reúne em torno de um empreendimento comum, neste caso, o de manifestar a sua opinião sobre temas da atualidade. Nesta colaboração, os modos de fazer e

falar, as crenças e os valores são partilhados, emergindo na interação conjunta as relações de poder e as diferentes identidades. Por conseguinte, as interações virtuais possibilitadas pelas tecnologias de comunicação conduzem igualmente à formação de novas comunidades e à expressão de identidade(s) em linha.

Não obstante a momentânea duração da interação *online*, são criados laços sociais e emocionais mediante a geração de emoções positivas e negativas, verificadas no contexto de enfrentamento grupal. A ideia de repertório partilhado e acumulado descrita por Wenger (1998: 76) parece estar igualmente presente, muitas vezes, não para formar conhecimento significativo, mas para colaborar na discussão. Nesta observou-se como frequentemente se perpetuam ideias estereotipadas e metaforizações negativas sobre coletivos ou grupos sociais mais suscetíveis de serem humilhados e subjugados pelo seu caráter identitário racializado, generificado ou de classe.

Uma CP, como construção social, é diferente da noção tradicional de comunidade, pois é definida simultaneamente pelos seus membros e pela prática que os relaciona. Numa perspetiva mais ampla, são as CP e a participação diferenciada dos seus membros em diversas CP que organizam a sociedade.

### **2.9.1. As identidades discursivas nas comunidades de prática**

A compreensão das CP trouxe uma nova abordagem teórico-metodológica, com enfoque na observação de experiências localmente situadas. As múltiplas participações dos indivíduos interlocutores nas CP consubstanciam diferentes identidades e parte do desafio da investigação consiste em analisar como as pessoas se comportam e não se a sua conduta é adequada ou não.

De acordo com Wenger (1998: 149), a interação implica uma negociação sobre como ser uma pessoa nesse contexto. Um modo de falar é uma articulação complexa das formas de participação numa comunidade, sem esquecer a influência do envolvimento individual noutros grupos. O contacto permanente com diferentes participações e realidades dos seus membros sugere que as práticas linguísticas de qualquer CP estão em contínua mudança. Assim sendo, a formação de uma CP é também uma constante negociação de identidades, a individual e a da CP.

Wenger (1998) traça um paralelismo entre a identidade e a prática ou interação. Nesta análise, a identidade é vista como uma experiência negociada, uma forma de pertencer à comunidade, uma trajetória de aprendizagem, uma conexão de associação múltipla e uma relação entre o local e o global.

<b>Prática como</b>	<b>Identidade como</b>
a. negociação de significado (em termos de participação e reificação) b. comunidade c. história partilhada de aprendizagem d. fronteiras e horizontes e. constelações	a. experiência negociada do eu (em termos de participação e reificação) b. filiação à comunidade c. trajetória de aprendizagem d. conexão de associação múltipla e. envolvimento definido globalmente, mas experienciado localmente

Tabela 1: Paralelismos entre prática e identidade (Wenger, 1998: 150), tradução própria.

A experiência da identidade na prática é uma forma de estar no mundo. A identidade é definida socialmente, porque é produzida mediante as experiências de participação ativa em comunidades específicas. As categorias, papéis ou cargos passam a ser experiências de participação e são trabalhadas na prática. A camada de eventos de participação e reificação das experiências e as suas interpretações sociais acumulam-se para produzir a identidade como um entrelaçamento complexo de experiências participativas e projeções realizadas. Tal como o significado subsiste na negociação, a identidade existe no constante trabalho de negociação do eu. É nessa interação de participação e reificação que a experiência de vida se torna uma experiência de identidade, de existência e de consciência humanas (Wenger, 1998: 151).

O trabalho da identidade é constante e não um núcleo básico da personalidade que seja prévia à interação. A sucessão de formas de participação possibilita às identidades formarem trajetórias, movimentos contínuos erigidos em contextos sociais, que se relacionam entre si mediante as múltiplas participações dos sujeitos. De acordo com Wenger (1998: 154), as trajetórias podem ser: periféricas (muitas vezes, não há uma participação plena do indivíduo); de entrada (os recém-chegados investem na futura participação); de *insider* (a formação da identidade não acaba com a filiação a uma CP); de fronteira (transpõem-se fronteiras e conectam-se CP); e de saída (ao sair de uma CP, abrem-se

caminhos para novas comunidades, novos relacionamentos e novas perspectivas). Assim, uma CP é uma possibilidade de trajetórias e, portanto, promessas de potenciais identidades.

No seio das CP geralmente coexistem diferentes gerações com diferentes perspectivas. Se aprender, na prática, é negociar uma identidade que articula o passado e o futuro, então a experiência da história é vivida mediante o contacto entre os diferentes membros da CP. Os novos membros não são necessariamente mais progressistas do que os mais velhos. Nem sempre procuram romper com as práticas estabelecidas. Muitas vezes, investem na continuidade para incluir um pouco dessa história na sua própria identidade. No *corpus* em análise, neste estudo, foi observado como alguns internautas se referiam à história passada da ditadura portuguesa, com um certo saudosismo, apesar de não a terem vivido. É a conexão das suas trajetórias pessoais com a extensão das suas identidades.

Mais do que uma única trajetória, a identidade é percebida como um elo de múltiplas perfilhações. A noção de conexão acrescenta multiplicidade à ideia de trajetória. Não obstante não ser uma unidade, a identidade também não é fragmentada. O trabalho de reconciliação ou integração dos diferentes modos de participação está no cerne do que significa ser uma pessoa. Neste processo de filiação múltipla, pode haver tensões, no entanto, existe também um esforço para manter alguma coexistência. A multiparticipação e o trabalho de reconciliação são intrínsecos ao próprio conceito de identidade. Ao incluir na definição de pessoa, a diversidade do mundo social, local e global, e a noção de conexão, introduz-se no conceito de identidade uma dimensão pessoal da individualidade.

Em suma, o paralelismo entre a identidade e a prática caracterizou a identidade como: (i) uma entidade vivida, uma experiência que envolve participação e reificação; (ii) um trabalho em curso; (iii) uma tarefa com carácter social, uma filiação que se manifesta na familiaridade com que se experimentam determinados contextos; (iv) um processo de aprendizagem, uma trajetória no tempo que associa passado e futuro no significado do presente; (v) uma empreitada com múltiplas formas de pertença através de um processo de reconciliação; (vi) e uma interação entre o local e o global (Wenger, 1998: 163).

As identidades são ricas e complexas porque são produzidas dentro do abundante e intrincado conjunto de relações de prática e a pertença a uma CP traduz-se numa identidade enquanto forma de competência.

## 2.10. As identidades e o género

*Ser um refugiado é estar desapossado de si.  
É ser um corpo esperançoso equilibrando-se sobre a morte.  
Ser uma mulher refugiada em um campo de refugiados  
é estar em delíto.  
É preferir dormir com fraldas  
a ter que ir, à noite, à casa de banho.*

*Volta para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal*, Elizabeth Olegário (2001)

*A voice is a human gift; it should be cherished and used, to utter fully human speech as possible.  
Powerlessness and silence go together*

*The handmaid's tale*, Margaret Atwood (1985)

No seio de uma CP, a adoção de novas formas de expressão, assim como o desaparecimento de outras, é um processo contínuo, no qual se renovam formas de viver o género, a etnia ou a orientação sexual, outros aspetos delimitadores da identidade.

Neste sentido, Eckert e McConnell-Ginet (1992: 2/3) criticam o facto de, em Sociolinguística, as noções de "mulheres" e "homens" serem consideradas entidades fixas, argumentando que, na prática, é difícil encontrar mulheres ou homens que sejam um somatório das características que normalmente lhes são atribuídas. São as diferenças reais entre os sexos e a crença nessas diferenças que contribuem para a reprodução de parâmetros de género, de relações de opressão ou de outros vínculos mais positivos (Eckert & McConnell-Ginet, 2003: 467). Sob esta perspetiva, as autoras criticam o modelo binário de análise e defendem a necessidade de se conectar cada uma dessas abstrações a um campo mais amplo de práticas sociais e linguísticas, com o propósito de se examinarem as especificidades da realização concreta dessas categorias em comunidades reais. As autoras acrescentam que talvez a implicação mais importante seja a de não abandonar a responsabilidade social e política da investigação linguística, considerando a existência de práticas discursivas relacionadas com o sexismo, o racismo, o elitismo ou o heterossexismo em muitas comunidades.

Em *Think Practically and look locally: Language and gender as Community-Based Practice*, Eckert e McConnell-Ginet (2003: 462) defendem que o pensamento prático e a análise local permitem abandonar noções tradicionais sobre os estudos do género e linguagem. Salientam que o género pode ser isolado de outros aspetos da identidade e das

relações sociais e que o género possui significados uniformes em todas as comunidades, sendo as manifestações linguísticas desses significados semelhantes. Deste modo, salientam a necessidade de se relacionar o processo histórico de construção de categorias de género com as relações de poder: o *género* torna-se um verbo e as práticas *generificadas*.

Mills (2003a: 4) propõe igualmente um modelo de performatividade, no qual o género é visto como uma ação, encenada dentro de ambientes e contextos específicos. O seu objetivo é discutir a instabilidade da identidade de género construída dentro da linguagem e analisar a maneira como o género está disperso em elementos contextuais ao contrário de estar localizado ao nível do indivíduo. Esta fusão permite-lhe descrever o género ao nível do discurso na CP, dado que é discursivamente que as configurações e estratégias são normativamente *generificadas*, negociadas, confirmadas ou transformadas por membros da comunidade.

Por outro lado, Mills (2003a: 5) recorda que, muitas vezes, a identidade de género das pessoas já é racializada, classificada e afetada por outras variáveis, como perceções sobre a educação, a idade, a orientação e a extensão do conhecimento mútuo. O género é construído num conjunto complexo de experiências sociais dentro das comunidades, práticas que, em muitos casos, se relacionam com atributos pessoais e relações de poder. Eckert e McConnell-Ginet (2003: 485) defendem que as categorias de género relacionadas com o comportamento linguístico só podem ser determinadas pelo estudo etnográfico. Este tipo de análise pode demonstrar como as categorias de género se cruzam com outras classificações sociais (classe, idade, *raça*, etc.) dentro de cada CP.<sup>29</sup>

Mary Bucholtz (1999) classifica a identidade como um processo dinâmico, contínuo e inacabado, no qual existe um repertório de possibilidades que são usadas conforme a situação. Bucholtz não aconselha o uso de expressões generalizantes como a “linguagem usada por mulheres” ou a “cultura dominante”, pois sustenta que as identidades não são essencialistas, mas sim negociadas e transformadas ativamente. Deste modo, é

---

<sup>29</sup> Sobre a sexualidade, teóricas feministas *negras*, como Frances Beal, Linda La Rue e bell hooks, assinalaram o facto de as feministas brancas não reconhecerem os privilégios implícitos na sua identidade de mulheres brancas ao reivindicarem o prazer feminino. A implicação do feminismo *negro* no prazer sexual via-se dificultada pela história de exploração sexual e económica das mulheres *negras* e o uso experimental do corpo das mulheres mais pobres, como nos ensaios da pílula em mulheres porto-riquenhas e a esterilização forçosa de mulheres *negras* (Angel, 2021: 69).

ênfatizado o papel dos indivíduos como agentes na construção do seu próprio sentido de identidade em relação a CP específicas.

A negociação de identidades múltiplas oferece, nesta nova ótica, uma rutura com a visão de categorias e poder hegemónicos. A linguística da terceira onda do feminismo propõe um modelo antiessencialista que permite analisar o uso da linguagem de mulheres e homens, sem assumir que todas as mulheres são impotentes, que todos os homens são poderosos ou que o género é fundamental. Ao contrário das linguistas feministas da segunda onda (como Dale Spender, Robin Lakoff ou Deborah Tannen) que descreviam um modelo homogéneo de ‘linguagem das mulheres’, assumida como o resultado da opressão social para com as mulheres, as linguistas feministas da terceira onda (Judith Butler, Nancy Henley ou Mary Bucholtz) não veem as mulheres como um grupo homogéneo e realçam a diversidade do seu discurso, examinando o papel do contexto e das forças sociais.

A linguística da terceira onda do feminismo não se limita a focar o indivíduo, mas examina também o papel do contexto e das forças sociais. Os enunciados produzidos são avaliados linguisticamente tendo em conta o papel dos hipotéticos estereótipos de género. Embora este modelo esteja mais orientado para o processo, ainda tem uma ideia muito clara sobre o que é o género, trazendo essa noção pré-construída para as análises de como as/os participantes lidam com o género nas interações (Mills, 2003b: 7).

As preocupações que parecem definir o novo método de análise da linguística da terceira onda do feminismo prendem-se com o significado, o poder, o questionamento sobre a linguagem tipicamente feminina e a relação do indivíduo com o social.

Na análise linguística da segunda onda feminista, dos anos 60 até aos 80, analisavam-se os significados inerentes às palavras e faziam-se listas de palavras sexistas. Aconselhava-se o uso de certos vocábulos ou de certas estratégias, pois estas estavam relacionadas com ganhar ou perder autoridade: por exemplo, interromper era visto como uma estratégia de poder e hesitar era sinónimo de debilidade. De acordo com Mills (2003b), depois dos trabalhos de Cameron (1988) e Michael Toolan (1996), entre outros, verificou-se que a relação entre poder e os turnos de palavra era mais complexa. A linguística da terceira onda feminista, dos anos 90 até à primeira década do século XXI, analisa a forma como as palavras são usadas para significar e atingir objetivos em contextos particulares. Em vez da discussão sobre as estruturas globais de poder, como o patriarcado, são analisados os modos como o género e os conflitos são geridos pelas mulheres a nível local. Ainda que

se refiram as macroestruturas da desigualdade e discriminação, o interesse agora é posto na variação e na resistência, e não em afirmações genéricas sobre a condição da mulher e o uso da linguagem. Por exemplo, enquanto antes, se punha o foco no uso de pronomes masculinos genéricos (“eles”) ou palavras insultuosas (“galdéria”), agora a análise passa por analisar o modo como num determinado contexto a entoação pode ser irónica ou há alguma hesitação quando se usa a linguagem inclusiva, por exemplo. Em vez de se imporem significados, estes são coconstruídos na interação e não estão previamente fixos. Não obstante, a construção conjunta de significados não é completamente livre, nem aleatória, pois é o resultado das ações de todos os indivíduos envolvidos, juntamente com a negociação das restrições institucionais de estatuto e as rotinas linguísticas institucionalizadas, na linha de análise de Michel Foucault ou de Pierre Bourdieu.

O poder, na linha de Foucault, não é somente exercido pela força física, mas também pelas relações sociais, pelos discursos e pelas práticas culturais, não sendo visto como algo que se possui, mas como uma rede de relações que é posta em causa em cada interação. Por seu lado, Bourdieu explica como a estrutura social e a educação moldam as perceções de género, *raça* e classe social. Estas teorizações do poder são seguidas pelas linguísticas da terceira onda feminista, que se preocupam com a gestão local das relações de poder, fazendo a distinção entre o estatuto institucional, aquele que se recebe por meio da posição dentro de uma instituição, e o estatuto local, aquele se negocia mediante a habilidade verbal, a confiança, e o facto de se ser *delicado* ou gentil. As tradicionais normas de género, as dinâmicas culturais ou o *habitus* de Bourdieu estariam a contribuir para a perpetuação da desigualdade social<sup>30</sup>.

A terceira onda de linguistas feministas ressalva que uma linguagem tipificada como mais respeitadora, mediadora e cooperativa, tradicionalmente associada a práticas discursivas realizadas por mulheres, talvez pertença unicamente a algumas mulheres, nomeadamente brancas e de classe média (Mills, 2003b: 7), ocorrendo em contextos específicos. Mills afirma que Holmes (1995) e Coates (1998), entre outros autores, questionam se o uso de um estilo mais delicado representa necessariamente uma falta de poder, argumentando que o uso de delicadeza positiva pelas mulheres em ambientes de trabalho leva, muitas vezes, a discussões mais produtivas. Não obstante, ter menos poder e

---

<sup>30</sup> De acordo com a noção de *habitus* de Bourdieu, são as disposições da estrutura social adquiridas e internalizadas que orientam para a ação, o que poderia explicar, por exemplo, variantes fonéticas ou o uso de certas expressões tidas como masculinas ou femininas.

ser mais deferente são estereótipos usualmente associados às mulheres, por isso, quando estas se expressam de um modo mais assertivo, o seu discurso é, frequentemente, visto como aberrante ou agressivo. Por este motivo, a escolha pragmática de muitas mulheres, em certos contextos, pode passar pelo uso estratégico da delicadeza, como são os atos indiretos<sup>31</sup>. Em vez de se considerarem as mulheres discursivamente mais educadas e menos agressivas do que os homens, analisa-se o processo mediante o qual se avaliam os estereótipos em relação ao género e analisam-se as estratégias que têm uma maior probabilidade de atingir os objetivos pretendidos no contexto. Algumas destas estratégias podem ser aquelas que de uma maneira estereotipada são associadas ao género feminino, mas que, no entanto, podem manifestar uma abordagem diferente de exercer o poder.

O conceito de CP é importante para os estudos linguistas das feministas da nova geração no que diz respeito à relação entre indivíduo e sociedade. Considera-se o modo como os valores e normas do grupo afetam os sujeitos, assim como as interpretações destes sobre o que é linguisticamente apropriado. A escolha das palavras e o estilo da fala de uma pessoa, sob o esteio do conceito de *habitus* de Bourdieu, definem a posição e o estatuto de quem fala na CP. Gino Eelen (2001: 223) corrobora as teorias de Bourdieu, mas argumenta que, por um lado, a história coletiva cria um mundo “comum”, no qual cada indivíduo está inserido, e que, por outro lado, cada sujeito tem uma história individual única, experienciando o que é comum desde a sua posição singular. Logo, o “comum” não é idêntico para todas as pessoas, mas é fragmentado e distribuído por uma constelação de posições e perspetivas únicas. A visão da relação entre os indivíduos e os outros afasta-se da noção da sociedade como um todo que influencia o comportamento linguístico das pessoas falantes, e aproxima-se de uma análise, a nível local, de como as escolhas linguísticas são produzidas. Esta abordagem traz como benefícios o foco na situação concreta, mas torna muito difícil avaliar o impacto dos valores e pressões da sociedade em geral, apesar da tentativa de se manter um equilíbrio entre as duas posições.

Assim, as identidades das pessoas falantes, segundo Mary Bucholtz (1999: 20), longe de serem fixas e estáticas, são produzidas em interação e são influenciadas por ideologias (ou categorias como o género e outras). Por vezes, estas construções sociais reproduzem as crenças dominantes, outras vezes confrontam-nas, e, à medida que vão

---

<sup>31</sup> Eckert e McConnell-Ginet (2003:466) advertem para o facto de a comunicação indireta não ser tipicamente feminina, mas sim uma estratégia usada por qualquer falante.

aparecendo outros recursos sociais, novos comportamentos e identidades não acontecendo. Admitir identidades cheias de possibilidades pode contribuir para que as pessoas comecem a explorar novas maneiras de se expressar no mundo, o que é, transgressor e libertador. Em contrapartida, as identidades que se acredita serem fixas e inalteráveis dificultam a empatia com o Outro, que é diferente e se transforma em antagonista. O sentido comum identitário renuncia à camaradagem e à solidariedade<sup>32</sup>.

A relação entre ideologia e identidade sempre foi muito próxima. De acordo com Bourdieu (1989: 7), as “ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”. Os conceitos usados para falar de utopias ou ideologias têm vindo a ser aplicados como categorias identitárias (notem-se os dualismos decorrentes dos vocábulos “cis” ou “trans”), o que resulta na constituição e confronto de grupos identitários. Segundo Miquel Missé (Serra, 2021: 153), um olhar identitário dificulta a construção de pontes e diálogos, pois enfatiza as diferenças entre os indivíduos e não o que os assemelha. Bourdieu, na linha de Baruch de Espinosa, chama a atenção para as causas que determinam o indivíduo quando considera que é livre nas suas escolhas.

Em suma, a análise linguístico-discursiva parece ser mais produtiva quando se conjugam a observação local (micro) e a forma como esses contextos específicos são eles próprios estruturados pelas restrições sociais (macro). Assim, tanto a CP, como o contexto que lhe é mais amplo são relevantes na investigação sociolinguística.

## 2.11. A linguagem em Pierre Bourdieu

*I want to apologize to all the women  
I have called pretty  
before I've called them intelligent or brave.*

*Milk and Honey*, Rupi Kaur (2015)

O sociólogo francês Pierre Bourdieu elaborou uma teoria sociolinguística que difere da tradição estruturalista, de análise das estruturas subjacentes ao sistema linguístico, e do

---

<sup>32</sup>Mark Fisher em “Exiting the Vampire Castle”, *Open Democracy*:  
<https://www.opendemocracy.net/en/opendemocracyuk/exiting-vampire-castle/>

generativismo de Noam Chomsky. Bourdieu investiga o uso da linguagem para compreender o papel subtil do poder nas relações sociais, mais especificamente, como os indivíduos incorporam a estrutura social, e nesse processo, contribuem para a legitimar e reproduzir.

As teorias linguísticas de Ferdinand de Saussure que consideravam a linguagem e a prática linguística como entidades separadas são criticadas por Bourdieu. Para este autor, o contexto social não pode ser omitido. A linguagem não se limita a ser um método de comunicação, pois é, ela própria, reveladora das regras e das relações de poder da esfera cultural. Bourdieu também diverge tangencialmente das análises marxistas, na abordagem da violência simbólica, ao afirmar que o conflito não se reduz unicamente às disputas entre as classes sociais. É a posse de capital social, cultural e simbólico que produz e legitima as desigualdades, produzidas nas interações sociais.

Na análise da vida cultural francesa da década de 1960 e 1970, Pierre Bourdieu elaborou três teorias fundamentais: as noções de campo, *habitus* e capital. Estes conceitos estão integrados numa rede, estando, por isso, relacionados entre si. O capital simbólico é um dos componentes essenciais do campo e o *habitus* deve ser integrado num/a agente que reconhece a sua posição no campo, assim como o estatuto das pessoas interlocutoras nesse mesmo contexto.

O campo é um espaço simbólico, no qual os/as agentes envolvidos/as partilham interesses e conferem valor a determinadas ideias ou objetos. Não é um espaço físico, mas sim uma rede de relações objetivas entre posições, na qual os indivíduos tentam obter ou aumentar o capital específico desse campo. Por exemplo, o capital cultural num dado campo poderá ter um alto valor no que diz respeito ao capital intelectual, mas um baixo valor relativamente ao capital económico. Cada pessoa está inserida na estrutura do campo e é-lhe atribuído um estatuto, de acordo com o seu capital simbólico. A forma como o capital está distribuído estabelece as relações internas do campo, isto é, a sua estrutura.

Os campos não são disposições fixas. O que determina a sua existência e marca os seus limites é a ação dos indivíduos constituídos e constituintes das relações de poder. São estes que decidem se um indivíduo ou uma ideia pertencem a esse campo. Segundo Bourdieu, “o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz” (Bourdieu, 1989: 30). O campo tem tanto características próprias, como propriedades comuns: além do *habitus* específico, coexiste a opinião consensual dos

membros, a *doxa*, ou seja, as leis que regulam a luta pela dominação do campo. As/os agentes necessitam de um montante de capital para entrarem no campo e, inconscientemente, fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições. A maioria dos membros reconhece a autoridade dos líderes dentro do campo e aceita as regras estabelecidas historicamente.

De acordo com a teoria de Bourdieu, as práticas sociais são comportamentos coletivos de agentes que se esforçam para acumular e utilizar o capital simbólico dentro de um determinado campo. O *habitus* é o conhecimento implícito que ajuda os agentes a resolverem problemas e a conduzirem as suas vidas quotidianas com facilidade. A prática linguística é analisável mediante a relação entre o *habitus linguístico* e o mercado linguístico, sendo o primeiro um conjunto de disposições que compõem o *habitus*, e o segundo, um sistema de relações de força que regula e estabelece o valor dos enunciados. A adequação e a disponibilidade das expressões linguísticas dependem da conformidade do *habitus* linguístico das pessoas interlocutoras com as regras do mercado linguístico.

Durante o processo de aquisição de capital linguístico, o *habitus* é uma espécie de conhecimento tácito que permite antecipar o grau de lucro obtido através do discurso. É uma estratégia linguística que se inscreve no corpo da pessoa falante e forma uma dimensão da *hexis* corporal do/da agente em ação. A linguagem é uma técnica corporal aprendida, linguística e foneticamente, sendo a competência uma dimensão da *hexis* na sua relação com o mundo. Bourdieu (1991:86) alude ao estilo articulatório de Pierre Guiraud para explicar como a *hexis* corporal, própria de uma classe social, determina o sistema de traços fonológicos que caracteriza um tipo de pronúncia. É retomada a “velha noção aristotélica de *hexis*, convertida pela escolástica em *habitus*” (Bourdieu, 1989: 59). O *habitus* “é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital” (Bourdieu, 1989: 60).

Para Bourdieu, o *habitus* é um sistema de disposições, modos de compreender, de sentir e fazer que levam as pessoas a agirem de uma determinada forma numa dada circunstância. Essas disposições, adquiridas pela interiorização das estruturas sociais, são portadoras da história individual e coletiva, e estão de tal forma interiorizadas que o indivíduo, na grande maior parte das vezes, não está consciente delas. São rotinas corporais e mentais inconscientes que permitem agir sem pensar e considerar um modo de ação como “natural”. Por um lado, são estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e, por outro, são estruturantes (geradoras de práticas e representações). Por exemplo, os indivíduos aprendem

os códigos da linguagem, da escrita, da música, adquirem conhecimentos e dominam estilos para poder falar, escrever ou inventar. Não obstante, não existe um caráter determinista, as disposições do *habitus* não são mecânicas, mas plásticas e flexíveis. Como produto de estruturas profundas, as/os agentes têm uma certa liberdade, conferida pelas regras dominantes do campo em que se insere. Deste modo, o *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. (Thiry-Cherques, 2006: 34).

O *habitus* linguístico depende das condições sociais como classe, sexo e educação. É individual, coletivo, e portador de alguma flexibilidade. As pessoas não são vistas como indivíduos que se limitam a reproduzir as forças sociais, mas sim como agentes ativos que utilizam o seu capital, com o objetivo de maximizar o seu lucro linguístico, ao mesmo tempo que se adaptam às regras do mercado linguístico. Esta ideia da ação do indivíduo leva Bourdieu a prescindir do conceito de sujeito e a abraçar o de agente. Agentes sociais, indivíduos ou grupos, agem, tendo adquirido sistemas de classificações e percepções, ou seja, tendo assimilado um *habitus*, as disposições adquiridas pela experiência, que vão variando no tempo e no espaço. Neste sentido, as aquisições mais recentes são condicionadas pelas mais antigas. Existe uma certa liberdade dada pela lógica do campo e pela situação que nele se ocupa.

As estruturas mentais, produto da interiorização do mundo social, geram visões do mundo e contribuem para a sua construção: “A proximidade dos interesses e, sobretudo, a afinidade dos *habitus*, ligada a formações familiares e escolares semelhantes, favorecem o parentesco das visões do mundo.” (Bourdieu, 1989: 253). Mills (2003a: 35) recorre a Bourdieu para explicar que o conjunto de atitudes ou práticas é negociado pelos agentes em termos da sua própria percepção do que é aceitável para os seus comportamentos, estabelecendo-se, assim, normas de delicadeza. O *habitus* norteia as suas ações, sem as determinar completamente. Este sentido prático das “regras do jogo”, o que as outras pessoas consideram aceitável, deve ser visto, não como o produto do *habitus*, mas como produto da relação entre o *habitus* e os contextos ou campos sociais específicos dentro dos quais os indivíduos agem sobre os outros (Bourdieu, 1991: 14).

Em cada campo persiste o conflito entre os que dominam e os dominados, por isso, alguma tensão pode surgir durante o processo de ajuste do *habitus* linguístico ao mercado linguístico. O poder simbólico exerce um domínio na construção da realidade que tende a

estabelecer o sentido imediato do mundo. As relações de poder dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou instituições). Os sistemas simbólicos, enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento, cumprem a função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação. Deste modo, contribuem para o que Bourdieu denomina “violência simbólica”, a dominação de uma classe sobre outra e a “domesticação dos dominados” (Bourdieu, 1989: 7/8).

Pela via da violência simbólica, que é considerada legítima dentro de cada campo, a autoridade é exercida de forma sutil. Está presente no discurso do professor, na autoridade do burocrata ou na atitude do intelectual. Este poder simbólico só é possível porque as crenças são partilhadas, o discurso dominante é conhecido e reconhecido como válido. Para Bourdieu, a família, a escola, o meio são aparelhos de dominação, porquanto não só reproduzem as desigualdades sociais, como legitimam inconscientemente essa reprodução (Jubé, 2021: 4). A escola legitima o poder simbólico da classe dominante: está dominada pela cultura burguesa através dos códigos comportamentais, linguísticos e intelectuais e reproduz as ilusões (*illusio*) necessárias para o funcionamento e manutenção do sistema: as convicções partilhadas num dado campo. Assim, a desigualdade não reside no acesso ao campo, mas está presente nas entranhas do próprio sistema (Thiry-Cherques, 2006: 38).

Na análise bourdieusiana, o discurso revela a marca social, o poder e o valor, da situação em que se produziu. A produção discursiva antecipa, assim, as suas condições de receção no mercado linguístico mediante a adesão naturalizada aos valores dominantes, sob a forma de *habitus*. O mercado linguístico conforma o campo da interação como um conjunto de forças e dominação linguística. Os capitais linguísticos e simbólicos provêm de posições sociais consolidadas. Bourdieu analisa os discursos nas práticas sociais como formas de distinção, “*enclasseamento e desclasseamento*” (Alonso, 2004: 3). As estratégias usadas podem ser, por exemplo, a hipercorreção cultivada pela classe média numa tentativa de ascender socialmente, ou a informalidade de alguns políticos, em posição de domínio social, numa tentativa de aproximação ao povo.

O campo é relativamente autónomo, mas também sofre pressões externas, está numa situação de interdependência com outros campos<sup>33</sup>. O campo escolar e o social são

---

<sup>33</sup> Os conceitos de “comunidades de prática” de Etienne Wenger e “campo” de Pierre Bourdieu parecem poder relacionar-se. Não são equivalentes, porque, entre outras razões, as CP poderiam ser vistas como microcosmos dentro de campos mais amplos, mas apesar das suas diferenças (Wenger enfatiza os aspetos de aprendizagem e negociação de significados dentro da CP, enquanto Bourdieu interpreta os campos como

diferentes, mas não independentes, assim como os campos económicos e políticos. O capital económico pode ser dominante numa sociedade, em certa ocasião, mas pode não o ser noutro contexto ou momento. Do mesmo modo, um/a agente dominado num campo não mantém necessariamente essa dominação noutro campo. Cada indivíduo possui quantidades diferentes de capital linguístico. Dependendo da situação, por exemplo, uma pessoa pode falar fluentemente ou gaguejar.

O capital simbólico representa o poder e pode promover a mobilidade social. Corresponde à acumulação de rituais ligados à honra e ao reconhecimento pelos quais um/a agente social passa. Bourdieu classificou três tipos principais de capital: o cultural, o social e o económico.

O capital cultural, no qual está incluído o capital linguístico, abarca o conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição estável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); e o estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os diplomas académicos. O capital social refere-se ao conjunto de acessos sociais e circunscreve o relacionamento e a rede de contactos. O capital económico é o trabalho acumulado que pode ser transformado noutras formas de capital pela ação dos agentes sociais. Assim, as formas de capital são convertíveis umas nas outras. O capital simbólico, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, é uma síntese dos três tipos de capitais descritos (Thiry-Cherques, 2006: 39).

A posição do agente no espaço social pode ser definida pela posição ocupada nos diferentes campos, sobretudo, mediante o capital económico, mas também o cultural, social e o simbólico, geralmente chamado de “prestígio, reputação, fama, etc, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (Bourdieu, 1989: 136).

Uma vez que a “interação é a resultante visível e puramente fenoménica, da intersecção dos campos hierarquizados” (Bourdieu, 1989: 53), o *habitus* pode conduzir a mudanças, levadas a cabo pelos agentes ativos, possuidores de uma relativa liberdade e autonomia. O comportamento destes prepara as circunstâncias para as ações de outros

---

espaços de luta pela apropriação de capital e poder simbólico), os dois conceitos podem complementar-se na análise de práticas sociais situadas em contextos mais amplos de estruturas de poder e disputa simbólica.

agentes, formando-se, assim, as condições para a mudança, tanto a nível social, como individual.

### **2.11.1. Reanálise: a perspectiva do “habitus” linguístico de Bourdieu e a proposta de Mary Bucholtz**

A teoria linguística de Bourdieu tem recebido algumas críticas, fundamentadas no determinismo da reprodução social e na falta de autonomia e liberdade que os agentes individuais parecem possuir em relação à pressão estrutural. Contudo, Bourdieu, por um lado, não afirmou que a reprodução social seja inevitável, e, por outro lado, também destacou a ação dos agentes. O sociólogo chama a atenção para a importância do reconhecimento da influência da estrutura. O seu pensamento estimula uma compreensão precisa da estrutura socioeconómica de forma a possibilitar a resistência e o alcance de uma maior liberdade individual e coletiva.

Bourdieu afirma que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos, em si, em forma de uma “força ilocutória”, mas sim nas relações entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, isto é, na própria estrutura do campo em que se produzem e reproduzem as crenças. O poder das palavras de manter a ordem ou subvertê-la reside na crença da legitimidade das palavras. Por conseguinte, o poder dos sujeitos ou grupos dominados reside no aniquilamento da crença, alcançada mediante discursos heterodoxos que destroem as falsas evidências da ortodoxia, restauração fictícia da *doxa* (Bourdieu, 1989: 11/12). Deste modo, os atos linguísticos são inseparáveis da estrutura social, mas não a reproduzem necessariamente, podendo modificá-la.

A construção de sentidos criados nas relações ambíguas e abertas entre os produtos e práticas culturais e linguísticas possibilita a abertura à capacidade reflexiva da linguagem, o que permitirá que as ideologias tenham igualmente uma componente criativa e inovadora.

O quadro teórico apresentado pelo sociólogo constitui um bom ponto de partida para uma análise da linguagem em interação e dos seus significados sociais, sempre que as possibilidades dialógicas intersubjetivas e criativas da linguagem, no contexto específico de cada interação, sejam tidas em conta. A proposta de Mary Bucholtz, que integra uma versão adaptada da teoria de Bourdieu, enfatiza o papel dos indivíduos como agentes na construção do seu próprio sentido de identidade em relação a comunidades específicas de prática (Bucholtz, 1999) e analisa como, em interações com presença da indelicadeza ou discursos

do ódio, se tenta subjugar ou humilhar as pessoas, recorrendo a estereótipos e asserções negativas, tendo por base as identidades dos indivíduos visados. No presente trabalho, teremos em consideração, de modo entrosado, estes quadros teóricos na análise do material empírico recolhido.

## **PARTE II: INVESTIGAÇÕES EMPÍRICAS**

### **3. Questões metodológicas**

O presente trabalho inscreve-se no contexto teórico da Sociolinguística Interacional, tendo ainda em consideração aspetos da Análise Conversacional (AC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD). Estes dois últimos modelos apresentam métodos de análise da interlocução que foram usados de forma complementar de modo a explicar o papel da linguagem na construção e negociação das interações em análise. Mediante a AC, enquanto abordagem microanalítica, procedeu-se à avaliação das estruturas, mecanismos e contextos dos encontros linguísticos, de modo a entender as regras implícitas das conversas escritas observadas. A ACD, enquanto abordagem macroanalítica, possibilitou uma visão mais ampla da relação entre linguagem, poder e ideologia. Esta forma de análise (ACD) pretende estudar a relação entre ciência e a sociedade, de um modo multidisciplinar, isto é, integrando várias abordagens sociolinguistas, sendo igualmente consciente de que o discurso académico também é parte da estrutura social e é influenciado e produzido mediante a interação. Aspira-se a evidenciar as formas como as estruturas discursivas divulgam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de poder e o domínio na sociedade (van Dijk, 2001: 353). A consideração destas implicações sociais, políticas e ideológicas do uso da linguagem permitiu chegar a uma compreensão crítica das práticas discursivas.

A abordagem seguida, de teor qualitativo e descritivo, permitiu a coleta de dados que foi realizada por meio de observação e análise de documentos. A pesquisa foi estruturada em duas etapas. Primeiro foram analisados os mecanismos linguístico-discursivos da indelicadeza verbal presentes em sequências de *comentários* da rede social do Facebook,

assim como as suas repercussões sociais. Para o tratamento de dados foi usado o *software* de análise qualitativa *ATLAS.TI* que permitiu a gestão de uma grande quantidade de informação, por meio da codificação de segmentos de texto. Em segundo lugar, foram observadas as reações interacionais de estudantes de PLNM quando expostos a contextos análogos aos observados na primeira parte desta pesquisa. Para esta parte da análise, foram usados questionários do *software Google Forms* que apresentavam exercícios escritos com respostas abertas e de escolha múltipla.

Na primeira parte da pesquisa, a investigação analítica efetuada contribuiu para a compreensão do processo de construção das identidades discursivas em situações de interação social. No decurso da análise, foram examinados os valores ilocutórios dos atos do discurso empregues no trabalho de figuração ou de gestão da face dos agentes envolvidos em comunicações predominantemente ofensivas. A observação das estratégias discursivas permitiu ver como se configuraram, por um lado, a credibilização das imagens de quem enuncia e, por outro lado, o modo como discursivamente se realiza o descrédito do indivíduo alocutário visado. Portanto, a identificação das identidades discursivas convocadas pelos indivíduos nas interações possibilitou a observação do modo como a integração em grupos sociais é determinante para a sequencialidade discursiva. O desenvolvimento dos eixos argumentativos foi frequentemente sustentado pela pertença social invocada que teve como consequência a legitimação das opiniões registadas (Almeida, 2021: 45).

A nível teórico foi considerada a tipologia dos atos de discurso da Pragmática Ilocutória, seguindo os estudos seminais de John Searle (1981), assim como o trabalho de Erving Goffman (1967, 1983, 1999) que defende que o comportamento humano depende dos seus contextos e relacionamentos pessoais. De igual forma, também foram considerados os trabalhos de Brown e Levinson (1987) e Geoffrey Leech (1983) sobre o trabalho de figuração e o funcionamento das máximas da delicadeza, que por sua vez, se fundamentam no Princípio de Cooperação de Grice (1991).

Para o apoio do estudo da indelicadeza em interações humanas, foram convocados os trabalhos de John Culpeper (1996, 2005, 2011, 2020) e o de Garcés-Conejos Blitvich (2009, 2010) que chamam a atenção para o facto de o suporte teórico da noção de face poder ajudar a entender como as identidades são forjadas. Adicionalmente, foram tidos em conta os pressupostos de Sara Mills (1999, 2002, 2003a, 2007, 2009) sobre o processo de avaliação da delicadeza e da indelicadeza, de acordo com a variação contextual e cultural. Para uma

exploração mais detalhada da relação entre identidade(s) e género, foram mobilizados, entre outros, os trabalhos de Mary Bucholtz (1999, 2007) e Eckert e McConnell-Ginet (1992, 2003), que propõem a análise das identidades à luz de um processo dinâmico, contínuo e inacabado, com espaço, portanto, para a negociação de identidades múltiplas. Esta perspetiva oferece uma rutura com a visão de categorias fixas e poder hegemónicos.

As teorias do sociólogo Pierre Bourdieu (1972, 1982, 1989, 1997, 2019) sobre as relações de poder permeiam todo o estudo. De acordo com este investigador, as estruturas sociais adquiridas através da linguagem (*habitus linguístico*), da escolarização e do meio social (*campo*) são responsáveis pelo *capital* (cultural, social, económico, simbólico) de cada indivíduo. Uma análise consciente dos condicionamentos de cada agente considera as variáveis sociais que podem influenciar a aplicação de estereótipos nas negociações discursivas e a formação das perceções que moldam as identidades durante a interação.

Por outro lado, estando consciente que o ponto de vista cria o objeto, o presente estudo tentou abarcar diferentes pontos de vista, de modo a evitar a reificação de teorias que poderiam conduzir a pretensões sobre o conhecimento dos fenómenos linguísticos e sociais. Foram contempladas outras vozes críticas, como as propostas de Mills (2003) ou Bucholtz (2007), que defendem o não essencialismo das categorias analíticas.

As redes sociais, como espaço de encontro e interação que são, podem influenciar o *capital social* (Bourdieu, 1989) das pessoas envolvidas na comunicação. O trabalho metodológico realizado envolveu a identificação das regularidades discursivas e a análise da forma como a indelicadeza e o discurso do ódio (Culpeper & Haugh 2021) foram lexicalizados virtualmente, no género textual do *comentário* de redes sociais. Este método ajudou a entender como as estratégias discursivas podem impactar negativamente o *capital social* das participantes envolvidas na interação.

A organização de uma conversa, seja ela *online* ou *offline*, implica o conhecimento de um conjunto de regras de uso da língua, ou seja, saber o que dizer, como dizer e a quem dizer. A competência comunicativa dependerá do respetivo conhecimento das regras de uso da língua em que se comunica, isto é, das regras da Pragmática dessa língua. O desenvolvimento da competência pragmática diz respeito à forma como se usa a linguagem em diferentes contextos sociais, o que envolve a apropriação das regras conversacionais.

A segunda parte da presente investigação pretendeu analisar o comportamento linguístico e discursivo de estudantes de PLNM em situações semelhantes às analisadas no

*corpus* de comentários virtuais em Português Europeu. A gestão do discurso argumentativo em atos de fala delicados e indelicados é complexa e não se restringe aos estudantes de PLNM, sendo que, muitas vezes, falantes nativos também sentem dúvidas quanto à apreciação a fazer de cada situação e aos recursos a utilizar localmente. Por isso, paralelamente, também se desejou observar as avaliações que falantes de português como L1 e estudantes de PLNM faziam de situações passíveis de serem classificadas como indelicadas. Conjuntamente, as ideias de um grupo de professores de português sobre a introdução do estudo da indelicadeza nos planos curriculares foram também objeto de análise. Por meio do *Google Forms*, para cada um dos três casos descritos anteriormente foram elaborados questionários *online* com exercícios escritos.

A natureza etnográfica do presente estudo implicou uma análise qualitativa dos dados que foram localizados temporal e espacialmente. O foco da pesquisa não recaiu sobre conteúdos abstratos, mas sim em realidades contextualizadas com estudantes cujos perfis sociolinguísticos foram considerados. Conforme mencionado por Pierre Bourdieu (1985), a competência social na interação está diretamente ligada às características individuais da pessoa falante. Deste modo, o grupo de estudantes respondeu a um questionário que forneceu informações relevantes para a investigação: sexo, nacionalidade, língua(s) materna(s), habilitações académicas, profissão, número de anos de estudo e contextos de utilização da língua portuguesa, além das situações de imersão linguísticas que são ou foram expostos.

Na elaboração dos questionários, consideraram-se os pressupostos etnográficos que ressaltam que as investigações devem focar a compreensão das particularidades dos campos de estudo, em vez de atingir resultados que podem ser repetidos em diferentes estudos ou contextos. Assim, para que as participantes pudessem partilhar as suas próprias interpretações das experiências, foram também incluídas alíneas que permitiram uma resposta aberta.

Todos os inquiridos continham a indicação de que a recolha e o tratamento dos dados tinham como objetivo a realização de uma investigação no âmbito dos estudos de Doutoramento em Estudos Portugueses da Universidade Aberta, na área de Sociolinguística. Também se anunciava que, de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia, os dados seriam tratados de forma anónima.

Seguidamente, serão detalhadas outras questões metodológicas tidas em conta neste estudo.

### 3.1. O género textual do comentário nas redes sociais

As diversas necessidades de comunicação entre as pessoas e a proliferação da informação nas sociedades contemporâneas vieram comprovar o carácter dinâmico dos géneros textuais e a presença de interconexões intrincadas entre si, sendo possível o aparecimento de novos géneros, como é exemplo o género em análise neste trabalho. A era digital promoveu a universalização do uso de diferentes formas de comunicação em múltiplas plataformas e com públicos variados. Esta diversidade teve um impacto nas formas de construção textual. As interações tiveram de se adaptar rapidamente, pelo que o género textual do *comentário* em redes sociais, segundo alguns estudos, ainda se encontra em fase de estabilização no que concerne à sua definição e classificação (Rosa & Ricciardi, 2021: 13).

Diferentes teorias sobre o conceito de género têm pretendido compreender e explicar as relações entre texto e discurso. Silva (2020: 98) defende que os critérios são a chave fundamental para as classificações textuais. Estes podem ser múltiplos, heterogéneos e de origem externa ou interna, sem esquecer a natureza multidimensional dos textos, através da qual qualquer texto pode ser inserido em diferentes categorias.

Provenientes de circunstâncias comunicativas, os textos são representantes empíricos das atividades da linguagem. No plano abstrato, os géneros permitem identificar os processos de construção dos textos e compreender as práticas inerentes às formações sociodiscursivas, bem como as relações entre os/as interlocutores/as. Silva (2013) afirma que a abordagem dos géneros está dependente da análise textual, pois somente os textos são empiricamente observáveis.

A análise de *comentários* em redes sociais comprovou que este tipo de texto se poderá incluir dentro dos parâmetros classificadores que permitem identificar a classe genérica associada a um determinado texto.

Os critérios textuais e transtextuais que Adam (2001: 40) classificou com base numa proposta anterior de Bakhtin (1986) são: (i) a componente composicional que remete para a ordenação dos conteúdos e a segmentação formal dos textos; (ii) a componente semântica que aborda o tema tratado e a sua relação com a realidade objetiva; (iii) a componente estilístico-fraseológica que observa aspetos como a seleção lexical e construções sintáticas; (iv) a componente material que permite identificar o suporte no qual o texto foi publicado, a sua extensão e questões de natureza tipográfica; (v) a componente

metatextual no qual se inserem as autorreferências ao género no qual se insere o texto; (vi) e a componente peritextual que contempla as fronteiras dos textos. Os critérios circunstanciais como o papel dos interlocutores, o objetivo, o suporte, a organização textual, o tempo e o lugar adquirem um papel predominante na classificação genérica, uma vez que influenciam tanto o tema, como a extensão, o estilo ou a estrutura do texto.

Detentores de um papel importante na transmissão de informações, ideias e emoções na sociedade, os géneros textuais têm a sua própria função comunicativa, adaptando-se aos diferentes contextos em que são utilizados. O formato da interação através das redes sociais condiciona a linguagem usada pelas pessoas internautas. Não obstante o comentário nas redes sociais ser um género dinâmico sem fronteiras claramente definidas, é possível identificar algumas características contextuais, composicionais, enunciativas e linguísticas.

Os comentários de uma rede social são tipos de atividade social, uma vez que envolvem duas ou mais pessoas a relacionarem-se através da linguagem. O ato de publicar um comentário representa uma reação a um produto mediático e, como tal, constitui uma resposta a uma intervenção anterior. Portanto, possuem a função social de interagir, comentar e discutir informações sobre temas atuais. As comunidades virtuais são um dos principais meios de partilha de informação com capacidade para intervir nas relações profissionais dos indivíduos. Nestes espaços em linha, coexistem perfis pessoais, assim como grupos e páginas associadas a diferentes esferas públicas.

A estreita relação dos comentários com outros textos de diferentes géneros (notícias, crónicas, artigos, etc.) vem assinalar a grande dependência intertextual do comentário virtual. Desta forma, a compreensão dos mesmos só pode ser feita com base nessa intertextualidade com os textos que comentam.

Os parâmetros contextuais físicos e socio subjetivos de produção dos comentários são transversais a todos os textos: a enunciação é realizada por pessoas físicas (que se identificam com dados reais ou fictícios, o que facilita a expressão pública anónima); a receção dos comentários é feita por internautas físicos que se podem tornar comentadores/as ou não; existem informações quanto ao momento de produção dos enunciados (embora se desconheça o lugar físico que poderá ser qualquer parte do mundo); emissores e recetores assumem os papéis sociais de pessoas internautas com acesso a redes sociais; o principal objetivo é a expressão de opiniões, sentimentos ou emoções sobre conteúdos tematizados

nas publicações ou comentários de outras pessoas utilizadoras da rede social, podendo haver outras finalidades específicas como felicitar ou polemizar (Rosa & Ricciardi, 2021: 19).

O suporte digital e os recursos da interface condicionam o plano de texto e, conseqüentemente, a interpretação textual. Apesar da grande flexibilidade, a distribuição dos conteúdos é previsível devido às formatações das plataformas: existem secções para imagens, nome das pessoas utilizadoras, corpo do texto, reações ao comentário, respostas, antiguidade dos comentários e informações sobre a edição. Os diferentes comentários vão criando sequências (*threads*) de natureza polilocal

As conversas em linha, apesar de serem em formato escrito, aproximam-se dos géneros conversacionais. O discurso tende a ser imediato com realizações discursivas coloquiais. O uso reiterado da pontuação e de maiúsculas assumem uma função semelhante à dos fenómenos prosódicos dos textos orais, com funções como a de destacar a intensidade da “voz” ou de certos elementos temáticos. Prevalece alguma economia linguística, evidenciada por abreviaturas e o recurso a mecanismos não-verbais que orientam a interpretação dos conteúdos. Para expressar emoções ou sentimentos, usam-se frequentemente *emojis* ou *stickers*.

O resultado obtido é um discurso escrito sobre vários temas que fica registado na plataforma digital. Apesar desta constância, os textos podem sofrer alterações, porque podem ser editados ou eliminados. A interação assíncrona típica dos comentários virtuais tem também a característica de estimular a interação, pois a discussão permanece em aberto. O debate pode ser retomado a qualquer momento. Em suma, como género textual dinâmico e fluido, as características do comentário das redes sociais desafiam e expandem as noções tradicionais do discurso.

### **3.2. Questões em torno do bilinguismo**

Uma grande parte da humanidade é bilingue ou vive em sociedades bilingues. Existem inúmeros casos em que diferentes línguas coexistem em áreas geográficas de extensão muito limitada. Esta coexistência de línguas é um fenómeno quotidiano e universal tendo, por esse mesmo motivo, facultado um alargado leque de linhas de investigação sobre essa área de estudo. Com efeito, o conceito de bilinguismo tem mudado ao longo dos tempos, tratando-se de um fenómeno multifacetado e dinâmico, que não se reduz à simples

soma de códigos linguísticos, mas sim à gestão desses códigos que podem variar quanto aos níveis de proficiência em contextos específicos e em função das intenções comunicativas das pessoas falantes (Antão, 2019: 48).

Nas comunidades bilingues nem todas as línguas são valorizadas da mesma maneira. O fenómeno das línguas em contacto envolve um terreno complexo, que depende, em grande parte, das tensões políticas e ideológicas de esses lugares pluriculturais. Os interesses políticos e económicos determinam, na maioria das vezes, os usos linguísticos e o modelo de linguagem de uma comunidade. Estas situações de prestígio ou dominância entre as línguas dão origem ao bilinguismo e à diglossia, na qual dois registos linguísticos funcionalmente diferenciados coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa. As melhores condições para a promoção de um *bilinguismo aditivo*, tendencialmente mais equilibrado (Martins & Pereira, 2011: 52) serão aquelas nas quais as línguas assumem papéis comunicativos distintos, mas complementares. No polo oposto, teríamos a situação em que uma das línguas, a socialmente mais prestigiada, se impõe sobre a(s) outra(s), configurando um processo de substituição linguística em curso (*bilinguismo subtrativo*). A valorização simbólica de uma das línguas, a par da estigmatização da outra, afeta profundamente a definição da identidade social e cultural da cidadania.

A presente investigação contemplou o contexto sociolinguístico do grupo de estudantes analisado, a região autónoma bilingue (espanhol e catalão) da Comunidade Valenciana, em Espanha, e a escola onde a autora deste estudo exerce a sua atividade profissional docente, a *Escuela Oficial de Idiomas*. Nesta região coexistem duas línguas oficiais, o espanhol e o catalão (vertente valenciana<sup>34</sup>), sobre as quais foi objetivo averiguar, com esta pesquisa, se estas duas línguas convivem, no grupo de estudantes em análise, em situação de diglossia. A escola pública, para pessoas adultas, dedica-se exclusivamente ao ensino de línguas estrangeiras, sendo o português uma língua minoritária, estudada geralmente depois de outras línguas como o inglês, o francês, o italiano ou o alemão.

Reconhecendo a importância de compreender os perfis sociolinguísticos e psicolinguísticos do grupo estudantil de modo a identificar a metodologia mais adequada para o ensino do PLNM para os perfis identificados, foi realizado um estudo no âmbito do trabalho da linguagem em uso. Deste modo, mediante o questionário sociolinguístico, e a

---

<sup>34</sup> Neste trabalho, será usada a designação de “valenciano” para indicar a variante da língua catalã falada na Comunidade Valenciana, em Espanha.

partir da variedade discente das aulas de português, procurou-se averiguar os fatores que interagem produtivamente na definição dos perfis psicolinguísticos da população escolar em análise.

### **3.3. Questões em torno da terminologia de língua segunda (L2) e língua estrangeira (LE)**

O cenário atual de mobilidade e heterogeneidade das sociedades multiculturais e multilíngues faz de cada aprendente de uma nova língua um caso particular. O grupo de trabalho em estudo apresentou uma realidade diversa, na qual a cada estudante correspondeu uma realidade particular de ensino/aprendizagem do português, merecedora, por essa razão, de uma abordagem específica (Antão & Almeida, 2021: 196).

A *língua materna* (LM) relaciona-se com o que na bibliografia da especialidade costuma designar-se por L1: “a língua em que, aproximadamente até aos cinco anos de idade, a criança estabelece a sua primeira gramática, que depois vai reestruturando e desenvolvendo em direcção à gramática dos adultos da comunidade em que está inserida. A designação *língua não materna* (L2) cobre todas as outras situações e, embora na prática seja, ao nível do indivíduo, difícil estabelecer fronteiras entre elas, podemos identificar duas grandes subdivisões: o termo *língua segunda* (LS) e *língua estrangeira* (LE)” (Leiria, Queiroga & Soares, 2005:5). O termo LS costuma ser usado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não materna dentro de fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida, por exemplo como língua oficial e é também a língua, ou uma das línguas, da escola, como poderá ser para muitos/as, o caso do valenciano em Valência. Língua Estrangeira (LE) costuma usar-se para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua em espaços onde ela não tem qualquer estatuto sociopolítico. É a situação que se verifica com a aprendizagem do português por estudantes em instituições estrangeiras (Leiria, 2005), sendo um exemplo o grupo em observação neste estudo.

Como se pode inferir, as classificações L2 e LE cobrem situações sociolinguísticas e de aprendizagem altamente heterogêneas, não havendo um consenso real quanto àquilo que designa cada uma delas. Um fator de distinção é o contexto no qual a L2 é adquirida: a sala de aula ou um contexto de imersão linguística. No primeiro caso, a língua é o objeto de estudo na sala de aula, isto é, objeto de aprendizagem; no segundo caso, é um meio de

comunicação, imprescindível na socialização da pessoa falante e que geralmente é referida como aquisição. Deste modo, Cristina Flores salienta que o “conceito de PLE [Português Língua Estrangeira] aplica-se apenas aos casos dos alunos que aprendem o português em contexto de instrução formal e não têm qualquer contacto com esta língua fora da sala de aula” (Flores, 2013: 42).

Por outro lado, Flores também nos apresenta outra linha de argumentação, na qual é o estatuto político da língua não materna que define a sua classificação como LE ou L2. No caso do grupo estudantil em apreço, para alguns/algumas estudantes, uma das duas línguas oficiais, a espanhola ou a valenciana, apresenta-se como L2 (Antão & Almeida, 2021: 197).

O relativamente recente conceito de PLNM carece de uma definição clara: por um lado, relaciona-se por exemplo, com a situação de pessoas estrangeiras escolarizadas em Portugal (L2) e, por outro lado, com estudantes que, fora dos territórios de língua oficial portuguesa, aprendem português (LE). O PLNM é, portanto, uma realidade muito heterogénea, na maioria das vezes, envolvendo um público muito díspar.

O grupo de estudantes em análise apresenta ainda uma outra variante, que não deve ser desconsiderada. Carreira (2013), retomando a proposta de Weinrich, atualizada por Dabène, referiu-se a este fenómeno como “estranhamento”. O português não terá o mesmo grau de estranhamento de uma LE para aprendentes cuja LM provém de famílias linguísticas diferentes. No caso de a L1 ser uma língua da mesma família linguística, como é o caso das línguas em apreço, o espanhol e o valenciano, o português terá um menor grau de “estranhamento”, posto que o conjunto de estudantes já possui um conhecimento prévio de uma ou mais línguas românicas próximas do português.

Ensinar uma língua não pode ser encarado como um mero processo de transmissão de um saber a alguém que o recebe passivamente. Pelo contrário, “trata-se de fazer desse destinatário, o aluno, o agente da construção dos seus próprios saberes e competências” (Carvalho, 2013). Por conseguinte, parece especialmente relevante o conhecimento da situação sociolinguística de cada aprendente, bem como a promoção dos princípios de desenvolvimento da competência de comunicação de estudantes no caso do PLNM (PL2/PLE), dada a diversidade de contextos e atuantes que o seu ensino e a aprendizagem envolvem.

### 3.4. O fator idade

Os fatores que influenciam o perfil psicolinguístico de cada falante de L2 são diversos. Para além da relação entre a língua e o domínio de uso, parece haver um consenso de que a idade de exposição do falante à L2 é um fator de merecida investigação: “A relevância do fator idade para a assimilação de uma língua estrangeira tem sido amplamente discutida (...) os aprendentes tardios de uma L2 apresentam um comportamento linguístico distinto daquele que se observa em aprendentes precoces” (Martins & Pereira, 2011: 50).

A ideia de que as crianças aprendem uma segunda língua melhor do que os adultos está amplamente difundida e é cientificamente fundamentada pelas teorias neurológicas que defendem a existência de um ‘período crítico’ para a aquisição da língua. Sim-Sim refere-se ao período pré-escolar como “um tempo de rápida aquisição lexical e conceptual [sendo] esta rapidez de aquisição [o que faz a criança] chegar à escola com um domínio lexical em língua materna invejável para qualquer adulto que procure dominar uma língua estrangeira” (Sim-Sim, 1998: 110).

Vários estudos têm comprovado que as crianças que crescem num contexto social bilingue desde cedo começam a separar as duas línguas na mente, desenvolvendo sistemas gramaticais autónomos. Esta hipótese contempla a existência de “diferentes subsistemas de memória de longo prazo para proceder à assimilação das estruturas gramaticais de uma língua, e particularmente da sua estrutura morfo-sintáctica” (Martins & Pereira, 2011: 50). O conjunto de estudantes de uma LE que não está exposto à comunicação constante com falantes dessa língua geralmente aprende a estrutura da linguagem a partir de livros ou em ambiente formal de sala de aula. Esta aprendizagem, sendo consciente, fará parte da memória explícita (declarativa), enquanto a competência linguística implícita será apenas adquirida através do uso frequente da língua. Com o tempo, se se der a oportunidade de inserção em situações de imersão linguística, o grupo estudantil pode eventualmente adquirir alguma competência linguística implícita, mas provavelmente continuará a depender, em grande parte, do conhecimento metalinguístico explícito: “At least at the beginning, and probably to some extent for the rest of their lives, their L2 will differ from their L1 in that a different neurofunctional system, subserving metalinguistic knowledge and relying on declarative memory, subserved by different cerebral mechanisms, will also be used to process L2” (Paradis, 2007: 21).

Assim, Paradis (2007) e Ullman (2004) justificam a facilidade com que as crianças muito novas aprendem ou adquirem (*internalizam*) uma ou mais línguas mediante a disponibilidade de subsistemas de memória implícita. Com a idade, estes subsistemas tendem a perder a sua total capacidade, pelo que se recorrerá a subsistemas de memória compensatório: a declarativa. O que se aprende através deste último sistema requer esforço, estudo, repetição e mais tempo de assimilação.

O presente estudo pretende não desconsiderar o facto de a comunidade estudantil de PLNM, em análise, ser um grupo heterogéneo, com níveis de progressão diferentes, encontrando-se na idade adulta, o que, como acima foi explicado, implica uma discrepância entre os planos cognitivo e linguístico. Neste âmbito, e atendendo à importância da memória declarativa na assimilação tardia de uma nova língua, será necessário proporcionar aos/às estudantes em idade adulta mecanismos de instrução direta sobre o estudo formal da língua, de modo a fomentar o desenvolvimento da sua consciência metalinguística. Esta poderá ser reforçada pelo confronto entre as duas línguas, nomeadamente no que diz respeito a questões ortográficas (Mateus et al, 2006: 10).

A seleção de métodos eficazes de ensino do PLNM deve basear-se num conjunto de fatores, entre os quais destacam com grande relevância os perfis sociolinguísticos e psicolinguísticos do grupo estudantil, assim como a sua emancipação como estudantes autónomos/as e conscientes do seu processo de aprendizagem.

### **3.5. Autonomia da aprendizagem**

A importância do enfoque na consciencialização do processo de aprendizagem é uma peça chave no âmbito de uma aprendizagem ativa e autónoma. Um maior controlo sobre o próprio estudo poderá aumentar a motivação e a autoconfiança do conjunto de estudantes de forma a maximizar o seu progresso.

Little (1991: 8) chama a atenção para a importância da definição e redefinição da terminologia. Segundo este autor, a história recente do ensino de línguas produz dois claros exemplos de fossilização de conceitos, como é o caso dos termos “comunicativo” e “autêntico”. Por vezes, as estratégias didáticas podem sofrer um empobrecimento devido a uma conceção irrefletida de que o ensino de línguas deve ser “comunicativo” e que deve

estar relacionado exclusivamente com textos “autênticos”. Little defende que estes termos têm atualmente um significado mais amplo do que geralmente se suponha. Na sociedade tecnológica atual, a comunicação acontece de variadíssimas maneiras, estando os recursos que se podem prestar à aprendizagem de línguas por todo o lado e em diversas formas. O conceito de autonomia estudantil tem-se transformado numa das preocupações centrais da teoria da educação, sendo que todos os sinais sugerem que a “autonomia” se encontra no processo de obter o estatuto que as palavras “comunicativo” e “autêntico” possuíram durante muitos anos (Little, 1991: 8).

A autonomia estudantil não é meramente uma questão de organização, não se limita à aprendizagem sem docentes, não é algo feito pelo professorado para o grupo de estudantes, isto é, não é um método de ensino, nem um comportamento único e fácil de descrever. Em essência, a autonomia refere-se à relação psicológica que as/os estudantes têm com os próprios processos e conteúdos da aprendizagem. É uma capacidade para a reflexão crítica, tomada de decisões e ação independente. Não obstante, este sentido de liberdade da autonomia não significa uma liberdade absoluta, como poderia ser o distanciamento total. Trata-se de uma liberdade condicional e restrita, equilibrada pela interdependência do meio social (Little, 1991: 9).

Como supramencionado, a autonomia da aprendizagem não prescinde do apoio de docentes. Os/as estudantes autónomos/as não se encontram verdadeiramente sozinhos/as no seu processo de aprender uma nova língua, precisam de um apoio, que pode ser dado pela classe docente, por serviços de consultoria linguística ou até por diferentes atividades, como intercâmbios linguísticos ou recursos didáticos (Antão, 2019: 88). Mesmo que as/os estudantes possuam bons hábitos de aprendizagem, precisarão de avançar no sentido de gerirem o seu próprio processo de aprender. Isto significa que assumem a responsabilidade de tomar as decisões, incluindo a resolução de procurar ajuda em primeiro lugar.

A teoria experiencial de Kolb pode ajudar a entender a atitude da autonomia na aprendizagem. O autor esclarece que “learning is the process whereby knowledge is created through the transformation of experience” (Kolb, 1984: 38). Em primeiro lugar, a abordagem deve deixar os conteúdos e os resultados menos em destaque, para ter como enfoque o processo de adaptação à aprendizagem. Em segundo lugar, o conhecimento é um processo em contínua transformação e não algo que se possa adquirir e transmitir. Em terceiro lugar,

explica Kolb (1984: 38), a aprendizagem transforma a própria experiência. Em suma, para entender a aprendizagem, devemos entender a natureza do conhecimento e vice-versa.

De acordo com o ciclo de aprendizagem experiencial, Kolb<sup>35</sup>, não se trata somente de fazer atividades, mas de refletir sobre o modo como elas funcionaram, compreender as razões pelas quais elas funcionaram (ou não) e ajustar os planos para as próximas experiências. Veja-se, de seguida, uma ilustração:

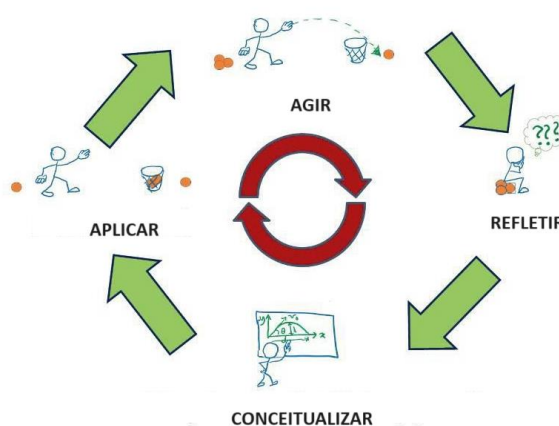


Gráfico 1: Ilustração do ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb.

O plano de aprendizagem de línguas, em anexo nesta investigação, pretende dar um exemplo prático de como se poderia orientar o trabalho das turmas de estudantes no caminho da sua autonomia. As tarefas propostas têm como objetivo: a análise das próprias necessidades e objetivos; a identificação dos recursos (humanos e não humanos) necessários; a elaboração de um plano de ação a longo prazo e outro a curto prazo, especificando o tempo necessário, as ações a realizar e os recursos a utilizar; e o registo de todo o processo, que permita a reflexão sobre os objetivos atingidos, as expectativas e frustrações, assim como as ações a realizar no futuro, com o objetivo último de reforçar e aperfeiçoar o rendimento académico.

Em resumo, o corpo docente deve: (i) sensibilizar os/as estudantes para o processo de aprendizagem de línguas; (ii) guiá-los/las de maneira a que possam identificar metas; (iii) sugerir materiais adequados oferecendo opções (em vez de se limitar a prescrever atividades); (iv) sugerir estratégias adequadas aos objetivos estudantis; (v) motivar, apoiar e

---

<sup>35</sup> Ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb: <https://www.youtube.com/watch?v=oikYx9-zhxQ>

incentivar, ajudando na autoavaliação e na reflexão dos logros e dificuldades. À medida que a capacidade de autonomia dos/das estudantes aumentar, modificar-se-á o modo como se aprende e como se transfere o que foi aprendido para contextos mais amplos (Little, 1991: 9).

A autonomia na aprendizagem está diretamente relacionada com o aumento da autoconfiança do grupo de estudantes. Quando estes sentem que têm mais controlo sobre o seu próprio processo de aprendizagem, envolvem-se de forma mais intensa e atribuem um significado pessoal ao que aprendem. O resultado é uma maior compreensão dos conteúdos e o aumento da motivação intrínseca, aquela que é estimulada pela satisfação pessoal em aprender. Neste sentido, recomenda-se a adoção de estratégias que favoreçam a consciencialização e autonomia do processo de aprendizagem, de forma a aumentar a autoconfiança estudantil na capacidade de expressão e ação no mundo em língua portuguesa (Antão, 2019: 90).

#### **4. Estudo 1: A delicadeza em contexto didático**

O estudo sobre a indelicadeza vem no seguimento de outras investigações sobre a delicadeza efetuadas no âmbito de estudos de mestrado pela mesma autora (Antão, 2019). Dada a estreita relação desses trabalhos com o presente texto, e a quantidade de informação relevante recolhida, bem como os desenvolvimentos analíticos realizados na parte curricular do doutoramento em estudos portugueses da UAb, especificamente, no âmbito das unidades curriculares da área da Linguística, ponderou-se recuperar, integrando, de modo entrosado, parte dos dados dessa investigação, ancorando-os numa base de dados mais vasta para a sua apresentação na presente análise.

##### **4.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição do *corpus***

Um pleno entendimento numa situação interativa depende principalmente da competência comunicacional que implica a capacidade para usar as estratégias e formas de delicadezas. Amiúde, a aliança entre a competência gramatical e pragmática encontra-se em

situação de fragilidade entre aprendentes de uma nova língua, comprometendo-se, deste modo a correta interpretação dos atos de fala.

Partindo, portanto, da base de que os pressupostos sociolinguísticos da delicadeza são responsáveis pelo equilíbrio conversacional, o estudo teve por objetivo averiguar o nível de desenvolvimento da competência pragmática do grupo discente, com enfoque nas estratégias de delicadeza usadas em atos ilocutórios com uma dimensão diretiva e no uso das formas de tratamento (FT) em língua portuguesa (Antão & Almeida, 2021: 190).

Os atos de fala diretivos podem refletir o modo como as relações se estruturam hierarquicamente, uma vez que cada emissão discursiva reflete e cria relações de poder entre as pessoas falantes. As relações sociais entre os indivíduos interlocutores e o contexto que envolve cada interação serão determinantes para a formulação do tipo de ato diretivo a efetuar, como, por exemplo, uma ordem ou um pedido. Os dados recolhidos, nesta abordagem, visaram estes dois tipos de atos, assim como as ofertas, os convites e as propostas, atos considerados híbridos, por Almeida (1998), ao apresentarem juntamente com a dimensão diretiva, igualmente, uma dimensão comissiva (Antão, 2019: 9).

A aplicação de tarefas de eliciação do discurso, em diversos cenários, foi o método selecionado para estimular nas estudantes determinados desempenhos linguísticos, que constituíram o objeto de estudo da presente observação. Um conjunto de três falantes nativas realizou ainda as mesmas tarefas, com o fim de que o seu desempenho servisse de contraponto à análise (Antão, 2019: 61).

Para a recolha dos dados, tendo por base diferentes situações de comunicação fornecidas, foram aplicadas: a) perguntas de escolha múltipla para que as estudantes selecionassem o enunciado mais adequado às situações de comunicação apresentadas, como na Tarefa 1; e b) tarefas de produção escrita de enunciados considerados adequados aos contextos de uso em análise, como na Tarefa 2. Apresentam-se, seguidamente, exemplos de cada um dos tipos de exercício.

(1) Imagine que se encontra com a diretora geral da sua empresa, Ana Faria (nome fictício), e deseja convidá-la para uma exposição no museu de arte contemporânea, Ivam. Que opção lhe parece mais adequada?

- a. E se fôssemos ver uma exposição que está patente no Ivam?
- b. Você quer ir ver uma exposição que está patente no Ivam?
- c. A Ana quer ir ver uma exposição que está patente no Ivam?
- d. Queres ir ver uma exposição que está patente no Ivam?

(2) Imagine que está incomodada, porque alguém está a ouvir música muito alta. O que diria aos seguintes interlocutores para lhes pedir que baixem o volume da música:

- a. às suas irmãs mais novas.
- b. ao seu pai.
- c. ao vizinho de baixo.
- d. ao seu chefe.

O objetivo dos estímulos das tarefas apresentadas no teste foi o estudo da mestria das formandas na formulação de pedidos, convites, propostas, ofertas e ordens, assim como o uso das FT. Os cenários mostrados reproduziam situações verosímeis e procuram aproximar-se das vivências diárias dos alunos, variando ao nível do poder, do distanciamento, do nível de imposição e do objetivo. Foram apresentadas situações com diferentes graus de delicadeza, e FT, com indicação do grau de familiaridade existente entre os interlocutores. Deste modo, foram criados contextos que representassem, por um lado, diferentes níveis de estatuto social — por exemplo, o colega tem um estatuto igual, mas o diretor da escola tem um estatuto socialmente mais elevado — e, por outro, diversos níveis de relações sociais — por exemplo, o pai ou as irmãs têm com o locutor diferentes relações de intimidade, enquanto o empregado da repartição das finanças representa o desconhecido. No leque dos interlocutores foram introduzidos igualmente premissas de número de intervenientes e de género, uma vez que estas determinam escolhas específicas, especialmente quanto ao género feminino (Antão & Almeida, 2021: 199).

Os diferentes cenários contemplavam as seguintes situações: atos de pedido numa loja, num jantar entre amigos, numa repartição de Finanças, numa Escola, na empresa com a Chefe ou com um funcionário subalterno; pedido a um canalizador ou a um Agente da PSP; oferta de boleia ou de ajuda às colegas de turma, à professora, à diretora da escola e a um desconhecido e atos de convite dirigidos a um chefe, a um colega da empresa, a uma pessoa próxima e da mesma idade. Estas diferentes situações de comunicação visavam (i) verificar se as alunas escolhiam o enunciado indireto, (ii) testar a seleção de fórmulas de delicadeza e de FT (como o uso de *você*) em função da relação hierárquica estabelecida entre elas e o/a interlocutor/a apresentado/a, (iii) equacionar a escolha da FT em função da maior ou menor diferença de idades que as interlocutoras estabeleciam, (iv) testar o uso das FT quando os interlocutores são do sexo masculino e quando são do sexo feminino (por

exemplo, na realização do convite a um(a) Chefe, a(o) Diretor(a) da Escola ou ao Presidente da Câmara Municipal).

## **4.2. Descrição, análise e discussão dos dados do *corpus* sobre delicadeza em contexto didático**

### **4.2.1. População e amostra: caracterização sociolinguística do grupo de estudantes em análise**

O perfil sociolinguístico do grupo de estudantes a quem foram administrados os inquéritos em 2019 é muito semelhante ao conjunto de alunas estudadas em 2023. Ambos os grupos são falantes de espanhol e valenciano, estudantes de PLNM da *Escuela Oficial de Idiomas* da Comunidade Valenciana, em Espanha. Este tipo de centros públicos espanhóis oferece um ensino oficial de línguas não obrigatório, em sistema de formação ao longo da vida. Apesar de os dois grupos sob análise frequentarem a mesma escola, o nível de escolarização do português foi diferente: enquanto a análise sobre a indelicadeza incidiu sobre estudantes de vários níveis, o presente estudo sobre a delicadeza teve por objeto de análise 22 aprendentes do nível B2, do ano letivo 2018/2019, do curso de Língua Portuguesa.

O inquérito sociolinguístico distribuído teve como objetivo último examinar os fatores que interagem na definição dos perfis sociolinguísticos da população escolar sob investigação. O questionário dividia-se em várias secções: dados biográficos e académicos do estudante e da família mais próxima; viagens e estadias no estrangeiro; número de línguas faladas e situações de uso; idade dos primeiros contactos e escolarização dessas línguas; nível de desempenho da cada língua; primeiros contactos com a língua portuguesa; prática do português fora da sala de aula; e ainda estadias em países lusófonos (Antão & Almeida, 2021: 198).

O grupo de estudantes apresentou um perfil sociolinguístico muito heterogéneo. A composição de diferentes variáveis é recorrente em turmas de pessoas adultas que aprendem PLNM, pelo que não devem ser ignoradas. A grande diversidade prende-se não só com os conhecimentos prévios em relação à língua-alvo, mas também com as características pessoais, como a idade. A faixa etária do grupo vai da juventude à terceira idade, sendo que a língua portuguesa surge numa fase mais tardia da sua formação, após o estudo de outras

línguas e diversas experiências em vários países. Os dados apontam para a diversidade dos trajetos de aprendizagem e práticas da língua.

Como referido anteriormente, de acordo com os estudos de Inês Sim-Sim (1998) sobre a aquisição da linguagem e as teorias de Paradis e Ullman, existe um consenso de que a idade de exposição da pessoa falante a outras línguas que não a primeira é um fator importante. Assinalaram-se os estudos de Paradis (2007) e de Ullman (2004) que explicam a facilidade das crianças para a aprendizagem de uma ou várias línguas mediante a existência de subsistemas de memória implícita. Com o tempo, estes tendem a perder a sua total capacidade, entrando em cena a existência de subsistemas de memória declarativa, que requerem esforço, estudo, repetição e mais tempo de assimilação, como é o caso do grupo em estudo. Na assimilação tardia de uma nova língua, a memória declarativa torna-se fundamental, com o conseguinte destaque da importância do trabalho na sala de aula (Antão & Almeida, 2021: 199).

Apesar da alargada faixa etária dos estudantes, trata-se de um grupo com pontos em comum: são falantes adultos, bilingues de espanhol e valenciano, para os quais a língua portuguesa aparece como terceira, quarta ou quinta LE. Comprovou-se a situação de diglossia vivida entre as duas línguas oficiais da região onde o grupo reside, o espanhol e o catalão/valenciano: só duas pessoas afirmaram serem bilingues de espanhol e valenciano e só três pessoas foram escolarizadas em valenciano em idades precoces.

As línguas disponíveis como parte do repertório da comunidade existem como recursos potenciais a partir dos quais se pode produzir e interpretar. De acordo com Llamas (2010: 121), em Espanha os procedimentos concebidos para lidar com a heterogeneidade linguística reforçam as normas sociais que privilegiam o domínio do espanhol sobre as línguas locais das comunidades autónomas. Na negação aos/às falantes de parte do capital social e os seus recursos, promove-se uma forma de cidadania incompleta. Para além das políticas implícitas, as estruturas ideológicas, que classificam algumas línguas como inferiores ou não plenamente capazes de participar na atividade cívica, negam aos/às falantes o direito de exercer uma cidadania plena. Nas palavras de Bourdieu (1984: 72), a relação linguística de poder nunca se define apenas pela relação entre as competências linguísticas de cada pessoa, mas sim pelo capital simbólico dos diferentes agentes sociais, isto é, pelo reconhecimento, institucionalizado ou não, que é socialmente auferido a cada código linguístico.

Surpreendeu a baixa autoconfiança que o grupo estudantil manifestou quanto à capacidade de compreensão e expressão do português, pois, apesar de se encontrarem escolarizados no nível B2, a maior parte considerou que o seu desempenho em português é de níveis inferiores. Este dado é um elemento de não somenos importância, uma vez que o corpo docente pode desenvolver estratégias no sentido de subir a autoestima do corpo docente no que concerne ao seu nível linguístico. Também é de destacar que as situações nas quais o grupo de aprendentes usa um maior número de línguas têm a ver com a leitura ou o manejo da internet. Talvez não seja despropositado projetar estratégias mediante as quais os/as estudantes desenvolvam o português nas situações em que mais línguas utilizam (Antão & Almeida, 2021: 199).

#### 4.3. Resultados da análise dos dados coletados sobre o estudo da delicadeza<sup>36</sup>

A análise do *corpus* e a interpretação dos dados revelou que as estudantes estão conscientes da importância do princípio de delicadeza no exercício da competência comunicativa. Foram registadas tentativas generalizadas de adequação das formas linguísticas à finalidade de cada ato discursivo e às características dos interlocutores.

À semelhança dos/das falantes nativos/as, foram usados atos indiretos em situações de maior formalidade e distanciamento entre as agentes da interação, quer por condicionantes de idade, quer por fatores relacionados com contactos profissionais.

Os distintos modos de atenuação da ordem, pedido ou oferta (orações interrogativas, verbos no presente do indicativo ou verbos modais, como *poder*) enquadraram-se na natureza negocial do ato da oferta, cujo mecanismo se processa amiúde mediante perguntas sobre os desejos do interlocutor, de modo a preparar o terreno para a realização do ato em causa, favorecendo-se uma menor ameaça para as faces de ambos os agentes da interação (Antão & Almeida, 2021: 201).

Nos enunciados do *corpus* recolhido, a dimensão volitiva aparece frequentemente mediante formas interrogativas (*queres...?*), orações condicionais que apresentam frases

---

<sup>36</sup> Uma completa leitura da descrição e discussão dos dados desta análise está disponível em Antão, M. A. C. (2019). *Contexto de aprendizagem da competência pragmática pelos falantes do português língua não materna em Valência, Espanha: contributos para uma análise das formas de tratamento e das estratégias de delicadeza em sequências de atos ilocutórios*. Lisboa: Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/8855>

hipotéticas com o futuro do conjuntivo (*se quiseres...*) ou o verbo *gostar* no condicional e/ou imperfeito de cortesia. Na adequação das formas à intenção comunicativa subjaz a intenção de testar a oportunidade ou pertinência do ato. Estas realizações vêm corroborar a teoria de Searle de incluir o ato da oferta nos atos comissivos e de o caracterizar como um ato ilocutório condicional, no qual existe uma participação ativa da parte da pessoa alocutária (Almeida, 1998: 164).

No ato do convite foi igualmente observada a situação de indireção na tentativa de proteção das faces locutoras. Na preparação do ato, realizaram-se perguntas sobre os desejos do/da interlocutor/a (*já têm planos...?*), muitas vezes também na forma negativa (*não querem vir...?*). Estas sequências prévias minimizam o constrangimento que o/a alocutário/a pode sentir na realização do enunciado preferido do ato de convite: a aceitação.

Diferentes estratégias foram usadas tendo em conta a adequação do discurso aos diversos interlocutores: comparativamente com a interação com os colegas, as estudantes forneceram um maior conjunto de detalhes na comunicação com a professora e a diretora. A necessidade de se acrescentar informação para contextualizar e justificar a invasão do território do outro, em situações de maior distância relacional, contribui para proteger ambas as faces e o equilíbrio conversacional. Esta preocupação argumentativa revela que o corpo discente está consciente do tipo de constrangimento que pode estar a provocar mediante o ato ilocutivo do convite, podendo ser, portanto, considerada uma estratégia de delicadeza.

Nalgumas circunstâncias informais (*whatsapp* e convite de anos), aparece o verbo *combinar* com sentido volitivo, o que denota que as estudantes parecem não dominar completamente as subtilezas deste verbo, embora o usem corretamente como estratégia de apelo ao consenso (*tá combinado?*). Outros marcadores de atenuação do ato injuntivo foram detetados em situações informais como o uso da partícula modal *vá lá*, que nos remete para um registo oral. O imperativo formal foi usado uma única vez (*acompanhe-nos*) no convite de casamento, no entanto, apareceu várias vezes no convite mais informal (*venham/não faltes*), corroborando a maior proximidade entre os interlocutores e menor necessidade de mecanismos de proteção das faces em relações mais íntimas (Antão & Almeida, 2021: 202).

O grupo de estudantes reconhece os diferentes graus de familiaridade e manifesta a tendência para a total informalidade entre amigos, como é habitual na sua cultura de origem: a espanhola. Para iniciar a tomada de vez, sabe utilizar ou reconhece o papel dos pré-atos como os cumprimentos ou *Olhe, desculpe* (embora aqui pareça haver uma confusão com a

palavra espanhola *oye*<sup>37</sup>), sabendo optar pela forma mais formal, a que apresenta a FT *Sra. Dra.*, com um pedido de desculpa, quando é oportuno. Reconhecem igualmente as marcas de informalidade não adequadas para uma situação formal (*ó pá/desculpa lá*), embora a primeira expressão tenha evidenciado algum desajuste de uso, mesmo em situações informais e de grande proximidade. Isto prova que algumas alunas têm contacto com falantes nativos, tendo assimilado algumas muletas linguísticas, que por vezes não sabem moldar à situação concreta, como por exemplo na expressão usada a modo de cumprimento, verificada no contexto do ato do convite: *ó pá! venham a minha festa de aniversário*.

No que diz respeito às FT, no grupo de falantes de português como L1, a discrepância na escolha de estruturas a utilizar foi mais acentuada. Para o tratamento alocutivo, foram usados tanto o pronome pessoal *você*, como o nome próprio da interlocutora. Não obstante a relação profissional instituída de inferior para superior hierárquico, o pronome *você* poderá ocorrer se os/as locutores/as já se conhecem e se existir um certo grau de familiaridade entre eles/elas. Dá-se a mesma situação na escolha do nome próprio: poder-se-á optar por este, se a relação profissional não for muito distante ou as interlocutores/as, que já se conhecem, pertencerem à mesma categoria profissional. Por outro lado, os/as estudantes, conscientes de que em Portugal se usa o tratamento formal e não informal, em ambientes profissionais, optaram maioritariamente pelo pronome *você*, deixando entrever que não dominam as subtilezas deste pronome.

O género feminino ou masculino é um condicionante a ter em consideração aquando da escolha da FT (Carreira, 2004). É de destacar o facto de as falantes de português como L1 terem divergido quanto à fórmula usada com um interlocutor feminino, a diretora da escola: o termo *dona* apareceu ora com o nome, ora com o apelido, tendo também sido escolhido somente o nome próprio. Perante estes resultados, não surpreende que o grupo de estudantes tenha sentido alguma hesitação face à complexidade de FT existentes para o interlocutor do sexo feminino. Este grupo apresentou uma grande disparidade de respostas, inclusive alguns recorreram ao pronome *você*, demonstrando, uma vez mais a difícil compreensão da adequação deste último ao contexto. Na relação com a professora, metade das alunas recorreu ao tratamento formal e a outra metade ao tratamento por *tu*, ao contrário das falantes de português de L1 que usaram o tratamento formal. Estes dados mostram que

---

<sup>37</sup> Imperativo coloquial da segunda pessoa do verbo *oír* usado para chamar a atenção de alguém.

os/as estudantes sentem uma dificuldade acrescida, quando a relação com a locutora é mais ambígua ou distante.

Mediante os exercícios apresentados, foi comprovada a necessidade de os contextos de aprendizagem irem ao encontro do conhecimento mútuo ou intersubjetividade dos/das estudantes, de modo a que estes/as possam aprender a interagir em contextos específicos de uso. Na oferta de boleia a um desconhecido, seis alunas declararam não saber o que responder, uma vez que não costumam experienciar esta situação: dar boleia a desconhecidos.

A análise das informações fornecidas no *corpus* provou a necessidade de reforço das habilidades sociolinguísticas das estudantes, na aula de PLNM, de modo a favorecer uma melhor avaliação da situação com quem se interage. Questões diferenciadoras como a relação social, idade, sexo, estatuto profissional ou social parecem estar ainda fortemente enraizadas na sociedade portuguesa. Por outro lado, também não se aconselha a obviar a diversidade do uso das FT nas variantes de Português Europeu (PE) e Português do Brasil (PB), dado que muitas alunas seguem esta última vertente, estudando o seu uso diferenciado em PE (Duarte 2010: 136).

O questionário revelou alguns dados inesperados como a baixa autoconfiança do grupo discente quanto à proficiência do português. Apesar de se encontrarem escolarizados no nível B2, a maior parte considerou que o seu desempenho em português é de níveis inferiores. Talvez este facto não seja um dado de somenos importância. As estratégias desenvolvidas na sala de aula poderão vir a contemplar a plena autoestima dos novos falantes de PLNM.

Concluindo, verificou-se um desempenho positivo das estudantes quanto à indireção como forma de delicadeza, ou à realização de processos de atenuação dos atos diretivos. Não obstante, de modo a acelerar o desenvolvimento e potenciar as habilidades discentes, o trabalho, na sala de aula, poderá incidir sobre os seguintes aspetos: a complexidade das FT em PE; a adequação ao registo, pois foram vários os vestígios do registo oral que persistem em situações mais formais; as particularidades de certas formas, como o uso do pretérito imperfeito do conjuntivo com valor de proposta (“E se fôssemos...”), o pronome mesoclítico em PE ou o verbo “combinar” que aparece com o sentido volitivo de “querer combinar”. Destaca-se a importância da factibilidade e realismo dos exercícios

propostos, de modo que as estudantes se possam imaginar na posição das interlocutoras dos exercícios propostos.

Por último, recordam-se os conselhos de procedimento didático sintetizados por Isabel Margarida Duarte (2010: 144): exposição da turma a *inputs* linguísticos variados que sirvam de objeto de observação e descrição de dados, sob orientação do/da docente (literatura, imprensa, filmes, programas de televisão e de rádio); formulação de regras, regularidades ou tendências; explicação dos diferentes usos e respetivos contextos; resolução de exercícios de escolha múltipla e de jogos de simulação e desempenho de diferentes papéis sociais, em diversas situações, com diferentes intenções e formas de tratamento.

## 5. Estudo 2: A indelicadeza nas redes sociais



*"On the Internet, nobody knows you're a dog."*

*The New Yorker* (Peter Steiner, 1993)

### 5.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição dos *corpora*

As interações em linha podem impactar o capital social das pessoas que participam nas redes sociais. De acordo com Bourdieu (1989), o capital social não visa unicamente as conexões que um indivíduo tem, mas a capacidade de este convocar essas conexões para obter benefícios. Nas práticas discursivas dos *corpora* foram estudadas as estratégias discursivas responsáveis pela diminuição do capital social das pessoas participantes.

Os ambientes virtuais são espaços em que diferentes formas de violência se materializam discursivamente. A distância física e a sensação de anonimato produzida pelos

avatars utilizados proporcionam uma maior quebra do contrato social, juntamente com uma sensação de impunidade por parte das pessoas participantes. Estas circunstâncias podem ajudar a explicar, em parte, a grande quantidade de atos ameaçadores da face do Outro, comumente observada nas redes sociais. Deste modo, foi possível estudar o modo como se configuram as identidades discursivas (Antaki & Widdicombe, 1998) dos/das participantes virtuais no contexto da indelicadeza, e por conseguinte, a constituição do capital social (Bourdieu, 1989), tendo por base os estudos de Susan Herring (1993, 2003) e Jonathan Culpeper (1996, 2011, 2013) sobre a violência verbal. As relações de poder tecidas em ambientes digitais, entre homens e mulheres, foram estudadas pela primeira autora, enquanto o segundo autor analisou e categorizou as estratégias de indelicadeza que geram atos performativos de ofensa. A análise dos eixos identitários na configuração dos discursos permitiu observar as relações de poder ou submissão geradas entre os intervenientes no discurso. Estas relações reforçam estruturas sociais de opressão como o racismo, o machismo ou o classismo, entre outras formas de discriminação.

Inicialmente a internet aparece como a esperança de um espaço democrático no qual cada sujeito se via livre de distinções tradicionais de estatuto social ou género e se criavam oportunidades de igualdade para uma comunicação mais horizontal. Não obstante esta expectativa, Herring (2003: 6) afirma que as interações virtuais não são necessariamente democráticas, porque a disparidade de género persiste nesse meio anónimo. Uma das razões que atribui a este facto é a de o género estar presente na linguagem, em sintonia com o conceito de *habitus* de Bourdieu. Verifica-se, assim, que a análise do discurso pode fornecer informações sobre fenómenos não-linguísticos.

O debate sobre se determinados comportamentos se relacionavam mais com utilizadores do sexo feminino ou masculino motivou, igualmente, o interesse desta análise. Como afirmou Herring (2003: 20), seria necessário verificar se as diferenças tradicionais de género seriam transportadas para o mundo virtual, mantendo-se os estereótipos de género, nos quais as mulheres seriam mais propensas a apelar ao consenso, a ser menos violentas ou a usar menos palavrões, por exemplo. Ou, se, pelo contrário, tal como propõe a linguística da terceira onda do feminismo (autoras como Judith Butler ou Mary Bucholtz), deveria verificar-se se era possível analisar o uso da linguagem de mulheres e homens, sem assumir que o género é fundamental, uma vez que as mulheres não constituem um grupo homogéneo e apresentam diversidade no seu discurso.

A primeira parte da presente análise sociopragmática focou interações de utilizadores/as da rede social Facebook. Desejou-se verificar como os/as interlocutores/as virtuais realizavam atos do discurso com diversos valores ilocutórios aquando da gestão do trabalho de figuração e a respetiva correlação com a construção das identidades discursivas nas interações em apreço. Com estas observações quis-se estudar, como objetivo último, como a indelicadeza é *lexicalizada* em contexto virtual e as respetivas repercussões no capital social dos indivíduos envolvidos (Bourdieu, 1989).

Para a análise dos *corpora* retirados das redes sociais, foram colocadas as seguintes perguntas de partida: (i) Como se processa a qualificação negativa e a “retórica do denegrir” (Almeida, 2013) em comentários específicos de publicações de Facebook, tratando-se de uma interação agonial com uma dimensão enunciativa heterogénea de polidestinação (a comunidade de utilizadores/as da rede social e uma terceira pessoa, a autora das publicações)? (ii) Que estratégias de indelicadeza sistematizadas por Culpeper (1996) são mais recorrentes? (iii) Que atos ilocutórios ocorrem nestas sequências de tom polémico? (iv) Existem padrões capazes de indicar a presença do género masculino e feminino nas interações? (v) Como é lexicalizada a indelicadeza relativamente às características inerentes ao contexto virtual? (vi) De que forma as estratégias discursivas de desqualificação do Outro contribuem para a constituição de uma construção identitária? (vii) Existe uma regularidade, isto é, uma sequencialidade prototípica dos atos ilocutórios que conduzam a uma interpretação dos atos do discurso como indelicados ou violentos? (viii) Quais são as pistas de contextualização ou alinhamentos (*footing*) dos interlocutores virtuais?

Para ilustrar e explicar as categorias encontradas, são apresentados exemplos dos enunciados analisados. Estes exemplos selecionados tiveram em conta o equilíbrio entre a privacidade dos/das utilizadores/as e a utilidade dos dados analíticos. O conjunto de internautas não parece necessariamente interessado em esconder as informações pessoais: são expostos nomes próprios ou nomes que apontam, claramente, para um género masculino ou feminino (nenhum nome apareceu como neutro). De modo a impossibilitar a identificação deste grupo foram retiradas as informações pessoais relativas aos seus avatares virtuais. O estudo, predominantemente qualitativo, recolheu os comentários públicos disponibilizados na plataforma. Será conveniente indicar que, apesar de ter sido detetado um grande número de comentários agressivos, as páginas de Facebook em análise reservam-se o direito de remover comentários que promovam o discurso de ódio e que tenham difamações, calúnias,

injúrias ou ataques pessoais. Além disso, a própria plataforma conta igualmente com métodos de censura dos ditos ataques. Para a formação do objeto de estudo foram constituídos três *corpora* da tipologia textual do *comentário* de *postagens/intervenções* da rede social do Facebook na sequência de postagens de três perfis diferenciados. As primeiras postagens que deram origem a sequências (*thread*) de comentários provinham do perfil de uma figura pública, a deputada independente luso-guineense Joacine Katar Moreira. Uma postagem descrevia as homenagens realizadas ao cônsul Aristides de Sousa Mendes, e uma outra publicação elogiava o facto de a rede social Facebook ter removido um grupo de apologistas da discriminação racial e do fascismo, relacionados com o partido português de extrema-direita “Chega”.

A segunda postagem, que possibilitou a formação do segundo *corpus*, procedia de uma crónica do jornal Público que abordava a polémica gerada pelo cantor português, de ascendência cabo-verdiana, Dino d’Santiago, que, no âmbito de uma conferência intitulada “Deixar o Mundo Melhor” afirmara que gostava de ver o hino nacional português atualizado. Os comentários virtuais constituintes do terceiro *corpus* procediam igualmente da postagem de um artigo do jornal *Público*, mas apresentava uma temática diferente, a experiência de uma família que segue uma dieta vegana.

Como recurso metodológico, foi utilizado o *software* Atlas T.I. Este programa de abordagem qualitativa permitiu analisar, organizar e apresentar uma grande quantidade de comentários através da codificação de segmentos de texto.

Os códigos foram introduzidos mediante as seguintes etiquetas e subetiquetas: feminino ou masculino; estratégias de indelicadeza direta (*bald-on-record*), negativa, *positiva*, *off-record* e reprimida (*withhold*); atos discursivos assertivos, compromissivos, diretivos e expressivos; argumentação e contra-argumento; citação com indicação de referências externas; uso de emojis; exclamações e indignações; ironia e humor; referência a identidades de grupo; falsos esquemas mentais; interjeições; lamento; justificação, sarcasmo, sugestão e moderação.

## 5.2. Descrição, análise e discussão dos dados dos *corpora* sobre indelicadeza nas redes sociais

### 5.2.1. *Corpus* da publicação de Joacine Katar Moreira

O *corpus* em análise foi constituído por comentários em Português Europeu realizados na sequência de postagens da deputada independente luso-guineense Joacine Katar Moreira na rede social do Facebook. Foram recolhidas postagens do perfil de J. K. Moreira e os respetivos comentários do dia 19 de abril<sup>38</sup> e 12 de agosto de 2021<sup>39</sup> (Antão & Almeida, 2021: 158).

No total, foram analisados 207 comentários de duas postagens/intervenções da autora do perfil: uma publicação destacada de 19 de julho de 2021 que celebrava o ato de concessão de honras a Aristides de Sousa Mendes, côsul português em Bordéus, em 1940, que terá desafiado as ordens do Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, ao conceder milhares de vistos a refugiados que fugiam da Alemanha Nazi; uma segunda publicação de 12 de agosto de 2021 que elogiava a notícia de o Facebook ter removido um grupo de apologistas da discriminação racial e do fascismo, relacionado com o partido português de extrema-direita “Chega”.

Dadas as características da identidade da mulher com cargo político sobre a qual se tecem os comentários, (“mulher, *negra* e *gaga*”), constatou-se que esta construção identitária (Herring *et al.* 2002) desencadeou a realização de um discurso polémico por parte de alguns/algumas internautas. Este tipo de discurso apresenta a ocorrência de atos de fala ofensivos através dos quais se ataca a identidade da “imagem construída no discurso” (Amossy, 1999) de Joacine Katar Moreira, com recurso, maioritariamente, a preconceitos racistas ou machistas que favorecem a constituição de grupos opostos na sociedade.

Com efeito, regularmente, nos comentários de publicações de perfis de figuras públicas polémicas, ocorrem qualificações pejorativas. Os internautas visam, de um modo geral, com os seus comentários, desvalorizar e deslegitimar as opiniões contrárias às suas. Concomitantemente, nas interações discursivas, reforça-se a ideia de configuração de grupos opostos, para os quais se expressa um sentimento ora de pertença, ora de afastamento. O conflito coconstruído que se desdobra em múltiplas vozes no discurso (“polílogo”) não está

---

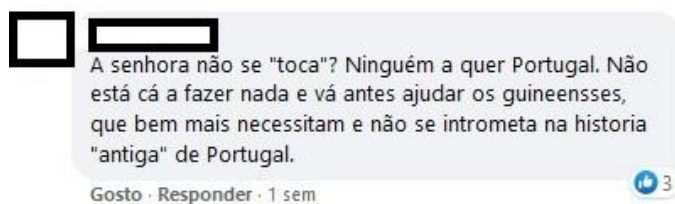
<sup>38</sup>[https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/3944323965696340?paipv=0&eav=AfZkm4454vE-%20bk40e9WkDG\\_9stLcUEFKZiNSwLn2F77yKYCjuYo-fWICaqIt1QKB5jibw&\\_rdr](https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/3944323965696340?paipv=0&eav=AfZkm4454vE-%20bk40e9WkDG_9stLcUEFKZiNSwLn2F77yKYCjuYo-fWICaqIt1QKB5jibw&_rdr)

<sup>39</sup><https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/4016693968459339>

dado como terminado, podendo ser retomado em qualquer momento (Antão & Almeida, 2021: 151).

No contexto específico das interações virtuais em apreço, foi observado como o trabalho de figuração se insere numa fricção de vozes criadora de uma dimensão enunciativa heterogénea. As/os participantes intervêm ou em resposta à postagem inicial, ou em resposta a comentários de outros participantes, ou ainda em resposta a ambos. Dirigem-se a vários interlocutores e referem-se a terceiros, alternando ao longo das intervenções entre as modalidades alocutiva e delocutiva. Depois das suas intervenções, que costumam ser únicas ou até três participações, os/as internautas retiram-se da interação de forma abrupta, sendo a forma de rescisão social mais perturbadora (BouFranch & Blitvich, 2014). As estratégias discursivas usadas parecem ter como objetivo a inserção do/a locutor/a em grupos ideológicos ou étnicos que se posicionam como antagonistas a outros referidos no discurso, como se pode ver na seguinte intervenção.

(1)



O exemplo apresentado é uma reação inicial à postagem da Joacine sobre Aristides Sousa Mendes. A locutora constrói a representação de dois grupos, o dos portugueses e o dos guineenses, com o objetivo de inserir o alocutário deste discurso (a autora da postagem) no segundo grupo e de atacar diretamente a sua face, usando estratégias de indelicadeza *off-record*, como a pergunta retórica “A senhora não se ‘toca’?” e realizando estratégias de indelicadeza negativa de forte ameaça do território do alocutário através da produção de atos ilocutórios assertivos com valor axiológico negativo nos quais afirma que “Ninguém a quer em Portugal” e que “não está cá a fazer nada”. Nos atos diretivos diretos de ordem como “vá antes ajudar os guineenses” e “não se intrometa”, não recorre a nenhum mitigador discursivo que pudesse suavizar o caráter agressivo do ato, usando uma estratégia de indelicadeza *bold-on-record*. Verificamos que as estratégias específicas de ameaça da face são reforçadas (marcadas) ao serem usados mecanismos retóricos do insulto como as perguntas retóricas

(indelicadeza *off-record*) anteriormente referenciadas e as afirmações sarcásticas como “... que bem mais necessitam”.

Observe-se, de seguida, as intervenções que se sucedem ao primeiro enunciado analisado:

(2)

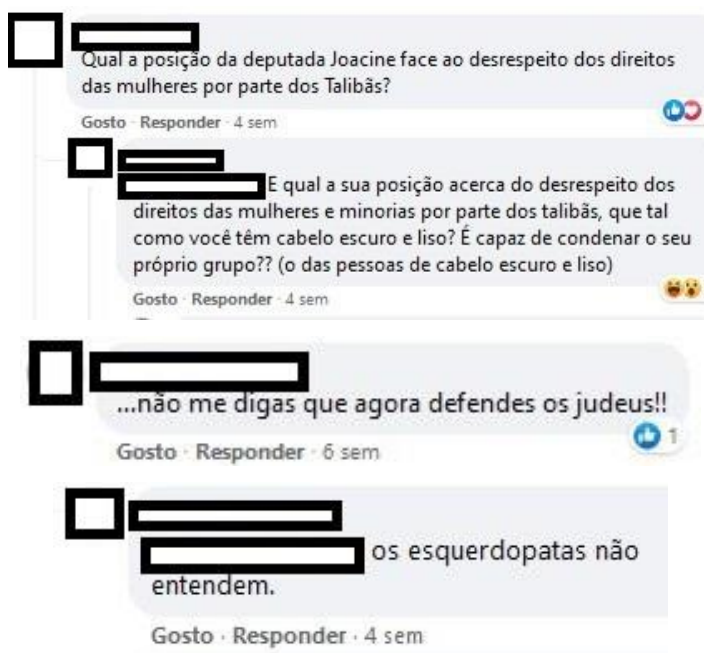


No seguimento das primeiras reações, o tratamento allocutivo dirigido à autora da postagem dá lugar a um outro diálogo entre dois/duas internautas. A dinâmica de “discussão em praça pública” na qual umas vozes geram outras e incluem diferentes participantes é uma constante observada no *corpus* em análise. Continua-se com a estratégia de pertença ou afastamento de grupos específicos: desta vez, “os comunistas” e “os simpatizantes de Salazar”. A referência ao estadista aparece várias vezes, postulando uma posição ideológica que se opõe aos “comunistas”. O recurso à ironia (“ainda bem que...”, “uma maravilha de país”) exagera o dito e ridiculariza o grupo em ataque, numa estratégia de indelicadeza *off-record*. Nos aspetos semânticos e pragmáticos das intervenções, reconhece-se a intenção comunicativa de insultar (indelicadeza *bald-on-record*) e desprestigiar a imagem da adversária e dos grupos que se lhe associam: guineenses e comunistas.

O contexto da interface na qual a comunicação se gera poderá favorecer o facto de, ao longo das intervenções, apesar de os temas se irem diversificando, a qualquer momento se poderem retomar temas anteriores. Os comentários que são visíveis são os que obtêm mais interações ou apoios (por meio de *emojis*), ficando os outros elididos da visualização inicial.

Observem-se estes outros exemplos que ocorrem numa intervenção mais tardia:

(3)



No conjunto de intervenções apresentadas em (3), verifica-se que se repete a estratégia de formação de grupos, agora incluindo novos elementos como os “Talibãs”. O uso de uma pergunta retórica “é capaz de condenar o seu próprio grupo?” realiza a especificação do grupo ao qual este/a locutor/a se refere: “o das pessoas de cabelo escuro e liso”. Como forma de ridicularizar esta posição, um/a outro/a internauta faz uma ilusão irónica ao grupo dos judeus - “...não me digas que agora defendes os judeus!!”- e outro refere-se aos “esquerdopatas”. Estes dois atos assertivos servem de ataque indireto à identidade construída no discurso da primeira interveniente e alicerçam-se em estereótipos que conformam o *ethos* do auditório.

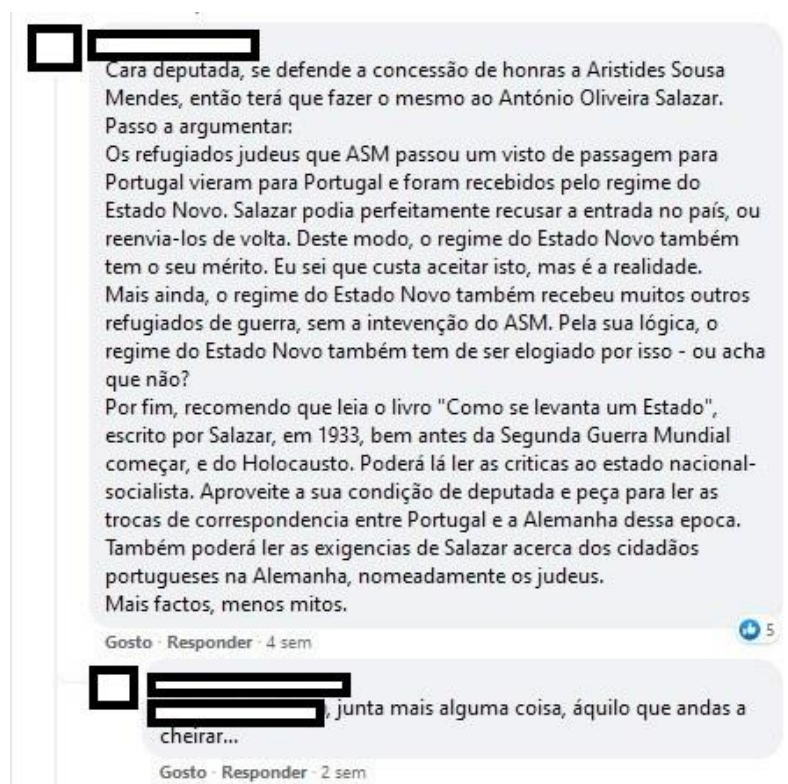
Constata-se igualmente que os insultos nem sempre têm a realização de réplicas por parte dos seus alocutários que permitisse demonstrar a sua interpretação. É o conhecimento partilhado que proporciona a interpretação de mecanismos retóricos como a ironia ou os atos indiretos. Nos 207 comentários estudados, somente foi encontrada uma réplica por parte da detentora do perfil em análise, estando esta maioritariamente em silêncio. A ausência de interações favorece a defesa da sua face negativa, pois priva os participantes da garantia de a sua mensagem ter chegado ao destino. Não obstante, e devido à discussão ser pública, o discurso polémico continua sem a necessidade da intervenção da autora da postagem inicial.

Ao longo do desenvolvimento das interações, os/as destinatários/as dos atos de ataque à sua face ora optam pelo silêncio, ora por dar uma resposta de acordo ou desacordo (Angouri & Tseliga, 2010). Neste caso, fazem-no argumentando de maneira defensiva ou ofensiva com indelicadeza recíproca. Na maior parte dos casos observados, os participantes não chegam a um acordo, o que pode ser uma situação facilitada pela natureza da comunicação *online* que possibilita intervenções curtas e finais abruptas.

A gestão do discurso argumentativo estabelece-se com base na doxa do auditório e facilita a associação de valores morais a um *ethos* de carácter humanista que, valorizando a face do/a locutor/a, viabiliza a diabolização do Outro. Ao longo das interações, os ataques pessoais (por exemplo, “ignorante burra”, ou quando, ironicamente, se ataca a deputada de se drogar “áquilo que andas a cheirar”) alternam com sequências de justificação que funcionam como estratégias discursivas de intensificação da ameaça.

Atente-se nas seguintes intervenções:

(4)



Na interação apresentada em (4), o locutor, do sexo masculino, realiza vários atos diretivos de apelo e de conselho. Por meio de uma oração condicional (“se defende a

concessão de honras...”), aconselha a destinatária deste discurso (alocutário), que é a deputada, a fazer o mesmo ao estadista português (“terá de fazer o mesmo ao António Oliveira Salazar”). Os argumentos são expostos para depois, num ato diretivo de ordem, lhe recomendar a leitura de um livro: “leia”, “aproveite”. Num ato assertivo de quem é conhecedor dos factos, termina com o argumento final ameaçador da face positiva do alocutário do sexo feminino ao referir que esta apresenta um discurso sem provas: “Mais factos, menos mitos”. Neste antagonismo, os argumentos giram em torno dos eixos semântico-pragmáticos da objetividade *vs* subjetividade.

O formato dos comentários analisados tende a seguir um tom coloquial, muito próximo da oralidade, com a deteção da irrupção de aberturas e de fechos com despedidas abruptas e a ocorrência de ‘perguntas-tag’ (“ou acha que não?”), aspetos característicos não só da rapidez e do carácter imediato deste discurso coloquial, mas também do comportamento marcado negativamente. Não obstante estes aspetos coloquiais e ameaçadores das faces do/a alocutário/a, por vezes, foram encontradas aberturas mais formais que pretendem atribuir à intervenção uma maior seriedade (“Cara deputada”) e que são imediatamente seguidos de estruturas próprias do discurso informal, que amplificam a avaliação axiológica negativa do alocutário.

No início das intervenções, o uso de formas de tratamento formais (nomes próprios, “o senhor”, “a senhora”, “cara deputada”) ou os atos de desculpa (“Desculpe a minha ignorância”) funcionam como pré-sequências de preparação dos atos que se realizam seguidamente. Terkourafi (2008) refere-se a estas realizações linguísticas em contextos específicos de uso como *frames* ou esquemas mentais. Estes criam expectativas no ouvinte e antecipam os atos posteriores (Culpeper, 2010). Porém, nos exemplos analisados, a função destas sequências de abertura mais formais parece ser a de intensificar a violência verbal, pois as expectativas são quebradas, denotando-se o recurso à ironia. Este tipo de sequências será aqui chamado de *esquemas mentais falsos*, pois criam falsas expectativas na interação.

Como resposta à intervenção acima referida, outro/a internauta, numa estratégia de indelicadeza *bald-on-record*, formula um insulto com a sugestão de a outra pessoa juntar “mais alguma coisa, áquilo que [anda] a cheirar”, para indiretamente insinuar a ingestão de drogas e, assim, atacar, simultaneamente, a face positiva (o valor social de ser bem-visto) e negativa (o território) do alocutário.

Ao serviço do ritual do insulto, foram estudados diversos atos expressivos, nos quais os/as locutores/as expressam as suas opiniões e emoções face ao estado de coisas, representado pelo conteúdo proposicional produzido em segmentos como “a mim causas me repulsa”, “tenho nojo dr racistas”, ou com o uso da ironia em “Boa notícia era tu desapareceres de cá”. Estes atos estão presentes ora sob a forma de *emojis* com a expressão de uma emoção de apoio ou indignação, ora em atos discursivos nos quais pode aparecer ou não o verbo introdutório do ato, como é o caso do lamento (“Só lamento...”, “que tristeza”, “não sei se sinta pena de ti, ou se apenas nojo!”). O advérbio focalizador inclusivo “até” contribui para o aumento do lamento ao serviço do insulto: “até dá dó”. Proliferam os atos que desqualificam o alocutário, em estratégias de indelicadeza positiva e negativa (“sua racista”, “metes nojo”, “não dás uma para a caixa”, “a Sra é uma ignorante burra”), com recurso a insultos e palavrões (“Que vão todos para a “culpa que os pariu”), expressões deícticas com valor genérico pejorativo e com lapsos de escrita frequentes na rede social (“áquilo”), interjeições (“ora bolas!”), e asserções modais no domínio do incerto (“deves ter imensas queixas mais vindas de parasitas que te chulam”, “o perfil deve ser falso”), nas quais se produz um distanciamento por parte do locutor.

A criatividade verbal, no *corpus* analisado, parece estar ao serviço da descredibilização do Outro, numa atitude que parece apontar para algum grau de entretenimento à custa do conflito. Por um lado, as comparações com animais são frequentes no sentido de desvalorizar a face da deputada (“ladrou?”, “cortaram-te o pio”), constituindo uma violência verbal (Charaudeau, 2019: 4) que fere psicologicamente a interlocutora. Por outro lado, a ironia é recorrente nas interações. Este mecanismo retórico pretende romper com a banalidade de uma qualificação pejorativa (“E muito sinceramente não percebo o porquê dessa sua azia”) e adotar um procedimento de exagero (“tu vê lá vais gastar as reticências todas à malta”) no qual o locutor finge aderir a uma opinião (Almeida, 2013: 67), como se pode ver no seguinte exemplo:

(5)



Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque. Em todo o *corpus* em análise, somente uma vez, uma internauta optou por adotar o papel de mediadora, em atos diretivos de apelo à concórdia (“vamos lá pessoal não se ofendam”), passando para a argumentação mediante atos justificativos (“é porque assim o entendeu”) e finalizando com a despedida “saúde” numa estratégia de delicadeza positiva.

(6)



Como foi referido, neste estudo, a existência de fórmulas convencionais de indelicadeza não garante que a interação seja avaliada como indelicada. Não obstante, foram observados fortes indícios de indelicadeza em estratégias micro (discurso) e macro (social). Em relação às primeiras, foi detetada uma estrutura na qual à provocação indelicada lhe sucede uma reação de indelicadeza, assim como a presença de determinados dispositivos linguísticos. Em relação às segundas, será necessário ter em conta os aspetos históricos e ideológicos associados à discussão. A estrutura de provocação-reação apresenta uma série de fórmulas da indelicadeza associadas a posições ideológicas antagónicas.

A análise aqui realizada, e tendo em conta os contextos micro e macro, permite classificar de indelicadas as seguintes fórmulas: (i) o uso das formas de tratamento “tu” e “você”, com menção explícita dos pronomes pessoais: “Racismo faz VOCÊ ao estar sempre a superiorizar os negros”; (ii) o advérbio focalizador “até” que contribui para o aumento do ato do insulto: “até dá dó”; (iii) referências negativas em insultos e críticas acentuadas: “São uns farsantes!”, “Você não sabe dizer nada de jeito, esteja calada“, “Esta mulher é completamente ignorante” (com a inclusão de emojis de riso), “Que ignorância”, “A sra é uma ignorante burra“, “Metes nojo“, “Sua racista“, “És um lixo“, “Que nojo“, “O maior da aldeia dos burros“, “Sabichão”, “Gado petista”, “Cão vagaroso mental”, “Não dás uma para a caixa”, “O atrasado”, “Meu burro”; (iv) a construção de duas identidades sociais: “está cá a fazer nada, vá antes ajudar os guineenses”, “não se intrometa”, “Na sua terra natal...”, “Usaste a minha nacionalidade e agora está a cuspir o prato que comeu”, “Más também não era comunista... Podes ter a certeza absoluta!!”.

Em suma, no *corpus* analisado foi verificada uma regularidade da indelicadeza em atos de fala assertivos, diretivos e expressivos e em sequências justificativas, próprias de um texto argumentativo. A interface comunicacional usada (a rede social num dispositivo eletrónico) e a polifonia própria dos ambientes digitais não favorecem a existência de pré-atos de cumprimentos ou despedidas do ato comunicativo. As intervenções são curtas e diretas, próprias de um discurso espontâneo, próximo da oralidade, com frequentes estratégias de indelicadeza *bold-on-record*. A encenação do discurso recorre, regularmente, ao uso de mecanismos retóricos como a ironia ou as perguntas retóricas que contribuem para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do outro (indelicadeza *off-record*). Do mesmo modo, sequencialmente, são abundantes os *esquemas mentais falsos*, porque o tom formal que, por vezes, parece iniciar algum comentário, passa imediatamente para uma linguagem informal com ataques verbais (Antão & Almeida, 2021: 166).

### 5.2.2. *Corpus* da publicação do Jornal *Público* sobre proposta de alteração do hino nacional

O *corpus* em análise é constituído por *comentários* em Português Europeu à postagem<sup>40</sup> na rede social Facebook da crónica do jornal *Público* “Alterar o hino nacional? Não concordo”<sup>41</sup>, da jornalista Estefânia Barroso, do dia 9 de janeiro de 2023. A crónica aborda a polémica gerada pelo cantor português, de ascendência cabo-verdiana, Dino d’Santiago, que, no âmbito de uma conferência intitulada “Deixar o Mundo Melhor” afirmou que gostava de ver o hino nacional português atualizado. O artista defendeu a sua posição alegando estarem as características bélicas do hino português já muito distantes da cosmovisão da sociedade portuguesa contemporânea. A postagem gerou 280 comentários e 23 partilhas.

O trabalho de figuração, observado na constituição da amostra, insere-se numa fricção de vozes responsável pela composição de uma dimensão enunciativa heterogénea. Não é a ação da postagem inicial que provoca o conflito, mas sim as reações. Os/as participantes comentam o artigo da postagem inicial e/ou respondem a comentários de outros participantes. Dirigem-se a vários interlocutores e referem-se a terceiros, alternando ao longo das intervenções entre as modalidades alocutiva e delocutiva, recorrendo a estratégias de distanciamento e/ou mitigação que incidem na ilocução. As intervenções dos internautas aparecem, geralmente, como únicas ou podem ir até quatro ou cinco participações, quando, num tom de polémica e debate, criam uma sequência (*thread*) com os outros participantes. Foi observado uma sequência de 12 intervenções entre duas internautas que se apresentam como femininas e 15 participações alocutivas entre três intervenientes, dois com nome masculino e uma com nome feminino. Geralmente, os internautas não chegam a um acordo, sendo a sua retirada feita de forma abrupta, o que, de acordo com Bou-Franch & Blitvich (2014), é a forma de rescisão social mais perturbadora. A natureza da comunicação *online* parece favorecer este tipo de intervenções curtas e finais abruptos.

De acordo com os avatares proporcionados pelos participantes, foram contabilizadas 137 intervenções com um nome feminino e 109 com nome masculino, perfazendo um total de 246 contribuições, como se pode ver na tabela 2.

---

<sup>40</sup><https://www.facebook.com/search/posts/?q=alterar%20o%20hino%20nacional%2C%20n%C3%A3o%20concordo>

<sup>41</sup><https://www.publico.pt/2023/01/09/p3/cronica/alterar-hino-nacional-nao-concordo-2034334?fbclid=IwAR1HDxNwlzD3M8u3CicGBo66nRzRXxrAlQQ9RCBkwZzw7q6v7SAzLvNmqec>

	Feminino (137)	Masculino (109)	Total (246)
<b>Atos expressivos</b>	61	42	103
<b>Identidades de grupo</b>	32	21	53
<b>Indelicadeza <i>off-record</i></b>	40	50	90
<b>Ironia</b>	17	26	43

Tabela 2. Atos presentes em comentários ofensivos

Das estratégias de indelicadeza categorizadas por Culpeper (1996), foi detetado um maior uso da indelicadeza *off-record*, com um total de 90 casos. Os atos performativos de ofensa detetados neste conjunto foram, maioritariamente, atos expressivos e, como se verá mais adiante, atos diretivos (cf. tabela 3). Foi mais frequente o uso da ironia, assim como a referência à identidade de grupo. Elementos identificados com o género feminino recorreram 40 vezes às estratégias de indelicadeza *off-record*, enquanto os elementos masculinos tiveram uma incidência de 50 participações de indelicadeza. O recurso à ironia foi usado maioritariamente pelos internautas que se apresentaram como homens (26), tendo as mulheres invocado esta figura retórica 17 vezes. Estas, pelo contrário usaram a referência à identidade de grupo 32 vezes, enquanto no grupo masculino, foi observado uma menor incidência (21). No total, foi observado um recurso maioritário aos atos de fala expressivos, num total de 103 atos, a grande maior parte executado pelo grupo feminino (61).



O contexto da postagem da crónica do jornal *Público* sobre a proposta de alteração do hino nacional favorece a emissão de opiniões, e por conseguinte, uma maior ocorrência de atos expressivos.

As pessoas participantes tendem a expressar um estado psicológico e a fazer um juízo de valor. Observem-se os seguintes exemplos:

(1)



[redacted]  
[redacted] pessoas que não têm  
raízes portuguesas que se acham  
com o direito de apagar a nossa  
História!

(2)

  este gajo é o tal que foi cantar para a festa do Avante e declarou recentemente que foi onde se sentiu mais livre e feliz!!!  
🤔🤔🤔 As razões por ele invocadas demonstram bem que está a fazer o seu papel de agente infiltrado do Kremlin:  
"A ideia é que se não grite mais "às armas, às armas", e que não se lute mais "contra canhões". Tudo isto para que, ainda de acordo com o cantor, a nova emancipação seja "mental, espiritual, com amor e não territorial". 🤔🤔🤔

[1 d](#) Gosto Responder

(3)

  credo , nem sei o que dizer é cada coisa bizarra. Está tudo louco deve ser o ar contaminado.  
Não sabia nada disto

  Podiam era alterar as gamelas ou os tachos da Assembleia da República, já mete nojo tanta sujidade...

No exemplo (1), pode ser observado, como uma internauta, interpela diretamente outra para, numa estratégia de delicadeza *off-record*, de forma indireta e delocutiva se referir ao autor da polémica, o artista português, de origem cabo-verdiana, Dino d’Santiago, como estrangeiro (“pessoas que não têm raízes portuguesas”). Esta referência à “identidade de grupo” (Culpeper, 2020) tem como objetivo desvalorizar e deslegitimar opiniões contrárias à sua para as afastar de um grupo social no qual o/a locutor/a pretende inserir-se. Na continuação do debate, em (2), outra participante que menciona a primeira que foi interpelada, criando momentaneamente um triálogo, insiste na constituição de grupos opostos, agora ideológicos, referindo-se, ironicamente, aos comunistas, ao tratar o sujeito como “agente infiltrado do Kremlin”.

Entre as múltiplas facetas da construção da identidade, incluir ou excluir os outros é uma estratégia recorrente na ação humana. Enquanto falantes, à medida que se criam aproximações ou afastamentos em relação a grupos, também os alinhamentos ou posicionamentos discursivos se vão alterando.

As exclamações e emojis usados apontam para atos expressivos, com os quais a indignação fica registada. Em (3), assinala-se a reação de uma outra internauta através de um ato assertivo (“Não sabia nada disto”) e expressivo (“credo [...] é cada coisa bizarra”).

Esta intervenção termina recorrendo a uma estratégia *off-record*, na qual, direta e indiretamente, desvaloriza e insulta aqueles com opiniões contrárias (“está tudo louco, deve ser o ar contaminado”).

Esta interação termina com um ato assertivo de um internauta do sexo masculino que realiza um ato direto de asserção com o valor indireto de crítica (“Podiam era alterar as gamelas ou os tachos da Assembleia da República, já mete nojo tanta sujidade”).

Da totalidade dos atos de fala observados, verificou-se uma predominância de atos expressivos, seguido de atos diretivos e assertivos, como se pode ver na seguinte tabela:

	<b>Hino (<i>corpus</i>)</b>
<b>Atos assertivos</b>	41
<b>Atos compromissivos</b>	1
<b>Atos diretivos</b>	56
<b>Atos expressivos</b>	105
<b>Total</b>	203

Tabela 3. Atos de discurso

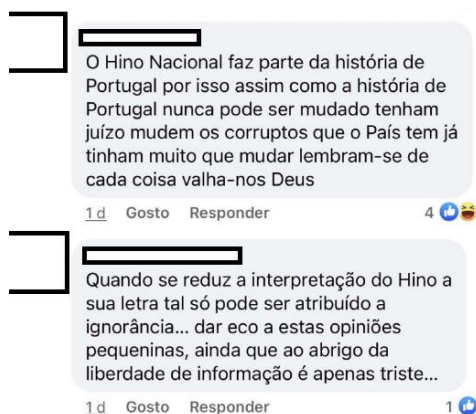
Nos numerosos exemplos de atos expressivos, proliferam sinais gráficos, como exclamações repetidas, *emojis* ou recurso a maiúsculas, com a intenção de salientar certos elementos, ou mostrar indignação.

Observem-se os seguintes exemplos:

(4)



(5)

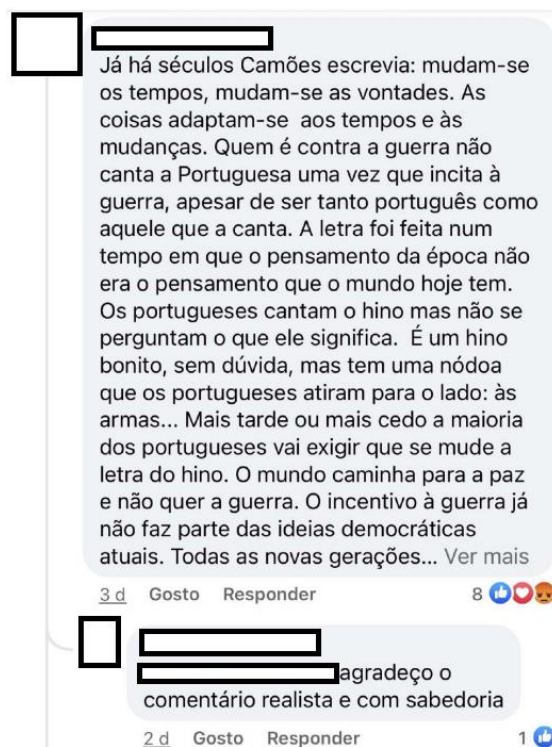


Os atos diretivos, nos quais o emissor pretende levar o auditório a fazer ou a dizer alguma coisa, aparecem 56 vezes, de forma idêntica entre locutores femininos e masculinos. São usadas sugestões irônicas (“Podíamos copiar a letra do hino espanhol”, exemplo 4), ordens diretas (“Dê lá um exemplo”, “tenham juízo [,] mudem os corruptos”, exemplo 5), exortações (“Vamos, mas sim, aprender com ela [a História]!”) em estratégias que, segundo Culpeper, se aproximariam das estratégias diretas de *bald-on-record*. Estas estratégias aparecem em terceiro lugar, na ordem de estratégias usadas, com 25 ocorrências.

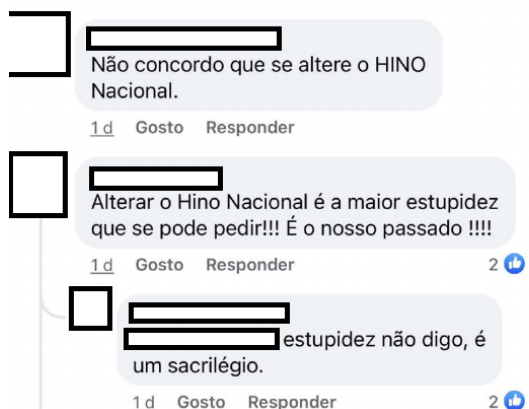
Frequentemente, a gestão do discurso argumentativo é feita através de atos assertivos, nos quais os interlocutores apresentam dados com o objetivo de legitimar a sua opinião, como o exemplo (4) ilustra: (i) asserções como “O Hino Nacional faz parte da História de Portugal”; (ii) locuções interjetivas “valha-me Deus” e (iii) adjetivos avaliativos “opiniões pequeninas” que acompanham as asserções, configurando macroatos expressivos, nos quais ficam expressos sentimentos e emoções. A presença de elementos que apontam para atos assertivos e expressivos remete para a presença de enunciados híbridos, que conjugam os dois atos ilocutórios. O *posicionamento* (Bucholtz & Hall, 2008) ou *alinhamento* é fundamental para a construção da identidade, que, neste caso, se relaciona com a assertividade e a expressão de sentimentos.

Atente-se nos exemplos seguintes:

(6)



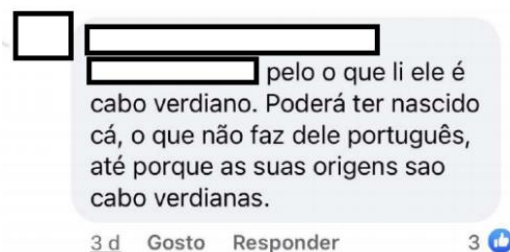
(7)



A argumentação apoia-se, muitas vezes, em referências externas ou recorre a citações para legitimar a locução proferida. Foram encontrados alguns casos em que se defendia a visão proposta pelo artista português, Dino d’Santiago (exemplo 6), embora a maioria se tenha sido manifestado contra (exemplos 7). No exemplo 6, a referência externa ao poeta Camões constitui um recurso para dar validade à opinião expressa a favor do artista. As opiniões favoráveis à mudança do hino tiveram algumas expressões de apoio (“agradeço o comentário realista e com sabedoria”), tendo, não obstante esta ocorrência, sido seguidas, maioritariamente, por comentários de ataque e de contra-argumentação.

A validação dos atos assertivos é feita por meio de referências externas ou por citações como as referidas em expressões como “pelo que li” que apresenta um alinhamento de autoridade ou conhecimento sobre o que se vai dizer:

(8)



Quanto à análise das estratégias de indelicadeza, propostas por Culpeper, a estratégia de indelicadeza *off-record* foi a mais usada com um total de 90 ocorrências, com uma incidência ligeiramente maior no discurso dos participantes do sexo masculino. Nesta estratégia, o ataque de crítica é realizado mediante uma implicatura conversacional com o

propósito de menosprezar o Outro. Com este fim, ocorrem falas indiretas, perguntas retóricas, ironia ou linguagem metafórica.

O recurso argumentativo da ironia aparece num total de 43 comunicações com uma participação de 17 elementos femininos e 26 masculinos. De novo, o objetivo é o de facilitar a associação de valores inferiores a um grupo, e superioridade intelectual a outro. A repetição dos elementos gráficos, neste caso os pontos de exclamação, vem reforçar a indignação expressa e o ataque ao Outro como se verificou no exemplo (2), acima analisado: “este é o tal gajo [...] declarou recentemente que foi onde se sentiu mais feliz!!!”.

Atente-se no seguinte exemplo que ilustra o uso da ironia:

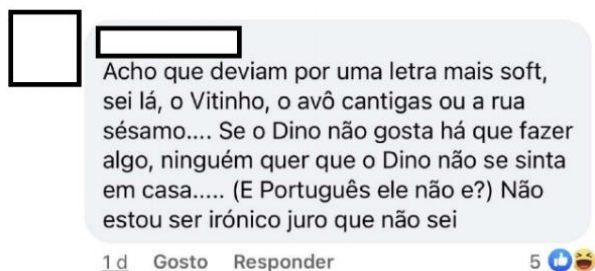
(9)



Este internauta, mediante uma implicatura com recurso a advérbios modalizadores (“claro”, “até”) e ao humor, critica a linguagem inclusiva (“nobre pove”). O discurso humorístico apela ao universo de informações partilhadas na interlocução para uma completa compreensão do conteúdo proposicional. A proposta irónica de se acabar com o hino: “acaba-se o hino”, “não há letra para ninguém até porque também não é inclusiva”, “Heroínas e heróis do mar, nobre pove... Fim ao hino” tem a função de menosprezar o/a visado da enunciação e de associá-lo/la a preocupações de inclusão social. A imagem construída da pessoa com quem se dialoga está, deste modo, assente em generalizações e estereótipos que vão contra a singularidade do indivíduo.

No seguimento do tom irónico e jocoso, outro internauta faz uma proposta:

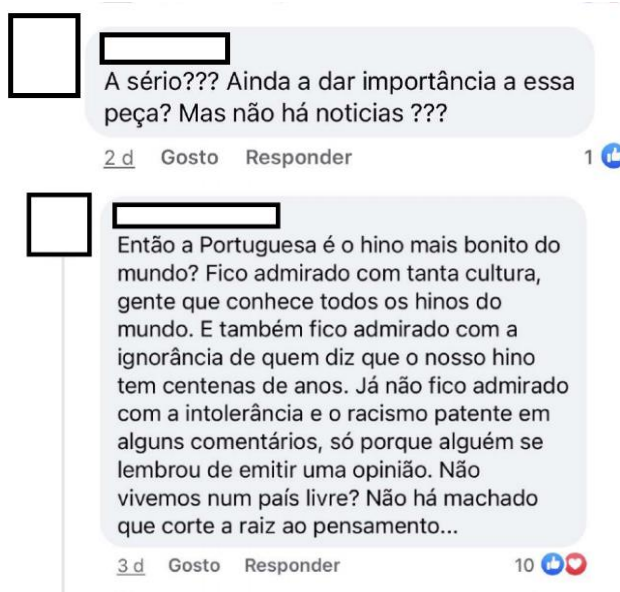
(10)



A proposta expressa no exemplo (10) vai no sentido de associar o artista português a um grupo intelectualmente inferior, o mundo infantil (“deviam pôr uma letra mais soft, sei lá o Vitinho, o avô cantigas ou a rua sésamo”). Na mesma intervenção, para além do binómio mundo adulto e infantil, reforça-se analogamente a constituição de outros grupos divididos entre os portugueses e os estrangeiros (“ninguém quer que o Dino não se sinta em casa...”, “E Português ele não é?”). O locutor continua, proferindo um ato compromissivo: “Não estou a ser irónico juro que não sei”.

Por vezes, aliada à ironia, são usadas perguntas retóricas ou sequências humorísticas. O objetivo é o de reforçar os argumentos que se pretendem expor para defender a posição de cada interlocutor.

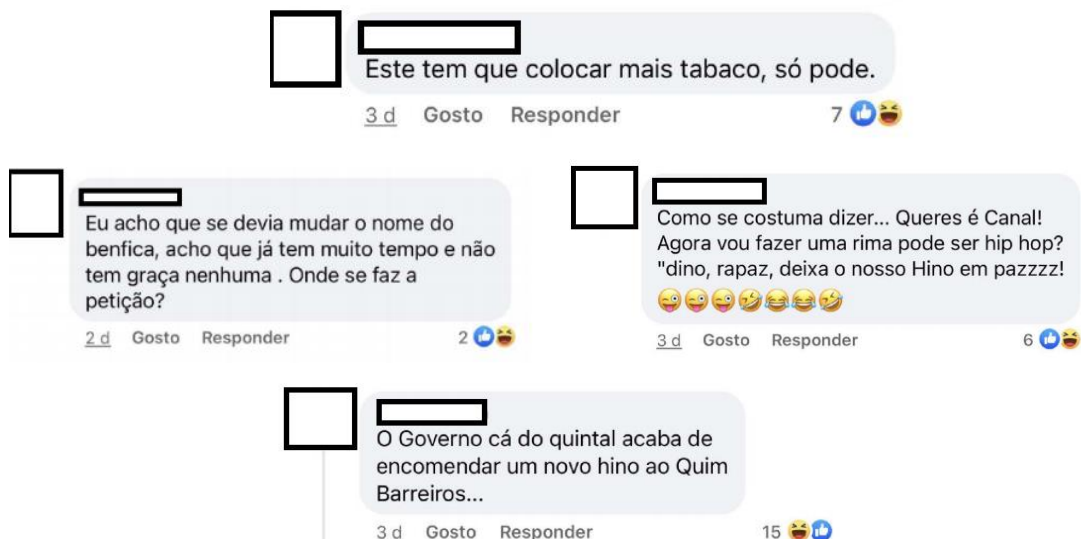
(11)



O humor foi encontrado em 11 ocorrências, emitidas apenas por elementos que se apresentam como masculinos. O carácter humorístico articula-se com a noção do implícito. As pressuposições e os subentendidos surgem como um dado periférico na construção do efeito humorístico (Mouta, 2007). De novo, a finalidade é a de menosprezar o sujeito delocutivo, ora acusando-o de se drogar (“Este tem que colocar mais tabaco, só pode.”), dito por um internauta em 12) ou depreciando a sua opinião ou valor artístico, em tom jocoso, incidindo em referências deíticas, possibilitando a distanciação de quem enuncia (“Como se costuma dizer...”). Os/as internautas constroem a sua própria identidade ao adotarem para si um posicionamento de comentadores engraçados. Ao contrário das intervenções

argumentativas que são mais longas, por exemplo, foi verificado que as participações irónicas ou cómicas eram mais curtas, como se pode observar no seguinte grupo de exemplos.

(12)



Em segundo lugar, a estratégia mais observada foi a indelicadeza positiva, na qual se pretende prejudicar a face positiva do destinatário, isto é, o facto de o “eu” ser bem-visto socialmente. São apresentados alguns exemplos. Num ato diretivo, um internauta propõe ignorar as opiniões emitidas, excluindo-o do debate público (“não falar mais neste assunto e ele morre por aqui”). Nomes caluniosos ou palavrões<sup>42</sup> foram observados de forma abundante. Vocábulos como “cambada” ou nomes que ridicularizam o(s) adversário(s) são recorrentes: “garotos”, “meninos”, “geração mimimi”, “pessoas muito estúpidas e insultuosas”, “o pretinho estava ganzado”, “lunáticos”, “malucos”, entre outros exemplos expressos em (13).

<sup>42</sup> É de realçar esta presença, apesar de que a página da rede social *Facebook* em análise conta com métodos de censura, reservando-se o direito de remover comentários que promovam o discurso de ódio e que tenham difamações, calúnias, injúrias ou ataques pessoais.

(13)

O engraçado é que estamos a promover um indivíduo que só fez isto para agitar as águas e não cair em esquecimento.... Não falar mais neste assunto e ele morre por aqui.

1 d Gosto Responder 6

Cambada...  
Alterar a diferença dos salários, para que os Portugueses tenham uma vida digna 😊

20 h Gosto Responder

Geração mimimi... tanta coisa para mudar no mundo e ele está preocupado com o hino de Portugal que nunca incomodou ninguém.

3 d Gosto Responder 3

Há pessoas muito estúpidas e insultuosas nos seus comentários porque, arreigados nas suas convicções, acham que eles é que estão certos e não respeitam a opinião dos outros. De facto, a letra do hino não é famosa, por ex " às armas, contra os canhões marchar" o que, bem intencionados, poderemos entender como nunca recuar perante o assalto à nossa independência. No entanto, na há que insultar quem tem opinião diferente e aceitar mudanças caso se verifiquem. O mundo gira e avança e ninguém morreria ou o país perderia a sua independência se a letra, bem antiga e desatualizada mudasse para melhor.

3 d Gosto Responder 1

O pretinho estava ganzado.

é só estarolas.  
Mudar o hino! Pelo amor de deus...

1 d Gosto Responder 1

Esta gente está doida...

1 d Gosto Responder

A imprensa a alimentar estes malucos

1 d Gosto Responder 2

Que estupidez, mais uma ideia dum lunático.

14 h Gosto Responder

mesmo assim nao deveria ter faltado as aulas de historia ou entao deixar de consumir o que lhe anda a deixar o cerebro em papas. Mas segundo a wikipedia ele e "ativista" isso ja diz tudo desses INUTEIS!

3 d Gosto Responder 1

falta o serviço Militar obrigatório para estes meninos irem lá chamar pela mãe 🤔👊🤔👊

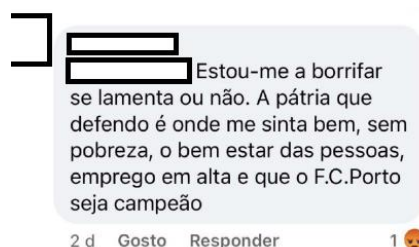
3 d Gosto Responder 9

Atrasado mental !

1 d Gosto Responder

A tentativa de exclusão do Outro é recorrente. No exemplo seguinte (exemplo 14), um participante declara diretamente estar-se a “borrifar se lamenta ou não”, desconsiderando a opinião do interlocutor e reforçando a sua ideia com atos assertivos e expressivos “A Pátria que defendo é onde me sinto bem...”. São apresentados argumentos para a sua postura (“sem pobreza”, “emprego em alta”), com uma nota final humorística (“e que o F.C. Porto seja campeão”). Este mecanismo de mitigação reduz a responsabilidade do locutor em relação ao que é dito no conteúdo proposicional, e concomitantemente, reforça a inserção do locutor num grupo maior, os dos fãs deste clube de futebol.

(14)



Os grupos opostos vão ganhando forma nas interações, ora os portugueses e os estrangeiros, ora os comunistas e os fascistas, ou os fãs de um clube futebolístico ou outro. As flexões de primeiras pessoas do singular e plural das formas verbais encontradas (“estamos a promover” ou “podiam era...”) aparecem como marcadores de identidade discursiva (Bucholtz & Hall, 2005: 592), tal como os pronomes possessivos que ajudam a configurar a pertença ou afastamento a grupos (“país dele”, “terra dele”, a nossa história”, “o nosso lindo hino”). Estes elementos conformam pistas linguísticas de construção de identidade que, por sua vez, estão aliadas às condições específicas de prática discursiva localizada na discussão virtual.

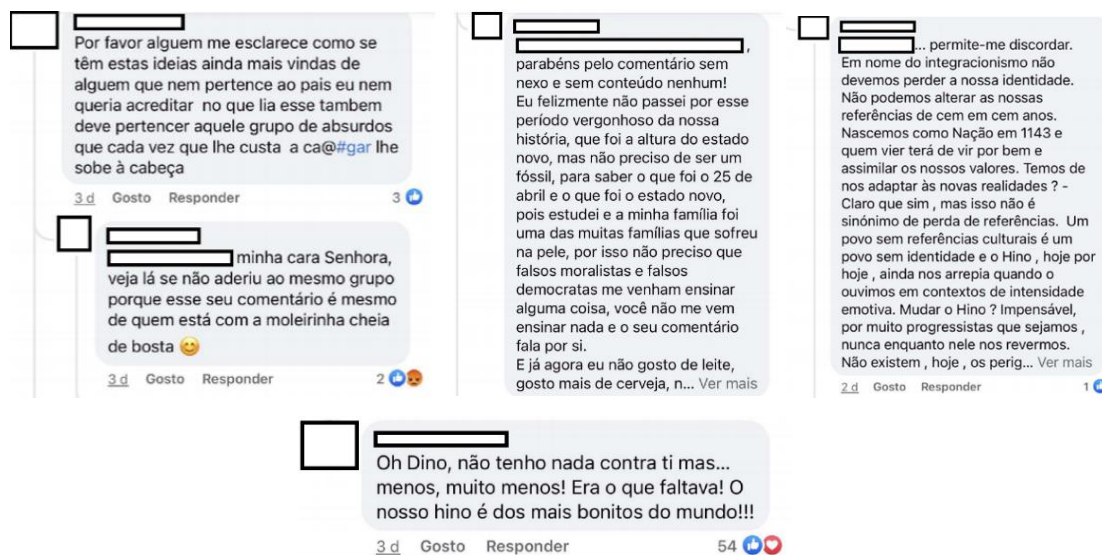
(15)





Atente-se, de seguida, nos seguintes exemplos:

(16)

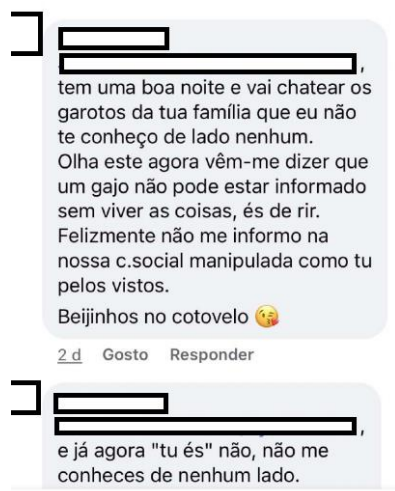


Em (16), o uso de formas de tratamento formais (nomes próprios, “minha cara senhora”), os atos de pedido (“Por favor alguém me esclarece...”, “permite-me discordar...”), as interjeições “Oh Dino” ou a felicitação “parabéns pelo comentário” (que depois continua “sem nexa e sem conteúdo nenhum!”) funcionam como pré-sequências de preparação dos atos seguintes. São os denominados *esquemas mentais falsos*, que criam falsas expectativas na interação. O tom formal, que, por vezes, parece iniciar algum comentário, passa imediatamente para uma linguagem informal com ataques verbais.

A dinâmica interacional leva os participantes a abordarem diretamente as formas de tratamento em uso. Um internauta reclama ser tratado por uma forma mais formal em vez da forma de tratamento informal, o “tu” que ele próprio usa e que predomina nas interações.

O uso de marcadores de identidade inadequados remete, como referido, para o emprego de estratégias de indelicadeza positivas:

(17)



O formato dos comentários analisados tende a seguir um tom coloquial, muito próximo da oralidade, com a deteção da irrupção de aberturas e de fechos com despedidas abruptas e a ocorrência de ‘perguntas-tag’, como “certo?” (cf. o exemplo 15, em “Quem é que vive no tempo de Salazar?!? Refere se a si, certo?”), aspetos característicos não só da rapidez e do caráter imediato do discurso coloquial, mas também de uma prática discursiva marcada como mais ameaçadora da face do interlocutor. As aberturas mais formais encontradas (“Minha cara senhora”) amplificam a avaliação axiológica negativa do alocutário, porque são imediatamente seguidas de estruturas próprias do discurso informal e de ataques de ameaça (FTA).

Como foi referido, no grupo de exemplos seguintes (18), as estratégias de indelicadeza *bald-on-record* aparecem em terceiro lugar, com 25 ocorrências, com um número ligeiramente superior por parte de elementos que se apresentam com um nome feminino. Trata-se de uma forma direta de comunicação, o locutor não faz nenhum esforço para minimizar as ameaças à face do ouvinte. O uso de formas imperativas é comum neste tipo de estratégias: “Vai jogar às latinhas de cerveja”, “leite, menino, bebe leite”, “informe-se”, “lê primeiro antes de falar”, “cuida da tua terra”, “vá para África”.

(18)

[ ] [redacted] gaiato malcriado. Produto da porcaria fascitóide que as liberdades da Abrilada criou. Vai jogar às latinhas de cerveja e ao berlinde já que trabalhar está quieto.

[2 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted] e ainda digo mais, a letra do nosso hino já existe desde 1890 e passou a ser o nosso hino em 1911, por isso sim o nosso hino já tem mais de 100 anos, informe-se antes de falar pk ignorante e o senhor.

[3 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted] pois mas e que ele não emitiu opinião ,ele pediu para mudar o hino português em direto na rádio, le primeiro antes de falar.

[3 d](#) Gosto Responder 1

[ ] [redacted] se gosta tanto do Santiago vá com ele para África mudar o hino deles

[1 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted] então vá para África com ele

[1 d](#) Gosto Responder


[ ] [redacted] perfil privado minha cara, sou apenas uma mera cidadã comum de Portugal e utilitária do Facebook, e como tal tenho o direito de opinar, criticar ou interferir no que bem entender, desde que não ofenda a integridade da pessoa. Releia os comentários sff

[2 d](#) Gosto Responder 1

[ ] [redacted] pois melhor rir o normal.

[2 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted]



[ ] [redacted] e logo tu a falares do 25 de Abril sendo um produto inseminação do mesmo. Mas afinal o que sabes da Abrilada ? Muito pouco de certeza absoluta para falares desta forma. Sabes por acaso o que uma guerra ? E tremer de medo por causa dela ? Leite menino, bebe leite.

[2 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted], tem uma boa noite e vai chatear os garotos da tua família que eu não te conheço de lado nenhum. Olha este agora vêm-me dizer que um gajo não pode estar informado sem viver as coisas, és de rir. Felizmente não me informo na nossa c.social manipulada como tu pelos vistos.

[ ] [redacted] cuida da tua terra grunha debes pertencer ou fazes parte dakeles k têm a mania!!e vocês fossem inteligentes não s roubavam uns outros!!!nem s amantilhavam com os governantes p obter coisas indevidas!!!

[3 d](#) Gosto Responder 1

[ ] [redacted] não vejo instrução como ofensa.... Quem opina em domínio público, sujeita-se a escrutínio! Explique me onde a ofendi! Tenho para mim que você está se a ofender a si própria 😊

[2 d](#) Gosto Responder

[ ] [redacted] quem você se acha para vir opinar criticar interferir no que eu escrevi ou escrevo... Se para o fazer se esconde atrás de um perfil vazio que diz que tem esse nome se não tem coragem de se identificar... Atrás de um ecrã e de um perfil vazio ataca e acha se com o direito de vir com devaneios e tentativa de grande cidadã. Saia detrás de um Perfil Vazio. Passe bem.

[2 d](#) Gosto Responder 1

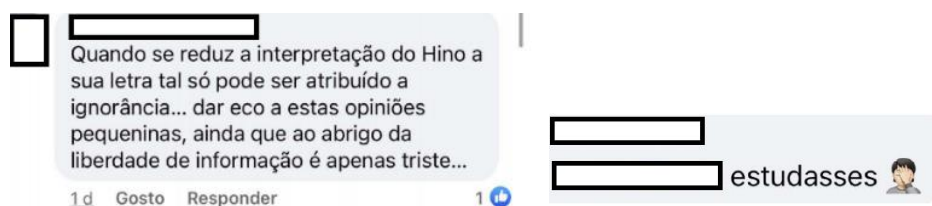
[ ] [redacted] você é uma lírica. Tenha um Bom Ano e saia do perfil privado para não passar de mais um perfil pago para vir arranjar conversa. Adorei teclar consigo sei lá adoro líríc@s 😂😂😂😂😂😂

[2 d](#) Gosto Responder 1

Os diversos exemplos apresentados em (18), para além de atacarem diretamente a face do interlocutor, reforçam, de novo, a ideia de grupos discursivamente criados em confronto: os portugueses e os africanos.

Em quarto lugar, como o grupo de exemplos em (19) ilustra, foram observadas estratégias de indelicadeza negativa, num total de 14 ocorrências, sendo a percentagem dos elementos masculinos ligeiramente maior. Verificou-se que os internautas tentam ameaçar a face negativa do destinatário, ridicularizando, sendo condescendentes ou enfatizando o poder sobre o alocutário. Um internauta enfatiza o seu poder baseado no eixo do conhecimento *versus* ignorância (“tal só pode ser atribuído a ignorância”), ridicularizando o parecer do outro com o diminutivo “opiniões pequeninas”. Outra internauta esteia o seu argumento no mesmo eixo, ao usar o pretérito imperfeito do conjuntivo “estudasses” para dizer que o outro é ignorante porque não estudou.

(19)



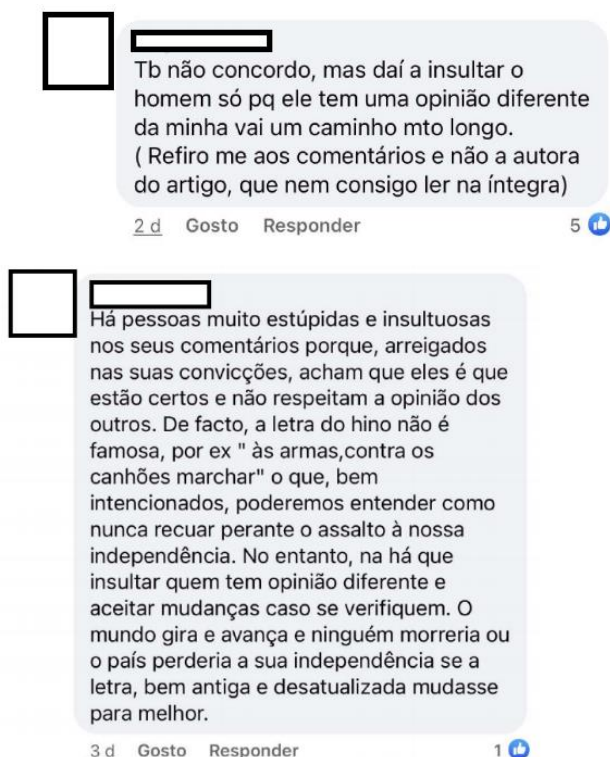
Toda a dinâmica relacional se baseia em enfatizar o poder de uns sobre outros, menosprezando os antagonistas.

(20)



Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque. Em todo o *corpus* em análise, somente dois elementos, um feminino e outro masculino, optaram por assumir o papel de mediadores. Apresentaram estratégias em atos assertivos com o objetivo de evitar extremismos ou posturas muito rígidas e, assim, alcançar um equilíbrio que permitisse o respeito a opiniões divergentes, como se pode verificar em (21).

(21)



Não foram encontradas estratégias de indelicadeza *withhold*, talvez devido ao facto de o género discursivo do comentário na rede social, regularmente, não prever contextos em que a delicadeza seja desejada.

A modo de síntese, como podemos ver na tabela 4, segundo a tipologia de Culpeper, a estratégia de indelicadeza mais usada foi a *off-record*, seguida da positiva e da *bald-on-record* (“oculta no discurso/direta”). Em último lugar, aparece a estratégia de indelicadeza negativa, sendo a *withhold* (*contida, reprimida*) inexistente.

	Feminino (137)	Masculino (109)	Total (246)
<b>Indelicadeza <i>bald-on-record</i></b>	14	11	25
<b>Indelicadeza negativa</b>	5	9	14
<b>Indelicadeza <i>off-record</i></b>	40	50	90
<b>Indelicadeza positiva</b>	14	16	30
<b>Indelicadeza <i>withhold</i></b>	0	0	0

Tabela 4: Estratégias de indelicadeza no *corpus*

Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque.

A interface comunicacional usada (a rede social num dispositivo eletrónico) e a polifonia própria dos ambientes digitais não favorecem a existência de pré-atos de cumprimento/saudação ou atos de despedida. As intervenções são curtas e diretas, próprias de um discurso espontâneo, próximo da oralidade.

Como podemos observar na tabela 4, as estratégias de indelicadeza sistematizadas por Culpeper (1996) mais recorrentes são *off-record* e positiva, seguida de *bald on record*. Os atos ilocutórios mais observados nas sequências de tom polémico foram os atos expressivos, diretivos e assertivos, próprios do discurso argumentativo.

Sobre a questão do género que os internautas apresentam sob a forma de nomes masculinos ou femininos, parece não haver padrões capazes de indicar intervenções típicas de um género ou outro. Somente um internauta apresentou um avatar neutro quanto ao género. Os restantes parecem não hesitar quanto à indicação do seu nome próprio ou género (sejam estes inventados ou não).

Na seguinte tabela, detalham-se as frequências de uso de cada código segundo o género apresentado pelos participantes. Realça-se o facto de os atos expressivos terem sido maioritariamente proferidos por mulheres, enquanto os homens, que incidiram mais em estratégias de delicadeza *off-record* (cf. tabela 4), com recurso ao uso do humor, do sarcasmo e da ironia. As mulheres parecem não ter usado o humor, fazendo uma maior referência à constituição de grupos opostos. Na sequência das interações discursivas, reforça-se a ideia de uma construção identitária inserida em grupos opostos, para os quais expressam um sentimento ora de pertença, ora de afastamento, como podemos verificar na tabela 5.

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Total</b>
<b>Atos assertivos</b>	25	16	41
<b>Atos diretivos</b>	28	28	56
<b>Atos expressivos</b>	61	42	103
<b>Falsos Esquemas Mentais</b>	5	3	8
<b>Humor</b>	0	10	10
<b>Identidade de grupo</b>	32	21	53
<b>Ironia e Sarcasmo</b>	17	26	43
<b>Moderador</b>	1	1	2

Tabela 5: A construção do discurso

Concluindo, os dados examinados, no contexto específico do género de comentário de redes sociais, no qual predomina o anonimato e a intervenção curta e direta, parecem indicar que o género não é determinante nesta análise: as mulheres não intervêm como um grupo homogéneo e apresentam diversidade discursiva, tal como advogam as linguistas feministas da terceira onda. Não foi visto que os estereótipos de género apontados por Herring (2003: 20) fossem transportados para o mundo virtual neste contexto específico, no qual os internautas não se conhecem pessoalmente. Por exemplo, não foi verificado que as mulheres (ou participantes com avatares de nome feminino) fossem mais propensas a apelar ao consenso, ou a ser menos violentas.

Os meios indiretos de instanciar identidades incluíram processos pragmáticos como implicaturas e pressuposições, que requerem um trabalho inferencial adicional para a interpretação dos enunciados.

A criatividade verbal, no *corpus* analisado, parece estar constantemente ao serviço da descredibilização do Outro. O uso de mecanismos retóricos como a ironia ou as perguntas retóricas contribui para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do interlocutor (*indelicadeza off-record*). Os insultos nem sempre têm a realização de réplicas por parte dos seus alocutários que permitam demonstrar a sua interpretação. É o conhecimento partilhado que proporciona a interpretação de mecanismos retóricos.

Nas críticas tecidas, os/as internautas não só constroem uma identidade para a pessoa criticada como criam uma identidade para si, adotando papéis, visíveis nos alinhamentos ou posicionamentos adotados. Paralelamente, as identidades também transparecem nos elementos que constituem pistas linguísticas de construção de identidade, como os pronomes possessivos ou formas verbais de primeira pessoa.

A dinâmica interacional assente em estratégias de indelicadeza, com recorrentes atos diretivos e formas de tratamento insultuosas, permite classificar os atos ilocutórios como indelicados e até violentos. Foi igualmente observado como os ataques se vão intensificando à medida que as participações aumentam.

As pistas de contextualização ou alinhamento (*footing*) dos interlocutores virtuais referem-se à maneira como estes se apresentam nas interações *online*. Foi demonstrado como os participantes se sentem seguros para expressar as suas opiniões de uma forma direta e assertiva. As intervenções com uma orientação (*footing*) mais respeitosa e construtiva foram manifestamente minoritárias.

### **5.2.3. Corpus da publicação do Jornal *Público* sobre hábitos alimentares veganos**

O *corpus* em observação é constituído por *comentários* em Português Europeu realizados em relação à postagem<sup>43</sup> na rede social Facebook do artigo do jornal *Público* intitulado “Um legado pelo planeta: eles têm filhos *vegan* porque sonham com um mundo mais verde”<sup>44</sup>, da jornalista Ana La-Salette Silva, do dia 24 de Dezembro de 2022. O artigo conta a experiência de uma família que não consome produtos de origem animal, sendo os filhos criados de acordo com uma dieta vegana.

A dimensão enunciativa heterogénea observada assenta numa fricção de vozes, característica do género do comentário das redes sociais. Esta natureza polilocal permanece em aberto, encontrando-se num processo contínuo. A presente análise foi efetuada quando a postagem do jornal *Público* na rede social do Facebook tinha 167 comentários e 3 partilhas, à data de outubro de 2023, sendo que, em qualquer momento, a comunicação poderá ser retomada.

De acordo com os avatares proporcionados pelos participantes, foram contabilizadas 32 intervenções com um nome feminino e 135 com nome masculino, perfazendo um total de 167 contribuições. Como se pode observar na seguinte tabela, no debate gerado, destaca-se a participação masculina.

---

<sup>43</sup><https://www.facebook.com/Publico/posts/pfbid025SY5L6HCrcqraLoddMFp22AsY86uEADbKTSucKNuwRN1NbpHZN8WdTAoUnNtQ6Shl>

<sup>44</sup><https://www.publico.pt/2022/12/24/azul/noticia/legado-planeta-filhos-vegan-sonham-mundo-verde-2032044>

	<i>Corpus 'Veganismo'</i>
Feminino	32
Masculino	135
<b>Totais</b>	<b>167</b>

Tabela 6: Participação de acordo com o género

O tipo de estratégia de indelicadeza *off-record* (Culpeper,1996) foi predominante, com um total de 163 casos, 103 intervenções de avatares com nome masculino e 56 com nome feminino<sup>45</sup>.

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Totais</b>
Indelicadeza <i>bald-on-record</i>	18	29	47
Indelicadeza negativa	16	42	58
Indelicadeza <i>off-record</i>	56	103	159
Indelicadeza positiva	9	14	23
Indelicadeza <i>withhold</i>	0	0	0

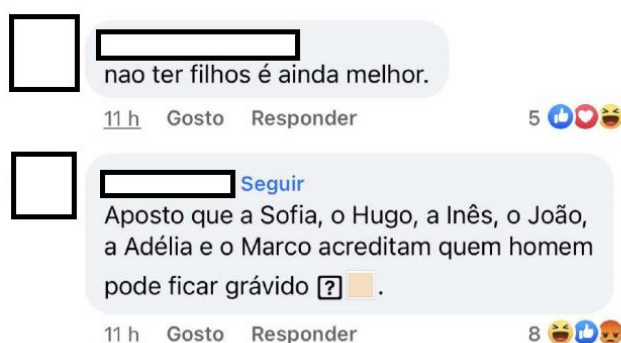
Tabela 7: Estratégias de indelicadeza segundo Culpeper (1996) de acordo com o género.

No âmbito das estratégias de indelicadeza *off-record* foram observadas implicaturas, atos indiretos, o recurso à ironia e a metáforas. Mediante um enunciado realizado através de uma frase afirmativa, toda escrita em minúsculas, portanto, sem respeito pelas regras de pontuação, um participante refere que “não ter filhos é ainda melhor [do que ser vegano]”. Recorrendo à ironia, e inclusive ao sarcasmo, o participante desqualifica implicitamente as opções alimentares veganas. A ironia pode ser interpretada como uma falta de respeito à face positiva de quem escolheu uma dieta vegana, o significado pretendido é o oposto do que está explicitamente escrito. Um outro participante responde, na mesma linha irónica e humorística “Aposto que [os membros da família noticiada] acreditam quem homem pode ficar grávido.” Eis aqui o carácter ofensivo que o humor adquire: o locutor apela ao conhecimento do mundo dos membros da interlocução para que o seu ato de ataque funcione. O verbo “apostar” sugere uma expressão de descrença ou incredulidade,

<sup>45</sup> Nas análises aos corpora digitais é usado o masculino ou o feminino de acordo com o nome do avatar apresentado na plataforma da rede social.

formando uma implicatura de que a ideia indicada é vista como absurda. Nestas interações, ataca-se a face positiva dos protagonistas da notícia da postagem em análise, desqualificando-se e menosprezando-se as suas ideias. O que está explicitamente expresso não aponta necessariamente para uma indelicadeza, no entanto, a intenção que está implícita é sarcástica e visa a desqualificação.

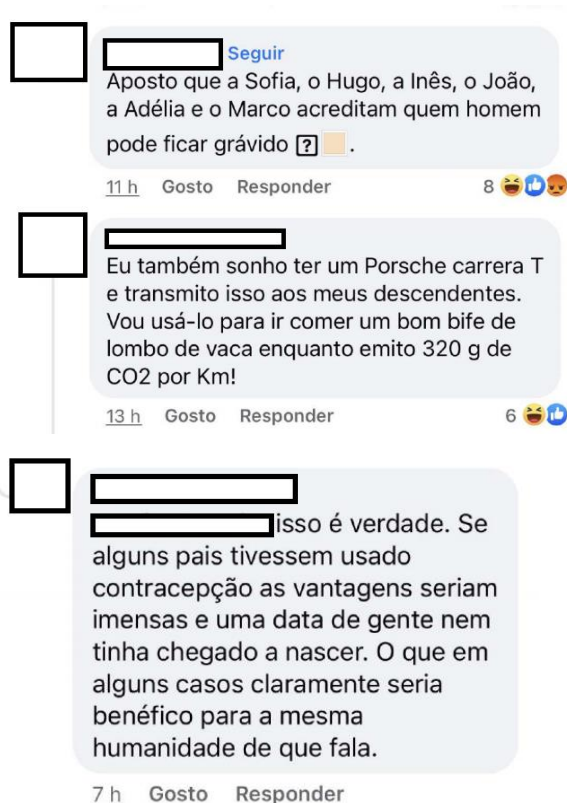
(22)



Na mesma linha de interação de ameaça da face (*thread*), um outro interveniente continua a ironia e o sarcasmo, ao afirmar que “também sonh[a] em ter um Porsche T e [que] transmit[e] isso aos [seus] descendentes”...” (exemplo 23). Deste modo, critica e desqualifica a preocupação ambiental das opções alimentares veganas, continuando o ataque num tom assertivo, no qual afirma ir usar esse carro (supostamente pouco ecológico) para “comer um bom bife de vaca enquanto emit[e] 320g de C=2 por km!”. Note-se o uso do ponto de exclamação para realçar o empenho da ação que o locutor afirma que vai desempenhar.

Na reação às participações apresentadas, outro internauta realiza um ato de asserção de acordo/apoio e/ou ratificação do que o anterior internauta referiu: “isso é verdade” (23). Este ato de acordo sugere e/ou implícita que a não existência de certas pessoas seria benéfica para a humanidade. Com a oração condicional “Se alguns pais tivessem usado contraceção as vantagens seriam imensas e uma data de gente nem tinha chegado a nascer.”, o internauta ataca ironicamente a face positiva de filhos e pais, dado que a inferência subjacente é a de afirmar que essas pessoas são prejudiciais. Implícitamente, o falante expressa o seu descontentamento e o desejo de essas pessoas não existirem. Observe-se o exemplo (23):

(23)

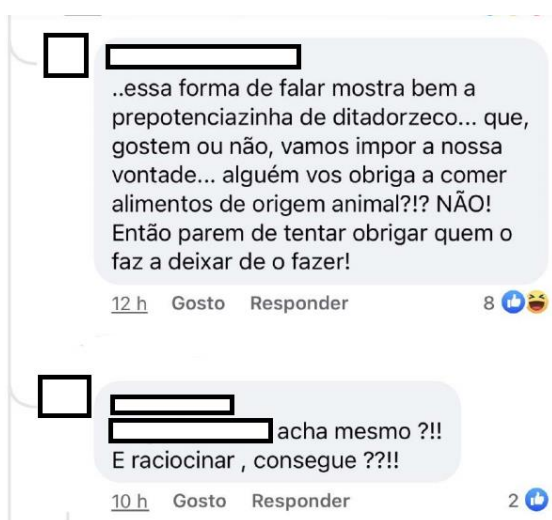


As pistas linguísticas que expressam as posturas ou alinhamentos das pessoas internautas indicam que existe um desejo explícito de direta e abertamente se assumir uma posição a favor ou contra o tema do debate. Em favor das opções alimentares veganas, desqualifica-se o interlocutor com vocábulos como "prepotenciazinha de ditadorzeco" (24), numa estratégia de indelicadeza *bald-on-record*, que é direta e clara. Aliada a esta estratégia observa-se uma implicatura da indelicadeza *off-record*, na qual se critica a arrogância da pessoa assinalada. A oração disjuntiva "[quer] gostem ou não, vamos impor a nossa vontade" inclui um sentido negativo e autoritário, o de a pessoa impor a sua vontade, sem se importar com as outras alheias à sua. A pergunta retórica, com o interlocutor na sua forma plural, "alguém **vos** obriga a comer alimentos de origem animal?!?! NÃO!" traduz-se como um ataque à face positiva do outro grupo, os que atacam as opções alimentares veganas. Estes sinais linguísticos comprovam a existência da formação de grupos antagónicos que entram em disputa. O imperativo, usado no ato diretivo (indelicadeza *bald-on-record*) no enunciado "Então parem de tentar obrigar quem o faz a deixar de o fazer!" apresenta um tom desafiador

e traduz um desejo implícito de que as pessoas parem de tentar convencer os outros a ter uma certa atitude, neste caso, o de alimentar-se com produtos de origem animal.

No seguimento da intervenção, a réplica "acha mesmo??!! com o apelo ao raciocínio, consegue?!" (24) constitui implicitamente uma desqualificação da opinião anterior, que se tenta qualificar como inválida. O uso dos pontos de exclamação e interrogação reforça o ataque à legitimidade do que foi dito. A combinação destas duas perguntas traduz um posicionamento de ataque à face positiva do interlocutor: de uma forma irónica e sarcástica, insinua-se que a sua capacidade para raciocinar é questionável, como se pode observar de seguida no exemplo elencado.

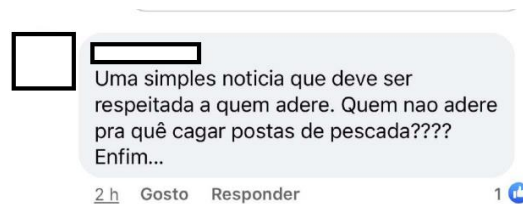
(24)



Na continuação do debate, aparecem algumas marcas aparentemente mais mediadoras “Uma simples notícia que deve ser respeitada a [por] quem adere”. Este ato assertivo de apelo ao respeito e a um entendimento entre as partes enfrentadas é igualmente um ato expressivo devido ao uso do verbo “dever” que implica uma expressão da opinião por parte do locutor sobre o que se deve ou não fazer. Este início de fala pode representar um falso esquema mental, pois, ao invés da esperada mediação, o que se sucede é um ataque à face positiva de uma das partes do grupo, sugerindo que aqueles que não aderem aos valores referidos na notícia emitem opiniões insignificantes ou sem valor: “Quem não adere pra quê cagar postas de pescadas????” (25). A escolha da expressão coloquial com calão “cagar postas de pescada” reforça o sarcasmo utilizado para expressar a irritação e a crítica ao facto de serem expressadas opiniões divergentes que atacam a face dos interlocutores,

sendo que o próprio enunciado, também ele, é um ataque direto à face dos intervenientes. Por outro lado, e mais uma vez, os signos de pontuação têm um papel importante na comunicação, pois consolidam a expressão da dúvida e desafio em relação às opiniões contrárias.

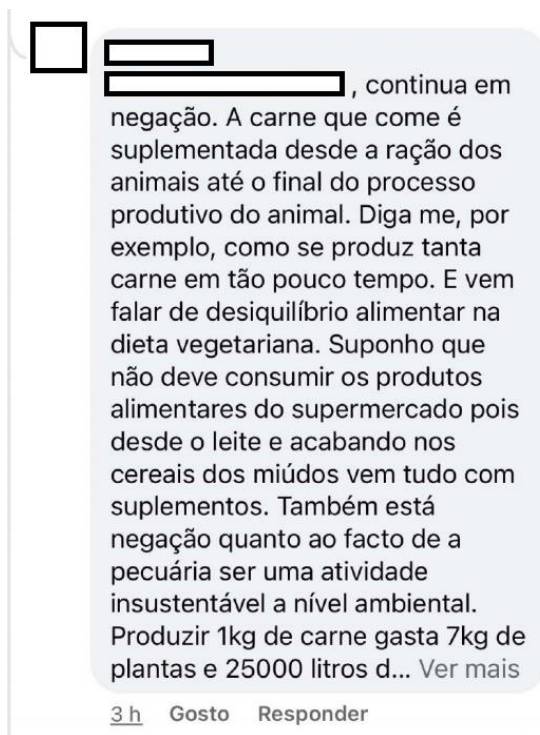
(25)



Na disputa dialógica, os internautas vão expondo as suas ideias com enunciados que tentam ser convincentes na defesa das suas posições e na tentativa de persuadir os outros dos seus argumentos. Foi observado como o tema em questão, relativo a diferentes opções alimentares, se presta à apresentação de uma grande quantidade de dados e estatísticas, que, por sua vez, é usada de acordo com o enviesamento de cada interlocutor.

A seguinte internauta começa por descredibilizar indiretamente o interlocutor ao afirmar em (26) que “continua em negação”, insinuando que a escolha do outro não é válida. Prossegue, fornecendo dados quanto à produção de carne (“A carne que come é suplementada desde a ração dos animais até o final do processo produtivo do animal.”). Num ato diretivo, o imperativo “Diga-me, por exemplo, como se produz tanta carne em tão pouco tempo” expressa dúvida e funciona sarcasticamente como um desafio, seguindo-se um ataque à face positiva do colocutor, com a insinuação de que as preocupações sobre o desequilíbrio alimentar na alimentação vegana não são válidas (“E vem falar de desequilíbrio alimentar na dieta vegetariana.”). As pistas linguísticas desta intervenção (formas imperativas, verbo “supor”, etc.) podem parecer superficiais ou neutras, mas a intenção subjacente é de crítica e indelicadeza.

(26)

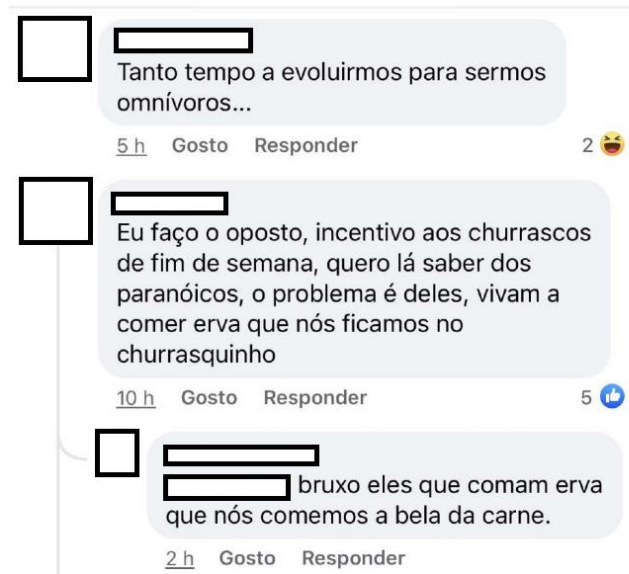


[Redacted], continua em negação. A carne que come é suplementada desde a ração dos animais até o final do processo produtivo do animal. Diga me, por exemplo, como se produz tanta carne em tão pouco tempo. E vem falar de desequilíbrio alimentar na dieta vegetariana. Suponho que não deve consumir os produtos alimentares do supermercado pois desde o leite e acabando nos cereais dos miúdos vem tudo com suplementos. Também está negação quanto ao facto de a pecuária ser uma atividade insustentável a nível ambiental. Produzir 1kg de carne gasta 7kg de plantas e 25000 litros d... Ver mais

[3 h](#) Gosto Responder

“Tanto tempo a evoluirmos para sermos omnívoros...” é o enunciado único de outro participante que mediante uma implicatura desconsidera as opções veganas enquanto insiste na ideia de que a evolução levou o ser humano a enveredar por uma dieta omnívora (27). No seguimento desta intervenção, segue-se uma postura de apoio do anteriormente dito e concomitantemente um ataque aos comportamentos veganos: num ato assertivo, o alinhamento é de desafio: "Eu faço o oposto, incentivo os churrascos de fim de semana, quero lá saber dos paranóicos, o problema é deles, vivam a comer erva que nós ficamos no churrasquinho". Numa mistura de estratégias de indelicadeza negativa e positiva, menospreza-se os que têm uma opinião diferente (“quero lá saber”, “vivam a comer erva que nós ficamos no churrasquinho”), para etiquetar-se, em sentido depreciativo, os outros como “paranóicos”, e, por isso, menos sensatos em comparação com os que comem carne. A partícula “lá” reforça a impaciência ou o desinteresse perante outras opções alimentares. Como réplica, outro interlocutor, emite sarcasticamente um ato de apoio: “Bruxo, eles que comam erva que nós comemos a bela da carne.” A primeira oração expressa um desejo em relação a “eles”, enquanto a segunda parte faz uma declaração objetiva sobre “nós”. O termo “erva” para referir a comida vegetariana tem a função de ridicularizar, constituindo uma estratégia de indelicadeza negativa.

(27)



Na presente análise, observou-se uma tendência para que, a uma intervenção apoiante de uma certa ideia se sigam vários enunciados defendendo a mesma ideia. A linha de comentários apresenta intervenções seguidas ora de apoio, ora de ataque. Quando se enfrentam as posições, menciona-se o nome da pessoa a quem se dirige, pois entre um comentário e outro de contra-argumentação, existem vários enunciados de apoio.

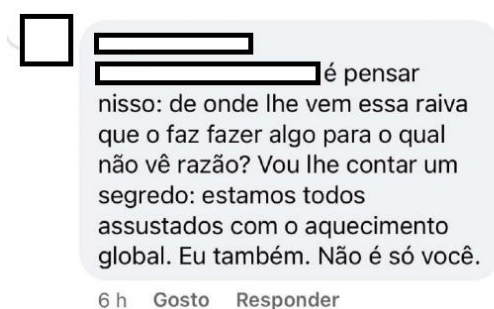
Frequentemente, intervêm atos expressivos que incidem no desdém para com o grupo ideológico oponente. No exemplo (28), o enunciado “É tão irónico ver a frustração e desespero dos carnivoristas” sugere uma atitude de superioridade e troça perante as pessoas que comem carne. A estratégia de indelicadeza positiva apresenta o nome calunioso “carnivorista”, para, de seguida, os excluir de um futuro, afirmando que eles “vêm que a história os ultrapassou e que estarão extintos numa geração ou duas”. A face positiva deste grupo é atacada e desconsiderada ao se prever um mundo sem lugar para a sua existência. A intervenção termina com uma provocação (“Um prato!”). A expressão exclamativa sarcástica sugere satisfação e regozijo por parte do locutor, ao mesmo tempo que indica a intenção de ofender o grupo oponente referido. O mesmo interlocutor entra no debate várias vezes para defender a argumentação vegana, o que denota o seu desejo de estar presente no debate e tornar visível a sua opinião.

(28)



Os ataques à face positiva dos interlocutores são feitos, frequentemente, de uma forma indireta ou subtil. A estratégia de indelicadeza *off-record* persiste. No exemplo (29), o locutor incita ironicamente o outro à reflexão (“é pensar nisso”) e mediante a pergunta retórica “de onde lhe vem essa raiva que o faz fazer algo para o qual não vê razão?” sugere que a raiva da pessoa é irracional e não justifica as suas ações. A intenção é a de menosprezar a postura do adversário (de modo dialético). O tom irónico continua com a afirmação que se apresenta como uma revelação: “Vou[-]lhe contar um segredo: estamos todos assustados com o aquecimento global. Eu também. Não é só você.”. Parece constituir-se aqui um esquema mental falso, pois a primeira parte da intervenção aparenta apontar para uma preocupação com a falta de lógica do interlocutor, quando, na verdade, a ironia subjacente revela um confronto e uma atitude de desprezo e condescendência, como se pode observar no exemplo (29).

(29)

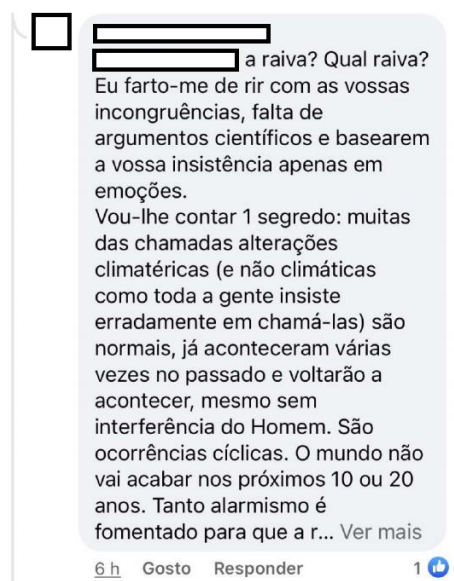


Numa réplica direta, expressa a discordância e a crítica em relação ao último argumento exposto relativo às preocupações climáticas. Em (30), o internauta começa por, ironica e retoricamente, perguntar “raiva? qual raiva?”, questionando a validade da opinião anterior. Com o enunciado “Eu farto-me de rir com as vossas incongruências, falta de argumentos científicos e basearem a vossa insistência apenas em emoções”, o locutor insinua que as posições contrárias à sua são ridículas e que a argumentação carece de fundamentos

científicos, estando baseada em emoções, sem base racional. Recorre-se à mesma ironia do oponente, “Vou-lhe contar um segredo”, para sarcasticamente referir algo que não é um segredo, mas sim uma perspetiva partilhada por muita gente, a do negacionismo climático: “muitas das chamadas alterações climatéricas (e não climáticas como toda a gente insiste erradamente em chamá-las) são normais, já aconteceram várias vezes no passado e voltarão a acontecer, mesmo sem a interferência do Homem. São ocorrências cíclicas. O mundo não vai acabar nos próximos 10 ou 20 anos. Tanto alarmismo...”. A intervenção assertiva apresenta um alinhamento de crítica, ameaçando a face positiva do/a interveniente que tem a posição oposta, pois sugere que as preocupações climáticas são alarmistas e baseadas em “incongruências” e “emoções”.

Observa-se igualmente como o termo “Homem” (30), em maiúsculas, é usado para fazer referência ao conjunto da humanidade. O uso desta palavra vem ao encontro do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. O hábito de tomar o homem como modelo para aludir à totalidade de mulheres e homens tem sido uma tendência histórica na língua portuguesa. Atualmente é considerado uma forma de sexismo linguístico, pois perpetua uma visão predominantemente masculina da sociedade, na qual os elementos femininos tendem a ser invisibilizados. O internauta em questão não está consciente da problemática da linguagem inclusiva ou não sente a necessidade de fazer um esforço para usar termos mais neutros que poderiam ou pretendem contribuir para uma plena igualdade na visibilidade de ambos os géneros. A sua prática linguística leva-o a repetir termos consolidados através do seu *habitus linguístico*.

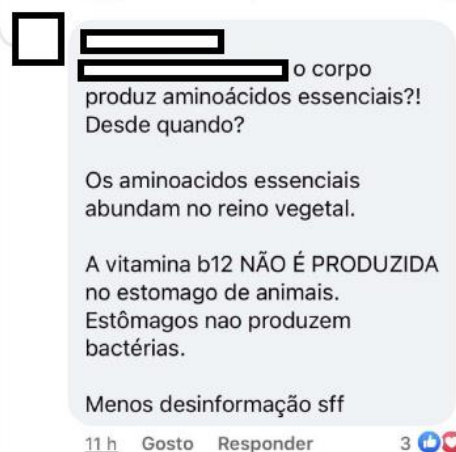
(30)



As estratégias de indelicadeza negativa foram detetadas em segundo lugar, com um total de 59 ocorrências. As tentativas de ser condescendente, ridicularizar ou enfatizar o poder sobre o outro foram recorrentes nos comentários analisados. Os dados apresentados nas interações são percebidos como uma partilha de opinião e não como uma informação objetiva. Quando isto acontece, os comentários subsequentes têm mais probabilidade de enveredar por atos de ataque, sendo os enunciados questionados e criticados. Na intervenção (31), “o corpo produz aminoácidos essenciais?! Desde quando?”, tem implícito a surpresa e a ideia de que a veracidade dessa informação é questionável. A seleção das palavras e as orações interrogativas outorgam um posicionamento de desafio em relação à intervenção anterior.

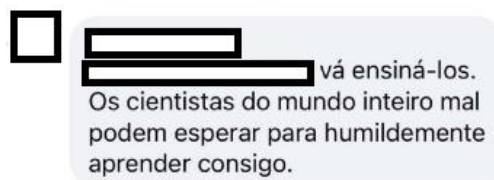
De seguida, o participante pretende corrigir as informações dadas anteriormente, ao afirmar que “os aminoácidos essenciais abundam no reino vegetal”. A atitude condescendente é enfatizada pelas maiúsculas do seguinte enunciado “A vitamina B12 NÃO É PRODUZIDA no estômago dos animais” que contradiz as informações anteriores, destaca a incorreção e deixa implícito a falta de conhecimento dos interlocutores. O ato de pedido com que se termina a intervenção - “Menos desinformação sff” - desvaloriza as fontes de informação anteriores e apela a um fim da difusão desse tipo de dados considerados falsos pelo locutor. A combinação de estratégias de indelicadeza *off-record* e indelicadeza negativa cria um tom de desaprovação e correção agudizando-se o ambiente de confrontação.

(31)



Na continuação de dados apresentados, constantemente postos em causa e corrigidos, um internauta opta por um ato de fala diretivo “vá ensiná-los”, para, ironicamente, dizer que a pessoa em causa teria mais conhecimentos do que “os cientistas do mundo inteiro [e que estes] mal pod[ia]m esperar para humildemente aprender [com o interlocutor]” (32). O elemento de exagero destaca a improbabilidade da situação e intensifica a ironia. Os termos que, aparentemente, poderiam ser delicados e respeitosos, como o advérbio “humildemente”, no contexto em análise, adquirem um valor irónico de sarcasmo e provocação.

(32)



A ironia prevalece nas interações e é passível de ser interpretada de acordo com o contexto sociocultural. O internauta seguinte afirma ter “saudades dos tempos das senhoras que vinham bater a porta a falar na palavra do Senhor” (33). A comparação entre o passado e o presente implica, neste âmbito, uma insinuação de que o tema em debate, próprio da atualidade, tem uma avaliação negativa. A generalização estereotipada da imagem de “senhoras” que batiam às portas para difundir a sua religião é uma forma sarcástica de salientar que há um fanatismo maior nas opiniões apresentadas na rede social, reforçando a ideia de que as abordagens religiosas eram preferíveis e mais positivas do que as opiniões consideradas implicitamente fanáticas. O enunciado atribui ao locutor um posicionamento de pessoa saudosista dos valores e práticas sociais de épocas passadas.

(33)



A categoria “identidade de grupo” foi igualmente tida em conta na análise efetuada. A observação de pistas linguísticas responsáveis pela formação de grupos discursivos opostos levou à criação desta etiqueta que se considerou ter um papel significativo na compreensão de como as identidades sociais se geram em interações indelicadas virtuais. Os participantes recorrem à identificação e categorização de grupos para expressar as suas opiniões e, muitas vezes, atacar as partes adversárias.

A associação de indivíduos a categorias específicas partilhadas pode incluir características identitárias, como etnia, religião, ideias políticas ou, neste caso, regimes alimentares e atitudes ecológicas. Nas seguintes intervenções cria-se uma divisão entre grupos, potenciando-se as diferenças como negativas. Frequentemente, a atribuição destas características e a ênfase nas divergências reforçam ideias estereotipadas e generalizações sobre um conjunto de pessoas com base em visões simplistas e redutoras da diversidade. A análise mostrou que, em interações indelicadas, a identidade de grupo é frequentemente evocada para validar opiniões próprias e desqualificar pareceres contrários. A rigidez destas identificações grupais pode conduzir a uma polarização das posturas e a um aumento da conflitualidade entre diferentes perspetivas.

No enunciado (34) "Só vim aqui para ler os comentários das bestas que insistem em não sair da caverna...", o locutor utiliza, de modo condescendente, a metáfora da caverna para colocar as pessoas com opinião contrária à sua num patamar inferior e apelidá-las, assim, de, agressivamente, “bestas” ou ignorantes. A referência à alegoria do *Mito da Caverna* de Platão configura o ataque aos interlocutores que o locutor considera terem uma visão limitada da realidade, enquanto ele próprio, o falante, se posiciona como parte de um grupo mais esclarecido. A analogia com a caverna pode ser interpretada como uma provocação subtil, sugerindo que as pessoas mencionadas são teimosas ou relutantes em aceitar novas e diferentes perspetivas. A linguagem utilizada “Só vim aqui para ler “ e a animalização realizada com o vocábulo “bestas” reforçam a intenção de alinhamento de provocação e desdém em relação ao grupo-alvo.

A estratégia de indelicadeza positiva identificada na escolha do termo pejorativo “bestas”, generalizando as pessoas que pensam de maneira diferente, e sem ter em conta as perspetivas individuais, induz a uma leitura negativa da inteligência ou raciocínio das pessoas do grupo adversário. A configuração de conjuntos opostos torna-se explícita.

Em ambos os exemplos, verifica-se uma generalização dos dois grupos com opiniões diferentes, os que comem carne (“bestas”) e os que rejeitam os produtos de origem animal, denominados veganos (“só para serem *in...*”). Estas estratégias de indelicadeza negativa não têm em conta a diversidade de opiniões e contribuem para a criação de rótulos e a configuração de grupos sociais opostos.

O advérbio “só” funciona como marca linguística de intensificação do ato de ataque. O enunciado em defesa de uma alimentação vegana “só vim aqui para ler os comentários das bestas que incitem em não sair da caverna”, ou o ataque a esta mesma opção alimentar, “só para serem *in* e estar na moda”, o advérbio intensifica a exclusividade da condição, conferindo ironicamente às ações um carácter restrito e singular. No primeiro exemplo, observa-se uma desconsideração da face positiva das pessoas que atacam os comportamentos alimentares veganos, ao estar implícito que as suas opiniões não têm valor e que o único interesse do locutor é ler os comentários para se entreter ou criticar. No segundo exemplo, o advérbio “só” sugere uma simplificação das motivações do grupo em questão e faz um julgamento dos motivos pelos quais as pessoas optam pelo veganismo. Neste enunciado, fica implícito que o único motivo para a adesão a uma alimentação alternativa é seguir uma tendência de moda, inferindo-se a superficialidade e a impostura das ações com o objetivo de se alcançar a aceitação social. Deste modo, paralelamente, deduz-se que o contrário, que seria a autenticidade, é vivido como positivo e é associado ao grupo no qual o locutor se posiciona, o que não abdica da alimentação que recorre a animais domésticos.

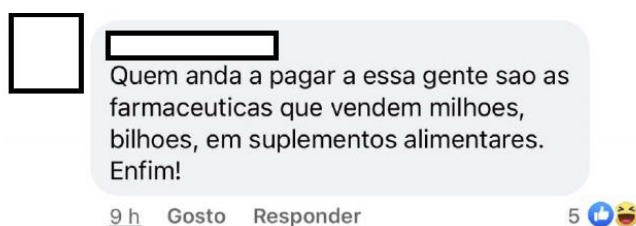
(34)



Considerando o contexto, com o enunciado (35), “Quem anda a pagar a essa gente são as farmaceuticas que vendem milhoes, bilhoes, em suplementos alimentares. Enfim!”, infere-se que as pessoas do grupo oponente (apelidadas de modo distanciado através do deítico “essa” em segmentos como “essa gente”) estão associadas às farmacêuticas, ficando implícito um interesse económico subjacente às opções alimentares

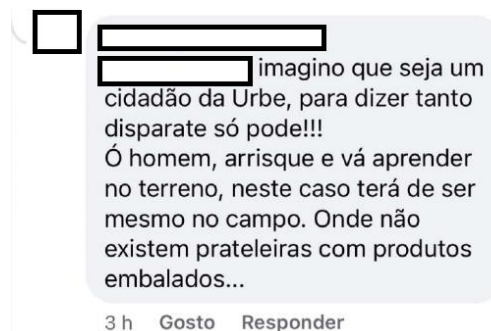
veganas. As palavras “milhões, bilhões” destacam o alegado negócio da indústria dos suplementos alimentares. O final do enunciado com o advérbio “enfim” finaliza bruscamente a discussão, deixando entrever um alinhamento de superioridade do locutor que considera que a discussão não merece um maior desenvolvimento.

(35)



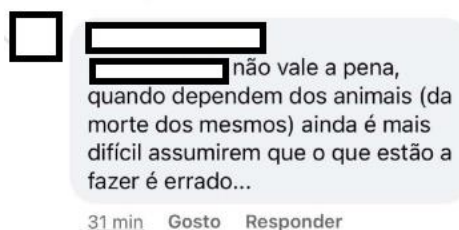
Outros conjuntos contrários aparecem na discussão, desta feita, a divisão entre identidades associadas à vida urbana e rural. Na seguinte estratégia de indelicadeza *bald-on-record*, mediante a desqualificação direta das opiniões das pessoas urbanas, fica implícito que as pessoas que vivem em cidades são mais incultas no que diz respeito à questão do consumo de animais: “Imagino que seja um cidadão da urbe, para dizer tanto disparate só pode” (36). A sugestão de a pessoa arriscar e “aprender no terreno” insinua que o conhecimento prático do campo é mais válido do que o conhecimento teórico ou urbano. O vocativo “Ó homem” acrescenta uma dimensão de atitude superior paternalista por parte do locutor. Em “Ó homem, arrisque e vá aprender no terreno, neste caso terá de ser mesmo no campo. Onde não existem prateleiras com produtos embalados”, o posicionamento é de desafio e de exortação ao oponente para ir para o campo, para aprender na prática e não confiar na informação disponível nos produtos embalados. A forma de tratamento popular “homem”, junto com o vocativo “ó” traduz um alinhamento de superioridade em relação ao interlocutor, que se pretende menosprezar e atacar. O objetivo da intervenção é afirmar que a experiência prática do campo é mais válida do que o conhecimento urbano, sendo os dois grupos, adeptos de uma alimentação tradicional e veganos, associados aos dois conjuntos respetivamente. Por outro lado, confirmou-se, de novo, o não cumprimento das regras de ortografia e sintaxe que parece ser comum neste tipo de intervenções, muito próximas do discurso oral.

(36)



A oposição dos dois grupos (*eles, os que pensam diferente e nós que somos da mesma opinião*) é visível no uso das formas verbais na terceira pessoa do plural (*eles*). No enunciado (37) “não vale a pena, quando dependem dos animais (da morte dos mesmos) ainda é mais difícil assumirem que o que estão a fazer é errado”, a expressão “não vale a pena” expressa um posicionamento de desaprovação das opiniões dos outros e uma afirmação de poder por parte da locutora que se considera ser moralmente superior aos que não são capazes de “*assumirem* que o que estão a fazer é errado”. Desconsidera-se, assim, a face positiva das pessoas envolvidas. Como contraposição à *doxa*, visão predominante ou crença popular de que o ser humano necessita dos animais para a sua alimentação, esta internauta introduz uma moral sobre os valores associados ao certo ou errado em termos de comportamento humano. Para a locutora, a morte dos animais para consumo humano é uma questão moralmente condenável.

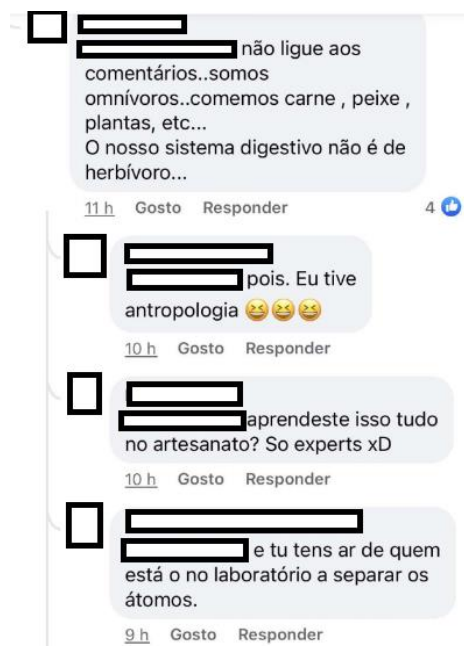
(37)



O apoio explícito a um grupo ou a outro é notório. Em (38) uma internauta utiliza um ato diretivo (“Não ligue aos comentários...”) para apoiar a opinião de outro interlocutor, e continuar, justificando que “somos omnívoros... [que] o nosso sistema digestivo não é de herbívoro”, deixando implícito a ignorância dos veganos, que não estão conscientes disso.

Numa réplica irónica, outro internauta afirma “pois eu tive antropologia”, usando a sua experiência pessoal, para ironicamente, destacar a sua superioridade para falar sobre este assunto e desqualificar o conhecimento do interlocutor. *Emojis* de troça são usados para reforçar o alinhamento da posição de crítico irónico.

(38)



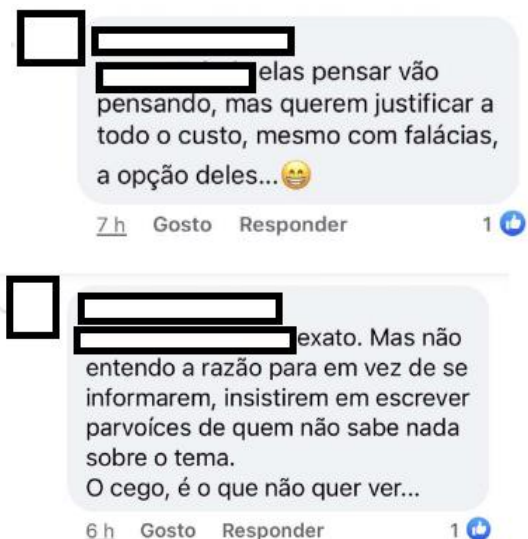
O conhecimento sobre os dados científicos é posto em causa continuamente. Na sequência das locuções apresentadas em (38), um outro internauta pergunta, continuando o alinhamento de ironia e sarcasmo, “Aprendeste isso tudo no artesanato? Só experts xD” numa combinação de estratégias de indelicadeza negativa e *off-record*, que menospreza ironicamente a forma de aquisição de conhecimento e, por conseguinte, a competência da outra pessoa.

O diálogo prossegue com a configuração do estereótipo de alguém que trabalha num laboratório e não tem conhecimento prático tal como é salientado em (38): “E tu tens ar de quem está no laboratório a separar os átomos”.

A argumentação avança no sentido de desqualificar opiniões diferentes e atribuir-lhes falácias de modo sarcástico. Em (39), o enunciado “elas pensar, vão pensando, mas querem justificar a todo o custo, mesmo com falácias, a opção delas...” permite abrir um ato reativo de acordo (“Exato”) e um novo ato de ataque, no qual se mostram pistas linguísticas

de referência a grupos de pessoas e vocábulos depreciativos (“mas não entendo a razão para, em vez de se *informarem*, *insistirem* em escrever *parvoíces* de quem não sabe nada sobre o tema”).

(39)



As estratégias de indelicadeza *bald-on-record* foram usadas em terceiro lugar. Neste caso, não se verifica uma preocupação por suavizar a mensagem, a abordagem é direta e explícita. São comuns os atos diretivos, nos quais a preocupação com a face do outro não é relevante. Embora, neste tipo de estratégia, não constem ambiguidades ou indireções, é comum verificar-se a aliança de várias estratégias numa só intervenção.

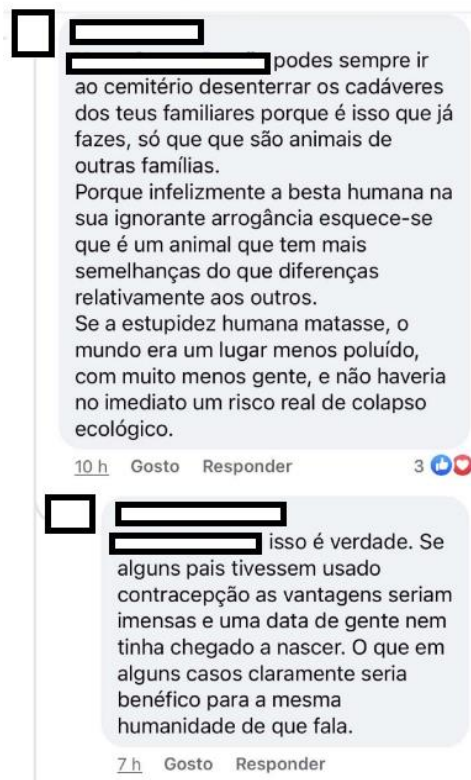
O debate em torno da relação entre a humanidade e o meio ambiente continua. O registo coloquial, aliado a alguma formalidade (linguagem técnica sobre dados alimentares), denota a estratégia argumentativa de as pessoas falantes desejarem dotar o seu discurso de autoridade, ao mesmo tempo que o mantêm acessível a qualquer público.

Na intervenção (40), numa aliança de estratégias positivas (o uso de nomes caluniosos, “besta humana”) e *bald-on-record*, critica-se diretamente a “estupidez humana”. Mediante a imagem de um cenário hipotético, a locutora posiciona-se num plano de superioridade moral ou intelectual, ao reconhecer a “estupidez” de um grupo de pessoas, no qual ela não se sente incluída. Pelo contrário, o enunciado sugere que a falante pertence a um grupo que se considera mais esclarecido e consciente dos problemas ecológicos e sociais:

“Se a estupidez humana matasse, o mundo era um lugar menos poluído, com muito menos gente, e não haveria no imediato um risco real de colapso ecológico”. O tom sarcástico potencia a crítica e maximiza a agressividade da expressão do desejo de que a população humana fosse menor de forma a reduzir os impactos ambientais. Com a expressão “muito menos gente” poderá criar-se uma polarização da audiência, que se dividirá entre aqueles que concordam com a crítica e os que se podem sentir ofendidos pelo ataque. Do mesmo modo, a comparação entre cadáveres humanos e animais apoiada pela hipérbole (“podes sempre ir ao cemitério desenterrar os cadáveres dos teus familiares porque é isso que já fazes, só que são animais de outras famílias.”) é uma metáfora que enfatiza a crítica ao tratamento dado aos animais consumidos na alimentação humana. A ironia é usada mediante o sarcasmo (“Porque infelizmente a besta humana na sua arrogância esquece-se que é um animal que tem mais semelhanças do que diferenças relativamente aos outros.”) para insultar a humanidade e destacar a visão negativa das ações dos seres humanos.

Na intervenção (40), verificou-se o uso de palavras neutras (“humanidade”, “seres humanos”) para fazer referência ao conjunto das pessoas. A palavra masculina “Homem” para referir a humanidade foi maioritariamente usada por internautas que defendem uma alimentação tradicional, baseada em produtos derivados dos animais.

(40)



[Redacted] podes sempre ir ao cemitério desenterrar os cadáveres dos teus familiares porque é isso que já fazes, só que que são animais de outras famílias. Porque infelizmente a besta humana na sua ignorante arrogância esquece-se que é um animal que tem mais semelhanças do que diferenças relativamente aos outros. Se a estupidez humana matasse, o mundo era um lugar menos poluído, com muito menos gente, e não haveria no imediato um risco real de colapso ecológico.

10 h Gosto Responder 3

[Redacted] isso é verdade. Se alguns país tivessem usado contraceção as vantagens seriam imensas e uma data de gente nem tinha chegado a nascer. O que em alguns casos claramente seria benéfico para a mesma humanidade de que fala.

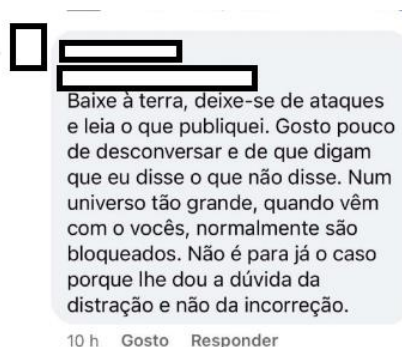
7 h Gosto Responder

Na réplica à participação analisada, a asserção de acordo “isso é verdade” pode indicar conformidade perante o proferido. Não obstante, trata-se de um esquema mental falso. A continuação da intervenção revela um ato de ataque, que segue a mesma linha irónica do comentário ao qual se responde. A sugestão de que o uso da contraceção teria vantagens, pois “uma data de pessoas nem tinha chegado a nascer”, critica o grupo de pessoas apoiantes das opiniões do interlocutor. Evidencia-se a divergência em relação ao enunciado anterior, reforçada com elementos anafóricos como “mesmo” ou “de que fala”:

“O que em alguns casos claramente seria benéfico para a mesma humanidade de que fala”.

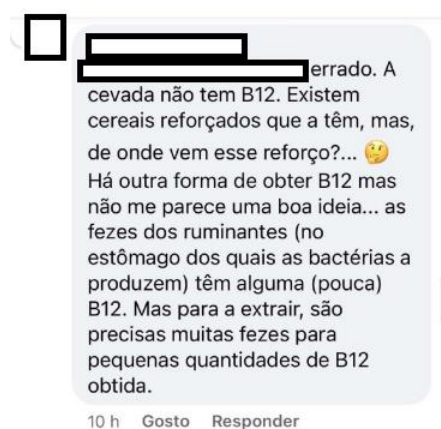
Os atos de ataque às faces realizados de forma direta e clara aparecem, muitas vezes, sob a forma do imperativo, em atos de fala diretivos, como na réplica (41): “baixe à terra, deixe-se de ataques e leia o que publiquei”. O locutor repreende o comportamento do interlocutor que considera inadequado. Consciente do seu papel de comentador, incluído no debate, o participante, num ato expressivo, afirma gostar “pouco de desconversar e de que digam que [...] nunca disse o que não disse”, tentando desacreditar as intervenções anteriores. Segue-se um ato de ameaça, “quando vêm com o vocês, normalmente são bloqueados”, no qual se faz referência à formação de grupos genéricos e se desencorajam comportamentos indesejados, mediante a advertência de bloqueio por parte do locutor. Este posiciona-se como o comentador ameaçador e punitivo. Não obstante, numa tentativa de suavizar a reprimenda, o internauta justifica a não execução imediata do castigo: “Não é para já o caso porque lhe dou a dúvida da distração e não da incorreção”. A intervenção que começa com uma linguagem assertiva e direta, acaba por ser suavizada, numa tentativa de salvaguardar o entendimento conversacional. Contudo, o participante não abandona a sua posição de autoridade sobre a matéria em discussão, que legitima no maior conhecimento que diz possuir, e justifica mediante a alusão a referências externas (“leia o que publiquei”).

(41)



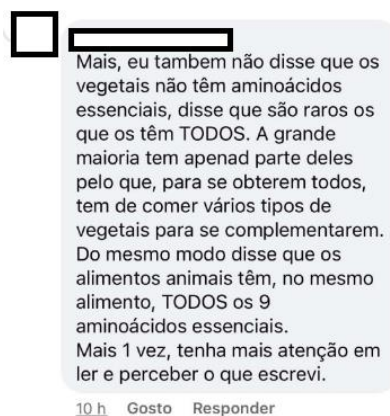
A correção e a deslegitimação das opiniões alheias são frequentes nas intervenções analisadas. A linguagem direta (“errado”) e assertiva (“A cevada não tem B12”) é comumente utilizada em exemplos nos quais a informação poderia ser objetiva, como é o caso da discussão em torno das alternativas relativas à proveniência da vitamina B12 que provoca uma grande participação no debate. As críticas e o desdém são implícitos, com referência a situações desagradáveis, que funcionam como um ato de ataque, “Há outra forma de obter B12 mas não me parece uma boa ideia... as fezes dos ruminantes...”, como se pode ver no seguinte comentário:

(42)



Na mesma linha de correção, mediante uma linguagem direta e clara, e desde uma posição de domínio sobre o tema em debate (“Mais 1 vez, tenha mais atenção em ler e perceber o que escrevi”) reflete a posição de impaciência e irritabilidade do locutor com a percepção de que o interlocutor não está a compreender a mensagem pretendida (43). Insiste-se na argumentação própria e no facto de o alocutário estar a cometer erros de interpretação, sem nunca se colocar a hipótese de os argumentos alheios terem alguma validade. As correções diretas e a deslegitimação de opiniões são elementos considerados indelicados.

(43)

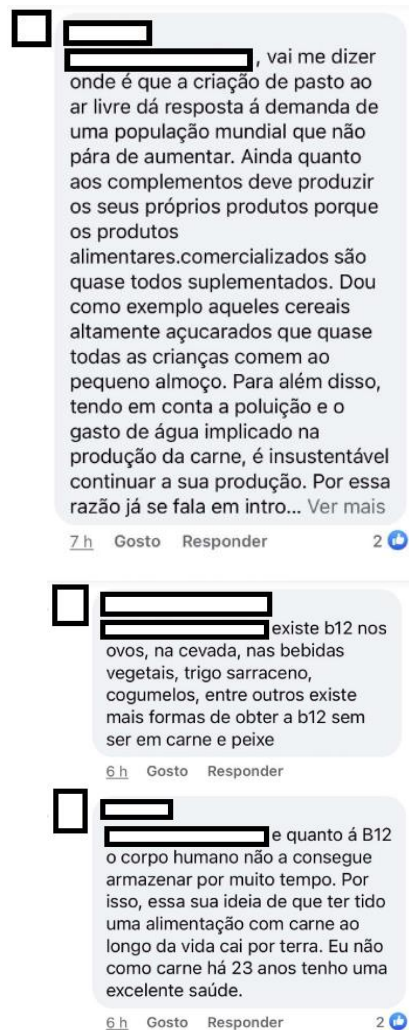


A contraposição de argumentos sucede-se a modo de debate público. Em (44), numa atitude de desafio direto, o locutor dirige-se ao interlocutor ("vai me dizer"), para duvidar da sustentabilidade do sistema de produção de carne ("a criação de pasto ao ar livre [não] dá resposta à demanda de uma população mundial que não pára de aumentar a produção"). A crítica à qualidade alimentar dos alimentos convencionais fica explícita no resto do enunciado, quando se explica que "os produtos alimentares comercializados são quase todos suplementados" e se dão exemplos ("Dou como exemplo aqueles cereais altamente açucarados que quase todas as crianças comem ao pequeno almoço.>"). A afirmação de que "a poluição e o gasto de água implicado na produção da carne [são] insustentáveis") é uma crítica direta à indústria pecuária. As explicações fornecidas revelam que o locutor se considera superior no que diz respeito ao conhecimento do tema tratado, assumindo, por esse motivo, um papel condescendente de explicador de como funciona o sistema da produção alimentar. Trata-se de uma posição que aparece frequentemente nos comentários analisados.

Numa estratégia discursiva de apoio ao enunciado anterior, um internauta proporciona mais informações sobre alternativas à proveniência animal da vitamina B12: "existe b12 nos ovos, na cevada, nas bebidas vegetais, trigo sarraceno, cogumelos, entre outros existe mais formas de obter a b12 sem ser em carne e peixe". O enunciado assertivo parece ser informativo e educativo, no entanto, no contexto de debate sobre posições alimentares opostas, a intenção subjacente é a de atacar a face do grupo que tem uma opinião diferente.

As rejeições contundentes e contestações diretas aparecem, por vezes, em locuções enfáticas como "cai por terra", com a qual se expressa a repulsa da "ideia de que ter tido uma alimentação com carne ao longo da vida" é positiva para o armazenamento da vitamina B12. Atos assertivos como "existe b12 nos ovos, na cevada..." ou "o corpo humano não consegue armazenar B12 por muito tempo" contribuem para a defesa dos argumentos apresentados em estratégias de indelicadeza que se corporizam num alinhamento de ataque às opiniões contrárias às dos locutores. A modo de conclusão da sua intervenção, um dos locutores desqualifica as experiências alheias, ao partilhar a própria experiência ("Eu não como carne há 23 anos [e] tenho uma excelente saúde.>"). Com a insinuação de que uma escolha de estilo de vida alternativa é superior ou mais saudável, estabelece-se um desafio às suposições culturalmente estabelecidas.

(44)



Por vezes as estratégias de indelicadeza *bald-on-record* e positiva aparecem combinadas. De um modo direto e claro, atribuem-se às abordagens veganas nomes, ora difamatórios ora com uma função de etiquetagem, como “chama-se a isto FUNDAMENTALISMO” (45). A conotação negativa do extremismo atua como um ataque à face positiva dos interlocutores e contribui para o tom desafiador da intervenção, cuja indelicadeza se vê intensificada.

(45)



As rotulações continuam em participações curtas e diretas (46), facto que se ajusta às características do género do comentário em redes sociais. Em “mais do mesmo. Lavagem cerebral” e em “o novo proselitismo” denotam-se conotações negativas que sugerem manipulação mental e a crítica a um tipo de promoção de crenças ou ideias. A expressão “mais do mesmo” sugere uma atitude de rejeição em relação a algo que é entendido como repetitivo e sem renovação. Por outro lado, a palavra “novo” relacionado com o “proselitismo” revela um tom irónico, pois o que é etiquetado como “novo” é, na verdade, uma forma indesejada de sectarismo. Estas estratégias de indelicadeza potenciam a perceção negativa do discurso.

(46)



A ambiguidade intencional joga analogamente um papel importante nas estratégias de indelicadeza. No enunciado (47) “lavagem cerebral em marcha...”, o locutor sugere algo negativo, mas não particulariza o que pretende referir, instigando, deste modo, o auditório a várias interpretações. Subjaz a ideia de uma manipulação ou influência inadequada. O facto de a frase ser curta e não proporcionar argumentos que sustentem a acusação pode ser entendido como um ataque infundado.

(47)

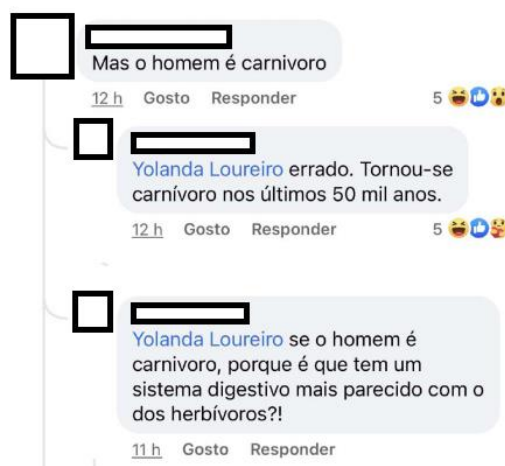


Observou-se que a palavra masculina “Homem”, usada como substantivo coletivo para fazer referência à Humanidade, foi, de novo, utilizada por internautas que defendem uma alimentação mais convencional (48). O *habitus linguístico* da internauta que intervém leva-a à escolha deste termo para argumentar, mediante uma oração adversativa (48), que comer carne é próprio dos seres humanos (“mas o homem é carnívoro”).

A troca de mensagens posteriores é de ataque à face dos interlocutores, apresentando-se argumentos curtos em enunciados diretos. A correção realizada em “Errado. Tornou-se carnívoro nos últimos 50 mil anos” aponta para falhas na informação anteriormente fornecida e estabelece um desafio direto. A estratégia de indelicadeza continua com o locutor a tentar fundamentar a sua correção num apelo à evidência científica (“Tornou-se carnívoro...”). Fica implícita a ideia de que o anteriormente dito carece de base científica.

O terceiro enunciado da *thread* em análise procura desconstruir a argumentação inicial de que o ser humano é carnívoro: “se o homem é carnívoro porque é que tem um sistema digestivo parecido com o dos herbívoros?”. O questionamento, sob a forma de oração subordinada condicional, acarreta a implicação negativa de que o formulado anteriormente (“o homem é carnívoro”) é inadequado. A série de intervenções curtas recorre a um tom de condescendência. Ambas as partes reclamam para si uma superioridade intelectual baseada em evidências científicas.

(48)



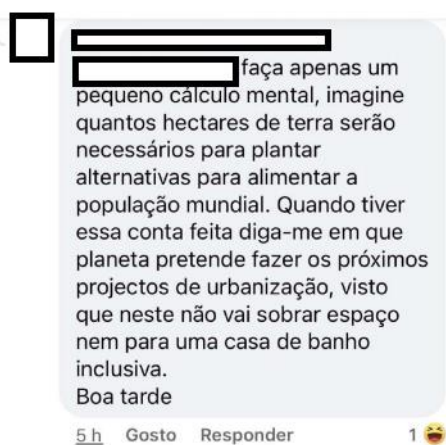
A presente análise teve igualmente como objetivo verificar que atos do discurso eram mais usados na defesa e fundamentação das diferentes posições nas interações. Os atos de fala diretivos (70) e expressivos (55) foram maioritariamente detetados, como se pode ver na tabela 8.

	<b>Atos Compromissivos</b>	<b>Atos Diretivos</b>	<b>Atos Expressivos</b>
Indelicadeza <i>bald-on-record</i>	0	23	3
Indelicadeza negativa	0	14	14
Indelicadeza <i>off-record</i>	2	26	31
Indelicadeza positiva	0	7	7
Indelicadeza <i>withhold</i>	0	0	0
<b>Totais Atos Ilocutórios</b>	2	70	55

Tabela 8: Estratégias de indelicadeza segundo Culpeper (1996) de acordo com os atos ilocutórios observados

Os atos diretivos com recurso a formas imperativas foram frequentemente encontrados nas estratégias de indelicadeza *bald-on-record*. Na intervenção (49), o locutor desafia ironicamente o alocutário a fazer um cálculo mental sobre a quantidade de terra necessária para plantar alternativas vegetarianas (“faça”, “imagine”, “diga-me”), insinuando que o interlocutor tem uma visão simplista sobre a matéria:

(49)



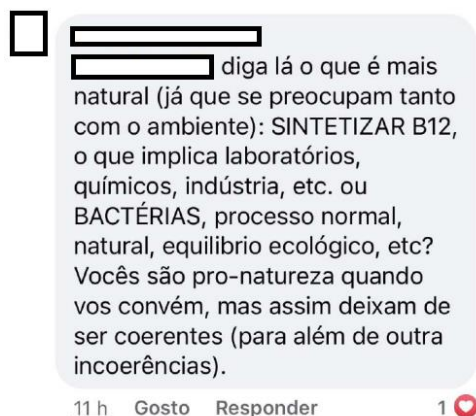
Observa-se na primeira oração um exagero na referência à quantidade de terra necessária para implementar uma alternativa alimentar para a população mundial (“imagine quantos hectares de terra serão necessários...”). A hipérbole desvia-se de uma visão objetiva e amplifica as implicações negativas da proposta, tornando-a aparentemente impraticável. Na continuação da intervenção, e em tom irónico, o locutor continua a proposta (“Quando tiver essa conta feita diga-me em que planeta pretende fazer os próximos projetos de

urbanização (...) não vai sobrar espaço nem para uma casa de banho inclusiva”), desqualificando e ridicularizando, concomitantemente, ideias mais ecológicas e inclusivas que associa ao auditório apoiante de opções alimentares alternativas. A imagem construída do grupo adversário é, deste modo, baseada em generalizações feitas à base de estereótipos que anulam a singularidade do pensamento de cada pessoa. Para o locutor, o facto de se ser adepto da alimentação vegana implica a partilha de outras crenças como o respeito pela diversidade de género.

O pré-ato de saudação “Boa tarde”, ao invés de aparecer em primeiro lugar e ter uma função de cumprimento convencional, neste contexto, e ocorrendo em último lugar, pode ser interpretado como uma interrupção abrupta. A despedida brusca e sarcástica indica que o falante não está disposto a continuar a discussão de forma amistosa. O diálogo é encerrado sem deixar espaço para um debate mais construtivo, o que aumenta a indelicadeza do enunciado (49).

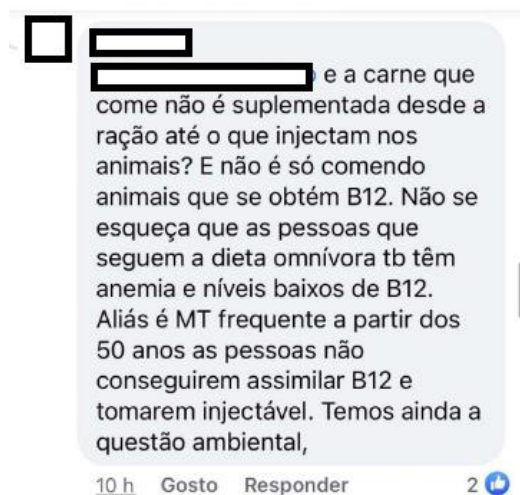
Como ficou registado, o imperativo aparece frequentemente nos atos de ataque quando os interlocutores pretendem comunicar de uma forma direta. Na seguinte intervenção, o internauta tece uma crítica de forma argumentativa, mediante uma pergunta retórica. Em (50), começa pelo imperativo “diga lá o que é mais natural”, e na sua argumentação contrapõe dois conceitos, “SINTETIZAR B12, [em] laboratórios, químicos, indústria, etc. ou [produzir a B12 mediante] BACTÉRIAS, processo normal, natural, equilíbrio ecológico, etc?”. A distinção entre sintetizar B12 em laboratórios ou a partir de baterias ressalta a dicotomia entre abordagens tecnológicas e as mais tradicionais. O debate não é apresentado de uma forma não marcada, pelo contrário, existem marcas de indelicadeza (imperativo, pergunta retórica), sendo a contraposição usada para evidenciar a discordância ou incoerência percebida na postura do grupo de pessoas considerado antagonista: “Vocês são pro-natureza quando vos convém, mas assim deixam de ser coerentes (para além de outras incoerências).” As palavras “natural”, “equilíbrio ecológico” e “coerência” investem-se, neste contexto, de valores positivos e servem para reforçar a posição crítica do autor. A estratégia utilizada é a de ressaltar a dicotomia entre diferentes abordagens e destacar a aparente falta de coerência nas ações das pessoas consideradas “pro-natureza”. O alinhamento do locutor é de provocação, ataque e incitação à discussão.

(50)



Como réplica à intervenção anterior, em (51), uma locutora compõe uma crítica indireta à qualidade da carne consumida, sugerindo a pouca qualidade desta (“e a carne que come não é suplementada desde a ração até o que injectam nos animais?”). Seguem-se uma generalização negativa sobre a aquisição da vitamina B12 e um enfrentamento direto que pretendem desqualificar a escolha alimentar do grupo adepto do consumo de carne: “E não é só comendo animais que se obtém B12. Não se esqueça que as pessoas que seguem a dieta omnívora tb [também] têm anemia e níveis baixos de B12.” O imperativo “não se esqueça” e o uso de maiúsculas em “Aliás é MT [muito] frequente a partir dos 50 anos as pessoas não conseguem assimilar B12 e tomarem injectável” contribuem para o tom de desaprovação no discurso e revelam o papel de superioridade assumido pelo facto de a locutora se considerar ser uma pessoa informada sobre o tema em debate. Com a oração final, “Temos ainda a questão ambiental”, manifesta-se uma tentativa de influenciar a perspetiva do interlocutor, pois a locutora apresenta brevemente um novo argumento: o de que seja considerada a problemática ambiental na questão do consumo da carne. Nesta intervenção, as estratégias de indelicadeza foram perceptíveis mediante a colocação de questões, generalizações e o tom de desaprovação que, no seu conjunto, tornam o diálogo mais confrontador e menos propício ao debate construtivo.

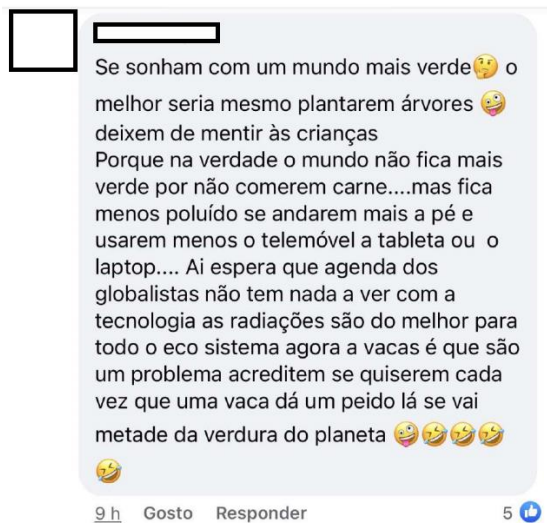
(51)



As posições enfrentam-se e o diálogo encrudesce-se. Na mesma linha de estratégia direta de indelicadeza, outro internauta desqualifica a intenção anterior. O apelo a deixar de “mentir às crianças” indica que, segundo o locutor, se estão a enganar as novas gerações, pois uma dieta mais verde não tem um impacto significativo no meio ambiente, gerando-se, deste modo, um desprestígio das escolhas alimentares veganas (52).

A desqualificação, o sarcasmo, a minimização das causas ambientais e os ataques diretos a crenças específicas registaram-se em toda a intervenção, contribuindo para o tom agressivo da mesma. A ironia sarcástica em “Ai espera que agenda dos globalistas não tem nada a ver com a tecnologia as radiações são do melhor para todo o eco sistema agora as vacas é que são um problema acreditem se quiserem cada vez que uma vaca dá um peido lá se vai metade da verdura do planeta” ridiculariza a ideia de que a emissão de gases pelas vacas seja um problema ambiental significativo. O uso de emojis contribui para o tom informal e para o desdém das posições contrárias. O locutor assume um papel de crítico irónico.

(52)



As intervenções mais compridas e argumentativas intercalam-se com outras mais curtas, como a mostrada em (53) ("Comprem uns óculos a esta gente..."), na qual se regista a continuidade do tom anterior de ironia e sarcasmo em prol da desqualificação. A oração insinua que as pessoas veganas estão erradas e que não têm uma visão clara da situação. O uso do determinante demonstrativo “esta” revela um distanciamento por parte do locutor. Este não se sente associado ao grupo de pessoas que avalia de modo depreciativo.

(53)



Noutra intervenção igualmente curta (54), o enunciado “sabem bem onde podem enfiar o veganismo” inclui um tom de hostilidade. A linguagem vulgar e ofensiva própria da palavra “enfiar”, neste contexto, transmite uma sensação de desrespeito. Esta comunicação não apresenta uma argumentação construtiva, pelo contrário, a agressividade denota um forte repúdio em relação ao veganismo. A expressão “Sabem bem” acrescenta um tom de familiaridade à situação. O locutor assume que as pessoas veganas estão conscientes de que as suas escolhas alimentares são erróneas e adota um posicionamento de provocação direta.

(54)



Continuando com as intervenções breves, diretas e agressivas, “fale por si” indica, de forma assertiva, uma rejeição das afirmações anteriores com total ausência de delicadeza (55). O uso do pronome em “fale por si”, embora seja formal, torna-se indelicado, pois manifesta um afastamento do indivíduo locutor, destacando, por outro lado, a individualidade deste. Indica-se, desta forma, que cada pessoa tem opiniões próprias e desaconselha-se indiretamente o recurso às generalizações. A frase curta parece apontar para uma falta de disposição para continuar a discussão, podendo ser interpretada como uma forma abrupta de encerrar o diálogo.

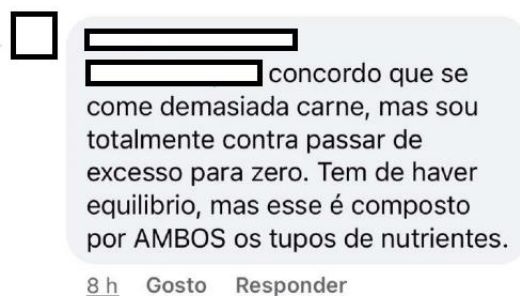
(55)



No conjunto dos atos de discurso analisados, os atos expressivos foram maioritariamente encontrados (55 em total), o que indica que as pessoas internautas participadoras na discussão têm um forte desejo de expressarem sentimentos e opiniões.

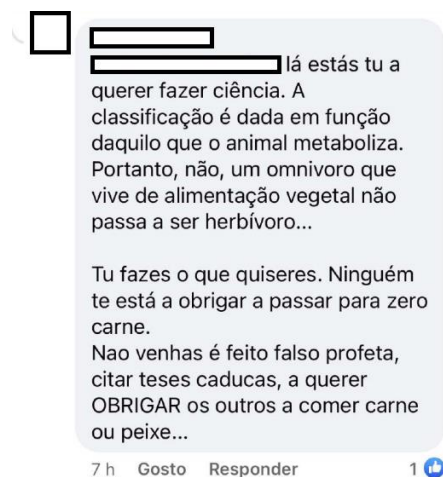
Na intervenção (56) o tom apresenta-se mais conciliador. Expressa-se uma opinião (“concordo que se come demasiada carne”), enfatizando-se a discordância através do advérbio “totalmente” (“sou totalmente contra passar de excesso a zero”). O destaque dado à palavra “AMBOS”, em maiúsculas, enfatiza a preferência por uma alimentação equilibrada que inclua nutrientes provenientes tanto de fontes vegetais como animais: “Tem de haver equilíbrio, mas esse é composto por AMBOS os tupos [tipos]de nutrientes”. Apesar de o tom deste enunciado não ser especialmente indelicado, observa-se a expressão de uma posição firme por parte do locutor, que assume um alinhamento de mediação no debate.

(56)



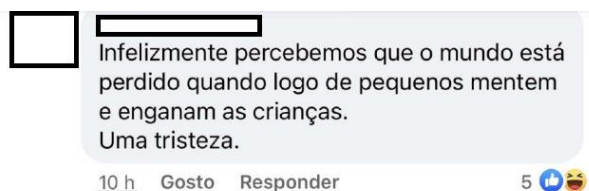
No seguimento dos enunciados anteriores, registaram-se atos de ataque e desvalorização. Marcas linguísticas como o marcador discursivo “lá” (“Lá estás tu a querer fazer ciência”) modalizam reforçando a depreciação na qual se indica que a aplicação de princípios científicos por parte do interlocutor é inadequada (57). A desaprovação da opinião da pessoa interlocutora é notória nas expressões “Tu fazes o que quiseres” e “Não me venhas é feito falso profeta citar teses caducas”. Num ato de acusação de recurso a argumentos desatualizados, o locutor menospreza as ideias de quem é antagonista discursivamente. Em “Ninguém te está a obrigar a passar para zero carne” rejeita-se a ideia de obrigação e enfatiza-se a liberdade de escolha. Os termos “falso profeta” ou “querer OBRIGAR os outros” contribuem para a carga emocional negativa gerada, do mesmo modo que o uso de maiúsculas ou reticências intensifica a mensagem e a crítica realizada. As estratégias de desaprovação, acusação e frustração em relação às posições do interlocutor constroem o tom geral de indelicadeza. O locutor posiciona-se como defensor da liberdade individual deixando implícita uma crítica baseada no dilema moral sobre o tipo de alimentação que se deve escolher.

(57)



Os participantes continuam a emitir a sua opinião, direta ou indiretamente. No enunciado (58) “Infelizmente percebemos que o mundo está perdido quando logo de pequenos mentem e enganam as crianças. Uma tristeza.”, verifica-se uma generalização negativa. As palavras “infelizmente” e “uma tristeza” expressam uma carga emocional hostil e um sentimento de desânimo em relação à situação descrita. O julgamento moral expresso em “o mundo está perdido” revela o alinhamento de queixa do locutor que, com o seu enunciado, cria um ambiente de pessimismo e lamentação.

(58)



A expressão da opinião nem sempre acarreta o uso de estratégias de indelicadeza, como se pode ver no exemplo (59). No enunciado “considerando o impacto da produção agrícola, a questão da alimentação é central e prioritária”, a afirmação é objetiva e direta. Os adjetivos “central” e “prioritária” destacam a importância do tema abordado, não havendo elementos que excluam as opiniões alheias. Neste caso, o enunciado poderá adquirir um papel mais mediador.

(59)



A afirmação categórica “já não restam dúvidas: o Público negociou uma bela avença com associações vegan...” é uma crítica direta ao jornal “Público” e às associações veganas (60). Além das participações dos/das intervenientes na discussão pública, também o meio pelo qual a notícia é transmitida, é criticado. Não obstante as denúncias de influências

externas não serem acompanhadas de provas que sustentem a afirmação, o enunciado tem a intenção de sugerir uma certeza absoluta (“já não restam dúvidas”), numa estratégia de acusação e ênfase na validade do que se diz. O uso irónico do adjetivo “bela” contribui para a conotação negativa da crítica efetuada.

(60)



As desqualificações das opiniões do grupo de interlocutores aparecem, por vezes, aliadas a uma desumanização da categoria das pessoas referidas. A sugestão destas serem como “bovinos inseridos em corpos estranhos...” evidencia uma estratégia de indelicadeza dada a diminuição da humanidade. “Também podem exigir mudar de ‘género’” pretende desconsiderar as reivindicações de identidade de género. O uso de aspas em ‘género’ insinua que a mudança de género é algo opcional, irrelevante ou questionável. O enunciado (61) encerra uma forte carga de menosprezo em relação aos grupos específicos de pessoas veganas e transexuais. De novo, parece que as generalizações e estereótipos regulam a imagem que se constrói das pessoas participantes que são vistas como um grupo oponente e não como indivíduos singulares.

(61)



Ainda na continuação da análise dos atos expressivos, em “sonham com um planeta sem porcos, vacas, galinhas, ovelhas... etc. A mim parece-me um mundo mais triste, só com plantas... porque ninguém vai criar animais se não há ninguém que os quer comer...” (62), sugestionam-se uma desaprovação relativamente àqueles que defendem a ideia de um mundo

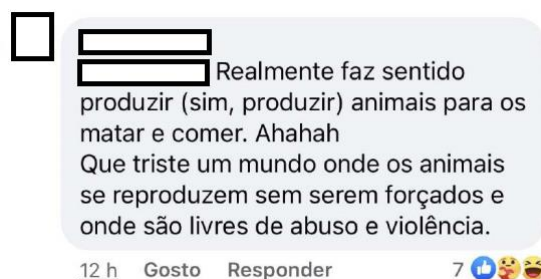
sem criação de animais para consumo humano. A forma verbal na terceira pessoa do plural “sonham”, neste contexto, é um indicador linguístico da formação de grupo que se pretende atacar. O julgamento subjetivo “A mim parece-me um mundo mais triste” é apoiado pela justificação “porque ninguém vai criar animais se não há ninguém que os quer comer”, funcionando, aqui, como uma estratégia de indelicadeza, ao ser subestimada a possibilidade de criar animais por qualquer outra razão que não seja o consumo humano.

(62)



Na contraposição de argumentos, a seguinte internauta recorre à ironia e à repetição de palavras para sarcasticamente condenar a ideia da produção de animais para consumo humano (“Realmente faz sentido produzir (sim, produzir) animais para os matar e comer”). A iteração enfatiza a discordância. A ironia está presente no enunciado quer através da interjeição “Ahahah”, que representa uma expressão irónica de riso, quer mediante a expressão de lamento “Que triste um mundo onde os animais se reproduzem sem serem forçados e onde são livres de abuso e violência”. As pistas linguísticas em (63) revelam o papel de crítica irónica assumido pela locutora.

(63)



As generalizações negativas também se formam tendo por base critérios geográficos. A simplificação excessiva e pejorativa implícita no enunciado (64): “em África até te comem a ti, há zonas onde comem gatos e cães, achas normal?” apresenta-se como

estereotipada. A imprecisão deste tipo de expressões potencia a estigmatização cultural. No final, a *pergunta tag* (“achas normal?”) expressa choque e desaprovação em relação à prática de consumir cães e gatos e procura envolver o interlocutor no diálogo.

Como se tem visto ao longo da análise, o alinhamento entre comentários parece apresentar uma certa continuidade. A réplica à intervenção anterior parece confirmar este facto, pois o locutor posiciona-se como conhecedor das diferentes culturas, e por isso, capaz de fazer comparações culturais: “pelos padrões ocidentais, não. Pelos orientais, é perfeitamente normal (por lá comem basicamente tudo o que mexe)”. O paralelismo efetuado entre os diferentes padrões alimentares e a generalização do mundo oriental reforça a constituição de estereótipos culturais, o que pode ser ofensivo e indelicado.

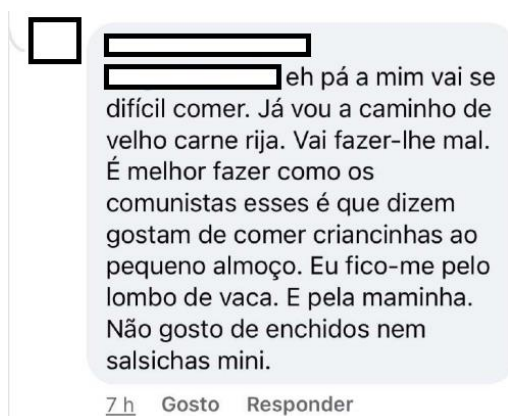
(64)



O humor negro também foi detetado nalguns comentários, como por exemplo, em (65): “eh pá a mim vai se[r] difícil comer. Já vou a caminho de velho carne rija. Vai fazer-lhe mal. É melhor fazer como os comunistas esses é que dizem que gostam de comer criancinhas ao pequeno-almoço. Eu fico-me pelo lombo de vaca. E pela maminha. Não gosto de enchidos nem salsichas mini.”. A alusão aos comunistas é generalizada e caluniosa e parece querer desencadear um humor provocativo que pode ser ofensivo. Enquanto expressões como “carne rija” aludem ao envelhecimento, palavras como “maminha” geram alguma ambiguidade, insinuando conotações sexuais. As referências a comunistas, envelhecimentos e partes do corpo podem ser consideradas pouco respeitosas. A aproximação intencional de diferentes domínios ativa o efeito cómico conseguido pelo jogo de palavras que incide na ambiguidade semântica: “carne rija” (de homem velho) para

consumo humano, “criancinhas comidas ao pequeno-almoço” (por grupos políticos genéricos) e “a maminha” com as suas conotações sexuais. Os temas tabus, como no caso da sexualidade, são, muitas vezes, introduzidos, no discurso, através de uma rede de inferências assentes no conhecimento partilhado do auditório. Neste sentido trata-se uma forma de transgressão, mas também de cooperação, pois o locutor apela à sua interlocução para decifrar os sentidos que são insinuados (Mouta, 2007).

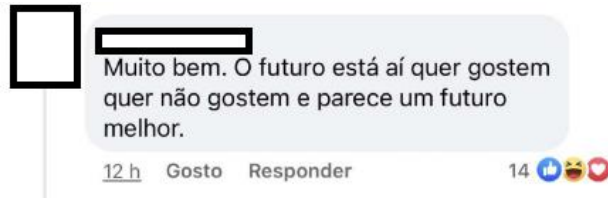
(65)



A estratégia discursiva de alinhamento com a autoridade ou o conhecimento sobre o que se diz foi registada em múltiplas ocasiões. Com o objetivo de ilustrar as opiniões e tentar convencer o auditório das suas ideias, os/as participantes na discussão adotam diferentes estratégias. Fornecem dados estatísticos (embora a sua interpretação não deixe de ser, muitas vezes, enviesada), apoiam a informação disponibilizada com citações de artigos *online* ou recorrem a atos assertivos para imprimir precisão e veracidade à descrição das informações.

A declaração assertiva (66) “o futuro está aí” declara um facto que se pretende que seja interpretado como inabalável, o futuro não depende da opinião ou aprovação de ninguém. A segunda parte do enunciado (“quer gostem, quer não gostem”) é uma afirmação contundente mas suavizada porque contempla a possibilidade de haver divergências de gostos ou opiniões. Neste sentido, parece haver uma tentativa de evitar o confronto direto. O ato expressivo final (“e parece um futuro melhor”) pretende reforçar a confiança na sua própria visão otimista.

(66)



O recurso a citações e artigos externos tem a função de expor evidências empíricas e trazer credibilidade aos enunciados das pessoas locutoras. Esta invocação de autoridades externas contribui para legitimar as perspectivas apresentadas e persuadir o auditório. Em (67), podem ser observados alguns exemplos.

(67)



### 5.3. Conclusões da análise dos *corpora* virtuais

A presente análise da indelicadeza nos *corpora* das sequências interacionais do *gênero textual* do *comentário* da rede social do Facebook permitiu compreender o papel das estratégias discursivas violentas em interações *online* (Culpeper, 1996, 2011, 2013), tanto no que diz respeito à configuração das identidades dos participantes no discurso, como na consequente diminuição do seu capital social (Bourdieu, 1989).

As redes sociais permitem a partilha de vários tipos de informações e recursos entre múltiplos interlocutores. A diversidade de discursos e linguagens manifesta-se neste tipo de comunicação virtual mediante o uso de diferentes estilos de linguagem e formatos como imagens (emojis ou memes) ou vídeos.

A comunicação polilocal dos debates que se vão formando nas diferentes sequências ameaçadoras (*threads*) de comentários revela uma grande diversidade de perspectivas e experiências partilhadas. Não obstante, nesta multiplicidade de vozes, ao invés do que poderia ser a construção de um espaço construtivo enriquecido pela variedade, verificou-se uma forte tendência para a produção de um espaço discursivo negativo e violento. Nestes encontros, foram observadas estratégias discursivas ameaçadoras que têm por objetivo a validação social mediante a persuasão dos internautas com quem se interage.

Foi objetivo desta investigação averiguar como diferentes formas de violência se materializam discursivamente em ambientes virtuais. Nestes espaços, que parecem propícios à formação de atos de ataque entre os interlocutores, a violência acontece de um modo recíproco e crescente. Algumas das razões que podem ajudar a explicar esta quebra do contrato social poderão estar relacionadas com a distância física e a sensação de anonimato e impunidade produzida pelos avatares. Neste sentido, as *nuances* da comunicação presencial estão ausentes no presente contexto.

A natureza particular deste tipo de comunicação virtual possibilita a criação conjunta de um conflito que permanece em aberto e que pode ser retomado em qualquer momento. Do mesmo modo, mesmo que intervenções mais compridas alternem com outras mais curtas, a tendência maioritária é para que as participações sejam curtas, diretas e com finais abruptos. O enunciado curto parece apontar para uma falta de disposição para continuar o diálogo, o que pode ser interpretado como uma forma violenta de terminar a discussão. Analogamente, são inexistentes os pré-atos de saudação ou despedida, o que aumenta a indelicadeza dos enunciados.

Porém, foram detetados, por vezes, nos enunciados, alguns inícios mais cordiais, como cumprimentos e formas de tratamento formais. Estas pré-sequências de preparação dos atos posteriores, que funcionam como *frames*, criaram, no presente contexto, falsas expectativas na interação, ao serem maioritariamente seguidas de estruturas próprias do discurso informal e de ataques verbais. Este contraste levou a que fossem caracterizados como *esquemas mentais falsos*, visto as expectativas serem quebradas e a violência verbal ser intensificada. A ambiguidade intencional desempenha aqui igualmente um papel importante nas estratégias de indelicadeza.

A dinâmica relacional gerada nas sequências discursivas baseia-se em enfatizar o poder sobre o oponente e a persuasão deste e do auditório. Ambas as partes reclamam para si uma superioridade moral e intelectual e menosprezam, concomitantemente, as ideias contrárias mediante uma carga emocional negativa. A exclusão do *Outro* é recorrente, o que contribui para construir o tom geral de indelicadeza.

As identidades representadas verbalmente conduzem à constituição de grupos sociais que se sentem antagónicos nas interações virtuais. A diferenciação dos grupos baseia-se em conflitos morais que envolvem os participantes em lutas discursivas com diferentes posições ideológicas. A indelicadeza parece não visar atacar indivíduos, mas sim as identidades construídas socialmente no discurso.

A associação de indivíduos a categorias específicas partilhadas incluiu, nas análises efetuadas, características identitárias, como etnia, religião, ideias políticas ou, até, regimes alimentares e atitudes ecológicas. Foi observado como, na sequência das interações discursivas, se reforçava a ideia de uma construção identitária inserida em grupos opostos, nos quais o posicionamento ou alinhamento dos/das locutores/as se verificou ser ora de inserção, ora de afastamento.

A referência à “identidade de grupo” (Culpeper, 2020) tem como objetivo validar opiniões próprias e desqualificar pareceres contrários que são associados ao grupo social no qual o/a locutor/a não se quer inserir. Sobre o grupo de pessoas com opiniões diferentes, são criadas, frequentemente, generalizações que induzem a uma leitura negativa do grupo oponente. As simplificações, concretizadas, muitas vezes, mediante atos assertivos, servem de ataque direto à identidade construída no discurso e alicerçam-se em estereótipos que conformam o *ethos* do auditório. São associados valores morais a um espírito de caráter humanista que, valorizando a face dos locutores, propicia a diabolização do *Outro*. A rigidez

destas identificações grupais parece conduzir a uma polarização das posturas e a um aumento da conflituosidade entre as diferentes perspetivas.

As estratégias discursivas de intensificação da ameaça são recorrentes e encenam uma forte ameaça do território do alocutário que se percebe como uma entidade coletiva. São vários os elementos que ajudam a configurar esta pertença ou distanciamento dos diferentes grupos. A presença dos pronomes possessivos (“país dele”, “terra dele”, a nossa história”, “o nosso lindo hino”, “Ninguém a quer em Portugal”) evidencia a problemática do racismo que, nas palavras de Grada Kilomba (2021: 173) nunca é biológico, mas discursivo. A categoria “portugueses” é criada verbalmente tendo como oposição os que são considerados “estrangeiros”, não porque, de facto, são de outra nacionalidade, mas devido à cor da sua pele.

O estudo do papel do discurso na criação e reprodução da desigualdade étnica tem vindo a emergir na ACD. Tradicionalmente, estudavam-se as representações etnocêntricas e racistas nos meios de comunicação social, na literatura e no cinema que divulgavam imagens de dominação sobre o Outro e de inferioridade intelectual, moral e biológica deste. Discursos deste tipo influenciaram a opinião pública e conduziram a representações sociais largamente partilhadas. Estudos discursivos posteriores foram para além da análise analítica e centraram-se mais profundamente nas propriedades linguísticas, semióticas e discursivas do texto e do discurso. Diversas investigações sobre a desigualdade étnica e racial (Wodak & Reisigl, 2001) revelaram uma analogia entre estereótipos, preconceitos e outras formas de depreciação verbal em todos os tipos de discurso, meios de comunicação e fronteiras nacionais (van Dijk, 2001: 361).

De acordo com Kilomba (2021: 176), no mundo *branco*, as pessoas *negras*<sup>46</sup> são reduzidas a um corpo. O *sujeito negro* é usado como contrapartida para o *sujeito branco*, como uma imagem espelhada reduzida à sua fisicalidade. No racismo a negação é usada para manter e legitimar as estruturas violentas de exclusão racial. Na ideia de que *eles* querem tomar o que é *nosso*, subsiste, primeiramente, a negação de que *nós tomamos o que é deles* e a projeção no *Outro* daquilo com que o *sujeito branco* não quer ter relação. Estes processos de dissociação da psique criam permanentemente o denominado “Outro” como antagonista

---

<sup>46</sup> O termo *negro* não é uma palavra neutra, não marcada, mas um conceito colonial criado durante a expansão marítima europeia para designar o lugar de subordinação e inferioridade dos povos africanos. Apesar de, originalmente, ter ajudado a constituir as relações de poder entre a Europa e a África, o termo é usado aqui, por ser considerado o único correto (Kilomba, 2021: 172).

do “eu”. No *ethos branco* que se vai criando nas sequências discursivas, só uma parte positiva é vivida como “eu/nós”, a parte negativa do ego rejeita-se, vive-se como algo externo que é projetado no *Outro*. Segundo Kilomba (2021: 35), estes fatores dão à “*branquitude* a possibilidade de ela própria se perceber como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em pleno controlo e sem a ansiedade provocada pela sua historicidade”. Logo, é no contraste com a diferença com o “eu” *branco* que o *sujeito negro* se torna na representação moral do que o *sujeito branco* não quer. A *negritude* serve de forma primária de alteridade por via da qual se constrói a *branquitude*. Noutras palavras, não se trata de abordar a individualização dos sujeitos, mas sim reforçar as fantasias do imaginário *branco* sobre aquilo que o *sujeito negro* deve ser ou daquilo que, neste caso, Portugal deve ser: um país de portugueses *brancos* onde não há lugar para a diferença (“pessoas que não têm raízes portuguesas” ou “poderá ter nascido cá, o que não faz dele português, até porque as suas origens são caboverdianas” são algumas das intervenções dos internautas).

Em suma, nos estudos efetuados, verificou-se o caráter atemporal do racismo que é construído no discurso quotidiano. As consequências desta agressividade na comunicação contribuem para a diminuição do capital social (Bourdieu, 1989) dos agentes visados e o conseqüente aumento da desigualdade social.

A observação das *pistas de contextualização* ou alinhamento (*footing*) dos interlocutores virtuais evidenciou a atitude dos participantes. Nas suas intervenções, os interlocutores parecem sentir-se seguros para expressar as suas opiniões de uma forma direta e assertiva. As intervenções com um *footing* mais respeitoso e construtivo foram notoriamente minoritárias.

No contínuo dos ataques ameaçadores, as estratégias de indelicadeza não têm em conta a diversidade de opiniões, sendo criados, discursivamente, para além dos portugueses e os africanos, outros grupos sociais contrários: comunistas e fascistas, pessoas citadinas e rurais, fãs de diferentes clubes futebolísticos, ou os que têm uma alimentação tradicional e os adeptos de uma alimentação vegana. Foi detetada igualmente a configuração de estereótipos que tenta desconsiderar as reivindicações de identidade de género num ambiente geral de deslegitimação de opiniões alheias.

Os antagonismos registados giraram identicamente em torno dos eixos semânticos da objetividade *versus* subjetividade, com a apresentação de diversas citações externas de

modo a amparar a veracidade dos factos, que são apresentados de acordo com o enviesamento de cada locutor/a. Deste modo, a argumentação apoia-se na validação dos atos assertivos ou expressivos por meio de referências externas ou citações. Numa combinação de estratégias de indelicadeza negativa e *off-record*, os dados científicos são postos em causa continuamente, de modo a favorecer a opinião de quem se manifesta e menosprezar a forma de aquisição de conhecimento e, por conseguinte, a competência da outra pessoa. O apelo a autoridades externas apresenta um alinhamento de autoridade ou conhecimento sobre o que se vai dizer e contribui para reforçar as perspetivas apresentadas e persuadir o auditório.

A existência de fórmulas convencionais de indelicadeza não garante que a interação seja necessariamente avaliada como indelicada. Não obstante, foram notados sólidos sinais de indelicadeza em estratégias micro (discurso) e macro (social). Em relação às primeiras, foram observados determinados dispositivos linguísticos (detalhados mais abaixo) e uma sequencialidade de atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros de ataque (o que configura o cumprimento do PRI). As posições enfrentam-se e a indelicadeza vai-se intensificando à medida que as participações aumentam, sendo o conhecimento partilhado o que permite a interpretação dos mecanismos retóricos. Em relação às estratégias macro, é necessário considerar os aspetos históricos e ideológicos associados à discussão, como foi acima abordado.

A nível de um contexto micro, verificou-se o tom coloquial, muito próximo da oralidade. A irrupção de aberturas abruptas e a ocorrência de ‘perguntas-tag’ (“certo?”) corrobora o carácter imediato do discurso coloquial e, neste contexto, o comportamento marcado negativamente. Por vezes, alguma formalidade apresentada denota a estratégia argumentativa dos falantes quererem dotar o seu discurso de alguma autoridade, mantendo-o, porém, acessível a qualquer tipo de público. São frequentes a ortografia fora do padrão e o abuso do uso de sinais gráficos, nos atos expressivos. As exclamações repetidas, as interjeições, os emojis ou o recurso a maiúsculas têm a função de salientar certos elementos e intensificar as críticas realizadas. As locuções interjetivas e os adjetivos avaliativos presentes nas asserções remetem para a presença de enunciados híbridos, que conjugam atos ilocutórios (assertivos e expressivos).

Em geral, as estratégias de indelicadeza postuladas por Culpeper (1996) mais encontradas foram as *off-record* e *bald-on-record*, seguidas das de indelicadeza negativa. A estratégia *withhold* não foi detetada.

A encenação do discurso recorre, regularmente, ao uso de mecanismos retóricos como a ironia, afirmações sarcásticas ou perguntas retóricas (*off-record*) que contribuem para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do outro e dos grupos que se lhe associam. Nos aspetos semânticos e pragmáticos predomina a intenção de insultar (*bald-on-record*) e desprestigiar a imagem dos adversários. Os atos performativos de ofensa são maioritariamente realizados de forma direta, clara, sem mitigadores que suavizem o carácter agressivo do ato, sendo os mais usuais os atos expressivos, diretivos e assertivos. Nos primeiros expressa-se um estado psicológico e faz-se um juízo de valor ao serviço do insulto, e nos segundos a preocupação com a face do outro não é relevante, as rejeições são contundentes e as críticas diretas. Os atos assertivos têm como objetivo validar as opiniões próprias e desprestigiar as alheias. Em síntese, os resultados parecem corroborar alguns estudos anteriores que indicam que na rede social Facebook se tende à expressão de sentimentos (Suranto & Aryanika, 2020). Igualmente, foi verificada uma regularidade da indelicadeza nos atos de fala e em sequências justificativas, próprias de um texto argumentativo.

A combinação de estratégias foi também frequente, por exemplo, as de indelicadeza positiva (o uso de nomes caluniosos como em “galdéria”) e as *bald-on-record* (o uso do imperativo em atos diretivos), com o objetivo de reforçar os argumentos que se pretendem expor ou atacar os adversários, influenciando, assim, a perceção negativa do discurso.

A criatividade verbal prestou-se ao serviço da descredibilização do *Outro*, numa atitude que pareceu apontar para algum grau de entretenimento à custa do conflito. O uso de mecanismos retóricos como a ironia, a hipérbole ou as perguntas retóricas contribuiu para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do interlocutor (*indelicadeza off-record*). O elemento de exagero destacou a improbabilidade da situação e intensificou o tom irónico. A hipérbole afastou-se de uma visão objetiva e amplificou as implicações negativas, desqualificando e ridicularizando os enunciados que se pretendiam atacar.

Os mecanismos semântico-pragmáticos do humor revelaram uma certa fruição linguístico-discursiva na enunciação dos atos ofensivos. O carácter instrumental da linguagem foi, nestes casos, preterido em prol do jogo e da invenção. Neste universo de criação, as transgressões do discurso humorístico exigiram uma cooperação por parte das pessoas interlocutoras. Para a completa compreensão dos conteúdos proposicionais, estas

são chamadas a convocar o conhecimento partilhado de maneira a decifrar as pressuposições e os subentendidos insinuados nos enunciados. O humor verbal viabiliza os jogos de manipulação lúdica e intelectual, mas também os jogos do desafio heurístico contidos no desafio lançado pelo enunciado (Mouta, 2007: 82). Neste sentido, verificou-se uma cumplicidade no auditório na gestão da interação<sup>47</sup>.

A desqualificação das opiniões dos interlocutores apareceu, por vezes, aliada a uma desumanização da categoria das pessoas referidas. As comparações com animais foram frequentes no sentido de desvalorizar a face do *Outro* (“ladrou?”, “cortaram-te o pio?”). Esta violência verbal teve a função de afirmar a inferioridade de uma identidade, ferindo psicologicamente a pessoa visada, através da condição animal.

As expressões deícticas que dependem do contexto para obterem o seu significado pragmático apareceram com valor genérico pejorativo.

O advérbio “só” apareceu, muitas vezes, como intensificador dos atos de ameaça: marcando a distância do locutor e intensificando a exclusividade (“Só vim aqui para ler os comentários das bestas”, “só para serem *in* e estar na moda”); intensificando a crítica (“tal só pode ser atribuído a ignorância”) e conferindo ironicamente às ações um caráter restrito e singular.

O adjetivo anafórico “mesmo” (“acha mesmo?”, “Mais do mesmo. Lavagem cerebral”), o marcador discursivo ou partícula modal “lá” (“Lá estás tu a querer fazer ciência”), o recurso a advérbios modalizadores “claro” (“claro que sim, o Dino não gosta”) e “até” (“até dá dó”) serviram a crítica e o insulto. Do mesmo modo, para realizar um distanciamento por parte do locutor foram usados elementos como determinantes demonstrativos (“esta”: “Comprem uns óculos a esta gente”) ou pronomes formais que, nos contextos analisados (“fale por si”), se tornaram indelicados.

Quanto à questão do género, não foram identificados padrões capazes de indicar tipicidade de género. Dadas as características de anonimato do género de comentário de

---

<sup>47</sup> Humoristas como o brasileiro Fábio Porchat chamam a atenção para a necessidade de se usar o humor sem humilhar parte da população, a fim de não perpetuar o ódio e os preconceitos. Longe de advogar por uma censura no humor, reconhecem que este é um veículo poderoso na configuração de conceitos numa sociedade, podendo, por isso, contribuir para educar na diversidade de maneira respeitosa e inclusiva, sem reduzir a dignidade ou a identidade dos outros: [https://www.publico.pt/2024/09/13/publico-brasil/entrevista/porchat-humor-arma-poderosa-opressao-preconceito-violencia-2104109?utm\\_source=copy\\_paste](https://www.publico.pt/2024/09/13/publico-brasil/entrevista/porchat-humor-arma-poderosa-opressao-preconceito-violencia-2104109?utm_source=copy_paste)

redes sociais e a identificação dos perfis mediante avatares, que podem ser inventados, não foi possível chegar a uma conclusão quanto à homogeneidade discursiva de género.

Observou-se que o termo “Homem”, em maiúsculas, foi usado para fazer referência ao conjunto da humanidade. O costume de usar esta palavra masculina para aludir à totalidade de mulheres e homens tem sido uma tendência histórica na língua portuguesa. O uso do masculino genérico (não marcado) vem ao encontro do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. Não obstante, atualmente, debate-se o uso de palavras que evitem o enviesamento do género. Várias vozes advogam que o uso do masculino universal para designar a humanidade reduz automaticamente a existência das mulheres à invisibilidade (Kilomba, 2021: 111). O uso da palavra “Homem” não só torna as mulheres secundárias na história, como até as elimina da equação<sup>48</sup>. Paralelamente, na análise, também foram detetados exemplos de palavras mais inclusivas como a “humanidade”, ou os “seres humanos”, para fazer referência ao conjunto das pessoas.

Em suma, o presente estudo revelou que a indelicadeza não é somente um reflexo emocional articulado numa linguagem simplista nas redes sociais, mas que serve como entretenimento no conflito e como configuração da identidade do outro. Os/as utilizadores em ambientes virtuais da rede social, em análise no Facebook, sem as características da comunicação presencial e com a proteção do anonimato e da distância, exercem violência verbal com poucos riscos de serem identificados e responsabilizados pelas suas ações. A indelicadeza manifesta-se discursivamente com atos de ameaça, alicerçados geralmente em generalizações e preconceitos e perfazendo um ambiente negativo e hostil. A violência nas redes sociais pode diminuir o capital social das pessoas envolvidas e chega a ter consequências graves, como danos psicológicos ou o isolamento social. Por conseguinte, o objetivo do presente estudo contempla a conscientização destes fenómenos por parte dos utilizadores para que os espaços de comunicação virtuais (e em geral) possam oferecer um ambiente mais saudável e respeitoso para com a diversidade.

---

<sup>48</sup>Em “As implicações do masculino genérico”, por Clara Não, no Jornal *Expresso*:[https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmsttbpDQEhrw3xUj3t9\\_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658](https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmsttbpDQEhrw3xUj3t9_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658)

## 6. Estudo 3: A indelicadeza em contexto didático

### 6.1. Objeto de estudo: delimitação da temática e constituição dos *corpora*

A segunda parte da presente investigação aborda a observação da avaliação da noção de indelicadeza para estudantes de PLNM e falantes do português como L1, assim como o desempenho destes dois grupos em situações de indelicadeza, a maior parte delas retiradas dos *corpora* primeiramente analisados nas redes sociais. As considerações de um grupo de professores sobre a pertinência da inclusão do conceito da indelicadeza em interações sociais nos programas curriculares do PLNM também foi objeto de estudo da análise.

Para a recolha do *corpus* da segunda parte deste trabalho procedeu-se à elaboração no *Google Forms* de três questionários que foram preenchidos de forma *online*. Todos eles continham a indicação de que a recolha e o tratamento dos dados tinham como objetivo a realização de uma investigação no âmbito dos estudos de Doutoramento em Estudos Portugueses da Universidade Aberta, na área da Sociolinguística. Também se anunciava que, de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia, os dados seriam tratados de forma anónima.

Os inquiridos dirigiam-se a três públicos diferentes, nomeadamente estudantes de PLNM, falantes de português como língua materna e professoras de português.

Com o primeiro grupo tencionava-se analisar duas questões: o comportamento virtual das aprendentes de PLE em situações de agressividade verbal, em português, e a avaliação daquilo que o grupo fazia do que seria indelicado ou não. Como a indelicadeza não é um fenómeno universal, porque não há um consenso sobre o que é um ato delicado ou indelicado, considerou-se que a variação contextual e cultural devia ser tida em conta. Tal como propõe Mills (2003a: 14), a análise sociolinguística deve contemplar o processo de avaliação dos participantes sobre o que se considera ser ou não apropriado socialmente, de modo a se obter uma análise teorizada, em vez de avaliações pessoais. Neste contexto, esperava-se poder comparar estes resultados com os do segundo grupo, o de falantes nativas, servindo este, portanto, de contraponto e termo de comparação.

O questionário dirigido a professoras de português tinha como objetivo averiguar a perceção destas quanto à necessidade de se abordar, nas aulas, a indelicadeza em ambientes presenciais e virtuais. Adicionalmente, quis-se indagar se as docentes consideravam que a

dita abordagem, ao estar inserida na área das competências partilhadas entre a língua materna e a da aprendizagem, poderia aumentar a motivação das estudantes. Perguntou-se também se o grupo considerava que basear as práticas pedagógicas em pressupostos interacionais era mais significativo para a aprendizagem de uma nova língua. Estas perguntas tinham como objetivo último provocar uma reflexão e investigar sobre a pertinência de se transformar a sala de aula num espaço interativo mais sensível aos diferentes usos da língua e à diversidade sociocultural e linguísticas do corpo discente. Por último, inquiriu-se o uso que as próprias professoras faziam dos elementos paralinguísticos (*emojis*) na comunicação virtual e a sua opinião sobre a relevância da investigação científica para a prática educativa e valorização do trabalho do corpo docente e autoconfiança deste, na linha de trabalhos desenvolvidos por Flores (2022: 122).

A natureza *online* dos questionários concebidos teve a vantagem de abranger populações mais numerosas e dispersas, em termos territoriais. Deste modo, foram obtidas respostas de estudantes e professoras de PLNM das *Escuelas Oficiales de Idiomas* de València-Zaïdia, Alicante, Castellón de la Plana e Drassanes de Barcelona e docentes da Universidade Aberta também responderam aos inquéritos. No momento do preenchimento dos inquéritos, as participantes falantes de português como língua materna encontravam-se todas a residir em território português. No total, foram obtidas 16 respostas no grupo de professoras, 71 de estudantes e 31 por parte de falantes nativas, perfazendo um total de 118 inquéritos respondidos.

Todas as perguntas elaboradas seguiram a tipologia de exercícios de escolha múltipla, excetuando aquelas que pertenciam à ficha sociolinguística das estudantes que eram de resposta aberta. Foram apresentados, de forma escrita, diferentes cenários de situações incómodas ou violentas, para as quais as/os inquiridas/os teriam de escolher a opção (ou opções) que mais se aproximava(m) da sua reação no dito contexto. Na elaboração dos questionários, foram tidos em conta os pressupostos etnográficos que lembram que as pesquisas não devem gerar resultados replicáveis, mas sim reconstruir e compreender as singularidades dos campos que pretendem estudar. Por este motivo, para que as participantes pudessem partilhar a interpretação das suas próprias experiências, nas questões colocadas, foi deixada uma alínea (“outra”), na qual se permitia um preenchimento de resposta aberta.

Os dados do questionário dirigido ao corpo docente foram codificados de acordo com cinco possibilidades de preenchimento: (1) concordo totalmente; (2) concordo; (3) não concordo nem discordo; (4) discordo; (5) discordo totalmente.

## **6.2. Descrição, análise e discussão dos dados dos *corpora* sobre indelicadeza em contexto didático**

### **6.2.1. População e amostra: caracterização sociolinguística do grupo de estudantes em análise**

No inquérito preparado para o grupo de estudantes incluíam-se questões destinadas a averiguar os perfis (sócio- e psico-) linguísticos dos alunos, com o objetivo último de examinar os fatores que interagem na definição dos perfis sociolinguísticos da população escolar sob investigação.

A ficha sociolinguística continha várias secções: dados biográficos e académicos do estudante; estadias no estrangeiro; número de línguas faladas e nível de desempenho da cada língua; anos de aprendizagem da língua portuguesa e prática desta fora da sala de aula. Da recolha dos dados, foram obtidas as informações a seguir detalhadas.

Dada a natureza virtual do questionário de *Google Forms*, o grupo de estudantes que se disponibilizou para o preenchimento do mesmo foi diverso. As participantes pertenciam a várias turmas com diferentes níveis de aprendizagem. Contudo, tinham em comum encontrarem-se, no ano letivo de 2022/2023, inscritas nas aulas de Português Língua Não Materna, da *Escuela Oficial de Idiomas*, da Comunidade Valenciana, em Espanha. Trata-se de uma escola pública, de línguas estrangeiras, destinada a adultos que desejam continuar a sua formação ao longo da vida. Para além de pertencerem a vários grupos e terem diferentes níveis de proficiência do português, o seu perfil sociolinguístico é igualmente variado, pois o estudo da língua portuguesa aparece numa fase de vida mais tardia e depois de terem estudado outros idiomas.

Foram obtidas respostas por parte de 71 estudantes, 66 nascidas em Espanha, duas no Brasil, uma no Chile e outra na Bulgária. A faixa etária do grupo ia dos 27 até aos 79 anos. Das estudantes que indicaram a sua idade três encontravam-se na casa dos 20 anos,

estando a maior parte na casa dos 30 anos (23), seguida das casas dos 40, 50 e 60 (havendo pouca diferença no número de estudantes em cada uma destas faixas etárias), e, por último duas estudantes na casa dos 70 anos, como se pode ver na tabela seguinte.

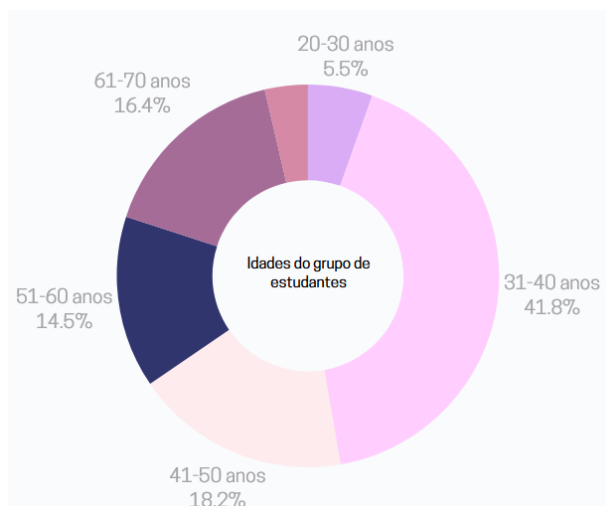


Gráfico 2: Idade do grupo estudantil

Dos dados recolhidos quanto aos estudos académicos das estudantes, é possível concluir que, em geral, se trata de um grupo com estudos superiores, com formação cultural alta e acesso a recursos culturais e experiências em diversos países. 25 pessoas afirmaram ter residido fora de Espanha, num país, dois, três ou até mais de 6 países, por motivo de trabalho.

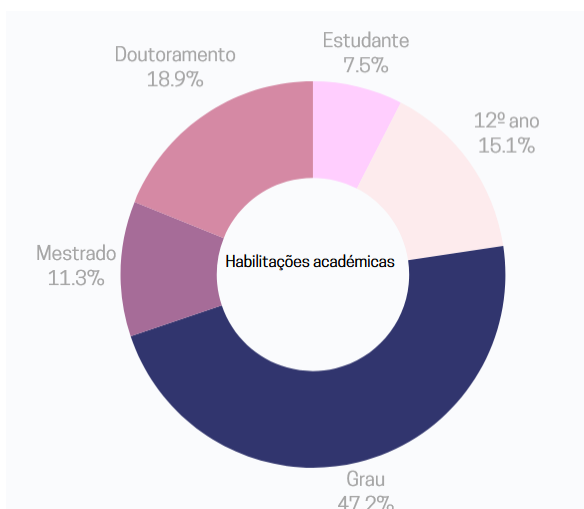


Gráfico 3: Habilitações académicas do grupo estudantil

O seguinte gráfico mostra o número de línguas faladas pelas estudantes. O grupo que pode expressar-se em vários idiomas. Com relação às línguas que mais dominam, os dados indicam que as línguas em que as estudantes têm uma maior proficiência são o espanhol, o valenciano, seguidos do inglês e do italiano. Duas pessoas afirmaram dominar melhor o português e o francês, embora outras línguas também tivessem aparecido em casos isolados, como o russo, o búlgaro e o alemão.

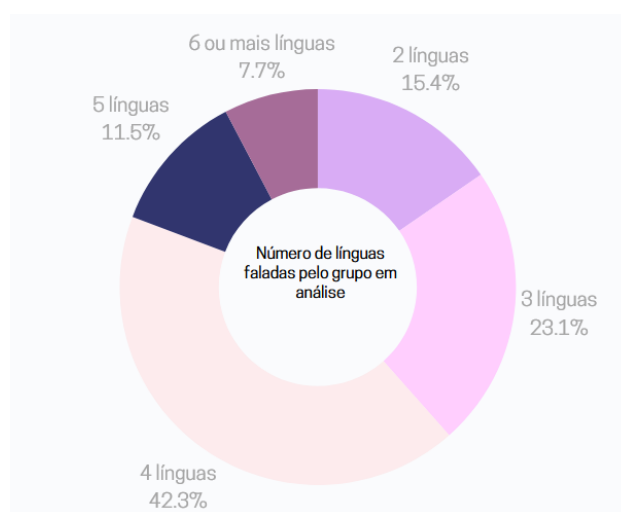


Gráfico 4: Número de línguas faladas pelo grupo estudantil

A zona de residência das estudantes é uma zona bilingue de Espanha, de espanhol e valenciano. Por conseguinte, poderia esperar-se que a maior parte dos estudantes que nasceu em Valência fosse bilingue, no entanto 35 pessoas afirmaram ter um domínio de avançado do valenciano, enquanto quase o dobro (61) afirmou ter o mesmo nível em espanhol. Nove pessoas afirmaram ter um domínio avançado de português, tendo a maior parte das/os inquiridas/os um nível de intermédio-avançado (27). 15 estudantes possuem o nível elementar-intermédio e uma pessoa, o nível elementar. Quanto à situação das línguas oficiais, nesta região de Espanha, os dados recolhidos indicam que o espanhol e o valenciano convivem em situação de diglossia.

Preencha a tabela, indicando, segundo a sua opinião, o seu nível de desempenho nas seguintes línguas, tendo em conta a seguinte escala: 1 (inicial), 2 (elementar), 3 (elementar-intermédio), 4 (intermédio-avançado) ou 5 (avançado).

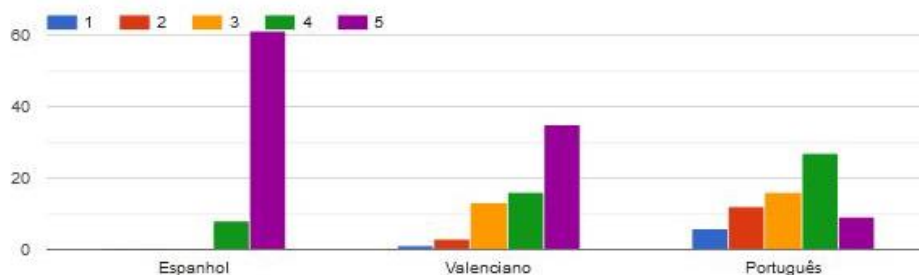


Gráfico 5: Domínio linguístico do grupo estudantil quanto às línguas cooficiais e a língua de aprendizagem

Os percursos linguísticos e as experiências dos estudantes que estudam português são muito heterogêneos. A formação em língua portuguesa iniciou-se num estágio posterior da trajetória académica e profissional dos participantes, sendo a média de estudo 3 a 10 anos. A maior parte dos participantes tem um nível de B2 (26), seguido de B1 (16), C1 (15), A2, (7), A1 (4), C2 (3).

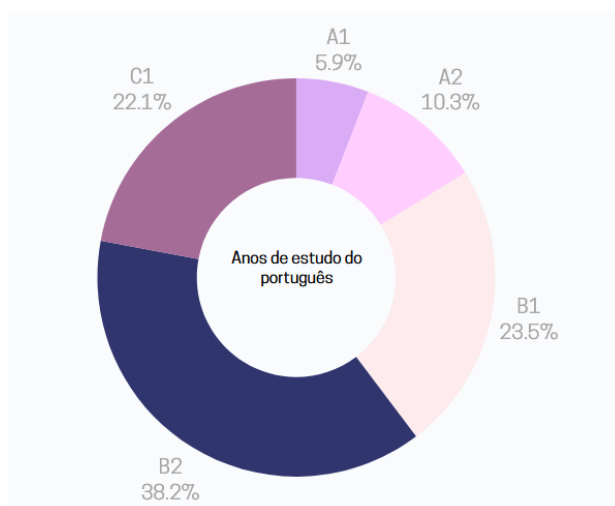


Gráfico 6: Domínio da língua portuguesa do grupo estudantil

Por último, perguntava-se às estudantes pela sua prática do português fora da sala de aula. A maior parte recorre à leitura e a ferramentas disponíveis na internet para praticar

e melhorar o seu nível de língua. No mundo virtual, os participantes veem vídeos, assistem a programas televisivos, escrevem em fóruns ou em redes sociais ouvem *podcasts* e escutam música. Algumas pessoas assinalaram o facto de terem pré-configuradas as diferentes aplicações digitais em português ou verem filmes e séries em plataformas digitais, igualmente pré-configuradas para o país Portugal. Também houve quem afirmasse que falava com a sua família portuguesa ou brasileira. Fazer viagens a Portugal foi igualmente indicado. Apenas 7 pessoas apontaram que não faziam nada fora da sala de aula para continuar a praticar o português.

É de destacar que as situações nas quais as estudantes mais usam informalmente a língua portuguesa estão relacionadas com a leitura e o manejo da internet. Não é uma informação de somenos importância, porque talvez a escola possa aproveitar esse *hábito* e projetar estratégias didáticas que incluam o uso destas ferramentas disponíveis para qualquer pessoa com acesso a uma biblioteca ou à internet.

Em resumo, o perfil sociolinguístico do grupo de estudantes é muito heterogéneo, fator a ter em conta, uma vez que é frequente no ensino de PLN a adultos. A grande diversidade prende-se não só com os conhecimentos prévios em relação à língua-alvo, mas também com as características pessoais, como a idade. Este é um fator a não desconsiderar, pois a faixa etária do grupo vai da categoria de jovens adultos à terceira idade. Trata-se de um grupo com formação académica e cultural alta e que dispõe de diversas experiências em vários países. Por estes motivos o número de línguas que o grupo fala é alto, embora se tenha comprovado a situação de diglossia vivida entre as duas línguas oficiais da região onde o grupo reside, o espanhol e o valenciano. A língua portuguesa surgiu na vida das estudantes numa fase mais tardia do seu crescimento e formação, e após terem estudado outras línguas, o que vai influenciar a aprendizagem do PLN. Resumindo, o perfil linguístico das estudantes, relativamente ao português é muito díspar, foram registados trajetos de aprendizagem variados e práticas de língua diversas.

## **6.2.2. *Corpora* sobre a aplicação didática da indelicadeza no contexto de ensino e aprendizagem do PLN**

### **6.2.2.1. Questionários sobre a avaliação da indelicadeza: Grupo 1 (estudantes) e Grupo 2 (falantes do português como L1)**

A introdução aos inquéritos, distribuídos a estudantes (Grupo 1) e falantes do português como L1 (Grupo 2), continha uma pequena descrição dos objetivos dos mesmos, para que as pessoas participantes tivessem conhecimento dos motivos pelos quais se pedia a sua colaboração. Explicava-se que o objeto de estudo era a análise do comportamento humano em situações de violência verbal. Por um lado, pretendia-se indagar sobre o que as pessoas consideravam indelicado, violento ou intolerável, por outro lado, queria observar-se o grau de propensão a enveredar por atitudes verbalmente agressivas.

Os questionários dirigidos aos dois grupos eram compostos por duas secções. A primeira parte apresentava sete comentários reais, retirados dos *corpora* virtuais da rede social do Facebook, analisados nesta investigação. Com estes enunciados autênticos, queria observar-se a reação das pessoas inquiridas perante situações de violência verbal. A segunda parte era constituída por 11 exercícios que mostravam situações fictícias. Com estas, pretendia observar-se o julgamento das participantes quanto à natureza indelicada ou não de ditas circunstâncias.

De modo a contextualizar as questões, nos enunciados que apresentavam os comentários virtuais, descrevia-se o papel significativo das redes sociais na vida diária da cidadania e o facto de, nesses cenários virtuais, não existirem somente postagens com informações, mas também comentários geradores de discussões entre diferentes pessoas. Pedia-se às inquiridas para lerem os comentários e refletirem sobre a sua reação nas ditas situações. Todas as perguntas continham como possíveis respostas 5 opções, sendo a última (“outra”) de resposta aberta. A configuração das opções de resposta de escolha múltipla permitia que fossem selecionadas mais do que uma alínea.

O primeiro comentário fora retirado da postagem, da rede social Facebook, de uma figura política feminina luso-guineense. Celebrava o ato de concessão de honras a Aristides de Sousa Mendes, um cônsul português que desafiou as ordens de António de Oliveira Salazar durante a Segunda Guerra Mundial, ao conceder vistos a milhares de refugiados da

Alemanha Nazi, resultando no salvamento de milhares de judeus. Esta postagem originou um dos *corpora* analisados neste estudo.

Apresentava-se um dos comentários autênticos feitos na referida postagem e perguntava-se pelos sentimentos que o mesmo desencadeava.

### Comentário 1

"A senhora não se 'toca'? Ninguém a quer em Portugal. Não está cá a fazer nada e vá antes ajudar os guineenses, que bem mais necessitam e não se intrometa na história 'antiga' de Portugal."

#### Ao ler esta intervenção no Facebook, como se sentiria?

- Surpreendido/a pela menção à nacionalidade da aludida.
- Surpreendido/a pela linguagem direta e ofensiva.
- Indiferente, não responderia.
- De acordo, por achar que os argumentos apresentados são válidos.
- Outra:

A maior parte das respostas dos dois grupos, estudantes e falantes de português como L1, declarou ter ficado surpreendido pela linguagem direta e ofensiva. Em segundo lugar, várias pessoas assinalaram também terem ficado surpreendidas pela menção à nacionalidade da aludida. Apenas 5 pessoas do grupo 2 optaram pela opção de ficar indiferente e não responder ao comentário. O grupo 1 fez vários comentários na alínea de resposta aberta. Todas estas observações referiam a linguagem racista e supremacista e expunham a surpresa de serem tecidas críticas a uma homenagem feita a uma tarefa humanitária. Do grupo 2, uma pessoa acrescentou sentir-se revoltada pela ignorância exposta no comentário.

#### Grupo 1

Contagem de Comentário 1  
 "A senhora não se 'toca'? Ninguém a quer em Portugal. Não está cá a fazer nada e vá antes ajudar os guineenses, que bem mais necessitam e não se intrometa na história 'antiga' de Portugal."  
 Ao ler esta intervenção no Facebook, como se sentiria?

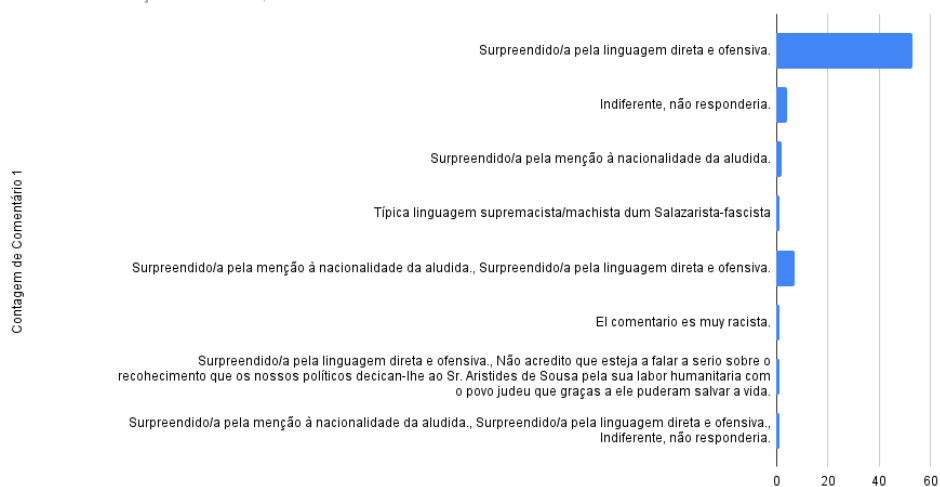


Gráfico 7: Percepções do grupo 1 quanto ao comentário 1

## Grupo 2

Contagem de Comentário 1

"A senhora não se 'toca'? Ninguém a quer em Portugal. Não está cá a fazer nada e vá antes ajudar os guineenses, que bem mais necessitam e não se intrometa na história 'antiga' de Portugal."  
Ao ler esta intervenção no Facebook, como se sentiria?

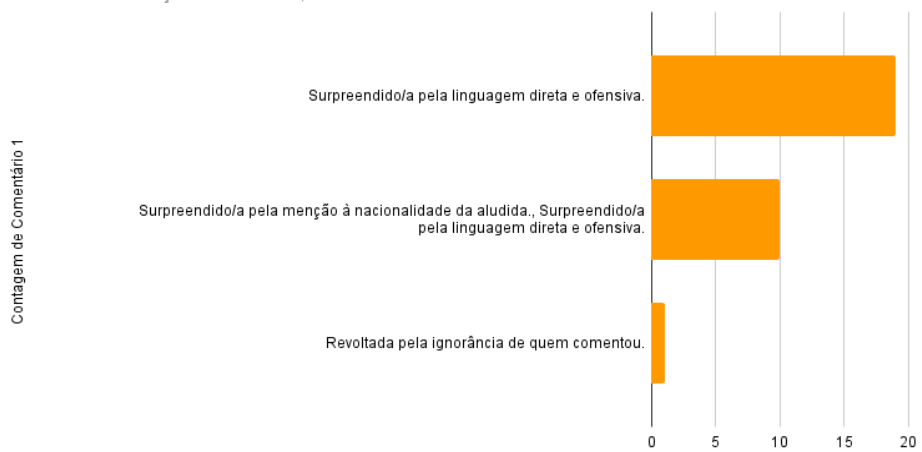


Gráfico 8: Percepções do grupo 2 quanto ao comentário 1

Em seguida, ainda em relação ao primeiro comentário, perguntava-se sobre a reação verbal das pessoas inquiridas perante o mesmo. As opções do exercício de escolha múltipla têm por base enunciados igualmente autênticos, pois foram retirados dos *corpora* em análise.

### Comentário 1

"A senhora não se 'toca'? Ninguém a quer em Portugal. Não está cá a fazer nada e vá antes ajudar os guineenses, que bem mais necessitam e não se intrometa na história 'antiga' de Portugal."

### Como responderia?

- O senhor confunde história antiga e moderna de Portugal. É melhor estar calado.
- E se fosses tu para fora do país? Aqui não há lugar para o racismo.
- O senhor é um racista e um machista.
- Deixe de insultar as pessoas pelo seu tom de pele.
- Outra:

Aqui as respostas tiveram uma maior variação entre os dois grupos. O grupo 1 optou maioritariamente pelas opções *b* e *c*, enquanto o grupo 2 apresentou as respostas *c* e *d*, na sua maioria. Em comum, os dois grupos optaram pelo ato assertivo (“O senhor é um racista e um machista”), divergindo os grupos quanto às alíneas *b* (“E se fosses tu para fora do país? Aqui não há lugar para o racismo”) e *d* (“Deixe de insultar as pessoas pelo seu tom de pele.”) O grupo 1 optou pela pergunta retórica e pela ironia enquanto o grupo 2 optou pelo imperativo do ato diretivo. Praticamente o mesmo número de pessoas dos dois grupos respondeu que preferia ficar em silêncio, para não fomentar mais o ódio em espaços virtuais,

o que demonstra algum conhecimento sobre o funcionamento do algoritmo nas redes sociais. Quanto aos comentários que foram adicionados, o grupo 1 optou por atos assertivos (“O senhor fez um comentário racista e machista e é responsável pela violência verbal”) e orações condicionais (“Tal vez o senhor mudaria de opinião se fizera um esforço por ser mais empático com os mais desfavorecidos”), ou perguntas retóricas (“Por acaso julga que representa TODO Portugal, ou conhece a sua história?”), numa mistura de estratégias de indelicadeza *bold-on-record* e *off-record*, estratégias também preferidas pelo grupo 2 (“Única coisa antiga aqui é o seu pensamento machista racista e retrógrado”; “Isso tem a ver com a humanidade, aspeto que o Senhor desconhece e não só com o seu país.”; “A lição que a consciência de ASM nos ensina não se limita a um país, a um continente nem a uma cor de pele. A humanidade tem muito a aprender com ele...”).

### Grupo 1

Contagem de Como responderia? Marque todas as opções possíveis.

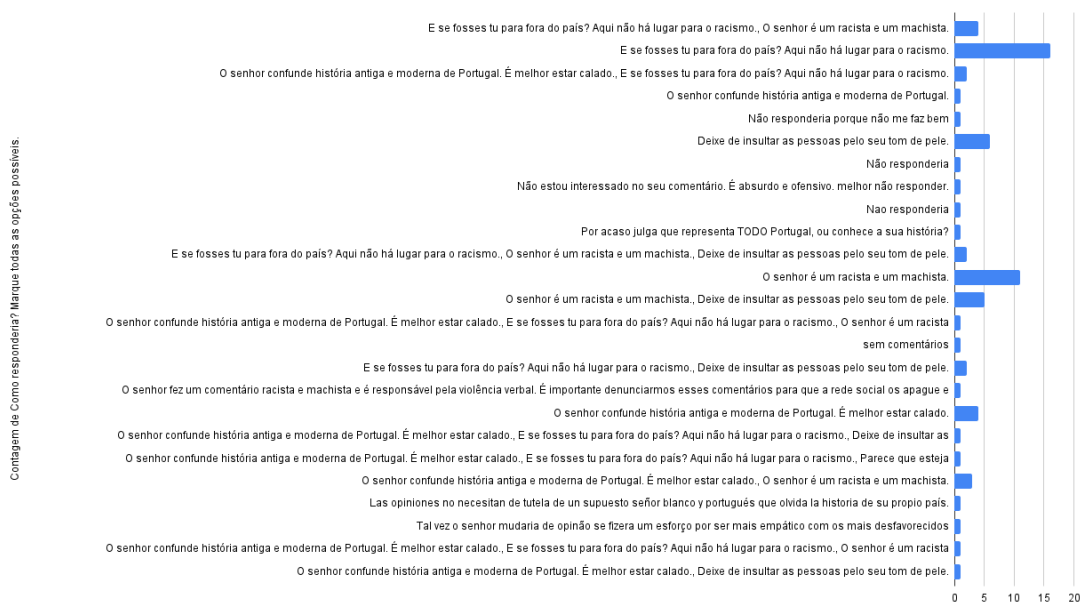


Gráfico 9: Respostas do grupo 1 ao comentário 1

## Grupo 2

Contagem de Como responderia? Marque todas as opções possíveis.



Gráfico 10: Respostas do grupo 2 ao comentário 1

Para finalizar as questões relativas ao primeiro comentário, a terceira pergunta inquiria sobre os sentimentos criados aquando da leitura de comentários racistas ou machistas nas redes sociais. A maior parte das pessoas dos dois grupos (58% do grupo 1 e 60% do grupo 2) respondeu que preferia ficar em silêncio e não responder às provocações (alínea *d*). A estratégia de indelicadeza positiva de tentar ignorar a provocação, indicia, de novo, neste contexto, algum conhecimento sobre o papel que desempenham os algoritmos. Várias estudantes justificaram a sua escolha dizendo que “responder é alimentar a disputa”, que “Às vezes [era] melhor não participar na visibilidade destes comentários” ou que preferiam “não responder a pessoas com as quais não [se podia] ter conversações inteligentes e constructivas, [e que] o tempo [era] muito valioso.”. Elementos do grupo 2 também acrescentaram que “responderia[m] de cara a cara, mas, nas redes sociais nunca. Existe sempre más interpretações, que provocam guerras.” e que “Dependendo da ignorância da pessoa, [era] melhor calar”. Em segundo lugar, foi selecionada a opção *c* com 24,6% e 33,3% dos grupos 1 e 2 respetivamente. A alínea *c* aludia a uma tentativa de diálogo e mediação. Referia que num texto refletido, as pessoas tentariam explicar os motivos pelos quais não se devia insultar. Por parte do grupo 1 houve comentários como seria melhor

“expor a ignorância e o fanatismo nas suas raízes, não polemizar”, ou que respondiam “às vezes se [achavam] que [podiam] ajudarnos como sociedade”. Seis pessoas do grupo 1 também escolheu a opção *b*, segundo a qual afirmavam achar engraçado e que respondiam num tom irónico ou jocoso, tendo três pessoas acrescentado que não achavam divertido esses enunciados violentos, mas que preferiam responder com ironia ou humor negro. Três pessoas do grupo 2 optaram igualmente por esta alínea. Uma minoria (duas pessoas do grupo 1 e três do grupo 2) assinalou também a opção *a*, na qual se dizia que a pessoa ficava indignada e que respondia rapidamente, atacando no mesmo tom num ato de reciprocidade da indelicadeza. É de referir que quatro pessoas dos dois grupos afirmaram recorrer à mediação da própria rede social, denunciando o comentário para que fosse censurado e eliminado.

### Grupo 1

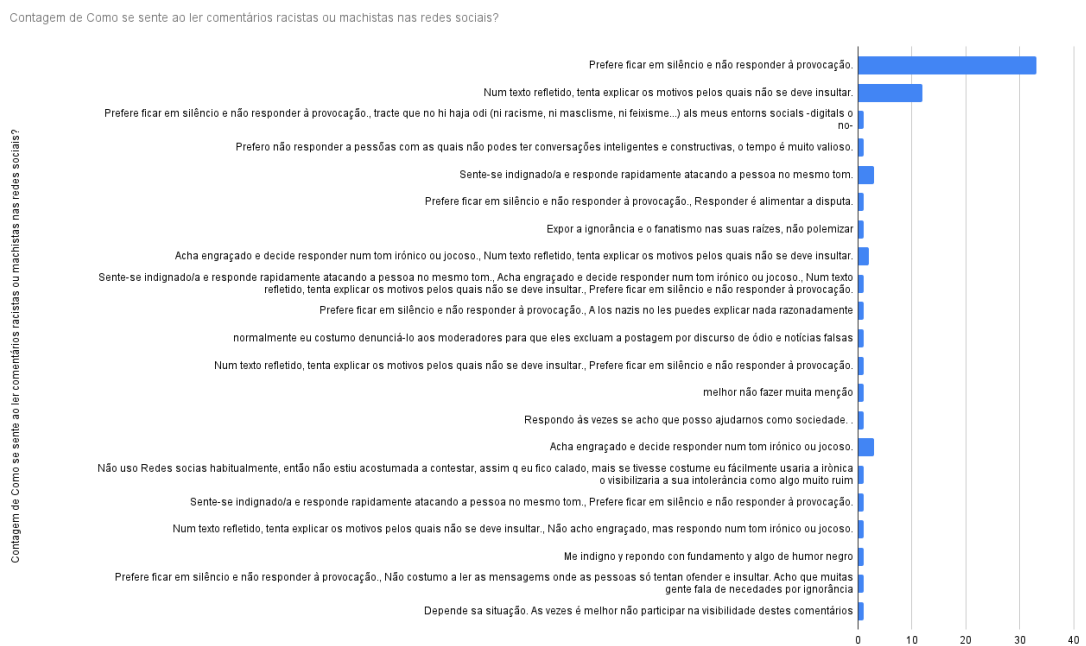


Gráfico 11: Reações do grupo 1 ao comentário 1

## Grupo 2

Contagem de Como se sente ao ler comentários racistas ou machistas nas redes sociais?

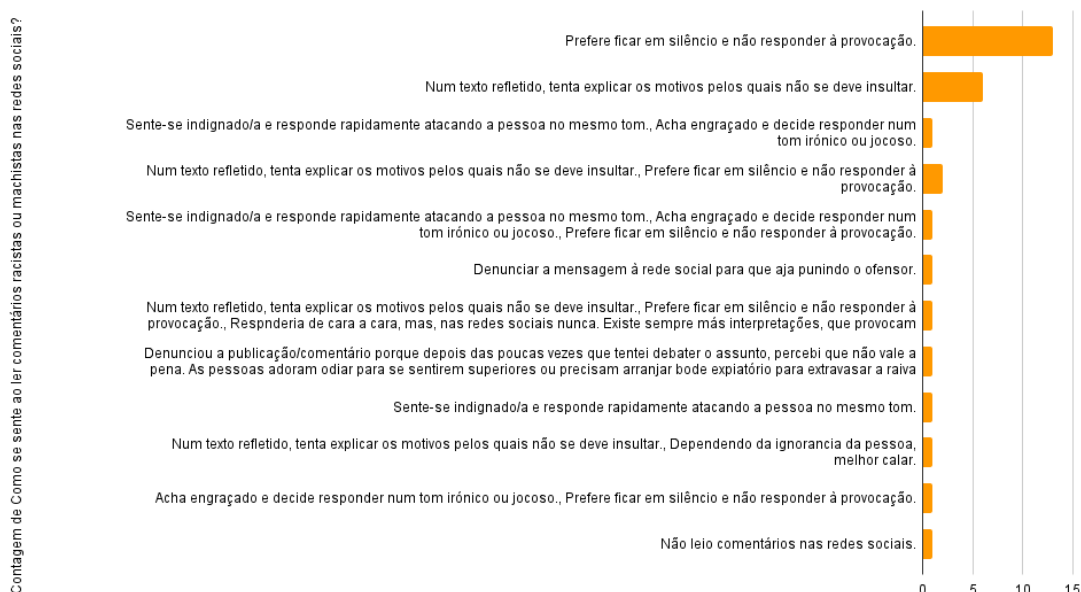


Gráfico 12: Reações do grupo 2 ao comentário 1

O segundo comentário era constituído por um enunciado autêntico, com opções de resposta igualmente reais, retiradas do *corpus* analisado. Um/a internauta perguntava à deputada luso-guineense pela sua opinião quanto ao desrespeito dos direitos das mulheres por parte dos Talibãs, os quais associava ao “grupo” da deputada por ambos terem uma fisionomia de “cabelo escuro e liso”. As opções de escolha apresentavam algumas réplicas de outros/as internautas.

### Comentário 2

**Na discussão que se gera no *feed* de comentários da mesma postagem, alguém acrescenta:**

"Qual é a sua posição acerca do desrespeito dos direitos das mulheres e minorias por parte dos Talibãs, que tal como você têm o cabelo escuro e liso? É capaz de condenar o seu próprio grupo? (o das pessoas de cabelo escuro e liso)."

**Como responderia?**

- Como é capaz de incluir a deputada no grupo dos Talibãs? É uma estupidez.
- O senhor não se enxerga, é mesmo racista!
- Esperamos a sua resposta, senhora deputada!
- O que dizes não tem pés nem cabeça.
- Outra:

A grande maioria dos dois grupos decidiu-se por uma estratégia de indelicadeza *bald-on-record*. De uma forma clara e direta optaram por denunciar a incoerência do comentário que associa, de um modo racista, a deputada Joacine com o movimento nacionalista islâmico dos Talibãs (resposta *d*: “O que dizes não tem pés nem cabeça”). A primeira opção “Como é capaz de incluir a deputada no grupo dos Talibãs? É uma estupidez.” foi seguidamente escolhida pelo grupo 1, enquanto a segunda alínea, “O senhor não se enxerga, é mesmo racista!” apareceu em segundo lugar para o grupo 2. As estudantes optaram por uma estratégia de indelicadeza *off-record*, com uma pergunta retórica seguida de um ato expressivo (“É uma estupidez”). O grupo 2 enveredou por uma forma mais direta de indelicadeza e ataque ao comentário com a opção *b* (“O senhor não se enxerga, é mesmo racista!”), esta também seleccionada pelo grupo 1 em terceiro lugar. É de destacar que o confronto direto com a deputada, pedindo-lhe uma resposta, e que apoiaria, de certo modo, o comentário proferido (resposta *c*: “Esperamos a sua resposta, senhora deputada!”), ficou em último lugar com cinco estudantes a assinalarem este enunciado e dois falantes do português como L1. Na opção de resposta aberta, cinco pessoas do grupo 1 e seis indivíduos do grupo 2 referiram preferir não responder, justificando a sua escolha, quer pela frustração de uma discussão profícua nas redes sociais, quer pela tentativa de não dinamizar e disseminar mensagens racistas no espaço virtual.

### Grupo 1

Contagem de Comentário 2

Na discussão que se gera no feed de comentários da mesma postagem, alguém acrescenta:

"Qual é a sua posição acerca do desrespeito dos direitos das mulheres e minorias por parte dos Talibãs, que tal como você têm o cabelo escuro e liso? É capaz de condenar o seu próprio grupo? (o das pessoas de cabelo escuro e liso)."

Como responderia? Marque todas as opções possíveis.

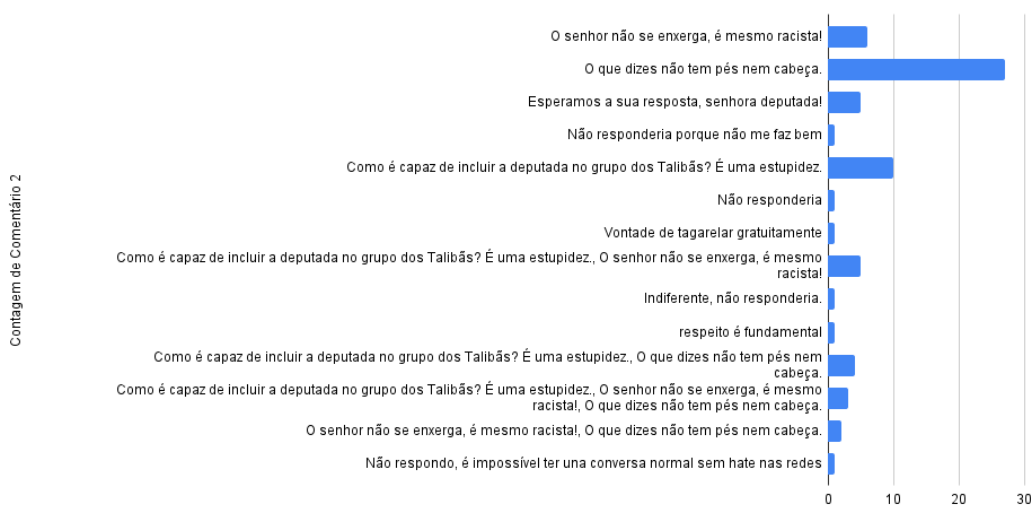


Gráfico 13: Respostas do grupo 1 ao comentário 2

## Grupo 2

### Contagem de Comentário 2

Na discussão que se gera no feed de comentários da mesma postagem, alguém acrescenta:

"Qual é a sua posição acerca do desrespeito dos direitos das mulheres e minorias por parte dos Talibãs, que tal como você têm o cabelo escuro e liso? É capaz de condenar o seu próprio grupo? (o das pessoas de cabelo escuro e liso)."

Como responderia? Marque todas as opções possíveis.

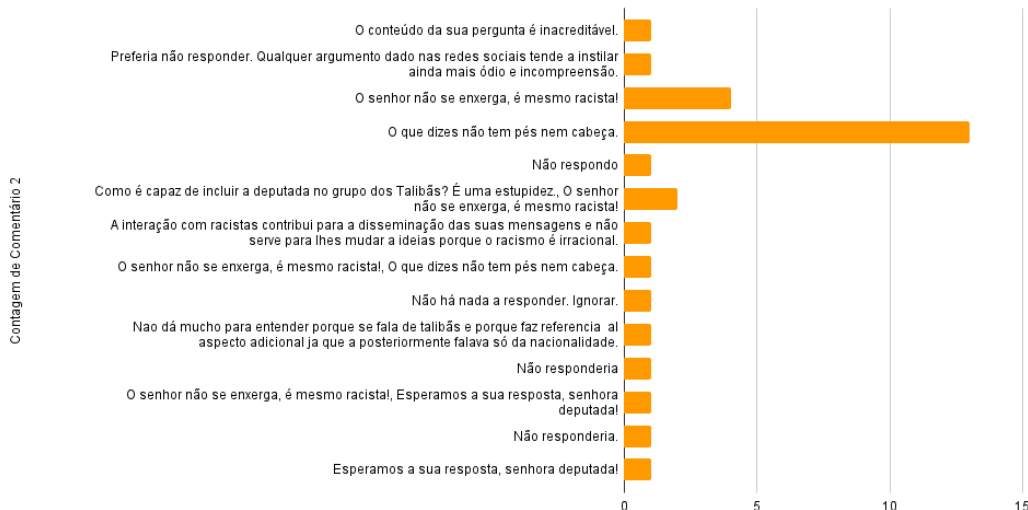


Gráfico 14: Respostas do grupo 2 ao comentário 2

De seguida, o comentário 3 mostrava o enunciado de alguém que, de um modo exclamativo, e expressando surpresa associava a deputada ao povo judaico. Desta vez, as opções de respostas foram criadas para o exercício, não tendo sido retiradas do *corpus* em análise, como nos exemplos anteriores.

### Comentário 3

**Mais tarde, alguém escreve:**

"...não me digas que agora defendes os judeus!!"

**Qual seria a sua opinião sobre o comentário? Marque todas as opções possíveis.**

- É apropriado devido à postagem inicial na qual se louva o salvamento de judeus durante a 2ª Guerra Mundial.
- A deputada não devia opinar sobre o salvamento de judeus por parte de Aristides de Sousa Mendes durante a 2ª Guerra Mundial.
- É inapropriado o tratamento por “tu” e a observação feita.
- É inapropriado criar grupos na sociedade e atacar a deputada por defender um dos grupos (a população judaica).
- Outra:

A opção *d* “É inapropriado criar grupos na sociedade e atacar a deputada por defender um dos grupos (a população judaica)” foi assinalada, em primeiro lugar, por estudantes e falantes de português como L1. A condenação à constituição de grupos na

sociedade que pode promover a divisão e o conflito parece ser importante para as inquiridas. Em segundo lugar, a opção selecionada abordava as formas de tratamento (alínea c “É inapropriado o tratamento por ‘tu’ e a observação feita”). Na alínea a (“É apropriado devido à postagem inicial na qual se louva o salvamento de judeus durante a 2ª Guerra Mundial”) foi detetada uma maior divergência, oito estudantes selecionaram esta opção, comparativamente a três pessoas do grupo número dois. Quatro pessoas de ambos os grupos acrescentaram que preferiam não emitir uma opinião. Por outro lado, ainda quanto aos comentários adicionados, verificou-se uma justificação mais detalhada da sua posição por parte das estudantes. Algumas tentaram explicar a confusão criada entre a população judaica e o Estado de Israel e outras apelaram ao direito à defesa de qualquer ser humano. A superficialidade e inutilidade do comentário foram características igualmente referidas.

### Grupo 1

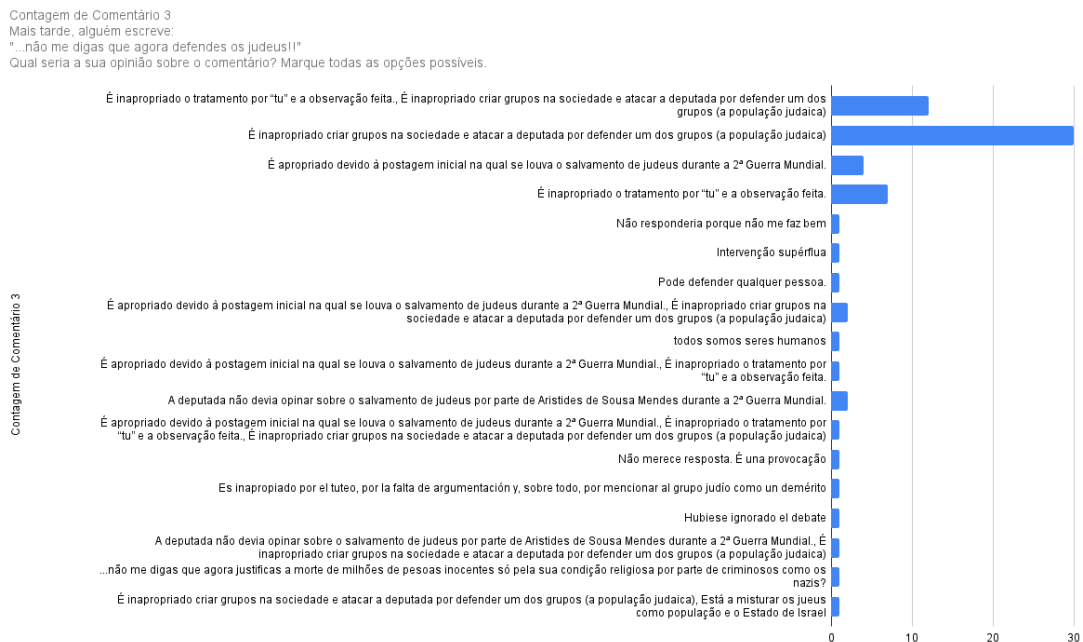


Gráfico 15: Opiniões do grupo 1 sobre o comentário 3

## Grupo 2

Contagem de Comentário 3  
Mais tarde, alguém escreve:  
"... não me digas que agora defendes os judeus!!"  
Qual seria a sua opinião sobre o comentário? Marque todas as opções possíveis.

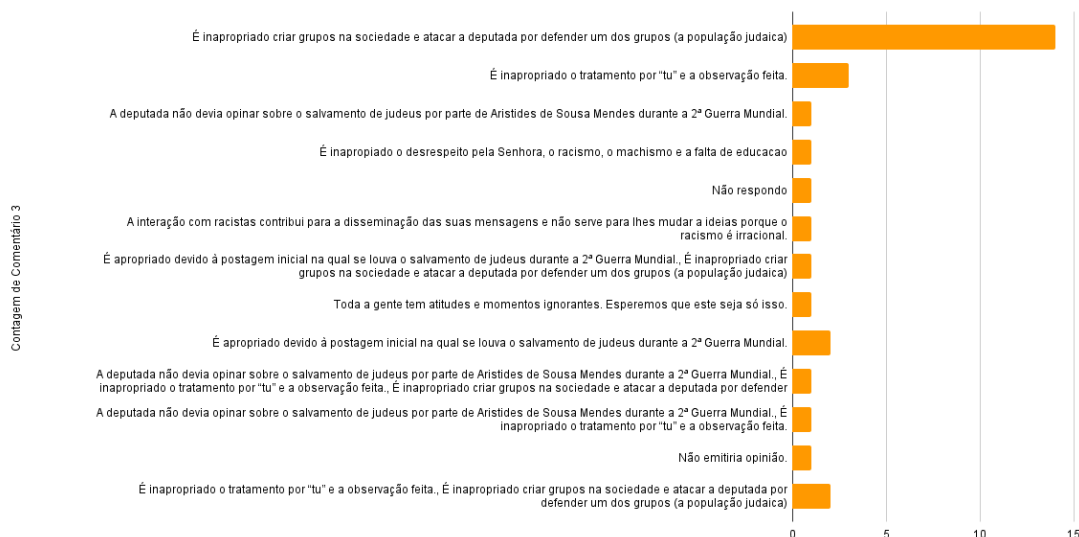


Gráfico 16: Opiniões do grupo 2 sobre o comentário 3

O seguinte enunciado (4) continha um comentário com uma argumentação mais desenvolvida. Nesta reclamava-se a concessão de honras atribuídas a Aristides Sousa Mendes também para o regime do Estado Novo português, mais propriamente para o seu presidente António de Oliveira Salazar. Invocava-se o facto de este ter permitido em Portugal a entrada de refugiados judeus durante a segunda guerra mundial e recomendava-se a leitura de um livro em atos diretivos de sugestões (“Recomendo que leia...” e “mais factos menos mitos”). As alternativas de escolha fornecidas foram criadas para o exercício.

### Comentário 4

#### A discussão continua e alguém observa:

"Cara deputada, se defende a concessão de honras a Aristides de Sousa Mendes (ASM), então terá de fazer o mesmo ao António de Oliveira Salazar (AOS).

Passo a argumentar:

Os refugiados judeus salvos pelo primeiro (ASM) foram recebidos pelo regime do segundo (AOS). Salazar podia perfeitamente recusar a entrada no país, ou reenviá-los de volta. Deste modo, o regime do Estado Novo (AOS) também tem o seu mérito. Recomendo que leia o livro “Como se levanta um Estado”. Mais factos, menos mitos."

#### Como responderia?

- Deixe de interpretar a realidade à sua maneira e cale-se!
- Olha, falou o Sr. Doutor, mais um ditadorzeco de meia-tigela!
- Documente-se melhor.
- Concordo plenamente consigo.
- Outra:

O apelo a uma maior documentação (“Documente-se melhor”) foi a opção mais assinalada por ambos grupos, num ato de ataque à face do/da autor/a da mensagem. De novo, foi encontrada uma maior divergência quanto à segunda opção mais assinalada. No segundo grupo, foram seleccionadas de modo idêntico as opções *a* e *d* que se opunham em atos de ataque e apoio ao enunciado. Por outro lado, mais estudantes preferiram o ato diretivo da estratégia de indelicadeza *bald-on-record* da alínea *a* (“Deixe de interpretar a realidade à sua maneira e cale-se!”), em contrapartida com um menor número de participantes que assinalou apoiar a mensagem do enunciado. Apenas uma participante do grupo dois assinalou a alínea *b*, na qual ironicamente se atacava o/a autor/a do comentário (“Olha, falou o Sr. Doutor, mais um ditadorzeco de meia-tigela!”), enquanto quatro estudantes sinalizaram esta estratégia de ataque. Quanto aos comentários adicionais, muitas estudantes atacaram a figura do ex-ditador português, argumentando que as suas atrocidades não compensam algum mérito que possa ter tido. As falantes de português como L1 referiram maioritariamente que não responderiam ou que bloquearia a conversa. Apenas uma participante declarou ter a intenção de ler o livro recomendado.

### Grupo 1

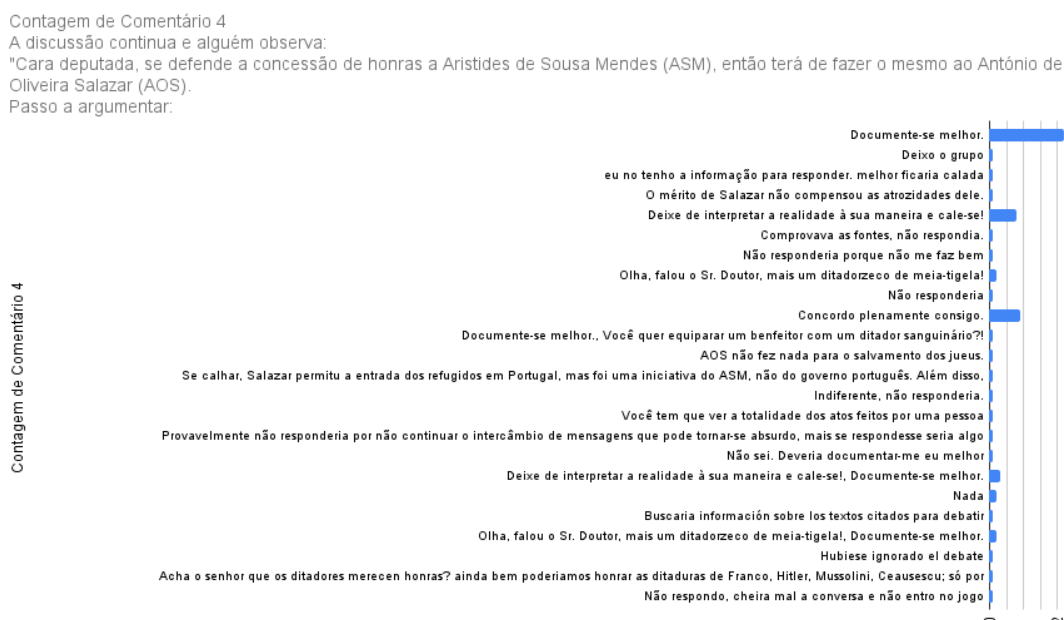


Gráfico 17: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 4

## Grupo 2

### Contagem de Comentário 4

A discussão continua e alguém observa:

"Cara deputada, se defende a concessão de honras a Aristides de Sousa Mendes (ASM), então terá de fazer o mesmo ao António de Oliveira Salazar (AOS).

Passo a argumentar:

Os refugiados judeus salvos pelo primeiro (ASM) foram recebidos pelo regime do segundo (AOS). Salazar podia perfeitamente recusar a entrada no país, ou reenviá-los de volta. Deste modo, o regime do Estado Novo (AOS) também tem o seu mérito. Recomento que leia o livro "Como se levanta um Estado". Mais factos, menos mitos."

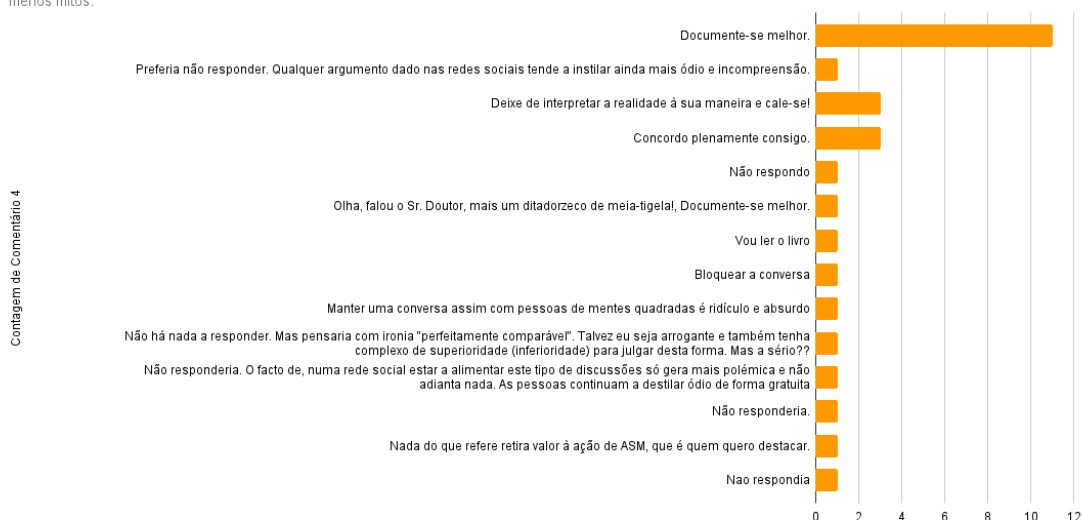


Gráfico 18: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 4

O comentário 5 expunha um enunciado de ataque à outra pessoa, numa fusão de estratégias de indelicadeza negativa (o desejo de ridicularizar e menosprezar a pessoa visada) e *off-record* (o uso de implicaturas decorrentes da ironia, neste caso). Como possíveis respostas a "...junta mais alguma coisa àquilo que andas a cheirar...", ofereciam-se opções fictícias produzidas para o exercício de modo a observar o comportamento discursivo que mais se ajustava às potenciais respostas das inquiridas.

### Comentário 5

Numa tentativa de acusar o outro internauta de ingestão de drogas, ao comentário anterior, outra pessoa responde:

"...junta mais alguma coisa àquilo que andas a cheirar..."

Como responderia?

- Cale-se e deixe de insultar.
- Não percebe nada do assunto.
- Bem dito!
- Isto é uma conversa de doidos.
- Outra:

A opção *d* foi marcada maioritariamente pelos grupos 1 e 2. Referia de modo direto que a conversa era incoerente ("Isto é uma conversa de doidos."). O ato diretivo de ordem

(alínea *a*, “Cale-se e deixe-se de insultar”) foi a segunda preferida pelo grupo 2. Não obstante, é de registar que pode ter havido uma falta de verdadeiro entendimento do enunciado da alínea *b* por parte do grupo de estudantes. “Não percebe nada do assunto” foi a segunda opção deste grupo, seguido do ato diretivo de ordem da opção *a*. Nenhum participante, à exceção de uma estudante, indicou o ato de apoio da opção *c* (“bem dito!”). As referências a bloqueios da conversa ou a omissão de respostas foram acrescentadas pelo grupo 1 e 2, enquanto o primeiro grupo fundamentou de um modo mais desenvolvido as suas escolhas, como por exemplo, em “Melhor calar que falar besteira”, “Aqui [h]à cheiro de intolerante”, “Que comentários tristes” ou “É uma resposta sem sentido que mostra a pouca capacidade de quem opina”.

### Grupo 1

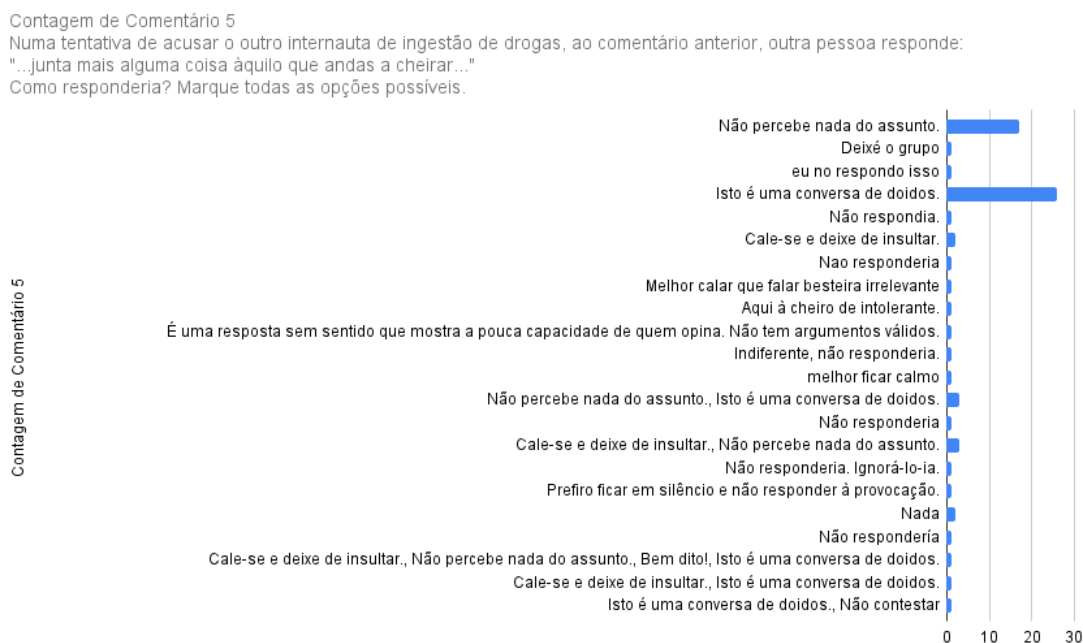


Gráfico 19: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 5

## Grupo 2

Contagem de Comentário 5

Numa tentativa de acusar o outro internauta de ingestão de drogas, ao comentário anterior, outra pessoa responde:

"...junta mais alguma coisa àquilo que andas a cheirar..."

Como responderia? Marque todas as opções possíveis.

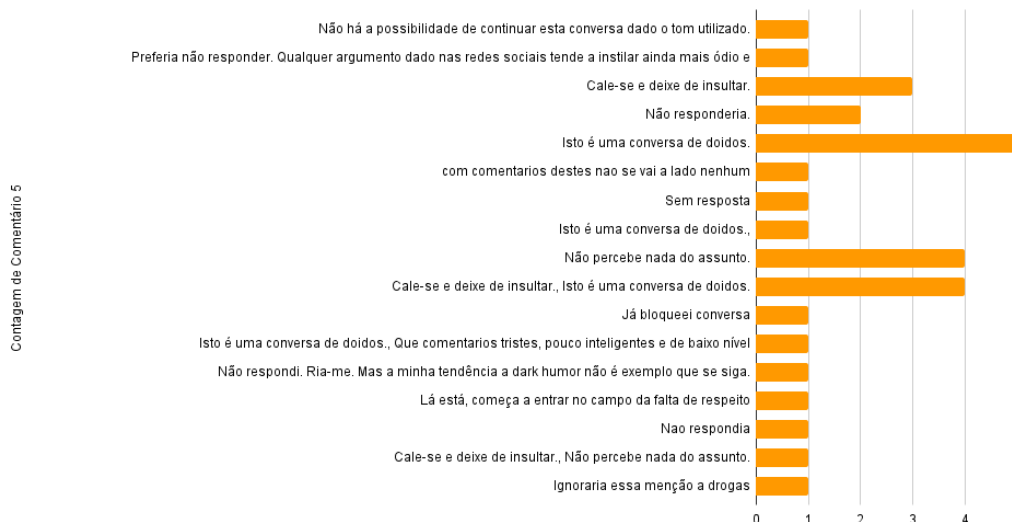


Gráfico 20: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 5

Outro enunciado agressivo foi apresentado no comentário número seis. Neste mostrava-se uma estratégia de indelicadeza positiva evidenciada no ataque à deputada mediante uma linguagem muito ofensiva com recurso a nomes caluniosos e palavrões ("Sua preta de merda, vai mas é para a tua terra!"). De modo a observar como as inquiridas catalogavam o tipo de linguagem usado, tendo em conta o uso específico no contexto das redes sociais virtuais, foram criadas opções classificatórias.

### Comentário 6

**Uma outra pessoa expressa o seu ataque com uma linguagem mais direta e ofensiva e escreve:**

"Sua preta de merda, vai mas é para a tua terra!"

**Perante este tipo de linguagem ofensiva utilizada, qual seria a sua opinião?**

- Linguagem tolerada dada a comunicação *online* e não presencial.
- Linguagem justificada pelo conteúdo da interação.
- Linguagem inapropriada pelo conteúdo da interação.
- Linguagem inapropriada em qualquer contexto.
- Outra:

O enunciado foi classificado como "linguagem inapropriada em qualquer contexto" (d) pela maioria das inquiridas nos dois grupos, seguida de "linguagem inapropriada pelo conteúdo da interação" (c). É de destacar que duas estudantes e um elemento do grupo 2 assinalaram que a linguagem era "tolerada dada a comunicação *online* e não presencial" (a).

Ninguém indicou considerar que a linguagem estava justificada pelo conteúdo da interação (b). Nos comentários adicionados, no grupo 1 atacava-se a face do/a internauta (“Olhe-se para o espelho e diga o que vê”) ou defendia-se a diversidade social (em língua espanhola). No grupo 2, participantes afirmaram que “mais do que inapropriado [era] crime”, que estes enunciados deviam ser denunciados e que era uma falta de educação de baixo nível.

### Grupo 1

Contagem de Comentário 6

Uma outra pessoa expressa o seu ataque com uma linguagem mais direta e ofensiva e escreve:

"Sua preta de merda, vai mas é para a tua terra!"

Perante este tipo de linguagem ofensiva utilizada, qual seria a sua opinião? Marque todas as opções possíveis.

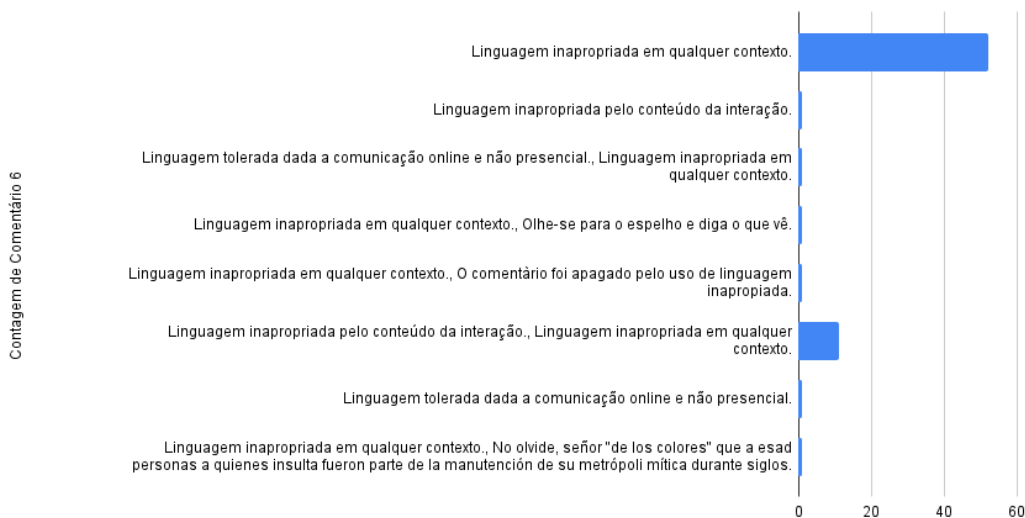


Gráfico 21: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 6

### Grupo 2

Contagem de Comentário 6

Uma outra pessoa expressa o seu ataque com uma linguagem mais direta e ofensiva e escreve:

"Sua preta de merda, vai mas é para a tua terra!"

Perante este tipo de linguagem ofensiva utilizada, qual seria a sua opinião? Marque todas as opções possíveis.

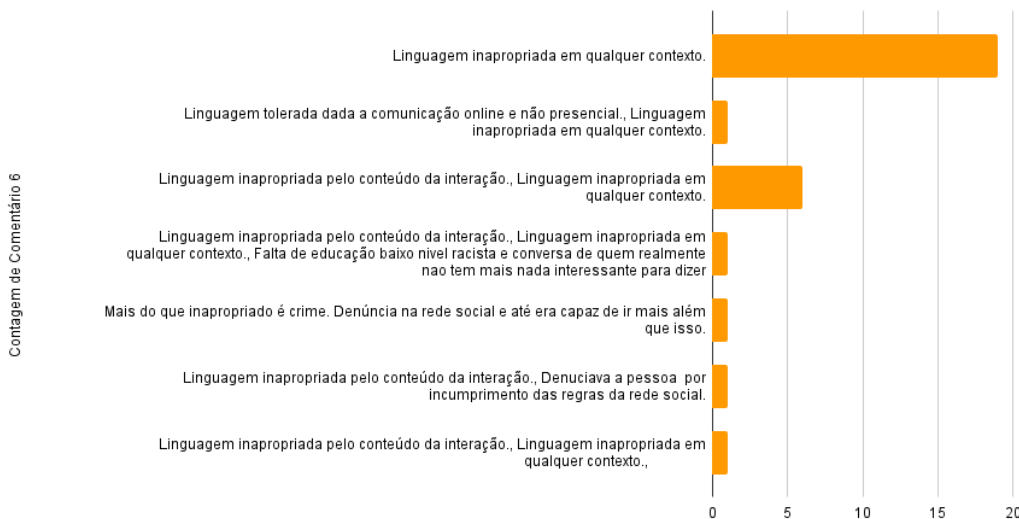


Gráfico 22: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 6

Um exemplo de conciliação e moderação da agressividade foi apresentado no comentário número 7, retirado do *corpus* analisado. Numa tentativa de mediação, a internauta apela ao respeito, dando um exemplo do seu próprio comportamento cotidiano que afirma estar ciente de conter discriminação. Com esta referência, pretende incitar à tomada de consciência sobre atitudes quotidianas que ferem e excluem outros indivíduos. As opções foram criadas para o exercício de modo a perceber se as pessoas participantes preferiam, neste contexto, a harmonização ou a intensificação da discussão.

#### **Comentário 7**

##### **A discussão continua e alguém tenta acalmar os ânimos:**

"Vamos lá, pessoal, não se ofendam uns aos outros. Como pode haver igualdade se as repostas entre vós são ofensivas? Vamos tentar viver em igualdade. Dou-vos um exemplo, eu mesma tenho amigos brasileiros, que trato pelo nome, mas quando falo de uma vizinha brasileira que me dá cabo da cabeça, digo 'AQUELA BRASILEIRA DE..', ou seja estou a usar a palavra 'brasileira' que é a sua nacionalidade e inconscientemente acabo por faltar ao respeito a todos os seus naturais. Vamos começar pela não ofensa, o resto vem por acréscimo. Saúde!"

##### **Como responderia? Porquê?**

- a. “Tem toda a razão”, porque considera o respeito muito importante.
- b. “Há certas injustiças que não se devem permitir”, porque considera que a um insulto só pode corresponder outro insulto.
- c. “Não seja hipócrita, a senhora também é racista”, porque acha que o exemplo dado indica o racismo da internauta.
- d. Perde o interesse na discussão e prefere ficar em silêncio.
- e. Outra:

O grupo de estudantes marcou ambas opções *a* e *d* de maneira idêntica. O grupo 2 agiu do mesmo modo, mas com uma maior eleição da alínea *d* (“Perde o interesse na discussão e prefere ficar em silêncio”). Noutras palavras, os elementos dos dois grupos preferem ou apoiar a tentativa de conciliação (*a* “‘Tem toda a razão’, porque considera o respeito muito importante”) ou ficar em silêncio e retirar-se do debate. Oito estudantes selecionaram ainda a alínea *c*, na qual se acusa a autora do comentário de ser igualmente racista, numa estratégia de indelicadeza *bald-on-record*. A opção *b* que similarmente indica uma correspondência da indelicadeza foi também escolhida de maneira idêntica pelos dois grupos. Resumindo, o apelo à conciliação parece ser a atitude eleita pela maioria, embora se tenha detetado ainda uma tendência para o ataque verbal, justificado pelo PRI. Nos comentários acrescentados, predomina o apoio à moderação e à reflexão sobre comportamentos adquiridos que podem conter formas de discriminação.

## Grupo 1

### Contagem de Comentário 7

A discussão continua e alguém tenta acalmar os ânimos:

"Vamos lá, pessoal, não se ofendam uns aos outros. Como pode haver igualdade se as repostas entre vós são ofensivas? Vamos tentar viver em igualdade. Dou-vos um exemplo, eu mesma tenho amigos brasileiros, que trato pelo nome, mas quando falo de uma vizinha brasileira que me dá cabo da cabeça, digo 'AQUELA BRASILEIRA DE..', ou seja estou a usar a palavra 'brasileira' que é a sua nacionalidade e inconscientemente acabo por faltar ao respeito a todos os seus naturais. Vamos começar pela não ofensa, o resto vem por acréscimo. Saúde!"  
Como responderia? Porquê? Marque todas as opções possíveis.

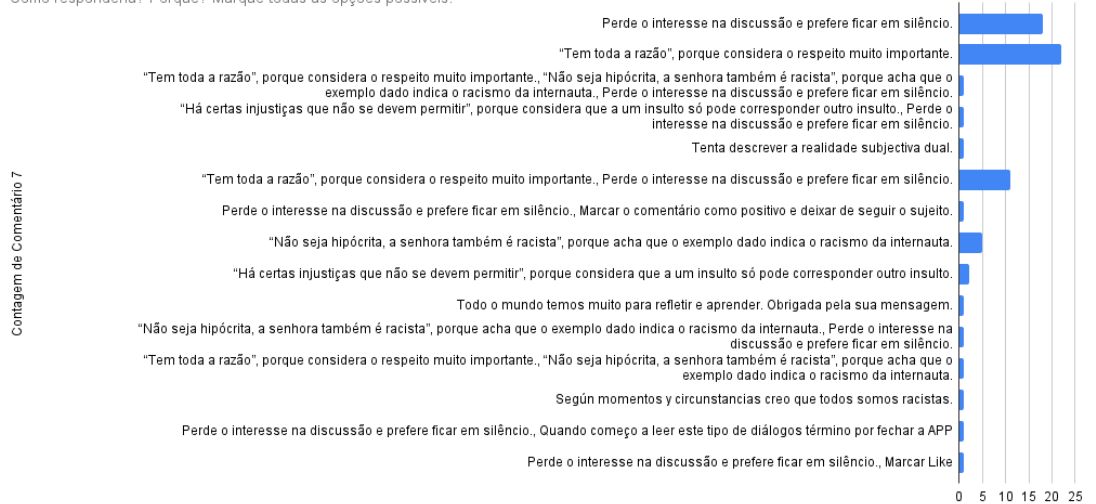


Gráfico 23: Respostas do grupo 1 sobre o comentário 7

## Grupo 2

### Contagem de Comentário 7

A discussão continua e alguém tenta acalmar os ânimos:

"Vamos lá, pessoal, não se ofendam uns aos outros. Como pode haver igualdade se as repostas entre vós são ofensivas? Vamos tentar viver em igualdade. Dou-vos um exemplo, eu mesma tenho amigos brasileiros, que trato pelo nome, mas quando falo de uma vizinha brasileira que me dá cabo da cabeça, digo 'AQUELA BRASILEIRA DE..', ou seja estou a usar a palavra 'brasileira' que é a sua nacionalidade e inconscientemente acabo por faltar ao respeito a todos os seus naturais. Vamos começar pela não ofensa, o resto vem por acréscimo. Saúde!"

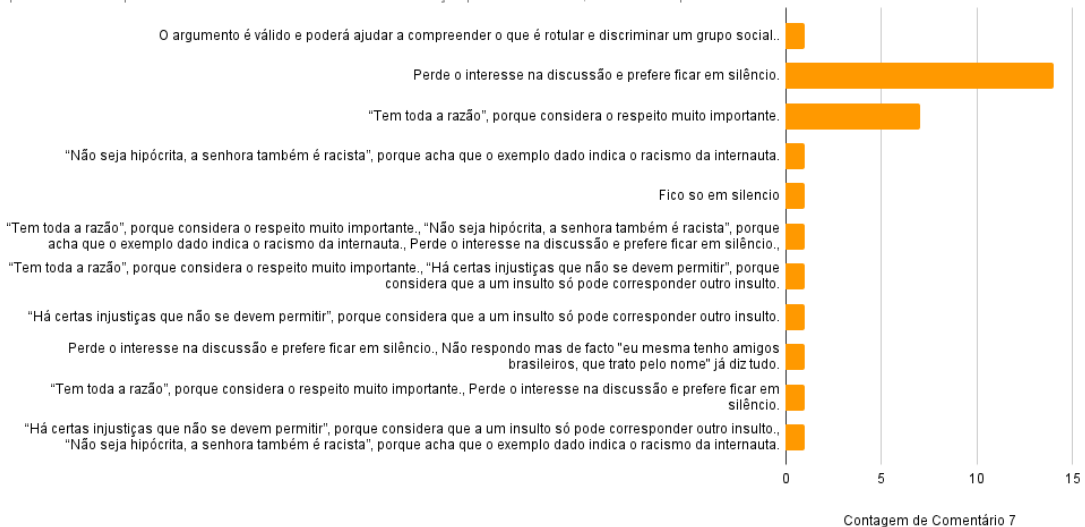


Gráfico 24: Respostas do grupo 2 sobre o comentário 7

Na segunda parte dos inquéritos, as 11 situações fictícias tinham como objetivo verificar a avaliação da indelicadeza em determinados âmbitos. No primeiro exercício, quis-

se averiguar a apreciação das inquiridas quanto à postagem inicial do *corpus* analisado, assim como a forma de tratamento escolhida para a deputada luso-guineense.

### Exercício 1

Para se dirigir à deputada luso-guineense que lhe diria?

- Cara deputada, a senhora devia estar calada.
- Cara deputada, desejo-lhe um bom trabalho.
- A senhora devia expor-se menos.
- Adoro e apoio as tuas ideias.

Para esta pergunta, os resultados foram idênticos nos dois grupos de inquiridos. A delicadeza e os atos de apoio predominaram nas respostas. A forma de tratamento “Cara deputada” seguida de desejos de um bom trabalho foi a alínea mais assinalada (b) pelos dois grupos, sendo a opção d (“Adoro e apoio as tuas ideias”) escolhida em segundo lugar. Em terceiro lugar, o ato diretivo de aconselhar com a forma de tratamento “senhora” foi marcado (c “A senhora devia expor-se menos”). Em último lugar, foi selecionado o ataque à face da política “Cara deputada, a senhora devia estar calada” (a). A tendência, neste caso, é para a harmonia da interação.

### Grupo 1

Contagem de Exercício 1  
Para se dirigir à deputada luso-guineense que lhe diria? Marque todas as opções possíveis

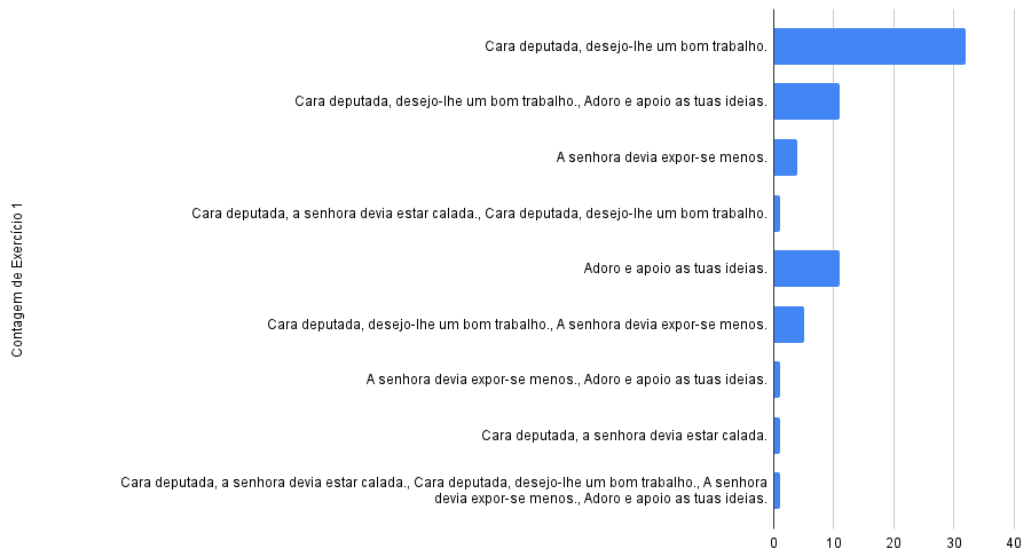


Gráfico 25: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 1

## Grupo 2

Contagem de Exercício 1

Para se dirigir à deputada luso-guineense que lhe diria? Marque todas as opções possíveis



Gráfico 26: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 1

O seguinte exercício concebia uma situação na qual as inquiridas fariam uma postagem virtual de uma fotografia familiar num restaurante. Perguntava-se pela reação perante a suposição de haver um comentário negativo para com a imagem publicada. A crítica residiria na denúncia de uma certa ostentação, por um lado, e, por outro, a associação com a fome no mundo. As opções assinaláveis apresentavam atitudes ora de ataque, ora de indiferença para com o comentário efetuado.

### Exercício 2

**Imagine que coloca *online* uma fotografia sua a almoçar com a família num restaurante e alguém lhe coloca o seguinte comentário:**

“Devia ter vergonha de andar a gastar dinheiro em restaurantes caros, quando há tanta gente a morrer de fome no mundo!”

**Qual seria a sua reação?**

- “Você é um hipócrita, meta-se na sua vida!”
- “Posso comer fora quantas vezes quiser, porque também ajudo os que mais precisam”.
- Sentiria indiferença e esqueceria o comentário imediatamente.
- Sentiria indiferença, mas eliminaria o comentário.
- Outra:

A ordem das opções assinaladas foi a mesma para os dois grupos. A maior parte das participantes afirmou sentir-se indiferente perante o comentário, não voltando a pensar

mais no assunto (c). Em segundo lugar, foi escolhida a opção d. À indiferença alegadamente sentida, acrescentava-se a execução de eliminação do comentário. Esta ação denota alguma perturbação do enunciado no comportamento emocional das inquiridas. Os ataques à face do potencial comentarista apareceram nos últimos lugares, nas alíneas a e b. Foi preferida a justificação apresentada em b (“Posso comer fora quantas vezes quiser, porque também ajudo os que mais precisam”), sendo o ataque verbal direto “Você é um hipócrita, meta-se na sua vida!”, preferido em último lugar pelas estudantes, e desconsiderado totalmente pelo grupo 2. Os vários comentários tecidos pelo grupo 1 justificavam a referida postagem, dissociando a fotografia do problema da fome mundial. Uma estudante afirmou não saber qual seria a sua reação. Em contrapartida, o grupo 2 acrescentou maioritariamente que eliminava o comentário ou deixava de seguir a pessoa comentadora.

### Grupo 1

Contagem de Exercício 2

Imagine que coloca online uma fotografia sua a almoçar com a família num restaurante e alguém lhe coloca o seguinte comentário: "Devia ter vergonha de andar a gastar dinheiro em restaurantes caros, quando há tanta gente a morrer de fome no mundo!" Qual seria a sua reação? O que responderia?

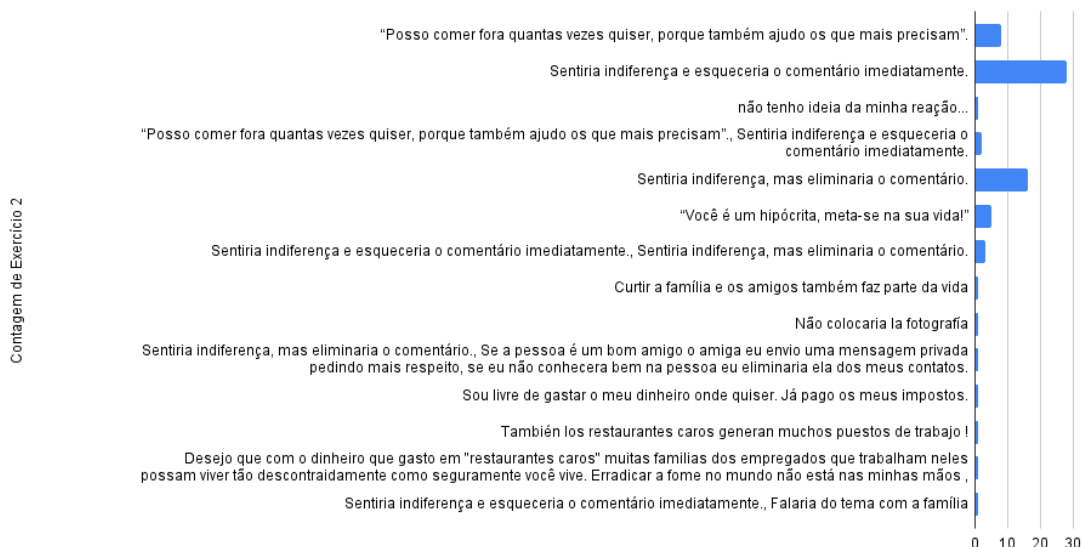


Gráfico 27: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 2

## Grupo 2

Contagem de Exercício 2

Imagine que coloca online uma fotografia sua a almoçar com a família num restaurante e alguém lhe coloca o seguinte comentário: "Devia ter vergonha de andar a gastar dinheiro em restaurantes caros, quando há tanta gente a morrer de fome no mundo!" Qual seria a sua reação? O que responderia?

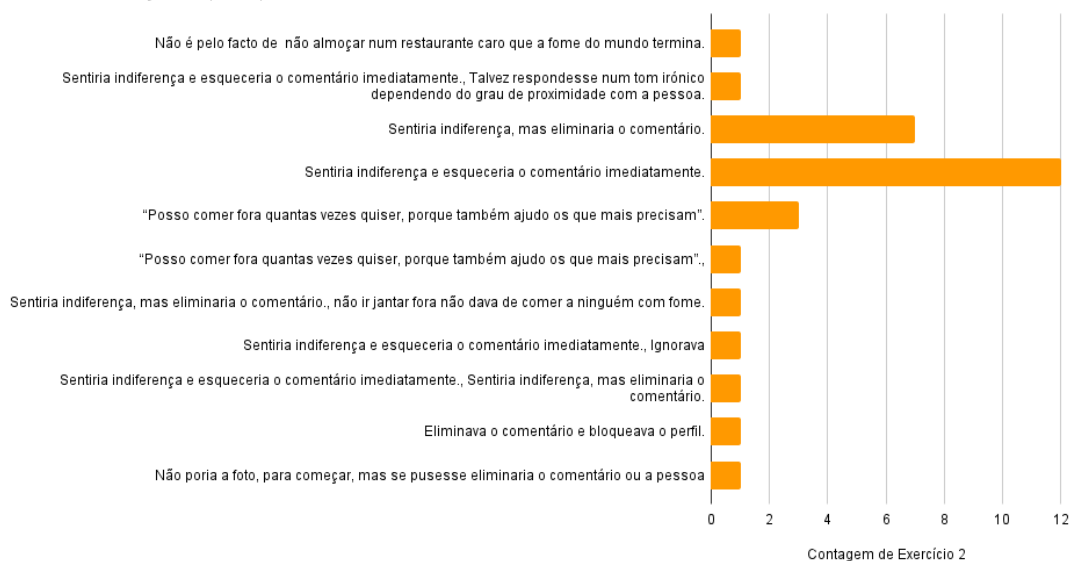


Gráfico 28: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 2

Para uma compreensão mais completa e contextualizada das dinâmicas comunicativas, a abordagem da SI considera não só a linguagem verbal, mas também fatores paralinguísticos, como gestos ou expressões faciais. No contexto virtual este papel é desempenhado por elementos gráficos, como os *emojis*. Neste sentido, no questionário, foi incluída uma pergunta sobre o uso destes sinais, que contribuem para expressar a intenção comunicativa e o estado emocional das interlocutoras.

### Exercício 3

Quando comunico *online*, uso *EMOJIS* para expressar as minhas emoções?

- Sempre.
- Muitas vezes.
- Às vezes.
- Raramente.
- Nunca.

Ambos grupos de inquiridas manifestaram que usam muitas vezes ou frequentemente *emojis*. Do mesmo modo, uma minoria afirma usá-los sempre ou raramente. Apenas uma estudante assinalou que nunca faz uso destes sinais gráficos.

## Grupo 1

Exercício 3 Quando comunico online, uso EMOJIS para expressar as minhas emoções?  
70 respostas

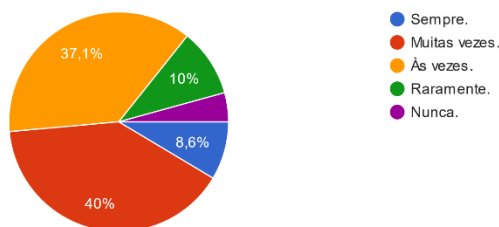


Gráfico 29: Respostas do grupo 1 sobre o exercício 3

## Grupo 2

Exercício 3 Quando comunico online, uso EMOJIS para expressar as minhas emoções?  
30 respostas

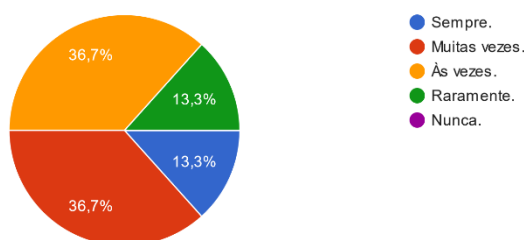


Gráfico 30: Respostas do grupo 2 sobre o exercício 3

As restantes questões do inquérito punham a atenção na avaliação feita sobre comportamentos que poderiam ser apropriados, tolerados ou inaceitáveis em situações de interação social presencial, isto é, fora do mundo virtual.

Os cenários propostos reproduziam situações verosímeis com variação de poder entre os interlocutores, distanciamento, nível de imposição e objetivo. Deste modo, as diferentes situações pressupunham diversos graus de delicadeza de acordo com os objetivos e a familiaridade entre os interlocutores. Quis-se observar a avaliação que as pessoas participantes no inquérito faziam relativamente a diferentes atos discursivos: i) o ato expressivo do agradecimento numa festa de aniversário, ii) o ato diretivo do pedido num estabelecimento público, iii) o ato diretivo da ordem entre um agente da autoridade e um automobilista, iv) o pré-ato do cumprimento entre indivíduos conhecidos e v) situações com ausência do ato de desculpa, quando este ato reparador poderia ser esperado. As formas de

tratamento foram igualmente abordadas mediante distintas interações entre colocutores de diferente idade ou diferente estatuto. O facto de o contexto virtual justificar ou não um maior grau de indelicadeza foi também focado. Por último, imaginou-se um cenário que contemplava a questão do género. Perguntava-se a opinião sobre o tempo de intervenção discursiva dos elementos femininos num encontro grupal com homens e mulheres. Para as várias situações, pedia-se a classificação das atitudes e reações descritas.

Na primeira situação imaginava-se uma festa de anos. Numa estratégia de indelicadeza *withhold*, a aniversariante, na pele de uma hipotética sobrinha, não agradecia os presentes que lhe eram oferecidos.

**O que é apropriado, tolerado ou inaceitável? Que comportamentos considera que são apropriados ou não, tolerados ou inaceitáveis na relação com os outros? Diga-nos como classificaria as atitudes ou reações nas seguintes situações.**

**Na festa de anos da sua sobrinha, esta não agradece os presentes que lhe são dados. Considera que é:**

- a. uma atitude esperada por ser comum.
- b. uma atitude indelicada (falta de boas maneiras).
- c. uma atitude indelicada, mas aceitável.
- d. um descuido vulgar.
- e. Outra:

A maioria das integrantes dos dois grupos considerou que a conduta relatada era indelicada, por ser um indício de falta de boas maneiras (*b*). Em segundo lugar, o grupo 1 contemplou ser um descuido vulgar (*d*), seguido de uma atitude indelicada, mas aceitável (*c*). Os elementos do grupo 2 dividiram-se entre estas duas avaliações para avaliar o gesto, no segundo patamar. 3 estudantes afirmaram poder ser igualmente uma atitude esperada por ser comum, enquanto apenas uma pessoa do grupo 2 considerou esta hipótese. Nos comentários, ambos os grupos referiram a importância da idade da jovem ou criança e as circunstâncias específicas para uma melhor avaliação da indelicadeza da situação. Em suma, a maior parte considera que não agradecer um presente seria indelicado, embora se note uma certa tolerância para a ausência de formas convencionais de agradecimento.

## Grupo 1

Contagem de Na festa de anos da sua sobrinha, esta não agradece os presentes que lhe são dados. Considera que é:

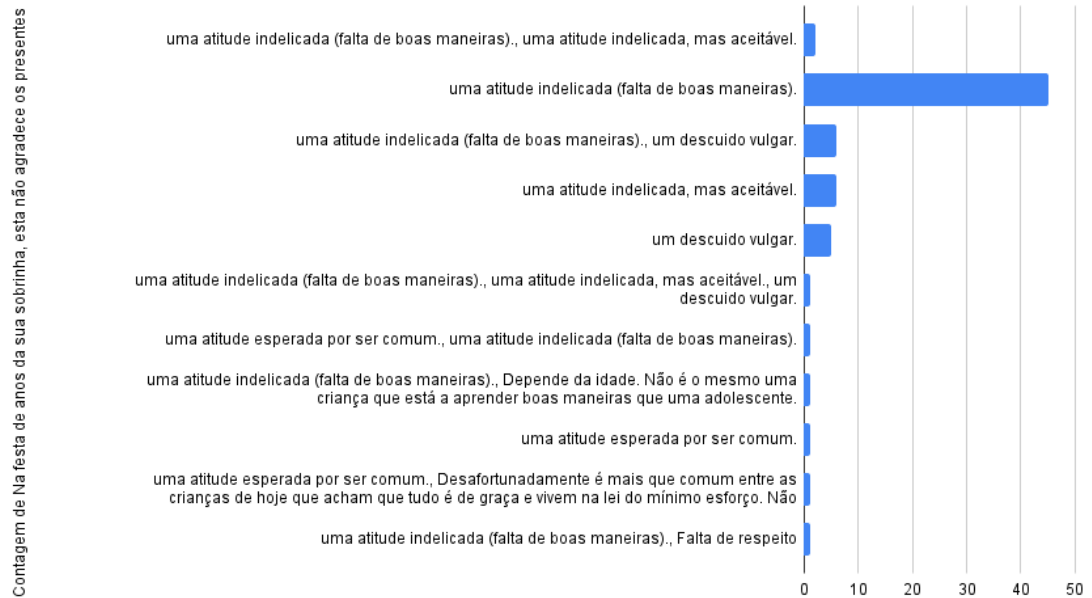


Gráfico 31: Reações do grupo 1 na situação 1

## Grupo 2

Contagem de Na festa de anos da sua sobrinha, esta não agradece os presentes que lhe são dados. Considera que é:



Gráfico 32: Reações do grupo 2 na situação 1

A seguinte situação abordava analogamente o uso de formas convencionais, desta vez do ato do pedido. Num contexto de uma esplanada de café, com o desejo de se obter o

jornal, uma pessoa efetuava o pedido sem formas padrão de delicadeza, como poderia ser o uso do imperfeito de cortesia ou a fórmula “se faz favor”. Não obstante, o ato diretivo apresentado também não recorria ao imperativo que teria uma força ilocutória mais forte, mas sim a uma pergunta com o recurso ao verbo modal “poder” (“Pode passar-me o jornal?”). Desta forma, o caráter coercivo próprio do ato diretivo era atenuado, embora não incluísse os padrões mais usuais do pedido. Pretendia-se averiguar a indispensabilidade da existência destas práticas socialmente consensualizadas.

**Na esplanada de um café, um cliente da mesa ao lado pede-lhe o jornal da casa que está na sua mesa. No pedido “É da casa? Pode passar-me o jornal?”, o cliente não inclui formas delicadas como “se faz favor”. Na sua opinião:**

- a. não é preciso, porque a pergunta já é delicada.
- b. não é imprescindível, mas um “se faz favor” seria esperado.
- c. é um comportamento indelicado.
- d. é um comportamento comum.
- e. Outra:

Os dados revelaram que, para ambos os grupos de inquiridas, nestas circunstâncias, o uso da fórmula “se faz favor” é desejado, mas não é imprescindível (*b*). Contudo, foi notada uma divergência quanto à opção mais assinalada em segundo lugar pelos dois grupos. As estudantes consideraram que a fórmula em análise não é necessária por a pergunta já conter elementos de delicadeza (*a*), enquanto para a mesma ordem de escolhas, o grupo de falantes do português como L1 qualificou o enunciado como indelicado (*c*), opção eleita em último lugar pelo grupo 1. Na terceira posição as estudantes assinalaram ser um comportamento comum (*d*), alínea escolhida somente por uma pessoa do grupo 2, que, como escolha número três, se decidiu pela alínea *a* (“não é preciso, porque a pergunta já é delicada”). Em resumo, quanto à necessidade do uso de certas fórmulas convencionais no ato diretivo do pedido, parece haver uma diferença entre os dois grupos. O grupo de estudantes do PLNM não considera imprescindíveis determinados elementos de cortesia, se o enunciado já contiver outros elementos que expressam, ainda que em menor medida, a delicadeza socialmente esperada.

## Grupo 1

Contagem de Na esplanada de um café, um cliente da mesa ao lado pede-lhe o jornal da casa que está na sua mesa. No pedido "É da casa? Pode passar-me o jornal?", o cliente não inclui formas delicadas como "se faz favor". Na sua opinião:

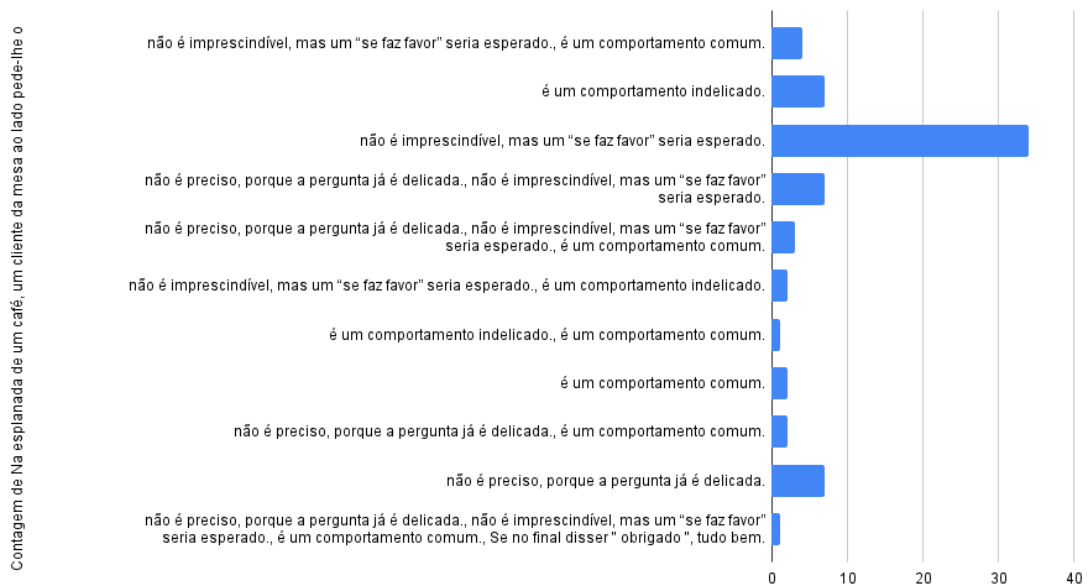


Gráfico 33: Reações do grupo 1 na situação 2

## Grupo 2

Contagem de Na esplanada de um café, um cliente da mesa ao lado pede-lhe o jornal da casa que está na sua mesa. No pedido "É da casa? Pode passar-me o jornal?", o cliente não inclui formas delicadas como "se faz favor". Na sua opinião:

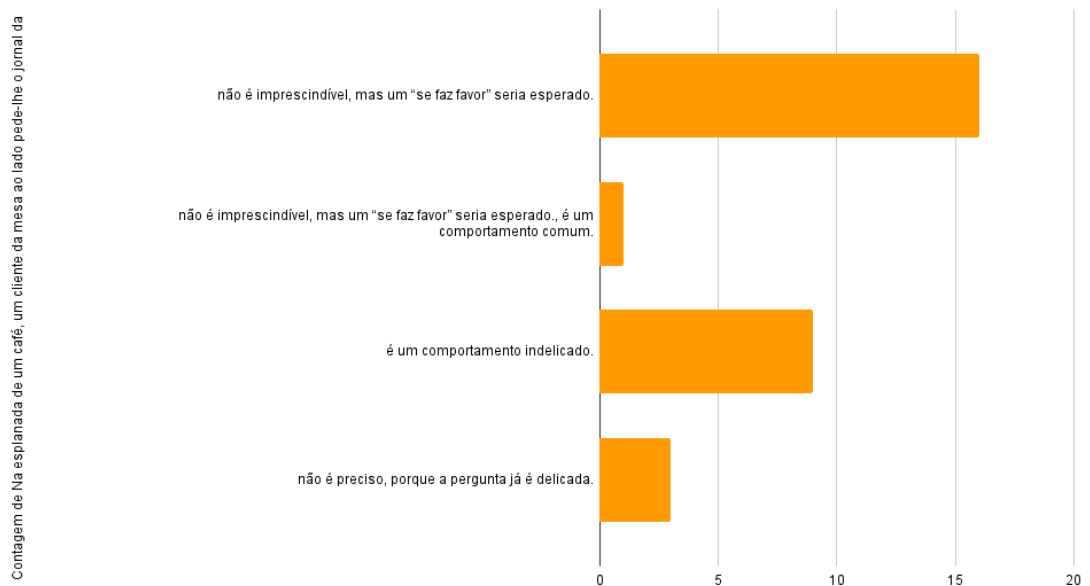


Gráfico 34: Reações do grupo 2 na situação 2

A seleção das estratégias de delicadeza depende da correlação entre as relações de poder, a distância social e o peso da imposição ou grau de ameaça para a face (Antão, 2019: 36). Tendo em conta que o grau de coercividade dos atos diretivos depende das relações

sociais entre os interlocutores, foi apresentado o enunciado de um ato diretivo de ordem proferido por um polícia. Este ordena parar um automóvel e diz ao/à seu/sua condutor/a “Você sabe a que velocidade ia? Dê-me os seus documentos!”. Como só ordena quem tem poder (Casanova, 1996: 431), considerou-se uma situação plausível de acontecer sobre a qual se quis saber a opinião das participantes no inquérito.

**É parado/a na estrada por um polícia que lhe diz: “Você sabe a que velocidade ia? Dê-me os seus documentos!”. Sente o que ouviu como:**

- a. uma grosseria, pela forma de tratamento usada (“você”).
- b. uma ordem natural, dado o estatuto do polícia.
- c. uma invasão da sua privacidade.
- d. indelicado, por não usar formas de cortesia como “por favor”.
- e. Outra:

Os dois grupos optaram maioritariamente pela alínea *d* na qual se afirmava que era um enunciado indelicado por não se usar formas de cortesia social como “por favor”. Destaca-se uma discrepância quanto à segunda escolha. O grupo de estudantes considerou ser uma ordem natural, dado o estatuto do polícia (*b*), enquanto, em segundo lugar, falantes de português como L1 assinalaram a opção *a* que considerava ser uma grosseria, devido à forma de tratamento usada com o pronome “você”. Esta escolha foi preferida pelo grupo 1 para o terceiro lugar. Neste nível o grupo 2 marcou a alínea *b* que tinha sido escolhida pelos estudantes para o segundo lugar. Em última posição os dois grupos concordaram que era uma invasão da privacidade da pessoa condutora (*c*).

Nesta situação, de acordo com os dados apurados, pode concluir-se que as inquiridas dos dois grupos sentem a falta de formas sociais de cortesia, como “por favor”, mesmo que a relação entre os interlocutores pudesse permitir essa omissão. É de realçar que o grupo de estudantes está consciente das particularidades socioculturais do uso do pronome “você” como forma de tratamento em português<sup>49</sup>. Dependendo da relação entre os colocutores, a sua utilização pode ser interpretada como inadequada ou até grosseira. Os comentários feitos pelo grupo de estudantes referem esta característica particular do pronome. No comentário adicionado por um membro do segundo grupo, referia-se que a situação apontava para um abuso de poder da posição do funcionário do corpo policial.

---

<sup>49</sup> O dicionário de Caldas Aulete define *você* como um tratamento vulgar dirigido por um superior a qualquer indivíduo de classe mais baixa.

## Grupo 1

Contagem de É parado/a na estrada por um polícia que lhe diz: "Você sabe a que velocidade ia? Dê-me os seus documentos!". Sente o que ouviu como:

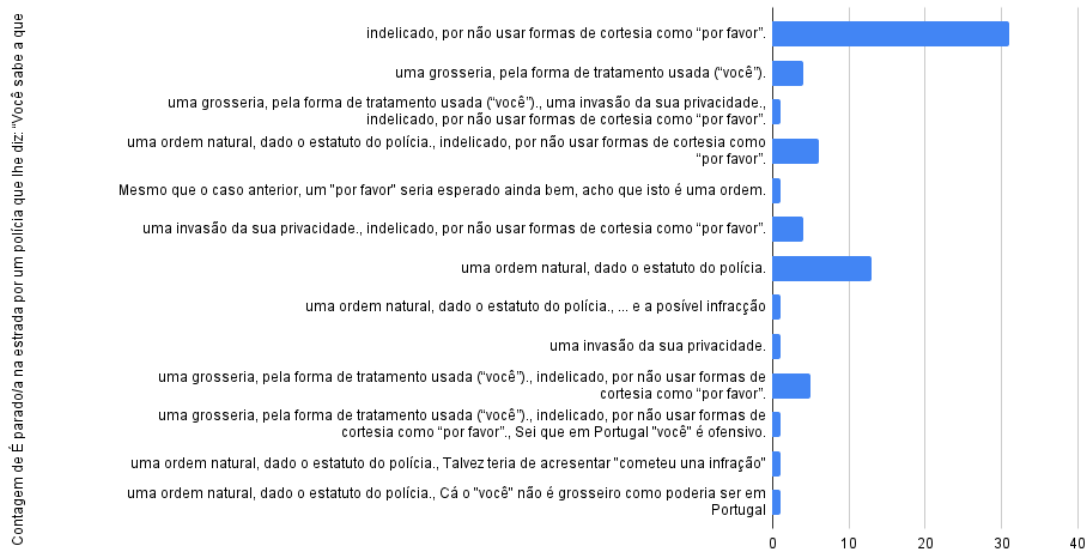


Gráfico 35: Reações do grupo 1 na situação 3

## Grupo 2

Contagem de É parado/a na estrada por um polícia que lhe diz: "Você sabe a que velocidade ia? Dê-me os seus documentos!". Sente o que ouviu como:

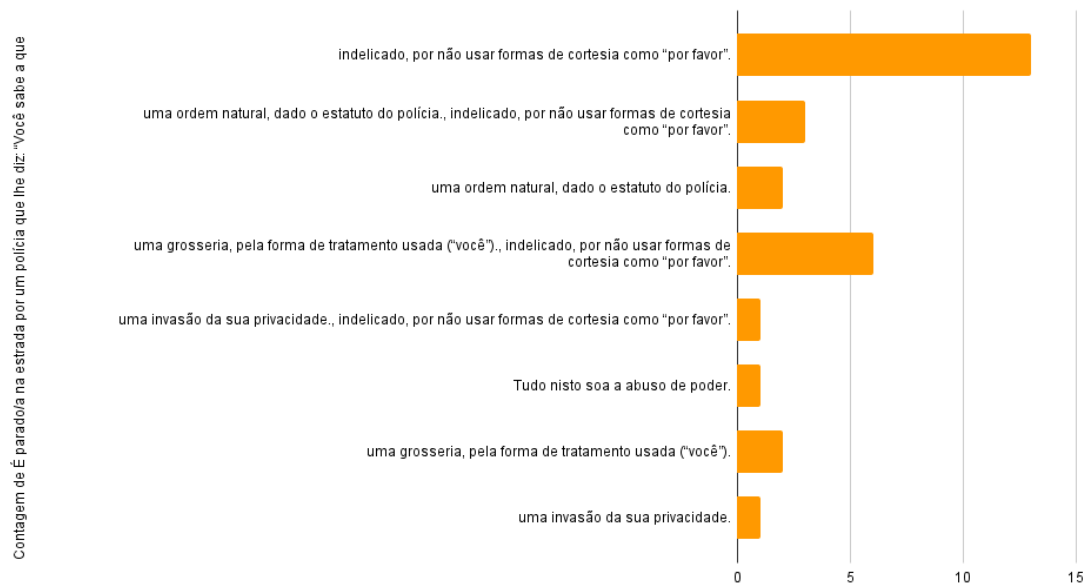


Gráfico 36: Reações do grupo 2 na situação 3

A reflexão sociológica de equiparação das formas de representação do Outro, subjacente às estruturas linguísticas escolhidas, pode ser igualmente verificada mediante as FT. O estudo destas últimas ajuda a definir o modo de ação da cidadania dentro de um

determinado sistema social, assim como as potenciais mudanças e ruturas sociais. A natureza essencialmente sociolinguística da complexidade do sistema das FT em português representa uma dificuldade acrescida para estudantes de PLN, uma vez que, além das dificuldades relativas à forma e ao seu funcionamento morfossintático, a adequação das formas ao contexto está dependente de condicionantes sociais, que nos surgem como parâmetros condicionadores das variantes estilísticas escolhidas (Antão, 2019: 38), como se pôde verificar na situação acima referida entre um polícia e um/a condutor/a.

Com o objetivo de se aprofundar a análise das FT, foram elaboradas mais três situações nos inquéritos. Numa questão perguntava-se a opinião de muitas vezes se ouvir as gerações mais novas tratarem pessoas desconhecidas ou mais velhas por “tu”. Seguidamente, apresentava-se uma situação numa loja de roupa, na qual a empregada usava a mesma FT para com a clientela. Uma terceira questão apresentava ainda um contexto escolar, com um enunciado entre um professor e um aluno.

#### **Situação 1**

**Tem ouvido como as gerações mais novas tratam pessoas idosas desconhecidas por *tu* ou pelo nome próprio, sem a designação de *senhor/a* ou *dona*. Qual é a sua opinião?**

- a. Não se deve tratar uma pessoa mais velha por tu.
- b. Já não se mostra respeito pelos mais velhos.
- c. Pode ser positivo, porque indica uma maior igualdade na sociedade.
- d. Pode ser carinhoso, porque diminui a distância entre as pessoas.
- e. Outra:

#### **Situação 2**

**Ao ser atendida/o numa loja, é tratada/o por *tu*. Como se sente?**

- a. Insultada/o, porque não conhece a pessoa.
- b. Desagradada/o com o facto.
- c. Surpreendida/o pela informalidade.
- d. Satisfeita/o com a proximidade

#### **Situação 3**

**Na escola, um professor pergunta ao aluno por que motivo faltou às aulas no dia anterior, ao que este responde: “Não tens nada a ver com isso”. Qual é a sua opinião?**

- a. Atualmente, os jovens não têm papas na língua.
- b. É reflexo de uma relação mais relaxada entre professor-aluno.
- c. É uma atitude desapropriada dada a relação professor-aluno.
- d. É uma atitude desapropriada com qualquer pessoa.
- e. Outra:

A primeira situação revelou dados muito díspares nos dois grupos. O grupo de estudantes considerou maioritariamente que o tratamento por “tu” podia ser carinhoso,

porque diminui a distância entre as pessoas (*d*). Esta escolha vai ao encontro dos comentários adicionados. Alguns destes referem que pode ser ofensivo um tratamento formal para pessoas mais idosas. Este facto tem a ver com as circunstâncias sociológicas do grupo de estudantes. Em Espanha, em geral, é preferido o tratamento por “tu”, sendo que o tratamento formal para com pessoas mais velhas pode ser, por vezes, indelicado, pois incide na diferença de idade de um modo negativo.

O grupo de falantes de português como L1 dividiu-se entre as alíneas *a* e *d*. A mesma percentagem de inquiridas considera ora que não se deve tratar uma pessoa mais velha por “tu” (*a*), ora que pode ser carinhoso, porque diminui a distância entre as pessoas (*d*). Esta divisão indica que pode estar a haver uma mudança na sociedade portuguesa quanto à FT correta para mostrar respeito pelo outro. Em terceiro lugar, e em segundo para o grupo 1, foi selecionada a opção *c*, que explicava que podia ser positivo, pelo facto de indicar uma maior igualdade na sociedade. Esta escolha vem corroborar a possível tendência para alterações na forma de comunicação da sociedade portuguesa. Em último lugar, foi indicado pelos dois grupos que era uma falta de respeito para com os mais velhos.

No contexto que propunha um tratamento informal por parte de um/a empregado/a de uma loja e o/a respetivo/a cliente, o grupo de estudantes indicou estar satisfeito com a proximidade que o tratamento por “tu” manifesta (*d*), seguido da alínea *c* que indicava alguma surpresa pela informalidade expressada. Esta opção foi a primeira escolhida pelo grupo 2. Neste contexto, as falantes do português como L1 oscilaram entre a surpresa que a situação provocava e o desagrado com a FT usada. Em último lugar, foi selecionada, pelos dois grupos, a alínea *a* que dizia tratar-se de um insulto por serem pessoas desconhecidas. Mais uma vez, confirma-se a propensão para a informalidade das FT nas relações sociais, embora esta tendência pareça estar mais acentuada em Espanha, lugar de residência das estudantes, do que em Portugal.

A terceira situação mostrava uma interação entre um professor e um estudante. No enunciado, o aluno tratava o professor por “tu” num ato de ataque à face do professor, pois ao ser perguntado pelo motivo da falta de assistência às aulas no dia anterior, o estudante respondia “Não tens nada a ver com isso”. Os grupos 1 e 2 consideraram que era uma atitude desapropriada. Não obstante, os motivos de tal avaliação foram diferentes. O grupo 1 justificou a sua resposta dada a relação entre professor e aluno (*c*), enquanto o grupo 2 declarou que era uma atitude desadequada para com qualquer pessoa (*d*). Um comentário de

um elemento deste grupo reconhecia que a expressão era desapropriada, mas defendia que a privacidade do aluno devia ser protegida. Em penúltimo lugar, foi selecionada pelos dois grupos a alínea *b* (“É reflexo de uma relação mais relaxada entre professor-aluno”) e, em última posição, a opção *a*, que justificava a ação pelo facto de os jovens não terem atualmente “papas na língua”. Em suma, por um lado, a tendência para uma descontração no uso das FT parece querer aflorar, e, por outro lado, foi condenado, pela grande maioria de pessoas inquiridas, o ato de ataque à face do professor.

A natureza da comunicação virtual poderá ser propícia a uma quebra do contrato social, e por conseguinte, a uma linguagem mais ofensiva. A seguinte questão abordava diretamente a opinião das pessoas sobre esta questão e os motivos que levavam a tal situação.

**Na internet é frequente lerem-se insultos diretos ou uma linguagem considerada muito ofensiva. Qual é a sua opinião?**

- a. A ofensa *online* não tem a mesma importância que *offline*.
- b. É negativo ver como as pessoas se relacionam com insultos.
- c. É natural quando as pessoas discordam.
- d. A liberdade de expressão é o mais importante.
- e. Outra:

A reprovação dos insultos em interações, em geral, foi consensual. A opção *b* foi a alínea mais assinalada pelos dois grupos que parecem considerar a ofensa como um ato negativo com importância idêntica, quer em ambientes virtuais, quer presenciais. Numerosos comentários foram tecidos pelas estudantes no sentido de avaliarem a ofensa negativamente e condenarem o anonimato das redes sociais que muitas pessoas aproveitam para expressarem a sua falta de respeito para com os outros. Quatro estudantes também selecionaram a alínea *a* na qual se explicava que a “ofensa *online* não tem a mesma importância que *offline*”. Dois estudantes e um elemento do grupo 2 selecionaram também a última opção que fazia referência à primazia da liberdade de expressão. Não obstante, a importância do discurso livre e as condições contextuais do discurso virtual não parecem justificar a violência verbal, de acordo com os dados obtidos.

## Grupo 1

Contagem de Na internet é frequente lerem-se insultos diretos ou uma linguagem considerada muito ofensiva. Qual é a sua opinião?

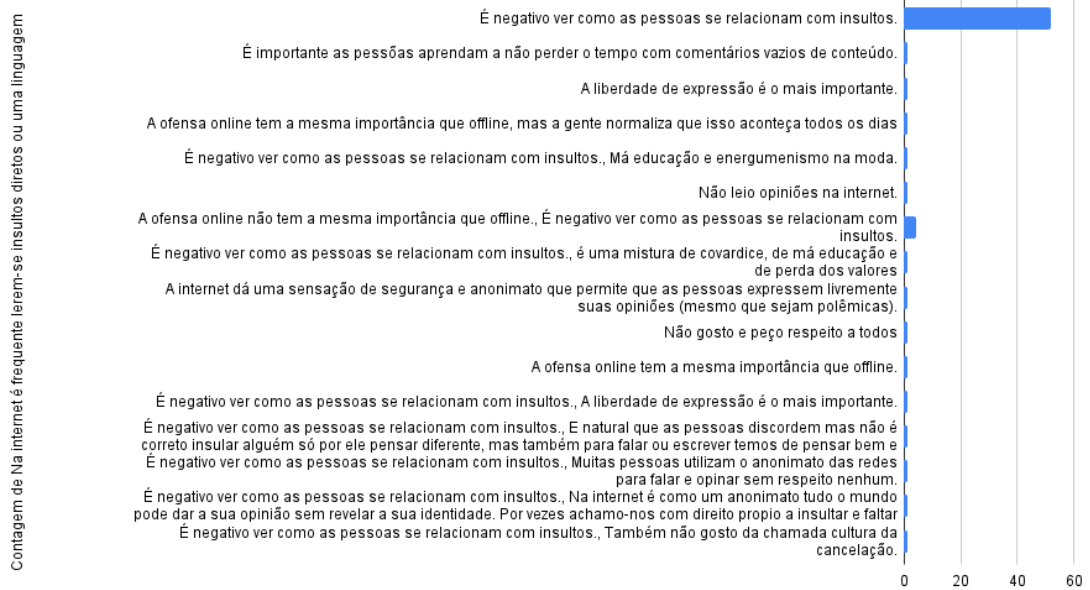


Gráfico 37: Opiniões do grupo 1 sobre o uso de linguagem ofensiva

## Grupo 2

Contagem de Na internet é frequente lerem-se insultos diretos ou uma linguagem considerada muito ofensiva. Qual é a sua opinião?

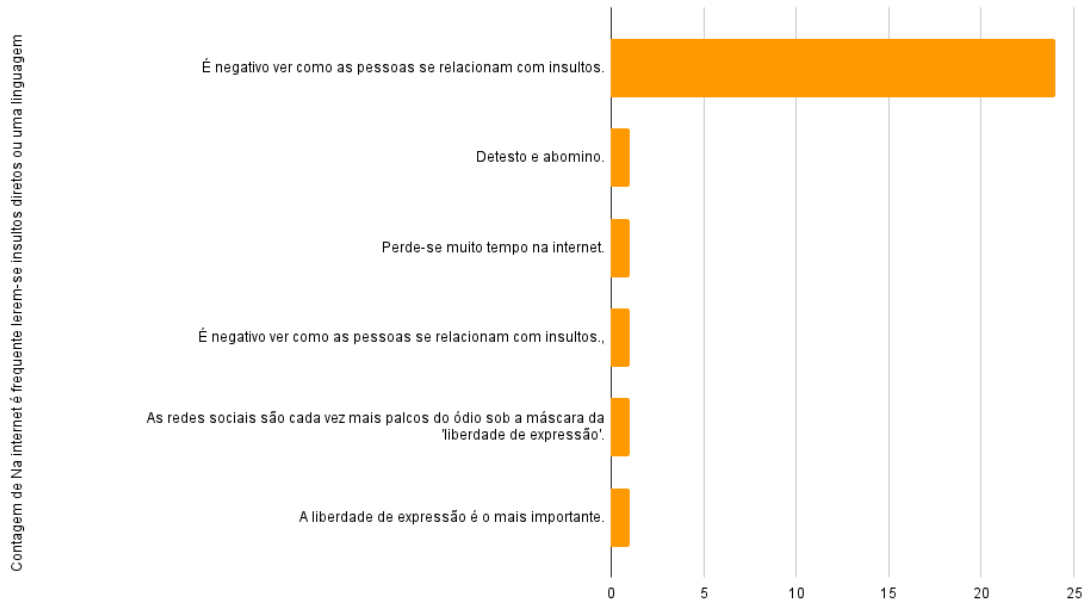


Gráfico 38: Opiniões do grupo 2 sobre o uso de linguagem ofensiva

Rodrigues (1984: 663) destaca a importância dos pré-atos no sentido de prepararem o ato de dizer. O ato de cumprimentar contribui para a criação de condições adequadas para que a interação decorra com êxito, sem que nenhum dos interlocutores se sinta ofendido nos seus

territórios. A saudação minimiza o constrangimento do silêncio que se poderia gerar em encontros breves e diários, sendo, deste modo, ambas faces protegidas. O cumprimento na situação apresentada, a seguir, não tinha como objetivo o começo de uma conversa, mas sim a saudação entre vizinhos que se encontram diariamente. Perguntava-se a opinião sobre a situação de um/a vizinho/a que não tinha por costume dar os bons-dias ou as boas-tardes.

**Cruza-se diariamente com um/a vizinho/a que nunca lhe dá os bons-dias ou as boas-tardes. Qual é a sua opinião?**

- a. É aceitável, porque não nos conhecemos.
- b. É antipático, dado que somos vizinhos.
- c. É uma atitude que já está normalizada.
- d. Prefiro essa atitude para não ter de retribuir o cumprimento.
- e. Outra:

Os dois grupos optaram maioritariamente por reprovar a atitude de silêncio no momento da saudação (*b*), embora 24% do grupo de estudantes tenha igualmente referido ser “uma atitude que já está normalizada” (*c*). Apenas quatro pessoas do grupo 2 assinalaram as alíneas *a* e *c* que faziam referência à aceitabilidade ou normalização da atitude impessoal do não cumprimento. Os comentários adicionados pelas estudantes condenavam esta atitude (“Indiferente, se calhar poderia intentar eu dá os bons-dias ou as boas-tardes?”, “Mas eu continuaria a dar o bom dia e é possível isso mude.”), enquanto uma pessoa do grupo 2 justificou o comportamento atribuindo-o a distrações ou timidez (“Às vezes não é um bom dia e há pessoas que não gostam de falar, que são mais introvertidas ou que vão distraídas no seu mundo”). Não obstante, em geral, a população inquirida parece compreender a importância dos cumprimentos em contactos diários superficiais, que podem contribuir para a criação de uma atmosfera positiva e mais segura na comunidade.

O sociólogo Mark Granovetter (1973) analisou os vínculos estabelecidos nas relações superficiais entre pessoas sem um grande envolvimento emocional e baixo nível de compromisso entre elas. Ao realçar a importância dos “laços fracos”, conclui que quanto maior for a rede social de uma pessoa, mais “laços fracos” terá e maior será a probabilidade de desenvolver o seu capital social. Os sistemas de interação a pequena escala convertem-se em modelos em grande escala, que, por sua vez, influenciarão os primeiros. A união dos níveis micro e macro são percebidos como indispensáveis para os indivíduos terem oportunidades individuais e se poderem integrar socialmente (Granovetter, 1973:1377).

## Grupo 1

Contagem de Cruza-se diariamente com um/a vizinho/a que nunca lhe dá os bons-dias ou as boas-tardes. Qual é a sua opinião?



Gráfico 39: Opiniões do grupo 1 sobre o ato de cumprimentar vizinhos

## Grupo 2

Contagem de Cruza-se diariamente com um/a vizinho/a que nunca lhe dá os bons-dias ou as boas-tardes. Qual é a sua opinião?

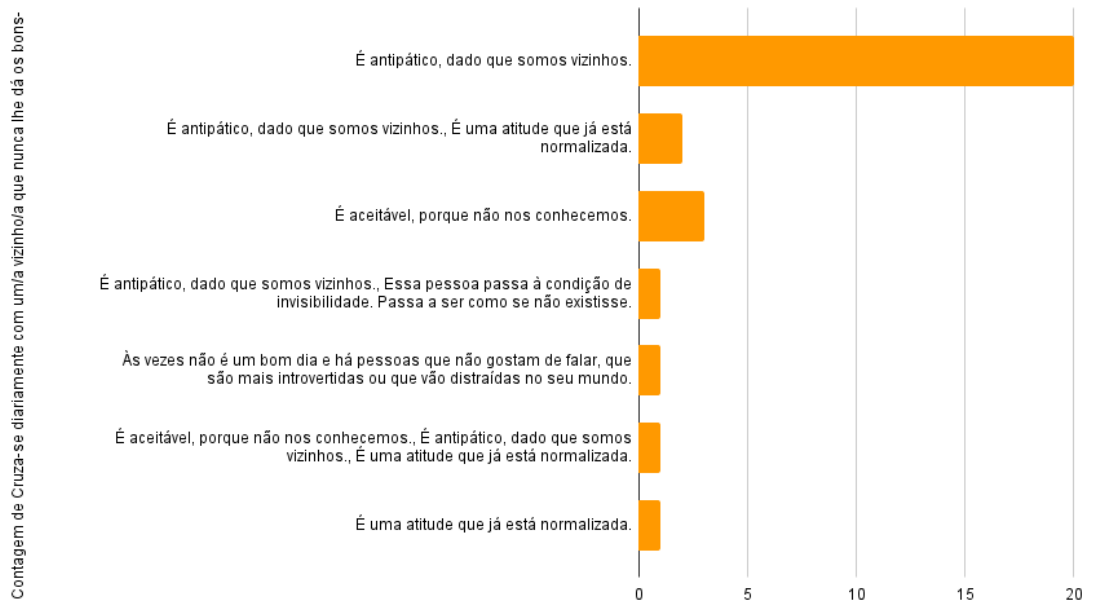


Gráfico 40: Opiniões do grupo 2 sobre o ato de cumprimentar vizinhos

A seguinte questão abordava questões de género. Tendo em conta as noções de Mills (2003a: 4) sobre o modelo de performatividade aplicado à noção de género, quis-se observar a avaliação das inquiridas sobre a pretensa menor participação das mulheres em discussões grupais mais violentas entre elementos masculinos e femininos. As opções de escolha múltipla expunham várias abordagens: a crença em diferenças que contribuem para a reprodução de parâmetros de género, como a ideia de que as mulheres sempre foram mais conciliadoras ou de que é positivo as mulheres retirarem-se de discussões mais agitadas para a sua própria proteção; a maior invisibilidade social das mulheres ou a descrença em variáveis de género com a afirmação “É natural uns falarem mais e outros menos”.

**Numa festa de amigos, encontram-se vários casais. Homens e mulheres manifestam a sua opinião sobre diversos temas controversos que vão surgindo. A discussão está acesa, no entanto nota que a maior parte das mulheres tende progressivamente ao silêncio e a não defender o seu ponto de vista tão energicamente como a maioria dos homens presentes. Qual é a sua opinião?**

- a. As mulheres sempre foram mais conciliadoras e fogem do conflito.
- b. Mostra como as mulheres são socialmente postas num segundo plano.
- c. É positivo para as mulheres não se desgastarem em discussões.
- d. É natural uns falarem mais e outros menos.
- e. Outra:

A desigualdade de género (alínea *b* “Mostra como as mulheres são socialmente postas num segundo plano”) foi assinalada pela maior parte das inquiridas nos dois grupos, ficando em segundo lugar a alínea *a* que apontava para um estereótipo de género (“As mulheres sempre foram mais conciliadoras e fogem do conflito “). É de assinalar que no grupo 2 a diferença entre as duas alíneas foi apenas de uma pessoa. Detetou-se uma diferença quanto às escolhas marcadas para os terceiros e quartos lugares. O grupo 1 considerou que era “positivo para as mulheres não se desgastarem em discussões” (c), enquanto o grupo 2 indicou ser “natural uns falarem mais e outros menos” (d). Os comentários adicionados apoiam as diferentes posturas assinaladas nas alíneas do exercício.

Alguns dos comentários adicionados à questão em análise, apontavam para a estratégia positiva de retirada do diálogo para a própria proteção (“Pode ser positivo para as pessoas não se desgastarem em discussões depois de ter defendido a sua opinião”). Uma inquirida aludiu a crenças sobre comportamentos de género quando referiu que “as mulheres falam mais que os homens [que achava] difícil no darem a opinião, [mas que] outra coisa é que [considerassem] a sua opinião”.

Em suma, por um lado, foi detetado o estereótipo de género de a mulher parecer ser mais conciliadora e ter tendência para fugir ao conflito. Por outro lado, foi assinalado o facto de as mulheres serem muitas vezes transferidas para o plano da invisibilidade.

### Grupo 1

Contagem de Numa festa de amigos, encontram-se vários casais. Homens e mulheres manifestam a sua opinião sobre diversos temas controversos que vão surgindo. A discussão está acesa, no entanto nota que a maior parte das mulheres tende progressivamente ao silêncio e a não defender o seu ponto de vista tão energicamente como a maioria dos homens presentes. Qual é a sua opinião?

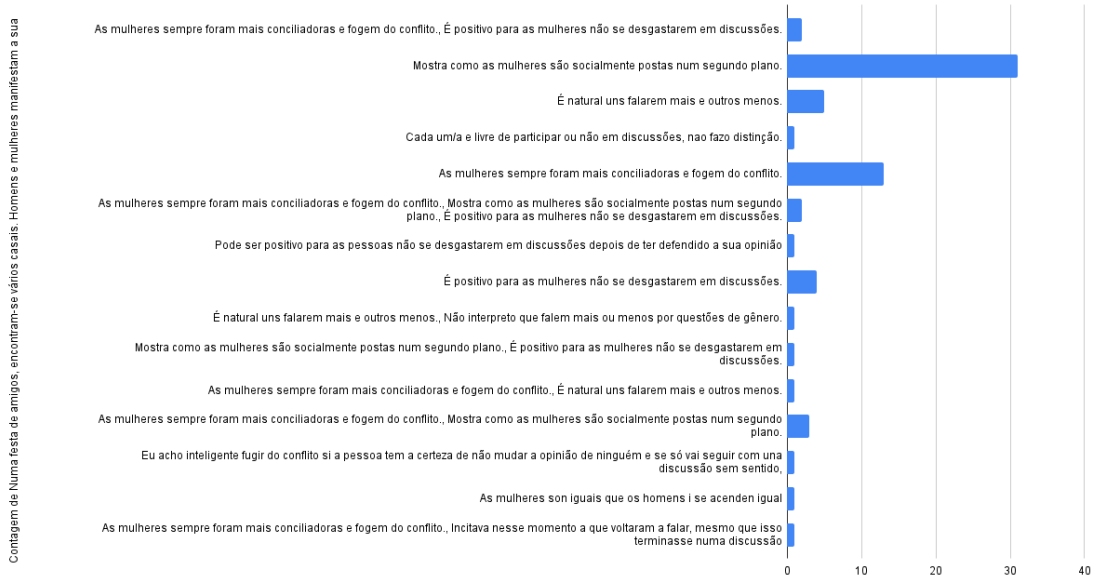


Gráfico 41: Opiniões do grupo 1 sobre questões de género

### Grupo 2

Contagem de Numa festa de amigos, encontram-se vários casais. Homens e mulheres manifestam a sua opinião sobre diversos temas controversos que vão surgindo. A discussão está acesa, no entanto nota que a maior parte das mulheres tende progressivamente ao silêncio e a não defender o seu ponto de vista tão energicamente como a maioria dos homens presentes. Qual é a sua opinião?

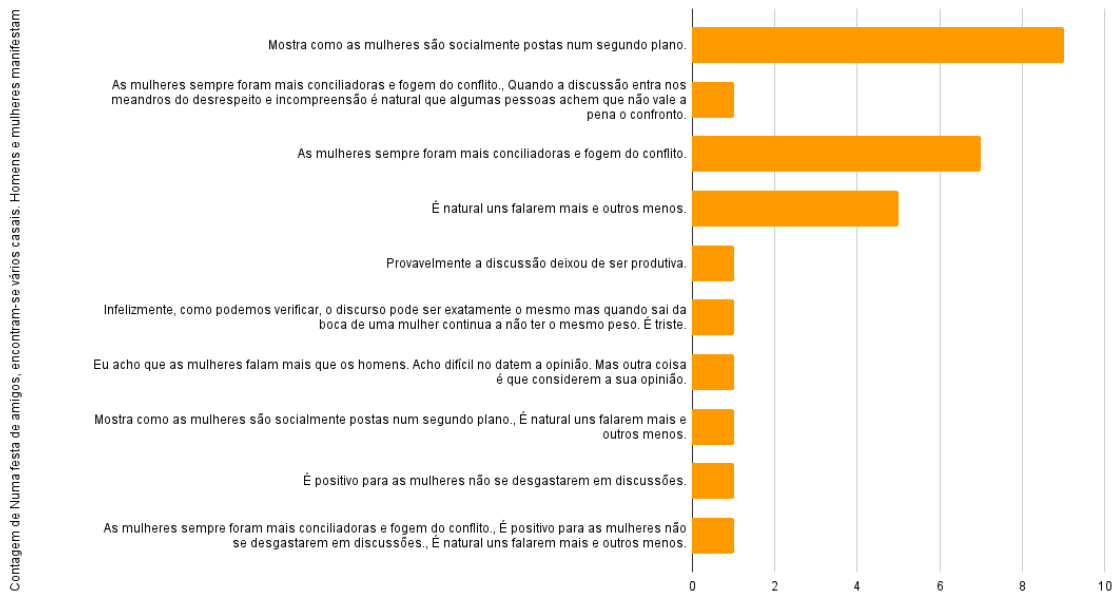


Gráfico 42: Opiniões do grupo 2 sobre questões de género

De acordo com bell hooks (2010: 43), a conversa é uma ferramenta pedagógica democrática, dentro e fora da sala de aula. À luz da teoria feminista, a autora tece uma crítica à aprendizagem passiva que terá como consequências, entre outras, a carência de habilidades básicas para o diálogo. Esta incapacidade pode produzir falantes incapazes de se expressarem ou que o consigam fazer unicamente mediante o monólogo. Neste caso, com a negação da abertura para o debate, a tendência será para a imposição do discurso e promoção de uma hierarquia de dominação, que, por sua vez, é contrária aos princípios básicos da arte de dialogar.

A discussão negativa, baseada no conflito, não é propícia à partilha de ideias, mas sim a estratégias de domínio na interação, que acabam por converter potenciais participantes em observadores passivos, como no enunciado oferecido no questionário, com o qual se quis saber a opinião da população inquirida sobre a questão em análise.

Conversar é, em essência, cooperar e partilhar poder e conhecimento. Encontrar uma voz, falar e ser capaz de nomear é reivindicar a posição do sujeito que, mediante o seu empoderamento, vê a sua autoestima aumentada de um modo positivo. Neste processo, concomitantemente, subsiste a ideia de que outras vozes merecem ser ouvidas. Deste modo, o intercâmbio crítico e a resolução de conflitos podem produzir-se sem a desvalorização de nenhuma das partes envolvidas (hooks, 2010: 162).

A seguinte situação exposta no inquérito pretendia averiguar se certos comportamentos convencionalmente considerados pouco corteses seriam aceites, tolerados ou desaprovados. Apresentavam-se condutas como falar excessivamente alto, espreguiçar-se ou arrotar em público sem que houvesse qualquer pedido de desculpa. As opções de resposta iam em crescendo desde a aceitação (a. “É natural, agora é tudo muito livre e informal”) à completa condenação das ditas atitudes (d. “É completamente grosseiro e ofensivo”).

**Na rua, vê alguém com comportamentos mais próprios do espaço privado do que público, como por exemplo, falar excessivamente alto, espreguiçar-se ou arrotar. Quando isto acontece, nenhum pedido de desculpa é proferido. Qual é a sua opinião?**

- a. É natural, agora é tudo muito livre e informal.
- b. Está normalizado e já ninguém se choca com isso.
- c. É uma falta de educação.
- d. É completamente grosseiro e ofensivo.
- e. Outra:

A maior parte das inquiridas dos dois grupos considerou que tais comportamentos constituíam uma falta de educação (*c*). Em segundo lugar, foi assinalada a opção *d* que apresentava uma maior reprovação, pois classificava tais atitudes como grosseiras e ofensivas. Uma minoria apresentou, em último lugar, a ressalva de serem condutas já normalizadas, não chocando, portanto, ninguém (*b*). Não obstante, a opção *a* que amparava essas formas de estar em público não foi assinalada.

Nos comentários adicionados, o grupo de falantes do português como L1 condenou, de um modo vigoroso, tais condutas (“É uma forma de invasão da privacidade alheia”, “Muitas pessoas com baixa autoestima recorrem em público a comportamentos provocatórios para compensarem a sua falta de reconhecimento social”). Em contrapartida, o grupo de estudantes pareceu não reprovar tão intensamente as mencionadas atitudes. Uma aluna referiu que era “chato”, tendo optado outra pessoa, por dividir as atitudes (“Falar alto é uma coisa, mas arrotar... No!”) e ainda outra pela decisão de afastamento (“Tentaria canviar de lugar e não partilhar espaço”).

### Grupo 1

Contagem de Na rua, vê alguém com comportamentos mais próprios do espaço privado do que público, como por exemplo, falar excessivamente alto, espreguiçar-se ou arrotar. Quando isto acontece, nenhum pedido de desculpa é proferido. Qual é a sua opinião?

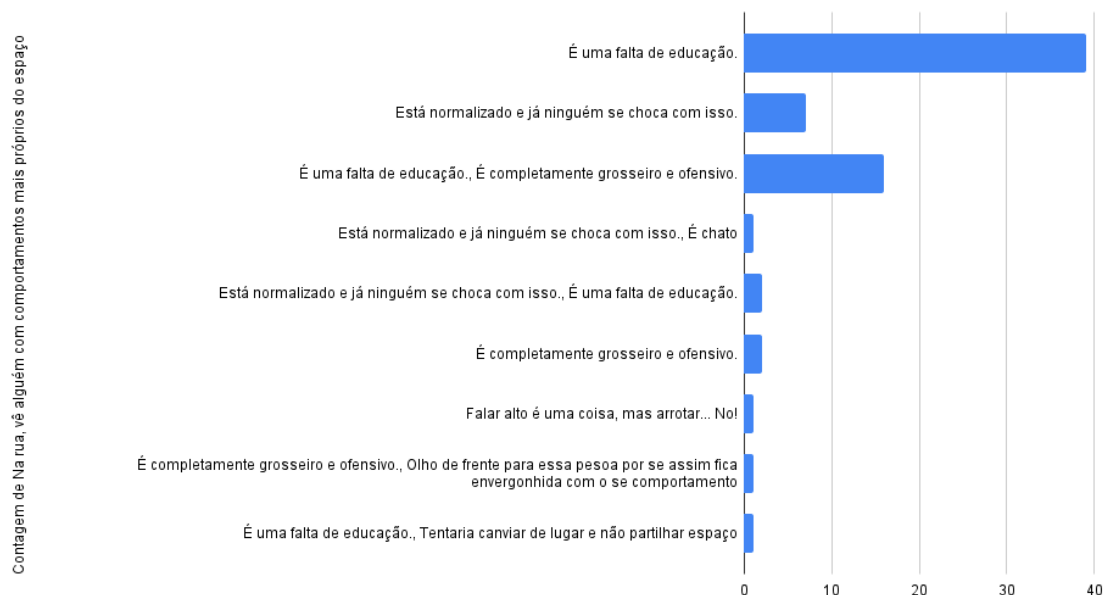


Gráfico 43: Opiniões do grupo 1 sobre comportamentos pouco corteses

## Grupo 2

Contagem de Na rua, vê alguém com comportamentos mais próprios do espaço privado do que público, como por exemplo, falar excessivamente alto, espreguiçar-se ou arrotar. Quando isto acontece, nenhum pedido de desculpa é proferido. Qual é a sua opinião?



Gráfico 44: Opiniões do grupo 2 sobre comportamentos pouco corteses

A última questão do questionário apresentava um contexto, no qual supostamente se teria ocasionado uma situação incómoda, tendo esta sido acompanhada de um pedido de desculpa. Pretendeu-se saber a opinião das pessoas relativamente a atitudes que podem provocar algum incómodo em locais pequenos e fechados, havendo uma certa proximidade física entre indivíduos desconhecidos, mas com uma tentativa de pedido de desculpa. Numa viagem longa de autocarro, alguém fala ao telefone durante todo o trajeto, de modo que as pessoas ao lado não se podem abstrair da conversa alheia. Esta situação foi seguida de um pedido de desculpa e uma justificação que dizia que a conversa era importante.

As alíneas das possíveis respostas ofereciam várias classificações para o ato realizado. Uma desvalorizava a necessidade de um pedido de desculpa (*a*), outra condenava o comportamento mesmo havendo uma desculpa (*b*), uma terceira opção rejeitava completamente a desculpa e desaprovava a conduta (*c*), e uma última alínea dizia que o pedido de desculpa fora apropriado (*d*).

**Numa viagem de autocarro de três horas, a pessoa sentada ao seu lado passa o todo tempo a falar alto ao telemóvel, de maneira que lhe é impossível abstrair-se da conversa alheia. No final a pessoa desculpa-se, dizendo que era uma conversa importante. Qual é a sua opinião sobre esta atitude?**

- Não era preciso a pessoa desculpar-se.
- A desculpa não justifica o mal-estar causado.
- O pedido de desculpa é falso e funciona como um insulto.
- O pedido de desculpa foi apropriado.
- Outra:

Dos dois grupos, as pessoas inquiridas dividiram-se entre aceitar o pedido de desculpa como apropriado para a situação (*d*) e rejeitá-lo por não justificar o mal-estar causado (*b*), com uma ligeira preferência pela primeira opção. Nove indivíduos do conjunto de estudantes consideraram que o pedido de desculpa era falso e que funcionava como um insulto (*c*). Esta alínea não foi marcada por nenhum/a falante do português como L1. Uma pessoa de cada grupo assinalou a primeira opção que desvalorizava de todo a necessidade de uma desculpa.

Nos comentários adicionados o grupo 1 pareceu condenar mais vivamente tais comportamentos do que o grupo 2 que inclusivamente justificou a necessidade da existência destas situações (“Não tem que ser necessariamente uma pessoa mal educada às vezes a outra pessoa que está ao telefone pode não ouvir muito bem! Não sabemos mas o melhor é não entrar em conflito! Pediu desculpa, fantástico!”).

### Grupo 1

Contagem de Numa viagem de autocarro de três horas, a pessoa sentada ao seu lado passa o todo tempo a falar alto ao telemóvel, de maneira que lhe é impossível abstrair-se da conversa alheia. No final a pessoa desculpa-se, dizendo que era uma conversa importante. Qual é a sua opinião sobre esta atitude?

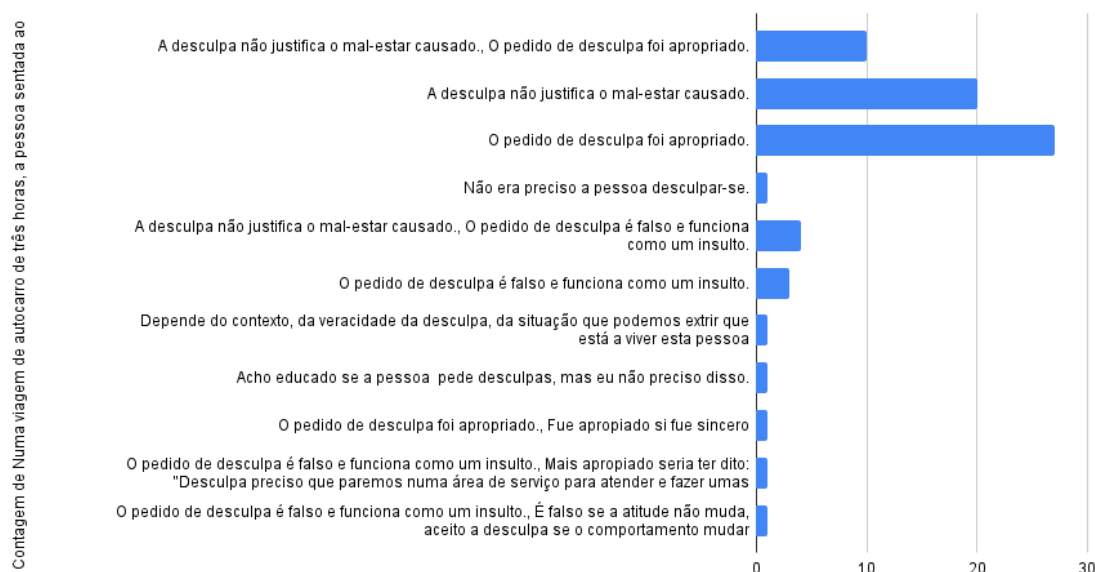


Gráfico 45: Opiniões do grupo 1 sobre o pedido de desculpa

## Grupo 2

Contagem de Numa viagem de autocarro de três horas, a pessoa sentada ao seu lado passa o todo tempo a falar alto ao telemóvel, de maneira que lhe é impossível abstrair-se da conversa alheia. No final a pessoa desculpa-se, dizendo que era uma conversa importante. Qual é a sua opinião sobre esta atitude?

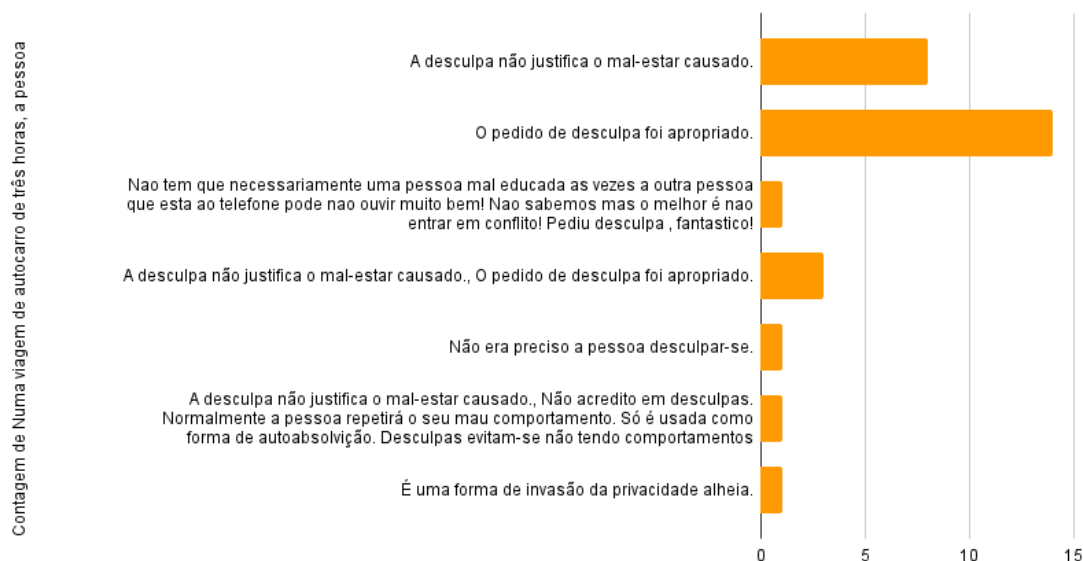


Gráfico 46: Opiniões do grupo 2 sobre o pedido de desculpa

### 6.2.2.2. Questionários sobre a aplicação didática da indelicadeza ao PLNM: Grupo 3 (docentes de PLNM)

O terceiro inquérito realizado visava observar a perceção do corpo docente inquirido quanto à importância ou necessidade da inclusão do estudo da indelicadeza nos programas curriculares de PLNM. Dezassete professoras acederam a preencher o questionário. Algumas pertenciam ao corpo docente da Universidade Aberta. Porém, a grande maior parte das inquiridas fazia parte do grupo de docentes de PLNM das *Escuelas Oficiales de Idiomas* de Valência, Alicante, Castellón de la Plana e Barcelona Drassanes, sendo, portanto, residentes nas comunidades bilingues espanholas da Comunidade Valenciana ou da Catalunha.

A introdução que encabeçava o questionário recordava que o estudo das regras de delicadeza social era uma presença habitual nas salas de aulas de aprendizagem de uma nova língua. Paralelamente, apontava-se para a existência de alguns estudos que defendiam que as formas de indelicadeza também deviam ser objeto de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

No questionário expunham-se seis afirmações e perguntava-se a opinião sobre as mesmas. As respostas de escolha múltipla mostravam as seguintes opções passíveis de ser

assinaladas: concordo totalmente, concordo, não concordo nem discordo, discordo e discordo totalmente. Em último lugar, quanto à expressão de emoções, indagava-se sobre a frequência do uso de elementos paralinguísticos, como os *emojis*. Para esta pergunta, esperava-se que algum dos seguintes advérbios ou locuções de tempo fosse marcado: sempre, muitas vezes, às vezes, raramente, nunca.

Primeiramente, afirmava-se que era importante que a indelicadeza fizesse parte do currículo de PLN. Nas respostas registadas, foi observado um grande consenso sobre a relevância de se estudarem estratégias e formas da indelicadeza. Apenas duas pessoas indicaram não terem opinião sobre o assunto.

É importante que a indelicadeza faça parte do currículo de português língua não materna (PLNM).  
16 respostas

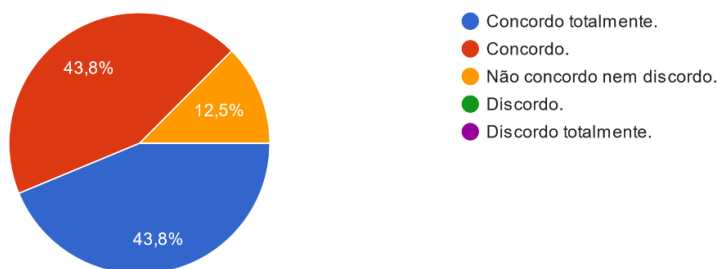


Gráfico 47: Opiniões do corpo docente sobre a inserção do estudo da indelicadeza nos currículos de PLN

Em segundo lugar, insistia-se na relevância do estudo da indelicadeza mas, desta vez, focando o contexto específico das interações virtuais. De novo, verificou-se um grande acordo com a afirmação, tendo inclusivamente quatro pessoas indicado que estavam completamente de acordo.

Na sala de aula de PLN, é importante trabalhar a indelicadeza em ambientes digitais.  
16 respostas

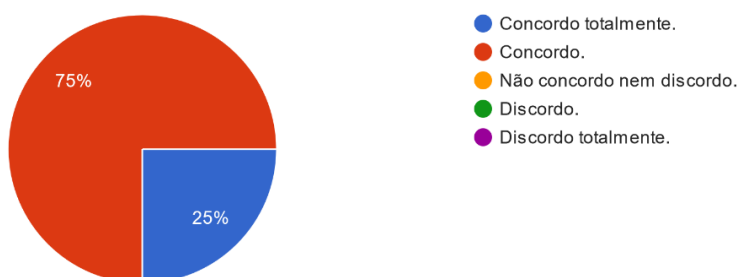


Gráfico 48: Opiniões do corpo docente sobre o estudo da indelicadeza em ambientes digitais

A terceira afirmação aludia à motivação do corpo discente. Conjeturava-se se seria mais motivador para este se fossem ensinadas estratégias sobre como agir em português em interações de atos indelicados que atacassem a identidade das estudantes, nomeadamente ataques verbais xenófobos, racistas ou machistas. Tendo em conta a existência destes atos, na sociedade, e a familiaridade da cidadania para com os mesmos, pretendia-se ver se era considerado motivador que esses conteúdos fossem contemplados na sala de aula.

Metade da população inquirida concorda com a afirmação. Contudo, no resto das respostas foi registada uma maior divergência de opiniões. Quatro pessoas declararam estar totalmente de acordo, três professoras assinalaram não terem opinião sobre o assunto e uma pessoa marcou a opção de desconformidade com a asserção mostrada.

A motivação das/dos estudantes aumentaria se nas aulas se ensinassem estratégias sobre como agir perante atos indelicados que podem atacar a...istas ou machistas. Concorda com esta afirmação?  
16 respostas

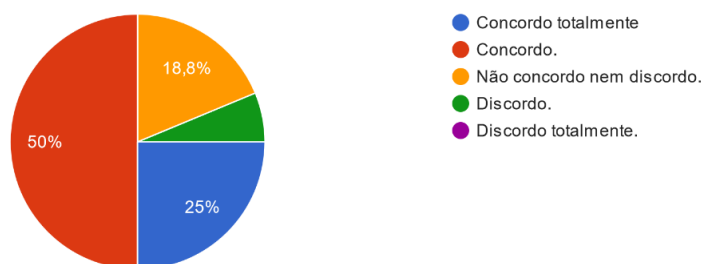


Gráfico 49: Opiniões do corpo docente sobre a motivação estudantil e o estudo da indelicadeza

Seguidamente, indicava-se que trabalhar estratégias sobre como agir em situações de indelicadeza equivalia a usar competências partilhadas entre a língua materna e o PLN. O uso de habilidades comuns à primeira língua e ao PLN poderia facilitar a aprendizagem e fomentar a autoconfiança das estudantes.

Uma maioria de inquiridas manifestou estar de acordo com a afirmação (10 pessoas, o que corresponde a 62,5% do total inquirido). 3 professoras assinalaram estar completamente de acordo (18,8%), enquanto duas pessoas marcaram a opção de ausência de opinião sobre o tema (12,5%) e uma pessoa (6,3%) assinalou discordar da afirmação.

Quando trabalhamos estratégias sobre como agir em situações de indelicadeza estamos a usar competências partilhadas entre a língua materna e o PLNM.

16 respostas

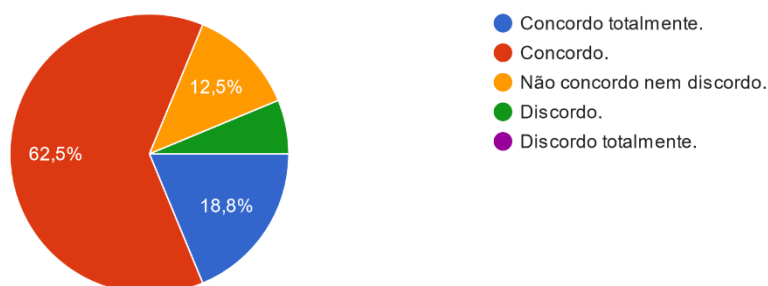


Gráfico 50: Opiniões do corpo docente sobre o estudo da indelicadeza e as competências partilhadas

A seguinte afirmação tinha como objetivo averiguar se o corpo docente considerava relevante que a sala de aula fosse um espaço interativo sensível aos diferentes usos da língua e à diversidade sociocultural e linguísticas das estudantes.

De novo, a convergência com a afirmação foi quase unânime, o acordo foi manifestado por 14 pessoas, em total (87,5%). Somente duas pessoas assinalaram a opção de não emitir uma opinião sobre a questão em causa.

Basear as práticas pedagógicas em pressupostos interacionais é mais significativo para a aprendizagem de uma nova língua.

16 respostas

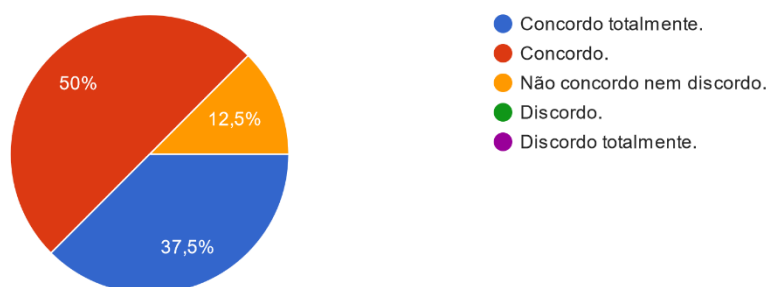


Gráfico 51: Opiniões do corpo docente sobre práticas pedagógicas baseadas em pressupostos interacionais

Posteriormente, mencionava-se que a investigação científica sobre a aprendizagem e ensino do PLNM era muito vantajosa para a prática educativa, pois contribuía para a valorização do trabalho do corpo docente e a autoconfiança deste. 15 pessoas, o que equivale

a 93,8%, indicaram estar de acordo parcial ou completamente, tendo somente uma pessoa optado pela alínea de não concordar, nem discordar. Para além de averiguar a opinião das pessoas envolvidas, a afirmação exposta desejava implicitamente estimular uma reflexão individual sobre este tema.

A investigação científica sobre a aprendizagem e ensino do PLNM tem uma grande relevância para a prática educativa e contribui para valorizar o trabalho do corpo docente e a autoconfiança deste.

16 respostas

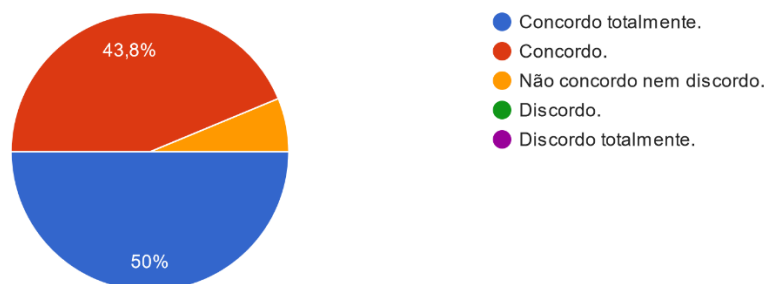


Gráfico 52: Opiniões do corpo docente sobre a investigação científica e as práticas educativas

Em último lugar, à semelhança do que foi perguntado nos restantes inquéritos dirigidos a falantes do português como L1 e estudantes, quis-se saber se, para expressar emoções, as professoras inquiridas usavam elementos paralinguísticos na comunicação virtual como os *emojis*.

Nesta questão registou-se uma variedade de respostas. O grupo parece recorrer a emojis muitas vezes (seis pessoas). Sempre, às vezes e raramente foi a resposta dada por três pessoas respetivamente. Somente uma pessoa assinalou a opção de nunca usar estes símbolos na comunicação virtual. Em conclusão, o uso destes signos paralinguísticos parece estar normalizado, embora não pareça ser um elemento imprescindível para a expressão das emoções espontâneas.

Quando comunico online, uso Emojis para expressar as minhas emoções?

16 respostas

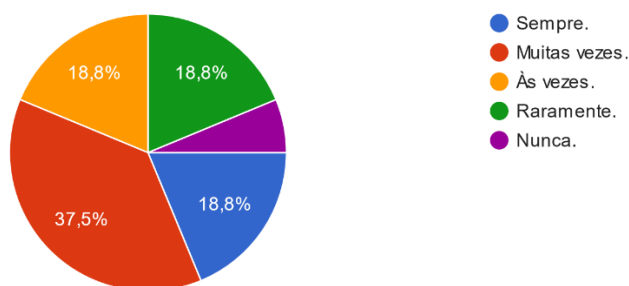


Gráfico 53: O corpo docente e o uso de *emojis*

### 6.3. Conclusões da análise dos *corpora* sobre o estudo da indelicadeza em contexto didático

Tendo como enquadramento os pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional, com foco na Análise Conversacional e a Análise Crítica do Discurso, desenvolveu-se um estudo essencialmente qualitativo. Este tipo de análise local teve em conta os condicionamentos individuais e sociais que influenciam as negociações realizadas na interação. Seguindo a linha de pensamento de Bourdieu (1989), a estrutura social e a educação são responsáveis pela formação das perceções que condicionam as identidades em interação. Por conseguinte, esperou-se que a interpretação das respostas obtidas nos inquéritos da presente análise pudesse fornecer indícios para uma reflexão acerca da importância da transformação da sala de aula num espaço culturalmente aberto, inclusivo e sensível aos diferentes usos da língua e à diversidade sociocultural e linguística do grupo escolar e do meio social envolvente.

Desenvolver e expressar uma identidade pessoal e única através do discurso implica uma reflexão acerca das crenças e experiências vividas, assim como uma prática das competências comunicativas, tanto na L1 como em línguas adicionais. Conseguir chegar a um entendimento conversacional favorece um maior reconhecimento das diferenças individuais. Desta forma, valorizando e respeitando a diversidade de vozes e perspetivas, poderá haver uma maior probabilidade de formar falantes autoconfiantes com uma identidade discursiva reforçada e respeitosa para com as diferenças.

Com a presente análise, pretendeu-se observar o comportamento de falantes de português como L1 e estudantes de PLNM em situações de indelicadeza e agressividade verbal, em ambientes presenciais e virtuais. Foi também objetivo dos inquéritos estudar a avaliação da população inquirida sobre os procedimentos que seriam apropriados ou não socialmente no âmbito da delicadeza. O desejo de comparação dos resultados obtidos nos dois grupos partia da noção de flutuação cultural dos fenómenos da delicadeza e da indelicadeza. A importância do estudo destes aspetos de natureza não universal em diferentes códigos linguístico é defendida, entre outros, por Batoréo (2015: 169). A autora justifica a importância de se circunscrever e esquematizar as referidas manifestações sociolinguísticas de forma a analisar as relações entre a língua e a sociedade.

A socialização permite aos indivíduos interiorizarem certas práticas sociais que se tornam rotinas linguísticas institucionalizadas ou *habitus linguísticos*, de acordo com a

terminologia de Bourdieu (1989). Estes hábitos conformam a participação social dos indivíduos e estarão sempre dependentes da variação contextual e cultural, ou no caso em apreço, do consenso sobre o que é um ato delicado ou indelicado. Assim, tal como advoga Mills (2003a: 14), o processo de avaliação dos participantes sobre o que se considera ser ou não apropriado socialmente deve ser contemplado.

Um terceiro inquérito destinava-se a docentes de língua portuguesa. Como objetivo geral, pretendia-se averiguar a perceção deste grupo quanto à necessidade de se abordar, nas aulas, o modo de ação em situações de indelicadeza em ambientes presenciais e virtuais. Paralelamente, as questões colocadas ambicionavam, de modo implícito, a estimulação de uma reflexão sobre a relevância de se incidir no trabalho de fortalecimento das identidades discursivas do corpo discente, de modo a formar indivíduos com vozes próprias e empáticas para com perspetivas diferentes.

O perfil da população estudantil inquirida apresentou pontos em comum nos dois estudos efetuados sobre a delicadeza e a indelicadeza. As inquiridas convergem em muitos aspetos, pois todas residem na região espanhola bilingue (de espanhol e valenciano) da Comunidade Valenciana e aprendem português como língua não materna. Em geral, é um grupo com estudos superiores, com formação cultural alta e acesso a recursos culturais e experiências em diversos países, podendo expressar-se em vários idiomas. A língua portuguesa surge posteriormente ao estudo de outras línguas, fator que vai influenciar a aprendizagem do PLNM.

O fenómeno de “estranhamento” descrito por Carreira (2013) aparece igualmente no perfil do grupo em análise. Quando a(s) primeira(s) língua(s) das estudantes pertence(m) à mesma família linguística do novo idioma que se aprende não se pode falar de verdadeiros principiantes. No seio das línguas em apreço, com o espanhol e o valenciano, como L1, o português, terá um menor grau de “estranhamento”, pois já existe um conhecimento prévio de uma ou mais línguas românicas próximas do português (Antão & Almeida, 2021: 197).

Não obstante, como costuma ser comum no ensino de PLNM a adultos, o grupo apresenta também características díspares. Para além dos diferentes níveis de proficiência da língua-alvo, características pessoais observadas, como a idade, apresentam uma grande diversidade. A franja etária do grupo vai da juventude a idades avançadas, o que deve ser tido em conta na sala de aula. Na assimilação tardia de uma nova língua, a memória

declarativa tem um papel fulcral, pelo que a aprendizagem formal ganha uma maior importância (Antão & Almeida, 2021: 199).

Em relação ao preenchimento dos inquéritos, algumas considerações prévias deverão ser consideradas. As pessoas que respondem a inquéritos sabem que o seu comportamento será analisado, por isso, cabe a possibilidade de haver uma certa tendência para a expressão do que poderia ser considerado politicamente correto. No caso das interações indelicadas ou violentas, será necessário recordar esta circunstância, por um lado, e, por outro, o facto de as pessoas não se encontrarem em situações reais de interação, nas quais poderia haver um maior envolvimento emocional. As situações apresentadas representam uma simulação para a população inquirida, por conseguinte partir-se-á de uma situação de observação e não de implicação direta e espontânea que poderia acarretar uma maior alteração emocional. Por exemplo, o apelo ao consenso foi defendido por uma grande parte das inquiridas, mas fica a dúvida se o mesmo aconteceria se aquelas se encontrassem numa discussão real, presencial ou virtual, na qual o controlo sobre as suas emoções seria menor.

Outro fator a ter em conta é a não existência de uma única resposta às perguntas colocadas. Foi frequente a marcação de várias alíneas nas respostas dos inquéritos. Estes davam essa possibilidade, pois contemplavam que a avaliação de um comportamento como mais ou menos apropriado depende, muitas vezes, de vários condicionantes.

Por último, não deve ser desconsiderado o facto de, neste tipo de inquéritos, especialmente *online*, as pessoas poderem responder de um modo rápido e pouco refletido sobre o que se lhes pede.

Em relação ao hipotético comportamento da população inquirida em situações de violência verbal, os dados recolhidos mostraram que, em geral, os dois grupos, falantes de português como L1 e estudantes de PLNM, condenaram a agressividade verbal e revelaram surpresa pela linguagem direta e ofensiva das postagens da rede social do Facebook. Perante comentários com ataques verbais racistas, a grande maioria optou pela reciprocidade de um novo ataque discursivo mediante estratégias de indelicadeza *bald-on-record* e *off-record*. No primeiro caso, de uma forma clara e direta, foi indicado que se denunciaria a incoerência e a violência do comentário, mediante os mecanismos que a própria rede social oferece. Por vezes, foram também usadas as formas diretas do imperativo para o ato da resposta. No segundo caso, foram observadas respostas com implicaturas, perguntas retóricas ou recurso

à ironia para atacar a face das pessoas autoras dos enunciados agressivos. A condenação à constituição de grupos na sociedade que pode promover a divisão e o conflito parece ser igualmente importante para as inquiridas. Ambos os grupos classificaram a linguagem violenta de ataque a determinados coletivos sociais, como os emigrantes (africanos) ou as mulheres, como inapropriada em qualquer contexto. É de ressaltar que no grupo de falantes de português como L1 também se assinalou que a linguagem poderia ser tolerada dado o contexto de a comunicação ser *online* e não presencial.

Não obstante se ter observado uma tendência para a reciprocidade da indelicadeza, os dois grupos apresentaram simultaneamente resultados idênticos quanto ao apoio das tentativas de conciliação ou harmonia na interação. Os comentários registados apelaram, na sua maioria, à moderação e à reflexão sobre comportamentos adquiridos que podem conter formas de discriminação.

Em comum, nos dois grupos de participantes, foi detetado algum conhecimento sobre o funcionamento dos algoritmos das redes sociais. A estratégia de não cooperação, através da atitude de não responder e optar pelo silêncio, foi frequentemente mencionada. As justificações para este comportamento aludiram à frustração da impossibilidade de se obter uma discussão profícua nas redes sociais, ou à tentativa de não impulsionar e difundir mensagens racistas ou a linguagem de ódio no espaço virtual.

A segunda parte dos inquiridos destinava-se a estudar a avaliação feita sobre comportamentos que poderiam ser apropriados, tolerados ou inaceitáveis em situações de interação social presencial, isto é, fora do mundo virtual.

As situações criadas descreviam contextos verosímeis com interlocutores com relações de poder variadas, distanciamentos divergentes e objetivos diferenciados. Diferentes estratégias e atos discursivos foram submetidos a avaliação: a estratégia de indelicadeza *withhold* com as ausências do ato expressivo do agradecimento, dos atos de desculpa e de pedido e do pré-ato do cumprimento, quando estes poderiam ser esperados; e os enunciados dos atos diretivos de pedido e ordem. Analogamente, foram gizadas interações entre colocutores de diferente idade ou estatuto com o objetivo de se observar o uso das formas de tratamento. Por último, abordava-se ainda a questão de género e o peso que o contexto virtual pudesse ter na justificação da indelicadeza.

Em contacto com as estratégias de indelicadeza *withhold* de ausência do ato de agradecimento e das formas convencionais do ato do pedido, ambos os grupos admitiram

que seria mais adequada a realização desses atos. Porém, enquanto os dois grupos manifestaram alguma tolerância para com a ausência do ato de agradecimento, a mesma unanimidade já não aconteceu com o ato de pedido. Nestes enunciados, o grupo de estudantes de PLNM deixou transparecer uma maior flexibilidade para a sua ausência, fundamentando-a na existência de outros elementos que poderiam expressar a delicadeza socialmente esperada. O grupo de falantes de português como L1 evidenciou sentir a falta de expressões como “se faz favor” no ato do pedido. Em relação ao ato discursivo da ordem, os dois grupos sentiram a falta deste tipo de expressões de modo a suavizar a ordem proferida, mesmo que a relação de poder entre os colocutores permitisse essa ausência (um polícia e um automobilista).

Sabendo que os vínculos estabelecidos nas relações superficiais da cidadania têm conjuntamente uma repercussão no capital social de um indivíduo (Granovetter, 1973: 1377), apresentava-se uma situação entre vizinhos que, em encontros diários, não produziam o pré-ato de cumprimentar. Esta omissão foi desaprovada por ambos os grupos de participantes.

As situações de maior divergência nas avaliações realizadas pelos dois grupos foram vinculadas ao uso das formas de tratamento. O grupo de estudantes de PLNM considera, na totalidade, que o uso de tratamento informal (por “tu”) é adequado, e até carinhoso, em situações nas quais o grupo de falantes de português prefere o tratamento formal, nomeadamente no relacionamento com pessoas mais velhas e com desconhecidos, como por exemplo, num estabelecimento comercial na relação entre a cliente e a empregada. O primeiro grupo considera até ofensivo o tratamento formal para com pessoas mais velhas por se poder estar a destacar negativamente a idade das pessoas. O segundo grupo, apesar de preferir o tratamento formal, nos casos referidos, revela adicionalmente alguma tolerância para com o relaxamento da formalidade dessas relações. Estes dados demonstram e comprovam, por um lado, a informalidade dos relacionamentos, comum no país de residência das estudantes, a Espanha, e, por outro lado, a possível tendência para uma mudança na sociedade portuguesa que começa a dissociar a informalidade da falta de respeito e tende a uma maior igualdade nas relações sociais. É de realçar que as estudantes mostraram ser conhecedoras da complexidade das formas de tratamento em português, assim como das particularidades do pronome “você”.

De acordo com os dados obtidos, a reprovação dos insultos em ambientes virtuais e presenciais foi consensual. Nem o direito à liberdade de expressão, nem as condições contextuais do discurso virtual poderão justificar o recurso à indelicadeza verbal, na opinião das inquiridas.

Com o propósito de indagar se o modelo de performatividade se poderia aplicar aos condicionantes de género, perguntava-se ainda sobre a alegada menor participação das mulheres em discussões grupais informais mais violentas entre elementos masculinos e femininos. A menor visibilidade do coletivo das mulheres a nível social foi referida pela maioria das pessoas dos dois grupos. Seguidamente indicou-se o estereótipo de género de as mulheres terem tendência para serem mais conciliadoras e, por isso fugirem ao conflito. Concomitantemente, perdem, no processo, uma oportunidade de fazerem ouvir a sua voz de um modo significativo.

Na exposição de comportamentos convencionalmente avaliados como pouco delicados, se feitos em público, como falar excessivamente alto, espreguiçar-se ou arrotar, as classificações apresentadas nos inquéritos não apontaram para uma total reprovação dessas condutas, mas sim para uma falta de educação. Contudo, os grupos divergiram ligeiramente, pois as estudantes apresentaram uma maior tolerância nas classificações realizadas. O mesmo não aconteceu com a circunstância de se passar uma viagem longa a falar ao telemóvel num autocarro lotado. As estudantes de PLNM mostraram uma menor complacência para com o ato, tendo o grupo de falantes de português tolerado e inclusive aprovado a conduta, com um pedido de desculpa. Para o grupo estudantil, este pedido não justificaria o incómodo causado.

Quanto à utilização de elementos paralinguísticos na comunicação virtual (*emojis*), todos os grupos, incluindo o grupo de professoras, indicaram usarem muitas vezes ou frequentemente. Comprova-se a normalização da utilização destes signos, mas não a sua indispensabilidade na expressão de emoções nas interações virtuais.

Em geral, o grupo de estudantes mostrou uma participação mais ativa e detalhada ao fazer um maior uso da opção de adicionar comentários explicativos às respostas fornecidas.

O terceiro grupo de população inquirida, o de docentes de português, mostrou unanimidade relativamente à importância de as estratégias e formas da indelicadeza, em ambientes presenciais e virtuais, serem incluídas nos programas curriculares de PLNM.

Registou-se igualmente uma convergência na classificação das estratégias de indelicadeza como competências partilhadas entre a língua materna e o PLN, e na avaliação positiva de estas serem trabalhadas na sala de aula. O corpo docente apontou também a importância e a necessidade de a sala de aula ser um espaço interativo sensível às diferentes realidades linguísticas e socioculturais da população. Não obstante, um menor consenso foi assinalado no que diz respeito ao aumento da motivação caso fossem abordados nas aulas atos indelicados que atacassem a identidade das pessoas, nomeadamente ataques verbais xenófobos, racistas ou sexistas. O grupo avaliou ainda de forma muito positiva a investigação científica sobre a aprendizagem e ensino do PLN, no sentido de potencializar a prática educativa e valorizar o corpo docente.

## **7. Conclusões**

### **7.1. Conclusões sobre a indelicadeza nas redes sociais**

A presente tese de doutoramento nasceu da reflexão sobre a dimensão acional da linguagem que tem vindo a ser feita na área da Pragmática Sociocultural em convergência com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional e da Pragmática Linguística. Em particular, a motivação para este trabalho partiu da observação de uma violência verbal notória, crescente e persistente nas redes sociais. Ao mesmo tempo que se foi desenvolvendo uma preocupação quanto à existência de lacunas ou, de apenas informações fragmentadas, nos programas educativos, em relação às consequências de uma participação discursiva precipitada ou irrefletida no mundo virtual.

Atualmente a realidade é um fluxo contínuo entre o mundo presencial e virtual. As duas realidades que se entendiam como separadas há algumas décadas existem agora como processos integrados e articulados que não contemplam limites físicos ou digitais. A razão para esta mudança deve-se à grande velocidade de evolução e expansão das inovações tecnológicas, que excedeu, em muito, a capacidade de as pessoas assimilarem e se prepararem adequadamente para as novas formas de comunicação. A aquisição de conhecimento e habilidades em relação ao uso destes meios, em concreto as redes sociais,

tem sido alcançada por meio de um processo de tentativa e erro, em lugar de uma formação estruturada e orientada.

O gênero do comentário em postagens virtuais reconfigurou as práticas discursivas tradicionais nos novos contextos tecnológicos. Ao expandir as noções tradicionais do discurso, o comentário permitiu a expressão de opiniões a qualquer pessoa, independentemente da sua condição, localização espacial ou temporal. Por outro lado, o renovado gênero discursivo permitiu a criação de uma rede intertextual de sequências dialógicas (*threads*) que incluem diferentes estilos de linguagem e formatos como imagens (*emojis*, memes) ou vídeos, entre múltiplos interlocutores.

Comprovou-se com a presente análise a grande atividade participativa da rede social em observação, o Facebook. A comunicação polilocal dos debates que se foram formando nos diferentes encadeamentos de comentários revelou uma grande diversidade de perspectivas e experiências compartilhadas. Estas novas esferas virtuais de diálogo público são marcadas pela ausência das particularidades da comunicação presencial (como a linguagem gestual ou a entoação), tendo-se registado uma tendência para a controvérsia dos temas e uma clara inclinação para a produção de um espaço discursivo negativo e violento. O ponto de partida da primeira parte deste estudo teve como objetivo geral examinar como a indelicadeza se materializava no contexto virtual específico do gênero textual do *comentário* da referida rede social.

A rede intertextual discursiva que se foi tecendo nas interações materializadas nos comentários das postagens da rede social do Facebook criou uma comunidade de prática composta por pessoas que, voluntariamente, partilharam o desejo de expressar e validar as suas opiniões. Nestes novos campos sociais são igualmente desenvolvidos hábitos que competem pelo *capital cultural e simbólico* (Bourdieu, 1989; Wacquant, 2019) dentro do grupo.

Os dois métodos de análise da interlocução, a Análise Conversacional (AC) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) foram empregues de forma complementar com o objetivo de explicar o papel da linguagem na construção e negociação das interações em análise. A abordagem microanalítica da AC permitiu examinar as estruturas, mecanismos e contextos dos encontros linguísticos para entender as regras implícitas nas conversas escritas observadas, enquanto a abordagem macroanalítica da ACD possibilitou uma visão mais ampla da relação entre linguagem, poder e ideologia.

As ferramentas analíticas usadas na análise, como as regularidades formais culturalmente instáveis dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1981), as implicaturas conversacionais (Grice, 1991), as estratégias discursivas da indelicadeza (Culpeper, 1996, 2011, 2013; Mills, 2003a, 2007), e tendo por referência os conceitos de Pierre Bourdieu (1989) sobre a linguagem e as relações sociais, permitiram compreender o processo por meio do qual os/as internautas construíram as suas identidades discursivas (e sociais) nas iniciativas dialógicas. A cadeia de enunciados que daqui resultou mostrou o modo de interação dos diferentes discursos presentes na sociedade. Deste modo, sendo o discurso a construção social da realidade, os textos socialmente produzidos foram interpretados como práticas socioculturais.

Ficou demonstrado o papel dos indivíduos como agentes na construção do seu próprio sentido de identidade em interações indelicadas específicas. Apesar da breve duração das interações virtuais, observou-se a formação de emoções positivas e negativas que resultaram na criação de laços sociais e emocionais. O repertório partilhado não teve como objetivo a formação de conhecimento indispensável, mas sim uma colaboração dialógica que geralmente pretendeu convencer, atacar, dominar discursivamente e diminuir o capital social dos/das interlocutores/as oponentes.

Nestes encontros, registou-se o papel das estratégias discursivas violentas, quer no que diz respeito à configuração das identidades dos participantes no discurso, quer na consequente diminuição do capital social (Bourdieu, 1989) das/dos interlocutores. Os diferentes enunciados visaram formar uma imagem de descrédito do *Outro*, com estratégias discursivas ameaçadoras que tiveram por objetivo a validação social mediante a persuasão das pessoas ativas na conversa virtual. Foi manifesto o esforço para se posicionar como autoridade e criar uma hegemonia discursiva.

As identidades configuradas verbalmente geraram a constituição de grupos sociais que se percebem antagónicos nas interações virtuais. A ideia de uma construção identitária inserida em grupos contrários conduziu a alinhamentos ou de inserção ou de afastamento. De acordo com Culpeper (2020), a referência à “identidade de grupo” tem como finalidade validar opiniões próprias e desqualificar pareceres contrários que são associados ao grupo social no qual o/a locutor/a não se quer inserir. Ambas as partes reivindicaram uma superioridade moral e intelectual superior e desprezaram, simultaneamente, os pontos de vista contrários mediante uma carga emocional negativa. Assim, a exclusão do *Outro* foi

recorrente, o que contribuiu para construir o tom geral de indelicadeza, que pareceu não atacar indivíduos, mas sim as identidades construídas socialmente no discurso.

A associação de indivíduos a categorias específicas partilhadas incluiu, nas análises efetuadas, características identitárias, como etnia, género, religião, ideias políticas ou, inclusive, regimes alimentares e atitudes ecológicas. Registaram-se estratégias discursivas de intensificação da ameaça que encenaram uma forte ameaça do território do/a locutário/a que se percebe como uma entidade coletiva. Foram amplamente utilizadas generalizações, estereótipos e metaforizações negativas que induziram a uma leitura negativa dos grupos sociais considerados antagonistas. As simplificações, realizadas, frequentemente, por meio de atos assertivos, serviram de ataque direto à identidade construída no discurso e basearam-se em estereótipos que conformaram o *ethos* do auditório. Portanto, foram associados valores morais a um espírito de carácter humanista que, valorizando a face dos/as locutores/as, propiciou a diabolização do *Outro*.

A inflexibilidade das identificações grupais acabou por gerar a polarização das posturas e o aumento da conflitualidade entre as diferentes perspetivas. Como resultado, geraram-se discursivamente relações de poder e de exclusão nas dinâmicas examinadas.

A presença de fórmulas convencionais de indelicadeza não garantiu por si que a interação fosse necessariamente estimada como indelicada. Contudo, foram registados sólidos sinais de indelicadeza em estratégias micro (discurso) e macro (social) que se relacionam com os aspetos históricos e ideológicos associados à discussão.

A observação das pistas de contextualização ou alinhamento (*footing*) dos/das interlocutores/as virtuais evidenciou a atitude dos participantes. Por um lado, confirmaram o desejo explícito dos/das internautas assumirem, de uma forma direta e assertiva, uma posição e de fazerem ouvir a sua voz. E, por outro lado, destacaram o ambiente hostil gerado na sequência de comentários geralmente negativos ou irónicos. Verificou-se que a indelicadeza não é unidirecional e que normalmente é retribuída, em sintonia com o PRI (Culpeper, 2021).

No caso específico do comentário virtual, algumas das razões para a negatividade discursiva têm sido atribuídas ao carácter de anonimato que oferecem os avatares virtuais e ao desejo de visibilidade e autorrepresentação que os comentários mais violentos propiciaram. As intervenções com um *footing* mais respeitoso e construtivo foram notoriamente minoritárias, tendo as intervenções marcadas negativamente obtido uma

sequência interativa maior e, por esse motivo, um maior destaque. Neste sentido, concluímos que o meio também pode exercer um papel na expansão e desenvolvimento dos discursos indelicados ou violentos.

A análise de nível micro revelou como diferentes elementos contribuíram para reforçar a identidade coletiva. A utilização de pronomes possessivos (“país dele”, “a nossa história”, “o nosso lindo hino”, “Ninguém a quer em Portugal”) demonstrou as relações sociais e culturais e evidenciou a problemática do racismo que, nas palavras de Grada Kilomba (2021: 173) nunca é biológico, mas discursivo. A categoria “portugueses” foi criada verbalmente tendo como oposição os que são considerados “estrangeiros”, não porque, de facto, são de outra nacionalidade, mas devido à cor da sua pele. Do mesmo modo, observou-se como se estabeleceram conexões entre trajetórias pessoais e extensões das suas identidades (como um certo saudosismo da ditadura portuguesa verificado por pessoas que não a viveram).

Ao longo dos ataques ameaçadores, as estratégias de indelicadeza não contemplaram a diversidade de opiniões, tendo sido criados, discursivamente, para além dos portugueses e estrangeiros, outros grupos sociais associados a categorias percecionadas como opostas: comunismo e fascismo, cidade e campo, clubes futebolísticos antagónicos, alimentação tradicional e vegana, entre outras. Do mesmo modo, foi detetada a configuração de estereótipos que pretendeu invalidar as reivindicações de identidade de género num ambiente geral de desvalorização de opiniões alheias.

Numa combinação de estratégias de indelicadeza negativa e *off-record*, a argumentação apoiou-se na validação dos atos assertivos ou expressivos por meio do apelo a autoridades externas (referências ou citações), que foram selecionadas de acordo com o enviesamento dos/das internautas. O alinhamento com a autoridade ou o conhecimento contribuiu para reforçar as perspetivas apresentadas e persuadir o auditório. Embora os antagonismos mencionados se tivessem baseado em eixos semânticos da objetividade *versus* subjetividade, os dados científicos foram postos em causa continuamente, de modo a priorizar a opinião de quem se expressa e desconsiderar o conhecimento e a competência das pessoas que se consideraram adversárias.

A microanálise confirmou o tom coloquial, fortemente vinculado à linguagem oral: a irrupção de aberturas abruptas e a ocorrência de ‘perguntas-tag’ (“certo?”) corroborou o carácter imediato do discurso coloquial e, neste contexto, o comportamento marcado negativamente.

O desejo de imprimir ao discurso alguma autoridade conduziu, por vezes, a um tom mais formal, embora o registo se mantivesse sempre acessível a todos os públicos. A estreita relação com a oralidade resultou numa ortografia fora do padrão, com abuso do uso de sinais gráficos, nos atos expressivos. Exclamações repetidas, interjeições, emojis ou o recurso a maiúsculas tiveram a função de evidenciar certos elementos e reforçar as críticas realizadas. A conjugação de atos ilocutórios assertivos e expressivos pôde ser observada por meio de locuções interjetivas e adjetivos avaliativos.

O caráter específico do tipo de interação virtual, em análise, facilitou a criação conjunta de um conflito que permanece em aberto e que pode ser retomado em qualquer momento. As participações tenderam a ser curtas e careceram de pré-atos de saudação ou despedida. Os fechos abruptos também contribuíram para o aumento da agressividade dos enunciados. Paralelamente, a ambiguidade intencional dos *esquemas mentais falsos* desempenhou um papel importante nas estratégias de indelicadeza. A inícios mais delicados, como cumprimentos e formas de tratamento formais, seguiram-se imediatamente ataques verbais ou estruturas próprias do discurso informal, o que quebrou as expectativas de uma interação mais cordial. Este contraste intensificou a violência verbal.

As estratégias de indelicadeza postuladas por Culpeper (1996) mais utilizadas foram as *off-record* e *bald-on-record*, seguidas das de indelicadeza negativa, não tendo sido detetada a estratégia *withhold* que remete para a ausência da delicadeza quando esta seria esperada. Portanto, a maior parte dos/das internautas recorreu a formas diretas (*bald-on-record*) e indiretas (*off-record*) para instaurar conflito na interação. O uso de mecanismos retóricos como a ironia, afirmações sarcásticas ou perguntas retóricas (*off-record*) contribuiu para um discurso marcado negativamente. Nos aspetos semânticos e pragmáticos predominou a intenção de insultar (*bald-on-record*) e desprestigiar a imagem dos adversários. Em geral, os atos performativos de ofensa foram realizados de forma direta, clara, sem mitigadores que suavizassem o caráter agressivo do ato. Não se detetou, portanto, qualquer cuidado com a face interlocutora. Os atos de fala expressivos, diretivos e assertivos foram os mais utilizados. Os resultados parecem corroborar alguns estudos anteriores que indicavam que na rede social Facebook se tendia à expressão de sentimentos (Suranto & Aryanika, 2020). Expuseram-se estados psicológicos e emitiram-se juízos de valor com o objetivo de insultar. As reprovações foram contundentes e as críticas diretas. Analogamente,

constatou-se uma regularidade da indelicadeza nos atos de fala e em sequências justificativas, características de um texto argumentativo.

A construção de argumentos recorreu, igualmente, à junção de estratégias, como as de indelicadeza positiva (o uso de nomes caluniosos como em “galdéria”) e as *bald-on-record* (o uso do imperativo em atos diretivos), de modo a convencer o auditório e concomitantemente atacar os adversários. Deste modo, saiu, mais uma vez, reforçada a percepção negativa do discurso.

Na mesma linha argumentativa de ataque, a desvalorização da face do *Outro* recorreu a diversos mecanismos retóricos. A criatividade verbal pareceu apontar para algum grau de entretenimento à custa do conflito e da humilhação. A ironia, a hipérbole ou as perguntas retóricas contribuíram para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do interlocutor (*indelicadeza off-record*). A hipérbole dilatou as implicações negativas, desqualificando e ridicularizando os enunciados que se pretendiam atacar. Paralelamente, os mecanismos semântico-pragmáticos do humor revelaram uma certa fruição linguístico-discursiva na enunciação dos atos ofensivos. O auditório apresentou uma cooperação e cumplicidade na interpretação das insinuações e subentendidos dos enunciados do discurso humorístico. A violência verbal também recorreu à desumanização da categoria das pessoas referidas que foram, por vezes, comparadas a animais (“ladrou?”, “cortaram-te o pio?”).

Diversas expressões deícticas que dependem do contexto para obterem o seu significado pragmático apontaram para um valor genérico pejorativo, como o advérbio “só” (“Só vim aqui para ler os comentários das bestas”), o adjetivo anafórico “mesmo” (“Mais do mesmo. Lavagem cerebral”), o marcador discursivo (modal) “lá” (“Lá estás tu a querer fazer ciência”), ou o recurso a advérbios modalizadores “claro” e “até” (“claro que sim, o Dino não gosta” ou “até dá dó”). De forma análoga, determinantes demonstrativos ou pronomes formais, usados como forma de distanciamento e ataque, estiveram ao serviço da indelicadeza (“Comprem uns óculos a esta gente”, “fale por si”).

Como foi acima explicado, a abordagem macroanalítica da ACD permitiu relacionar propriedades linguísticas, semióticas e discursivas do texto e do discurso com formas de poder e ideologia. A análise comprovou como o discurso não é apenas um fenómeno a ser descrito e explicado cientificamente, pois a sua existência é já a configuração de uma conduta moral de quem enuncia em relação às pessoas destinatárias dos seus enunciados.

Relativamente à questão do género não foi possível chegar a uma conclusão quanto a uma alegada homogeneidade discursiva. Este resultado poderá estar relacionado com as características de anonimato do género de comentário de redes sociais e a identificação dos perfis mediante avatares, que podem ser inventados. Não obstante, observou-se o *habitus* (Bourdieu, 1989) histórico na língua portuguesa de usar o termo “Homem” indicar o conjunto da humanidade. Em contraposição, para o mesmo contexto, o uso de palavras mais inclusivas como a “humanidade”, ou os “seres humanos” foi igualmente registado, o que pareceu sinalizar algum conhecimento sobre a relação do uso do masculino universal e a invisibilidade das mulheres (Kilomba, 2021).

Quanto à constituição de grupos sociais, nas análises efetuadas, comprovou-se que as imagens criadas das pessoas interlocutoras não favoreceram o reconhecimento da sua diversidade como indivíduos únicos. Assinalou-se a analogia entre estereótipos, preconceitos e outras formas de depreciação verbal que constituem fenómenos complexos como o racismo. O sentimento identitário observado, longe de facilitar a construção de pontes e diálogos, enfatizou as diferenças entre grupos de indivíduos, ao contrário das suas semelhanças. A reflexão sobre os dados analisados demonstrou estar em sintonia com investigações realizadas anteriormente na área da desigualdade étnica e racial (Wodak & Reisigl, 2001; van Dijk, 2001; Kilomba, 2021).

Em conclusão, os resultados do presente estudo indicaram que a indelicadeza nas redes sociais tende a ser cada vez mais predominante<sup>50</sup> e que não é apenas uma manifestação emocional comunicada numa linguagem simplista. Serve o propósito de proporcionar lazer recreativo e configurar a identidade do outro. No ambiente da comunicação virtual, com a proteção do anonimato e da distância, as pessoas internautas da rede social, em análise, o Facebook, efetuaram a violência verbal com poucas possibilidades de identificação e responsabilização pelas suas ações. A indelicadeza manifestou-se discursivamente em atos de ataque e ameaça, fundamentados geralmente em generalizações e preconceitos que construíram um ambiente negativo e hostil. A análise dos dados comprovou como as posturas agressivas nas interações das redes sociais configuraram a identidade das pessoas envolvidas e contribuíram para a diminuição do capital social (Bourdieu, 1989) dos agentes visados. As

---

<sup>50</sup> Observa-se um número crescente de iniciativas preocupadas com o discurso violento nas redes sociais, como é o caso de *Hatemia* (<https://www.hatemia.es/>), projeto específico de Espanha que analisa a disseminação do discurso de ódio em ambientes digitais e favorece a deteção e o acompanhamento deste tipo de expressões em Espanha.

consequências podem ser graves, como danos psicológicos, o isolamento social e a perpetuação de formas sociais de marginalização e discriminação racial<sup>51</sup>.

## 7.2. Conclusões sobre a delicadeza em contexto didático

O trabalho sobre a delicadeza em contexto didático<sup>52</sup> serviu de antecedente, introdução e inspiração à presente tese de doutoramento sobre a indelicadeza. A correlação entre ambos os conceitos ofereceu uma ferramenta útil para explicar os aspetos linguísticos, sociais e contextuais que se manifestam num contínuo de comportamentos comunicativos nas relações sociais.

---

<sup>51</sup> De acordo com o artigo 240.º do Código Penal, os crimes de discriminação e incitamento ao ódio e violência são punidos por lei. No entanto, são vários os episódios de racismo e incitamento à violência que ocorrem no dia a dia. Alguns casos começam a ser denunciados e punidos por lei, como ficaram registados na nota 2 do presente trabalho. O jornal Público do dia 8 de dezembro de 2024 dá conta de três casos de violência verbal e incitamento ao ódio, que equivalem a 2,9% do total de 103 inquéritos instaurados por este crime no primeiro semestre de 2024: a) Da bancada do Estádio do Clube Desportivo de Estarreja, um homem insulta três jogadores negros, um português e dois estrangeiros: “Seus filhos da p\*\*\*. Vão para a vossa terra. Aquele macaco preto está ali a fazer o quê? Vai para a tua terra macaco do ca\*\*\*\*\*. Mas o que é que está um preto a fazer na equipa do Estarreja? O Estarreja aceita toda a merda. Vai para a tua terra, preto.” Este caso foi punido por lei como informa o mesmo artigo: “As expressões de ‘carácter discriminatório e de incitamento ao ódio’ demonstraram ‘um sentimento de superioridade racial’, com o objectivo de ‘rebaixar e inferiorizar [os jogadores] devido à cor da sua pele e bem assim de os associar a um animal, desumanizando-os’, de acordo com o procurador do Ministério Público de Aveiro; b) Dia 19 de novembro de 2022, na Livraria Bertrand, do Chiado, em Lisboa, um cliente profere insultos contra a população judaica: “Esse judeu e ainda por cima homossexual doente. Deviam todos morrer, isso é doença. E eu, como enviado de Deus, detenho a palavra do Senhor. Homossexuais devem morrer.” Depois disto, o homem desloca-se à caixa e recusa receber as moedas de cêntimos, fazendo referência à cor das mesmas: “Não quero os pretos, não gosto de pretos, deviam morrer todos.” E repete, alto e bom som: “Os homossexuais deviam morrer todos.” O funcionário que o atende, e que confirmou ao jornal Público que era homossexual, sentiu-se com medo e ameaçado. Segundo o Ministério Público, o arguido ofendeu e rebaixou pessoas de orientação sexual diferente da sua, em concreto os homossexuais, e pessoas negras, e incentivava quem o ouvisse a ter os sentimentos de ódio e violência contra os mesmos. Sabia que ao utilizar as mesmas expressões “ofendia, rebaixava e inferiorizava os grupos/comunidades” visados. Ao referir “deviam morrer todos” incitou à violência. A procuradora do Ministério Público de Lisboa acusou de um crime de discriminação e incitamento ao ódio e à violência. C) 10 de março de 2023, no Pingo Doce da Senhora da Guia, em Santarém, um homem ofende uma funcionária em tom de voz alto e agressivo, com vários clientes a ouvir: “Sua preta! Porque não podes pesar o peixe? Vai para Angola sua preta, volta para a tua terra que existem lá muitas moscas para tu comeres!”. O despacho de acusação de quatro parágrafos da procuradora Ana Cristina Santos Silva refere que a mulher se sentiu ofendida na sua honra e consideração pessoal, discriminada em razão da sua raça, origem étnica e nacional, por causa da conduta do arguido — que ao usar as referidas expressões sabia que estava a ofender, a rebaixar e a inferiorizar a vítima. <https://www.publico.pt/2024/12/07/sociedade/noticia/chamou-preta-peixeira-vai-julgado-grupo-quer-mudar-lei-punir-casos-racismo-2114834>

<sup>52</sup>M. A. C. (2019). *Contexto de aprendizagem da competência pragmática pelos falantes do português língua não materna em Valência, Espanha: contributos para uma análise das formas de tratamento e das estratégias de delicadeza em sequências de atos ilocutórios*. Lisboa: Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/8855>

As análises efetuadas, em primeiro lugar, tiveram como objetivo contribuir para a compreensão e reflexão acerca do ensino e aprendizagem das estratégias de delicadeza, designadamente em atos ilocutórios com uma dimensão diretiva e nas formas de tratamento em língua portuguesa.

No estudo preliminar foram analisadas produções linguísticas escritas realizadas por um grupo de estudantes de PLNM da autora deste trabalho. No momento da recolha o grupo encontrava-se no nível B2 da *Escuela Oficial de Idiomas* de Valência, que se situa num contexto bilingue de espanhol e valenciano. Quis-se verificar se existia uma dissociação entre as competências gramatical e pragmática dos/das aprendentes, tendo como contraponto produções de falantes nativos. Partiu-se da hipótese de haver alguma dificuldade quanto ao registo de uma situação comunicativa e o reconhecimento dos mecanismos seleccionados para as formulações aplicadas em atos ilocutórios com uma dimensão diretiva, nomeadamente ordens, pedidos, ofertas, convites e propostas. O uso das formas de tratamento foi também alvo de análise, uma vez que constitui uma área problemática para a aprendizagem do PLNM. O estudo pretendeu ainda destacar a importância do reforço do ensino dos vários contextos dos atos discursivos na sala de aula.

A análise do *corpus* e a interpretação dos dados revelou que o grupo de estudantes compreende a relevância do princípio de delicadeza na competência comunicativa. Analogamente aos resultados evidenciados por falantes nativos/os, comprovou-se a tentativa de ajuste das formas linguísticas à finalidade de cada ato discursivo, tendo em conta as características das pessoas interlocutoras. Foi assinalado o uso de atos indiretos em situações de maior formalidade e distanciamento entre os membros da interação, assim como diferentes modos de atenuação dos pedidos de ordem, pedido ou oferta, de modo a produzir uma menor ameaça para as faces de ambos os agentes da interação (Antão & Almeida, 2021: 201). Do mesmo modo, registou-se uma preocupação argumentativa em relação ao constrangimento que pode provocar o ato ilocutório do convite, o que pode ser considerada uma estratégia de delicadeza.

Como seria de esperar pelo conhecimento da cultura espanhola em contraste com a portuguesa, o grupo de estudantes tendeu a uma grande informalidade, embora reconhecesse os principais registos. Observou-se algum desajuste no uso de muletas linguísticas (“ó pá”), que por vezes não foram adequadamente adaptadas à situação. As formas de tratamento demonstraram uma maior diversidade de uso, com o pronome pessoal *você* a merecer uma

maior atenção de adequação ao contexto. As formas de tratamento femininas evidenciaram igualmente uma grande disparidade de respostas, tendo sido maior a dificuldade quando a relação com a locutora era mais ambígua ou distante.

Em conclusão, comprovou-se o desempenho positivo do grupo de estudantes quanto à indireção como forma de delicadeza, ou à realização de processos de atenuação dos atos diretivos. Contudo, alguns elementos necessitam um aperfeiçoamento didático. De forma a maximizar as habilidades discentes, será importante proporcionar, no ensino de PLNM, a integração em diferentes situações interativas para possibilitar a aquisição de regras pragmáticas em diferentes contextos.

Destacou-se ainda a importância da factibilidade e realismo dos exercícios propostos, de modo que as estudantes se possam imaginar na posição das interlocutoras dos exercícios propostos. Paralelamente, um outro elemento emergiu nos dados recolhidos nos questionários. Surpreendeu a baixa autoconfiança do grupo discente quanto à proficiência do português. Apesar de se encontrarem no nível B2, sentiam que possuíam um nível inferior. Por este motivo, recomendam-se estratégias pedagógicas que contemplem potenciar a plena autoestima dos novos falantes de PLNM.

### **7.3. Conclusões sobre a indelicadeza em contexto didático**

O estudo qualitativo de análise local sobre a indelicadeza desenvolvido contemplou as circunstâncias individuais e sociais que influenciam as negociações realizadas na interação. Reconhecendo que a estrutura social e a educação são responsáveis pela configuração das cosmovisões que moldam as identidades em interação (Bourdieu, 1989), esperou-se que a atribuição de significado aos resultados obtidos fornecesse indícios para a reflexão sobre a importância de a sala de aula oferecer um espaço culturalmente aberto e sensível aos diferentes usos da língua e à diversidade sociocultural e linguística do grupo escolar e da realidade social envolvente.

Os inquéritos usados na recolha dos dados tinham por objetivo encenar cenários semelhantes aos analisados na primeira parte deste estudo na rede social do Facebook, de forma a observar o comportamento de estudantes de PLNM, e o de falantes de português como L1, em situações de indelicadeza e agressividade verbal, em ambientes virtuais. Analogamente, foram simuladas situações presenciais com o intuito de averiguar a

apreciação da população inquirida sobre os procedimentos que seriam apropriados ou não socialmente no âmbito da delicadeza. A oscilação cultural dos fenómenos da delicadeza (Batoréo, 2015: 169) e da indelicadeza (Mills, 2003a; Sifianou, 2012) esteve na base do desejo de comparar o desempenho dos dois grupos em observação. A interiorização das práticas sociais transformadas em rotinas linguísticas institucionalizadas, ou *habitus linguísticos* (Bourdieu, 1989), molda a perceção dos indivíduos, estando sempre dependentes da variação contextual e cultural. A perceção de docentes de língua portuguesa sobre a necessidade de se focar pedagogicamente situações de indelicadeza em ambientes presenciais e virtuais foi igualmente objeto de estudo.

As análises efetuadas sobre a delicadeza e a indelicadeza contemplaram um perfil de estudantes semelhante. Ambos os grupos de estudantes hispanofalantes pertenceram a turmas de PLNM, da *Escuela Oficial de Idiomas*, de Valência, Espanha, onde a autora deste trabalho exerce a sua profissão docente. Os grupos mostraram ser proficientes em várias línguas, sendo o português um idioma adicional no seu percurso linguístico. O fenómeno de “estranhamento” explica a razão pela qual estes estudantes, na sua totalidade, nunca terem sido verdadeiros principiantes em relação à língua portuguesa. Porém, os grupos apresentaram diferenças. O facto de constituírem grupos de estudantes adultos evidenciou a disparidade de situações de cada um, como foi o caso da idade, algo usual em turmas de PLNM fora de Portugal. Face a estas realidades, recomenda-se não desconsiderar estes fatores no ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

As ferramentas usadas na presente análise merecem algumas observações prévias. Os inquéritos pressupõem a simulação de uma situação na qual a população inquirida não está realmente envolvida emocionalmente. Acresce a noção de esta saber que o seu comportamento vai ser examinado. A presente análise está consciente de que os dados obtidos nesta parte do trabalho poderão estar influenciados pela tendência para responder o que seria socialmente esperado e não as potenciais reações que surgiriam, caso as emoções estivessem direta e espontaneamente envolvidas. Este fator ganha uma importância especial nos casos de indelicadeza ou violência verbal e talvez ajude a explicar o amplo apelo ao consenso observado nos resultados obtidos.

Os inquéritos permitiam a indicação de várias respostas e não uma única, pelo que foi habitual a marcação de várias alíneas nas respostas dos inquéritos. Evidenciou-se, desta forma, que não existe uma única resposta “correta” para os casos apresentados. A avaliação

de um comportamento como “correto” ou mais ou menos apropriado depende, muitas vezes, de vários condicionantes.

Os dados recolhidos revelaram que ambos os grupos de falantes de português como L1 e estudantes de PLNM condenaram a agressividade verbal e revelaram surpresa pela linguagem direta e ofensiva das postagens da rede social do Facebook. O direito à liberdade de expressão ou as condições contextuais do discurso virtual não foram motivos de justificação da indelicadeza verbal, na opinião das pessoas inquiridas. Não obstante, comprovou-se o PRI (Culpeper, 2021) com reações de ataque discursivo e estratégias de indelicadeza diretas (*bold-on-record*) e indiretas (*off-record*). Ambos os grupos condenaram a linguagem violenta de ataque a determinados coletivos sociais, como os emigrantes (africanos) ou as mulheres, tendo sido notórios os apelos à moderação e à reflexão sobre comportamentos adquiridos que podem conter formas de discriminação.

Os dois grupos de participantes demonstraram ter algum conhecimento sobre o funcionamento dos algoritmos das redes sociais, com estratégias de não colaboração na interação que foram justificadas pela incapacidade de se alcançar uma discussão relevante nas redes sociais.

No mundo presencial, para as situações simuladas, as respostas convergiram no que seria apropriado no ato de agradecimento, cumprimento e ordem, contudo, o mesmo não se verificou no ato de pedido. O grupo de estudantes de PLNM mostrou uma maior flexibilidade quanto à ausência de fórmulas convencionais de delicadeza como “se faz favor”.

Dada a frequente informalidade dos relacionamentos em Espanha, as formas de tratamento formaram a área de maior divergência nas avaliações realizadas pelos dois grupos. As/os estudantes de PLNM avaliaram o uso de tratamento informal (“tu”) como apropriado e carinhoso, enquanto os/as falantes de português como L1 preferiram um tratamento mais formal em situações nas quais são significativos fatores como a idade ou a ausência de familiaridade entre as pessoas.

Em relação a questões de género, ambos os grupos convergiram na menor visibilidade social do coletivo das mulheres, assim como no estereótipo de género de as mulheres terem tendência para serem mais conciliadoras e, por isso fugirem ao conflito. Esta foi uma das razões apontadas para aquelas perderem uma oportunidade de enfatizarem a sua perspetiva, no processo comunicativo grupal.

Perante a apresentação de certas atitudes que poderiam ser convencionalmente consideradas falta de cortesia (por exemplo, espreguiçar-se ou arrotar em público), as/os estudantes revelaram sentir uma maior tolerância. Porém, no caso específico de falar ao telemóvel entre passageiros de uma longa viagem de autocarro, os papéis inverteram-se, com a condenação mais acérrima do grupo estudantil. Destes dados, pode concluir-se que as ações que prejudicam diretamente outras pessoas são mais reprováveis para o grupo discente do que aquelas que derivam de convenções sociais acerca do comportamento individual.

Os docentes de português de PLNM convergiram na importância de as estratégias e formas da indelicadeza, em ambientes presenciais e virtuais, serem incluídas nos programas pedagógicos. De igual modo, consideraram necessária a classificação das estratégias de indelicadeza como competências partilhadas entre a língua materna e o PLNM. O corpo docente mostrou estar consciente da importância de a sala de aula ser um espaço interativo sensível às diferentes realidades linguísticas e socioculturais da população. Porém, registou-se um menor consenso em relação ao aumento da motivação estudantil, no caso de serem tratados pedagogicamente temas sociais acerca da discriminação, como seriam os atos racistas ou xenófobos que visam a identidade das pessoas. Com a intenção de maximizar a prática educativa e valorizar o corpo docente, foram avaliadas positivamente os efeitos da investigação científica sobre a aprendizagem e ensino do PLNM.

Em suma, embora se tivesse registado alguma tendência para a sensibilização do estudo da indelicadeza nas salas de aulas, os membros do corpo docente inquirido não pareceram estar plenamente convictos da responsabilidade pedagógica de abertamente se abordarem práticas discursivas que contribuem para a desigualdade social, como o sexismo, o racismo ou a xenofobia. Estes dados parecem ir ao encontro do que sustentava Bourdieu (1982) sobre o papel da escola, enquanto aparelho de reprodução de estruturas sociais e dominação. O sociólogo afirmava que aquela não só reproduzia desigualdades sociais, como também legitimava inconscientemente essa reprodução. As exclusões não existiriam somente no acesso aos diferentes campos sociais, pois estariam entranhadas no próprio sistema, neste caso o escolar, responsável pela relação com a linguagem que forma a conexão das pessoas com o mundo.

A análise dos dados recolhidos no presente estudo sugeriu a existência no discurso de problemas sociais de exclusão, assim como algumas carências formativas no que diz respeito à educação para uma convivência social mais equilibrada e solidária. Nos programas

curriculares seria aconselhável reforçar os conteúdos de uma educação humanista que promova a diversidade e a inclusão. Paralelamente, não deve ser negligenciada a capacidade de falantes de línguas adicionais identificarem as estratégias discursivas que conduzam a mecanismos de poder e opressão.

Em função do papel preponderante que as redes sociais estão a obter na sociedade como fóruns de interação e socialização, canais de informação ou entretenimento, recomenda-se a sua inclusão na esfera educacional, de forma estruturada e orientada. Qualquer novidade implica a atualização dos processos educacionais, por isso, no âmbito do desenvolvimento da competência digital seria oportuna a aquisição de uma competência reflexiva, ética e analítica sobre os perigos e potencialidades das redes sociais e o impacto das ações humanas no mundo virtual e físico. A formação de uma cidadania não passa somente pelas escolas, pelo que se recomenda o envolvimento das famílias e entidades sociais nos processos de conscientização sobre os discursos agressivos e a consequente diminuição do capital social da população-alvo.

A comunicação virtual não é uma moda passageira, afirmou-se para se estabelecer com um caráter permanente com constantes e novos desenvolvimentos (a inteligência artificial ou a robótica, por exemplo). Em adição, a utilização das tecnologias tem demonstrado ter um papel importante na formação da cosmovisão da cidadania. Por estes motivos, e porque existem ainda muitas respostas satisfatórias a serem fornecidas para as questões acerca da formação da indelicadeza verbal e do discurso violento, tanto no mundo virtual, como no presencial, será necessário continuar a relacionar a análise (crítica) do discurso com as práticas pedagógicas. A presente análise espera ter fornecido uma reflexão detalhada sobre o tema em questão.

#### 7.4. Reflexões sobre a aplicação das conclusões na sala de aula

*mas entre ser  
colonizado ou colonizador  
prefiro ser sujeito  
de amplo repertório*

Francisco Mateus, *Dupla cidadania*, em  
~~Volta~~ *para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal* (2001)

*O que eu não sabia é que a cor do breu não é um erro, mas uma canção que o mundo ainda não aprendeu a  
cantar*  
Dino D'Santiago (2024)

A análise dos dados recolhidos nos inquéritos distribuídos à comunidade educativa e nos *corpora* de interações virtuais analisados vieram chamar a atenção para alguns fatores que podem ser evidenciados aquando do ensino e aprendizagem do PLNM.

O cenário atual de mobilidade e heterogeneidade das sociedades multiculturais e multilingues faz de cada aprendiz de uma língua não materna um caso particular. No grupo de trabalho em estudo, foi registada uma grande heterogeneidade nos perfis sociolinguísticos das estudantes. A cada aprendiz correspondeu uma realidade particular de ensino e aprendizagem do português diferente, merecedora, por essa razão, de uma abordagem específica. Ensinar uma língua não pode ser encarado como um mero processo de transmissão de um saber a alguém que o recebe passivamente. Pelo contrário, “trata-se de fazer desse destinatário, o aluno, o agente da construção dos seus próprios saberes e competências” (Carvalho, 2013). Por conseguinte, parece especialmente relevante a promoção destes princípios de desenvolvimento da competência de comunicação e de aprendizagem no caso do PLNM, dada a diversidade de contextos e atuantes que o seu ensino envolve.

A investigação com base num grupo de estudantes específico, falantes adultas, bilingues de espanhol e catalão (vertente valenciana), destacou a importância da diversidade de condicionantes que interferem na aprendizagem do PLNM, nomeadamente, o fator da idade, a sua relação prévia com a língua portuguesa ou as atividades em que têm por hábito o uso de diferentes línguas. A diversidade cultural na sala de aula implica conhecimentos prévios diferentes, o que pode levar a processos inferenciais diversificados. O corpo docente deverá ter em conta estes fatores, de modo a poder obter o máximo benefício do trabalho realizado nas aulas de língua.

Recomenda-se igualmente não descurar a aquisição de estratégias de conscientização e autonomia do próprio processo de aprendizagem. As técnicas que favorecem a tomada de consciência dos estudantes quanto à sua relação psicológica com o próprio processo e conteúdo da aprendizagem poderão conduzir a uma maior autonomia da aprendizagem. Aprender depende em grande parte da iniciativa e motivação das estudantes. Por conseguinte, a reflexão sobre as várias etapas da aprendizagem e a planificação sobre o seu próprio processo de aprender, poderá aumentar a motivação e a autoconfiança no seu desempenho em língua portuguesa. Deste modo, identidade discursiva do corpo discente poderá vir a ser reforçada.

Verificou-se que o grupo de estudantes está consciente das premissas constituintes dos princípios da delicadeza, embora, por vezes, a sua aplicação mereça um maior aperfeiçoamento. Atendendo ao carácter não universal destes preceitos, poderá ser reforçado o estudo de expressões coloquiais que funcionam como pré-atos e dão início à tomada de vez, próprias do registo oral, ou fatores condicionantes das formas linguísticas na interação, como a idade ou os ambientes profissionais. Paralelamente, aconselha-se uma atenção mais detalhada no estudo das competências de nomeação, especialmente quando a relação com o/a interlocutor/a é mais distante ou ambígua. Trata-se de uma área problemática para a aprendizagem do PLNM, especialmente tendo em conta os diversos condicionantes para a escolha da forma de tratamento, as subtilezas e especificidades de certos vocábulos, como o pronome “você”, e a constante reestruturação das práticas sociais.

É de destacar ainda a importância de os contextos de aprendizagem se encontrarem em sintonia com o conhecimento mútuo dos estudantes. Por um lado, as situações apresentadas devem ir ao encontro da subjetividade das estudantes e, por outro lado, estes devem ser conhecedores das condições culturais da língua em estudo, de modo a que possam imaginar-se nas situações indicadas e sejam capazes de interagir no ato comunicativo.

A competência social e linguística do corpo discente poderá aumentar se as práticas pedagógicas estiverem baseadas em pressupostos interacionais, o que por sua vez, tornará o processo da aprendizagem do PLNM mais significativo. A criação de contextos reais e adequados aos diferentes cenários de interação atuais facilitará o uso da língua de aprendizagem da forma mais real possível, o que tornará o ensino mais relevante e, por isso, mais estimulante.

A abordagem comunicativa implica apoiar o ensino da língua na análise do discurso e na pragmática. O foco do ensino das línguas nestas duas áreas discursivas possibilitará a aquisição de estratégias de construção de mensagens que facilitem a produção da intenção comunicativa e as estratégias de interpretação, isto é, a capacidade de processamento inferencial por parte do/da aprendiz (Olshtain & Celce-Murcia, 2001: 707).

A investigação realizada em interações virtuais demonstrou uma grande visibilidade da constituição e reforço de grupos opostos na sociedade. Esta diferenciação baseou-se na associação de indivíduos a categorias identitárias partilhadas, como etnia, religião, ideias políticas ou, até, regimes alimentares e condutas ecológicas. As generalizações e simplificações assentes em estereótipos, que conformaram o *ethos* do auditório, facultaram o aparecimento de *doenças sociais*, como o racismo, o machismo, ou outras formas de subjugação e desconsideração que atacam diretamente as identidades construídas no discurso.

As diferentes formas de discriminação assentam no conceito de diferença. No entanto, é de ressaltar que quem tem o poder é quem constrói essa divergência. Neste sentido, não se é “diferente”, a pessoa torna-se “diferente” mediante o discurso. Esta diferença é, muitas vezes articulada mediante estigmas e inferioridades, valores hierárquicos que implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo, que passam a ser vistas como “o problema”. A construção da diferença e a sua associação com uma hierarquia formam os *preconceitos*. Estes processos são acompanhados pelo poder histórico, político, social e económico. É a combinação do preconceito e o poder que forma o racismo (Kilomba, 2021: 78).

A análise registou a construção discursiva do carácter quotidiano e atemporal do racismo<sup>53</sup> e outras formas de discriminação. De acordo com van Dijk (2001: 362), o racismo (incluindo o antissemitismo, a xenofobia, e outras formas de ressentimento contra grupos etnicamente definidos) é um sistema complexo de desigualdade social e política que é reproduzido mediante o discurso. São manifestações de exclusão todo o vocabulário,

---

<sup>53</sup> São muitos os artigos jornalísticos que, na imprensa portuguesa, vêm atestando os diferentes episódios e formas de racismo em Portugal. Veja-se, por exemplo, a crónica de Carmo Afonso no Jornal *Público*, do dia 6 de maio de 2024, “Racistas encapuzados no Porto e racistas ostensivos em todo o lado”. Neste artigo, a autora denuncia um episódio de racismo como não sendo um caso isolado. Igualmente, indica que o racismo explícito e institucionalizado está presente em muitas áreas da sociedade portuguesa. O artigo é um apelo para uma maior consciência e ação antirracista, sublinhando que o silêncio e a inação perpetuam as injustiças sociais. <https://www.publico.pt/2024/05/06/politica/opiniao/racistas-encapuzados-porto-racistas-ostensivos-lado-2089316>

discursos ou imagens, gestos ou ações que perpetuam a ideia do “Outro” como repositório de conotações negativas, e das quais o grupo enunciador se quer afastar. Por outro lado, na análise realizada também se verificou que não se trata de ataques de repulsa únicos, mas de um padrão contínuo de ideias que se vão repetindo no discurso.

Neste ambiente de indelicadeza gerado, a rigidez das identificações grupais e a polarização das posturas conduziram a um aumento da conflitualidade entre as diferentes perspectivas e a diminuição do capital social dos agentes visados.

O capital social dos indivíduos (Bourdieu, 1989: 136) depende da sua posição na estrutura social, que, por sua vez, é determinada pela interação entre as diferentes formas de capital, económico, cultural, social e simbólico. Os recursos materiais, a educação, as relações sociais e o prestígio de cada sujeito consubstanciam uma combinação de fatores que moldam as oportunidades e limitações de cada indivíduo. Neste âmbito o modo como este é visto e se vê a si próprio é essencial para a sua ação no mundo.

A consciencialização do funcionamento dos constrangimentos da estrutura social e a conseguinte mudança de *habitus linguístico* na interação social poderão levar a uma maior liberdade individual e coletiva com capacidade de alterar o capital social de cada pessoa. De acordo com Bourdieu (1989: 12), o poder simbólico reside nas forças ilocutórias das relações e crenças sociais. Os atos linguísticos, por serem inseparáveis da estrutura social, podem manter a ordem ou modificá-la. Os estudos de Mary Bucholtz (1999) em interações com presença de indelicadeza e discursos do ódio chamam a atenção para o modo como se tenta subjugar ou humilhar as pessoas. Tendo por base as identidades dos indivíduos visados, recorre-se frequentemente a estereótipos e asserções negativas do grupo ou indivíduo que se considera oponente.

A necessidade de conhecer e visibilizar diferentes relatos pode contribuir para a eliminação de imagens estereotipadas. A visão do conhecimento ocidental como universal fortalece umas identidades e inviabiliza outras experiências do conhecimento. Do mesmo modo, desconsiderar as diferentes oscilações das categorias identitárias pode contribuir para a universalização dos conceitos (ser *mulher*, *negro*, etc) que conduz a análises simplistas excludentes das diferentes subjetividades<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup>Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, na palestra intitulada “O perigo de uma única história”([https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)) explica como as narrativas simplificadas e estereotipadas sobre indivíduos e culturas podem levar à incompreensão e perpetuação de preconceitos. A redução de grupos complexos a uma única narrativa cria

O lugar social ocupado por cada pessoa fá-la ter experiências e perspetivas diferentes, advindas das condições sociais que permitem o acesso ou não a um lugar de cidadania plena. Não se trata de afirmar as experiências individuais, mas entender que o lugar social que certos grupos ocupam restringe oportunidades (Ribeiro, 2019a: 35).

Um ensino e uma aprendizagem que valorizem a importância epistémica da diversidade e a colaboração ativa na prática comunicativa poderão favorecer o intercâmbio crítico e a resolução de conflitos sem a desvalorização e o ataque de nenhuma das partes envolvidas. Os diálogos negativos que pretendem ganhar uma discussão, sem contemplar a partilha de ideias não são produtivos a nível social. Pelo contrário, as estratégias pedagógicas comunicativas baseadas na cooperação fomentam a criação de um espaço tolerante e construtivo, onde todas as vozes merecem ser ouvidas. A conversa democrática, que implica pronunciar-se, mas também saber ouvir, poderá contribuir para diminuir as estruturas de dominação, nas quais uns sujeitos são dominantes e outros observadores, muitas vezes, alvo de discursos violentos<sup>55</sup>.

O reforço da identidade discursiva dos indivíduos está intimamente ligado à capacidade de interagir, de um modo pleno e autoconfiante, em situações de delicadeza e indelicadeza. Uma ação pedagógica culturalmente sensível às diversas realidades sociais poderá empoderar cada uma das pessoas participantes no processo de ensino e aprendizagem de uma nova língua e, deste modo, aumentar o seu capital simbólico que poderá promover a mobilidade social (Bourdieu, 1989). A valorização das várias existências e a referência positiva do lugar do *Outro*, seja este, assim considerado, por condições de proveniência, cor da pele, género ou condição sexual, beneficiam toda a sociedade, pois, deste modo, promover-se-á a construção e a visibilidade de diferentes subjetividades humanas (Ribeiro, 2019b: 16).

---

estereótipos prejudiciais, limitando a compreensão e a empatia. Adichie destaca a importância de se ouvirem múltiplas perspetivas para se formar uma visão mais completa e justa do mundo.

<sup>55</sup>Entre outras iniciativas em Portugal, destaca-se o projeto didático “Com a mala na mão contra a discriminação – uma viagem pela história dos nossos direitos” que procura sensibilizar e informar sobre a evolução dos direitos humanos, a luta contra a discriminação e a promoção da igualdade: <https://www.buala.org/pt/a-ler/com-a-mala-na-mao-contr-a-discriminacao-uma-viagem-pela-historia-dos-nossos-direitos>. Do mesmo modo, para as escolas recomenda-se seguir as diretrizes da Recomendação n.º 5/2020 sobre “A Cidadania e a Educação Antirracista” do Conselho Nacional da Educação que considera essencial que os problemas do racismo e da educação antirracista sejam vistos no contexto da educação para a cidadania, dado que se trata de ameaças à qualidade da vida democrática e aos seus valores fundamentais como a liberdade, o pluralismo e a igualdade: <https://files.diariodarepublica.pt/2s/2020/11/227000000/0006200068.pdf>.

Em suma, a sala de aula deverá tornar-se num espaço seguro, que possibilite a interação em condições de igualdade, e no qual a criação de conhecimento não passe pela necessidade de recorrer a estratégias de indelicadeza e violência verbal que menosprezam os grupos oponentes. Recomenda-se que o espaço de ensino e aprendizagem seja sensível aos sujeitos e às culturas em interação e tenha como objetivo a construção de espaços de negociação, nos quais as divergências possam dar lugar à construção de identidades híbridas. Tal como evidencia a linguista e professora brasileira Edleise Mendes (2012: 22), as culturas e as suas línguas são produções situadas, em processo de construção e reinvenção<sup>56</sup>. Os essencialismos, assim como os binarismos muito definidos, normalmente colocam em lados opostos, realidades que colidem (nativo/não nativo; nacional/estrangeiro; negro/branco; homem/mulher, etc.). Viver em diferentes línguas é um exercício de constante deslocamento, um movimento entre as línguas e as culturas em contacto. Por este motivo, o corpo docente deverá assumir a função de mediador cultural, oferecendo aos/às estudantes a possibilidade de serem vários/as, de assumirem uma diversidade de posições e, desta forma, serem capazes de construir os seus próprios modos de representação e pertença (Mendes, 2012: 30).

A violência nas escolas contra o corpo docente também é um fator a não descurar. O reconhecimento da hierarquia e da diferença de estatuto que não implica a dominação e a subordinação oferece mais oportunidades para a criação de um espaço de respeito e de criação conjunta do conhecimento (hooks, 2010: 113).

Este estudo vem corroborar a importância de as instituições académicas, juntamente com os programas curriculares, partirem da análise do discurso para a produção dos recursos educativos, contribuindo, da mesma forma, para uma educação baseada em valores que se afaste da polaridade discursiva e de formas de domínio social. O processo de transformação social que pode propiciar uma maior igualdade na sociedade é o resultado de um processo contínuo na educação. Começa pelo reconhecimento dos privilégios dos grupos dominantes<sup>57</sup> e passa pela ação empoderada dos próprios indivíduos vítimas da exclusão.

---

<sup>56</sup> Edleise Mendes destaca que "não basta ao professor apenas o conhecimento sobre a estrutura da língua que ensina, mas o seu funcionamento como prática social, como instância a partir da qual interagimos com o mundo" (Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/ensino/professoras-de-portugues-para-o-seculo-xxi/4902#>).

<sup>57</sup> Numa tentativa de reconhecimento da violência exercida pela colonização que imprimiu um carácter superior às culturas europeias relativamente às populações africanas, também na sociedade portuguesa se têm levantado várias vozes que, através de diversas ações procuram enfrentar as injustiças do passado e promover um entendimento mais completo e justo da história, contribuindo para a reconciliação e a justiça social. Veja-se, por exemplo, a crónica de Paula Cardoso *Descobri-quê? – em busca da memória negra*

Neste esforço conjunto, é essencial a atualização dos manuais escolares. Embora os programas já incluam mudanças de designações e sejam mais inclusivos, de acordo com as palavras do presidente da Associação de Professores de História, Miguel de Barros, estas informações nem sempre chegam às salas de aula. Investigadores e professores de História admitem que o ensino desta disciplina em Portugal perpetua mitos sobre a herança colonial e está diretamente relacionado com os preconceitos dos/das docentes. Nesta perspetiva, os manuais continuam a ser um reflexo da narrativa de uma identidade nacional em que a expansão marítima oculta muita violência colonial. O corpo docente tem a responsabilidade de “conseguir contar essa história de uma forma que dialogue com aquilo que são as desigualdades do presente”<sup>58</sup>. Noutras palavras, os agentes pedagógicos devem tentar recusar qualquer instauração de mitos, estereótipos e premissas que favoreçam a socialização negativa e neguem a partilha comum da experiência humana<sup>59</sup>.

A função de interação é uma das principais utilidades do uso das redes sociais como ferramenta de comunicação. A análise da linguagem escrita dos *corpora* digitais comprovou a forte vontade por parte das pessoas internautas de mostrarem um posicionamento claro nos debates gerados. Registou-se um desejo palpável de as pessoas expressarem as suas opiniões e fazerem ouvir a sua voz. Tendo em conta a motivação para a participação registada, seria recomendável criar, em contextos de ensino e aprendizagem de PLN, oportunidades virtuais de comunicação mediante ferramentas digitais que permitam aos/às estudantes interagir virtualmente com outras pessoas internautas. A oportunidade de aprendizagem e socialização poderá ter um acompanhamento e preparação iniciais sempre com o objetivo de conduzir à autonomia por parte do grupo estudantil. Para além de este dispor da ocasião de praticar e reforçar a sua identidade discursiva virtual, poderá beneficiar das vantagens que o mundo virtual oferece: praticar a língua de modo dinâmico e imersivo com uma grande diversidade sociolinguística de internautas, que têm opiniões e vivências diferentes, e cuja localização não impede a comunicação.

---

*escondida*, publicada no Diário de Notícias do dia 15/05/2024: <https://sk1.dn.pt/7557142453/descobri-que-em-busca-da-memoria-negra-escondida/>.

<sup>58</sup> [https://www.rtp.pt/noticias/pais/ensino-da-historia-refem-dos-preconceitos-dos-professores\\_n1572629](https://www.rtp.pt/noticias/pais/ensino-da-historia-refem-dos-preconceitos-dos-professores_n1572629)

<sup>59</sup> O debate sobre políticas de reparação colonial chegou à política portuguesa mediante a sugestão do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, aquando do 50º Aniversário da Revolução dos Cravos, de Portugal assumir a responsabilidade pelos crimes durante a escravatura e o colonialismo. Posteriormente, no Parlamento Português, foram propostas sessões sobre o tema que, alguns grupos parlamentares relacionam com as desigualdades em várias áreas da vida de pessoas negras ou com “os brutais assassinatos com motivações racistas”: <https://www.publico.pt/2024/09/09/sociedade/noticia/bloco-esquerda-leva-parlamento-audicao-politicas-reparacao-reconciliacao-2102905>

O presente estudo associa-se a outros na mesma linha de investigação (Suranto & Aryanika, 2020) que vêm destacar a necessidade de se ter como enfoque a capacidade de análise crítica dos/das estudantes de compreenderem a estrutura dos discursos das redes sociais. Com o pensamento na prevenção de uma crise comunicacional, torna-se fundamental reforçar a literacia e competência digitais que não se limitem ao uso de técnicas das ferramentas tecnológicas, mas que incluam a compreensão dos significados implícitos e os efeitos dos comentários indelicados. Aprender como interagir de uma forma informada, contextualizada e reflexiva faz parte do desenvolvimento da competência pragmática digital, indispensável para enfrentar os desafios da comunicação mediada por computador<sup>60</sup>.

Concluindo, a presente análise espera contribuir para a consciencialização da relevância da inclusão do estudo da indelicadeza nos programas curriculares de PLN. O uso de competências partilhadas entre a L1 e as línguas adicionais pode facilitar a aprendizagem, promover a autoconfiança, enriquecer a compreensão cultural e aumentar a eficácia da instrução. Uma comunidade estudantil que entenda que as suas palavras são ações que afetam os outros poderá ver as suas habilidades sociais de resolução de conflitos aumentadas. A análise de exemplos de enunciados indelicados ajuda a formar uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das questões relacionadas com o poder, os privilégios e as diferentes formas de discriminação e opressão.

O respeito pela variedade de perspetivas que a diversidade cultural oferece contribui para construir pontes de entendimento entre diferentes grupos que muitas vezes se veem como antagonistas. Combater a estigmatização cultural fomenta o desenvolvimento de aptidões sociais, forma consciências críticas e poderá ajudar a formar uma cidadania mais saudável e preparada para enfrentar os desafios de um mundo global. A abordagem didática ativa das estratégias de indelicadeza poderá contribuir para consolidar a competência pragmática do grupo estudantil e criar um ambiente mais seguro e inclusivo para toda a comunidade escolar.

---

<sup>60</sup> Seria aconselhável que os programas curriculares nacionais priorizassem, à semelhança do caso finlandês, a competência pragmática digital, que inclui igualmente a capacidade para identificar notícias falsas que circulam na torrente de informações digitais: <https://www.cbsnews.com/video/in-finland-classes-in-recognizing-fake-news-disinformation/>

## 8. Bibliografia

- Abranches, G. (2009) *Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens na administração pública*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Adam, J. (2001) *En finir avec les types de textes*. In M. Ballabriga (Org.) *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation*. EUS, pp. 25-43.
- Almeida, C. A. (1998). O acto ilocutório de oferta em português. In J. Fonseca (org.), *A Organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português* (Tomo III, Vol. 10. pp. 157-221). Porto Editora.
- Almeida, C. A. (2009) *Processos de figuração e manutenção da ordem interaccional: estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádio específicos*. In Alexandra Fiéis; Maria Antónia Coutinho (orgs.), 2009, *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, APL, pp. 43-60. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/3-Almeida.pdf>
- Almeida, C. A. (2012) *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio: Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*, Porto, Afrontamento, Biblioteca das Ciências Sociais/Plural, ISBN 978-972-36-1324-7.
- Almeida, C. A. (2013) Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. In F. Silva, I. Falé e I. Pereira (Orgs.). *Textos Seleccionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 59-77), APL.
- Almeida, C. A. (2014). Rituais verbais, envolvimento conversacional e ordem interaccional: A construção de trocas discursivas em programas de rádio. *Cadernos de Ciências Sociais*, 27, 93-130. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9615>
- Almeida, C. A. (2016) *Conselho de amigo, aviso do céu»: contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça*. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, nº2, 1-29. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/article/view/1534/1340>
- Almeida, C. A. 2021. *A construção do sentido em interações verbais na rádio em Português Europeu: mecanismos discursivos em narrativas de experiência de vida, Linha D'Água*, número 34/1: 44-59. eISSN: 2236-4242 <http://hdl.handle.net/10400.2/11889>
- Almeida, C. A. “Ce que parler veut dire/ O que falar quer dizer. Apresentação e análise do livro de Pierre Bourdieu”, in V. Borges Pereira (ed.) *Bourdieu e os seus livros*, Exercícios práticos de leitura (pp. 143-155). Porto, U.Porto Press.
- Alonso, L. E. (2004) *Pierre Bourdieu, el lenguaje y la comunicación: del análisis de los mercados lingüísticos a la degradación mediática*. Em Alonso, L. E., Criado, E. M. y Moreno.
- Amossy, R. (org.) (1999). *Images de soi dans le discours : La construction de l'ethos*. Delachaux et Niestlé.
- Androutopoulos, J. (2006) Introduction: Sociolinguistics and computer-mediated communication. *Journal of Sociolinguistics* 10 (4).

- Angouri, J., & Tseliga, T. (2010) “You Have No Idea What You are Talking About!” From e-disagreement to e-impoliteness in two online *fora*, *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, 6(1), 57-82.
- Angel, K. (2021) *El buen sexo mañana. Mujer y deseo en la era del consentimiento*. Alpha Decay. ISBN: 978-84-122901-7-2
- Antaki, C. / Widdicombe, S. (eds.) (1998a): *Identities in talk*. London: SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446216958>
- Antão, M. A. C. (2019) *Contexto de aprendizagem da competência pragmática pelos falantes do português língua não materna em Valência, Espanha: contributos para uma análise das formas de tratamento e das estratégias de delicadeza em sequências de atos ilocutórios*. Universidade Aberta: <http://hdl.handle.net/10400.2/8855>
- Antão, M. A. C. & Almeida, C. A. (2021) *A delicadeza e as formas de tratamento em português língua não materna: um estudo de caso numa sociedade bilingue em Espanha*. *Diacrítica*, 35/1, p. 189-206.
- Antão, M. A. C. & Almeida, C. A. (2023) *A construção do discurso em ambientes digitais: contributos para o estudo dos rituais verbais de indelicadeza*, *Pelos mares da língua portuguesa* 5, Volume 2: língua e ensino, UA, p. 149-170: <http://hdl.handle.net/10773/40146>
- Antão, M. A. C. & Almeida, C. A. (2024). O poder simbólico da indelicadeza e a construção de identidades discursivas em interações virtuais. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, (11), 1 – 26. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln11ano2024a1>
- Armengaud, F. (1993 [1985]) *La pragmatique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Austin, J. L. (1962), *How to Do Things with Words: The Williams James Lectures Delivered at Harvard University in 1955*, ed. de J. O. Ursom, Clarendon Press.
- Bamberg, M., De Fina, A., & Schiffrin, D. (2011) Discourse and identity construction. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 177–199). Springer Science + Business Media. [https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9\\_8](https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_8)
- Bakhtin, M. (1986) *The problem of speech genres*. In *Speech genres and other late essays*, University of Texas Press. (pp. 60-102).
- Barreno, M. I. (1985) *O Falso Neutro*, Publicações do Instituto do Estudo do Desenvolvimento.
- Barreto, F.R., Neves, H. & Monteiro, B. (2019). *Impolidez em textos on-line no facebook: Análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa*. *Calidoscópico* 17(3): 433–452.
- Batoréo, H. K. J. (2015) Recensão a: Isabel Roboredo Seara (dir. & coord.) (2014). *Cortesia: Olhares e (Re)Invenções* Edição: Lisboa: Isabel Roboredo Seara e Chiado Editora. *Linguística Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 10, 167-174.
- Baudelot, C. (2020) *Écouter pour comprendre*. *Genèses*, n° 119(2), 229-236. <https://doi.org/10.3917/gen.119.0229>.
- Beauvoir, S. (1960) *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- Benveniste, E. (1976) *A natureza dos pronomes*. In: *Problemas de Linguística Geral I*. ed. São Paulo, cap. 20. p. 277-284.

- Benveniste, E. (1976) *Da subjetividade na linguagem*. In: *Problemas de Linguística Geral I*. ed. São Paulo, cap. 21. p. 284-293.
- Blitvich, P. G. (2009). *Impoliteness and identity in the American news media: The “Culture Wars”*, vol. 5, no. 2. pp. 273-303.
- Blitvich, P. G. (2010) The YouTubification of Politics, Impoliteness and Polarization. In R. Taiwo (Eds.), *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction* (pp. 540-563). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>
- Blitvich, P.G. & Sifianou, M. (2019) Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics* 145: 91–101
- Blum-Kulka, S. (1987). Indirectness and Politeness in Requests: Same or Different? *Journal of Pragmatics*, 11, pp. 131-146. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(87\)90192-5](https://doi.org/10.1016/0378-2166(87)90192-5)
- Bou-Franch, P. & Blitvich, P. G. (2014) Conflit management in massive polylogues: A case study from YouTube, *Journal of Pragmatics*, 73, pp. 19-36.
- Bös, Birte, S. K., Mollin, S. & Hernandez, N. (eds.) (2018) Discursive Construction of Identities On- and Offline: Personal – Group – Collective, John Benjamins. [10.1017/dapsac.78](https://doi.org/10.1017/dapsac.78)
- Bourdieu, P. (1972) *Esquisse d’une théorie de la pratique* [Outline of a Theory of Practice], Cambridge.
- Bourdieu, P. (1982) *Ce que parler veut dire : L’économie des échanges linguistiques* [¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos], Ediciones Akal.
- Bourdieu, P. (1984) *La distinction: Critique sociale du jugement* [Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste], Harvard University Press.
- Bourdieu, P. (1989) *Le pouvoir symbolique* [O Poder Simbólico]. Edições 70.
- Bourdieu, P. (1991) *Language and Symbolic Power*, edited and introduced by John B. Thompson, Polity Press.
- Bourdieu, P. (1997) *Méditations pascaliennes* [Meditaciones pascalianas]. Anagrama.
- Bourdieu, P. (com Thompson, J.) (2001). *Langage et pouvoir symbolique*, Fayard/Seuil.
- Bousfield, D. (2008) *Impoliteness in interaction*, John Benjamins
- Bousfield, D. (2008) *Impoliteness in the struggle for power*. In D. Bousfield, & M. Locher (Eds.), *Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice* (pp. 127-154), Mouton de Gruyter.
- Briz, A., Silva, L. A., Andrade, A. M. & Blanco, R. C. H. C. (2013). *A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas*, *Linha D’Água*, 26(2), 281-314. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v26i2p281-314>
- Briz, A. (2014) *Hablar electrónicamente por escrito*, Chimera, Nº. 1, 77-89.
- Brown, P., & Levinson, S. (1978) Universals in language use: Politeness phenomena. In E. Goody (Ed.), *Questions and politeness: strategies in social interaction* (pp. 56-289), Cambridge University Press.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987) *Politeness – Some Universals in Language Usage*, Cambridge University Press.
- Bucholtz, M. (1999) *Bad examples: transgression and progress in language and gender studies*, pp. 3-20, in Bucholtz, M, et al. eds. *Reinventing Identities: The gendered Self in Discourse*, Oxford University Press.
- Bucholtz, M., & Hall, K. (2005) Identity and interaction: A sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, 7(4–5): 585–614.

- Bucholtz, M. (2007) Reinventing Identities: The Gendered Self in Discourse, A. C. Liang y Laurel A. Sutton, *Revista Estudos Feministas*, vol. 15, núm. 2, maio-agosto, 2007, pp. 506-508.
- Bucholtz, M., & Hall, K. (2008) Finding identity: Theory and data. *Multilingua*, 27 (12): 151– 163.
- Bullingham, L., & Vasconcelos, A. C. (2013) The presentation of self in the online world': Goffman and the study of online identities. *Journal of Information Science*, 39 (1): 101– 112.
- Cabecinhas, R. (2002) *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. (Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Portugal).
- Cameron, D. (1985) *Feminism and Linguistic Theory*, Palgrave Macmillan.
- Cameron, D., McAlinden, F. & O'Leary, K. (1988) Lakoff in context: the social and linguistic functions of tag questions, pp.13-26, in Coates, J. and Cameron, D. eds. *Women in their Speech Communities*, Longman.
- Carreira, M. H. (2004) *Formas de Tratamento de Português como designação do outro e de si: Perspectivas de investigação e transposição didáctica*. Universidade Paris VIII. [http://varialing.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira\\_PLE1.pdf](http://varialing.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira_PLE1.pdf)
- Carreira, M. H. (2013) Algumas especificidades da língua portuguesa do ponto de vista do ensino do português língua segunda e língua estrangeira: problematização. In R. Bizarro (Org), *Português Língua Não Materna: Investigação e ensino*, Lidel.
- Carvalho, J. (2013) *Didática do Português Língua Não Materna – Língua Segunda/Língua Estrangeira: entre a generalização e a especificação*. In Bizarro, Rosa (org). *Português Língua Não Materna: Investigação e ensino*, Lidel.
- Casanova, I. (1989) *Actos Ilocutórios Directivos: A Força do Poder ou o Poder da Persuasão*. (Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal).
- Casanova, I. (1996) *A força ilocutória dos actos diretivos* in Faria, I. H. et al. (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 429-445.
- Charadeau, P. (1995) *Une analyse sémiolinguistique du discours*. *Langages*, n. 117, p. 96-111.
- Charadeau, P. (2019) *Reflexões para a análise da violência verbal*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 15, n. 3, p. 443-476, set./dez. 2019.
- Cheng, J., Bernstein, M., Danescu-Niculescu-Mizil, C. & Leskovec, J. (2017) *Anyone Can Become a Troll: Causes of Trolling Behavior in Online Discussions*. *CSCW : proceedings of the Conference on Computer-Supported Cooperative Work. Conference on Computer-Supported Cooperative Work, 2017*, 1217–1230. <https://doi.org/10.1145/2998181.2998213>
- Cintra, L. F. L. (1972) *Sobre 'Formas de Tratamento' na Língua Portuguesa*, Livros Horizonte
- Correia, M. (2009) *A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos*. *ALFA: Revista De Linguística*, 50(2): <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1417>
- Culpeper, J. (1996) Towards an anatomy of impoliteness, *Journal of Pragmatics* 25, 349-367. pp.

- Culpeper, J. (2010). Conventionalised impoliteness formulae, *Journal of Pragmatics*, 42 (12), pp. 3232-3245.
- Culpeper, J. (2011) *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*, Cambridge University Press.
- Culpeper, J. (2013) *Impoliteness*. Jan-Ola Östman and Jef Verschueren (eds.) *Handbook of Pragmatics* (pp. 1-18), John Benjamins.
- Culpeper, J. & Kan, Q. (2020) *Communicative styles, rapport and student engagement: An online peer mentoring scheme*. *Applied Linguistics*. 41, 5, p. 756–786.
- Culpeper J. (2021). *Impoliteness and hate speech: Compare and contrast*, *Journal of Pragmatics*, 179, pp. 4-11.
- Culpeper, J. & Haugh, M. (2021) (Im)politeness and Sociopragmatics. In M. Haugh, Kádár, D., & M. Terkourafi (eds.). *The Cambridge handbook of sociopragmatics* (pp. 315-339), Cambridge University Press.
- Culpeper, J. & Tantucci, V. (2021) The principle of (im)politeness reciprocity, *Journal of Pragmatics*. 175, pp. 146-164.
- Davidson, J. (1984) Subsequent versions of invitations, offers, requests, and proposals dealing with potential or actual rejection. In J. M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), *Structures of Social Action - Studies in Conversation Analysis* (pp.102-128), Cambridge University Press.
- De Fina, A. (2006) *Group identity, narrative and self-representations*. In A. De Fina, D. Schiffrin, & M. Bamberg (Eds.), *Discourse and Identity* (pp. 351–375), Cambridge University Press.
- De Fina, A. (2009) Narratives in interview — The case of accounts: For an interactional approach to narrative genres. *Narrative Inquiry*, 19(2), 233-258.
- De Fina, A., & Perrino, S. (Eds.). (2011). Narratives in interviews. Interviews in narrative studies. *Language in Society*, 40(1), 1-11.
- De Fina, A. (2016). *Storytelling and audience reactions in social media*. *Language in Society*. 45. pp. 473-498. 10.1017/S0047404516000051.
- De Fina, A., (2020). *Doing Narrative analysis from a Narratives-as-Practices Perspective*. *Narrative Inquiry*. 31. 10.1075/ni.20067.def.
- Deuze, M. (2014). *Media life*. Hoboken, Wiley.
- Duarte, I. M. (1989) *Alguns operadores de agulhagem comunicativa (na prosa narrativa de Eça de Queirós e José Cardoso Pires)*. (Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa, FLUP, Porto, Portugal).
- Duarte, I. M. (2010) Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In A. M. Brito, *Gramática: história, teorias, aplicações* (pp. 133-146), Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Duarte, I. M. (2011) *Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso*. *Matraga*, vol. 18, nº 28, 84-101.
- Dubois, S. & Sankoff, D. (2001). *The Variationist Approach toward Discourse Structural Effects and Sociointeractional Dynamics*. In D. Tannen, D. Schiffrin, & H. Hamilton (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 282–298, Blackwell.
- Ducrot, O. (1972) *Dire et ne pas dire. Principes de Sémantique Linguistique*, Hermann.
- Dynel, M. (2012) *Swearing methodologically. The impoliteness of expletives in anonymous commentaries on YouTube*, in *Journal of English Studies* 10, 25–50.
- Eckert, P. & McConnell-Ginet, S. (1992). *Communities of practice: where language, gender and power all live*. In K. Hall, M. Bucholtz & M. Birch (eds.), (p./pp. 89--

- 99), Berkeley: Berkely Women and Language Group. <http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf>
- Eckert, P. & McConnell-Ginet, S. (2003) *Think Practically and Look Locally: Language and Gender as Community-Based Practice*. Annual Review of Anthropology. 21. 461-488. 10.1146/annurev.an.21.100192.002333.
- Eelen, G. (2001) *A Critique of Politeness Theories*, Manchester, St.Jerome's Publishing.
- Eller, M. (2018) *no prizes to anybody spotting my typo, by the way: The interplay between criticism and identity management in the comments sections on newspaper websites*. In B. Bös, S. Kleinke, S. Mollin, & N. Hernández (Eds.), *Discursive Construction of Identities On- and Offline: Personal – Group – Collective*. (Vol. 78, pp. 177–202). John Benjamins Publishing Company.
- Fairclough N. (1993) Critical Discourse Analysis and the Marketization of Public Discourse: The Universities. *Discourse & Society*; 4(2):133-168.
- Fanon, F. (2008) *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira, EDUFBA.
- Flores, C. (org.), (2011) *Múltiplos Olhares Sobre o Bilinguismo*, Edições Húmus, pp. 7-13. [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14177/1/Cristina%20Flores Multiplos%20Olhares\\_31OUT11.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14177/1/Cristina%20Flores%20Multiplos%20Olhares_31OUT11.pdf)
- Flores, C. (2013) Português Língua Não Materna: discutindo conceitos de uma perspetiva linguística. In R. Bizarro, M. Moreira & C. Flores (Orgs.), *Português Língua Não Materna: Investigação e ensino* (pp. 35-46), Lidel.
- Flores, C., Gonçalves, M. L., Rinke, E. & Torregrossa, J. (2022) *Perspetivas múltiplas sobre a competência bilingue de crianças lusodescendentes residentes na Suíça: A investigação linguística em diálogo com a didática*. *Revista Portuguesa De Educação*, 35(1), 102–131. <https://doi.org/10.21814/rpe.24205>
- Fonseca, J. (1992). *Ensino da língua materna como pedagogia dos discursos*. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20062>
- Fonseca, J. (1994) *Pragmática linguística: Introdução, teoria e descrição do Português*. Porto Editora.
- Fonseca, F. I. (1989). *Deixis, tempo e narração* (Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal). Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10713>
- Foucault, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. [Arqueologia do saber] Gallimard.
- Fraser, B. (2005) *Whither politeness*. In R. T. Lakoff & S. Ide (eds.) *Broadening the Horizon of Linguistic Politeness* (pp. 65–85), John Benjamins.
- Gauducheau, N. & Marcoccia, M. (2007). Analyser la mimo-gestualité: un apport méthodologique pour l'étude de la dimension socio-affective des échanges en ligne. *EPAL - Echanger Pour Apprendre em Ligne*.
- Goffman, E. (1967) *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behaviour*, Pantheon Books.
- Goffman, E. (1983) *The interaction order*: American Sociological Association, 1982 presidential address. *American Sociological Review*, 48, 1-17. <http://dx.doi.org/10.2307/2095141>
- Goffman, E. (1999) *A ordem da interação. Os momentos e seus homens*. Textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin, Relógio D'Água Editores.

- Goffman, E. (2002) *Footing*. In: Ribeiro, B. T., Garcez, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed., Loyola.
- Gomes, Y. L. S. (2012) *Sociolinguística e o ensino de língua materna: análise das interações em sala de aula* In: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1, EDUFU.
- Gouveia, C. (1996). Pragmática. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. A. M. Gouveia (Eds.), *Introdução à linguística geral e portuguesa* (pp. 383–419). Editorial Caminho.
- Gouveia, C. A. M. (2011) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa: Projecto Diversidade Linguística a Escola Portuguesa*, (ILTEC). [https://area.dge.mec.pt/gramatica/pdf\\_texto-narrativo\\_modelo.pdf](https://area.dge.mec.pt/gramatica/pdf_texto-narrativo_modelo.pdf)
- Graham, S. L. (2007) Disagreeing to Agree: Conflict, (im)politeness and identity in a computer-mediated community, *Journal of Pragmatics*, 39, pp. 248–742.
- Granovetter, M. S. (1973) *The strength of weak ties*, American Journal of Sociology; vol 78, nº 6. (pp. 1360 - 1380).
- Grice, H.P. (1975) *Logic and Conversation*. In P. Grice *Studies in the Way of Words* (pp. 22-40), Harvard University Press.
- Gumperz, J. & Hymes, D. (eds.) (1972) *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*, Holt, Rinehart and Winston.
- Gumperz, J. J. (1982) *Discourse strategies*, Cambridge University Press.
- Gumperz, J. J. (1992) *Contextualization and Understanding*. In: Duranti, A., Goodwin, C. (eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*, Cambridge University Press, p. 229-52.
- Hardaker, C. (2010) Trolling in asynchronous computer-mediated communication: From user discussions to academic definitions, *Journal of Politeness Research*, 6, 215-242.
- Haugh, M. & Culpeper, J. (2018) *Integrative pragmatics and (im)politeness theory*. In C. Ilie, & N. R. Norrick (Eds.). *Pragmatics and its Interfaces* (pp. 213-239). John Benjamins.
- Haugh, M., Kádár, D. & Terkourafi, M. (Eds.) (2021) *The Cambridge handbook of sociopragmatics*, Cambridge University Press.
- Henriques S., Neves C., Silva A. P., Abrantes, P., Ramos M. R., Jacquinet M., Bäckström B., Falé I. & Magano, O. (2023) *Literacia e inclusão digital no ensino superior online: impactos em adultos diplomados*, Sociologia, Problemas e Práticas: <http://journals.openedition.org/spp/11740>
- Herring, S. C. (1993) Gender and Democracy in Computer-Mediated Communication. *Electronic Journal of Communication*. v. 3, n. 2, pp. 1-17: <https://cios.org/EJCPUBLIC/003/2/00328.HTML>
- Herring, S. C. (2001). Computer-mediated discourse. In D. Tannen, D. Schiffrin, & H. Hamilton (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 612 – 634, Blackwell.
- Herring, S., Job-Sluder, K., Scheckler, R. & Barab, S. (2002) *Searching for safety online: Managing “trolling” in a feminist forum*. The Information Society, 18. 371– 384.
- Herring, S. C. (2013). *Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured, and emergent*. In D. Tannen & A. M. Tester (Eds.), *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media* (pp. 1 – 25). Georgetown University Press.

- Holmes, J. (2018) *Sociolinguistics vs pragmatics, Where does the boundary lie?*. In C. Ilie, & N. R. Norrick (Eds.). *Pragmatics and its Interfaces* (pp. 11-32). John Benjamins.
- hooks, bell (2010) *Teaching critical thinking: practical wisdom*. Routledge.
- Houtkoop-Steenstra, H. (1987) *Establishing agreement. an analysis of proposal-acceptance sequences*, Mouton Publications.
- Ilie, C., & Norrick, N.R. (Eds.) (2018). *Pragmatics and its Interfaces.*: John Benjamins.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986) *L'implicite*, Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986) 'Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle', *Langue Française*, vol. 70, n<sup>o</sup>. 1, pp. 7-25: [http://www.persee.fr/showPage.do?urn=lfr\\_0023-8368\\_1986\\_num\\_70\\_1\\_6368](http://www.persee.fr/showPage.do?urn=lfr_0023-8368_1986_num_70_1_6368)
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1992) *Les interactions verbales*, II, Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1994) *Les interactions verbales*, III, Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1997) *La enunciación de la subjetividad en el lenguaje*, Edicial. <https://textosenlinea.com.ar/textos/Kerbrat.pdf>
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1998) *Les interactions verbales*, I, Armand Colin, 2<sup>a</sup>. Edição.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1999) *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage* (4<sup>a</sup> ed.). Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2001) *Les actes de langage dans le discours*, Paris, Nathan.
- Kilomba, G. (2021) *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Quotidiano*. (2<sup>a</sup> ed.) Orfeu Negro.
- Kramersch, C. (2020) Translating Experience in *Language Teaching Research and Practice, Applied Linguistics*, Volume 41, Issue 1, pp. 30–51, <https://doi.org/10.1093/applin/amz011>
- Jubé, M., Cavalcante, C. V., Castro, C. M. J. & Jubé, J. F. R. (2021) *Violência simbólica e cultura da paz: uma leitura Bourdieusiana / Symbolic violence and the culture of peace: a Bourdieusian reading*. *Brazilian Journal of Development*, 7 (3), 24873 – 24889. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-274>
- Lagorgette, D. (2003) Les syntagmes nominaux d'insulte et de blasphème : analyse diachronique du discours marginalisé. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*, pp. 171-188.
- Lakoff, R. (1973). *Language and woman's place*, *Language in Society* 2: pp. 45 – 79.
- Lakoff, R. & Sachiko, I. (eds) (2005) *Broadening the Horizon of Linguistic Politeness*, John Benjamins.
- Lanier, J. (2023) *Ten Arguments for Deleting Your Social Media Accounts Right Now* [Dez argumentos para apagar já as contas nas redes sociais]. Porto Editora.
- Leal D., Freitas J.P., Magalhães S. & Matias M. (2023), *Guia para a Utilização de Linguagem Inclusiva*, Universidade do Porto, Versão portuguesa baseada na “Toolbox for gender-neutral, diversity-oriented institutional communication” do Projeto RESET, [https://www.up.pt/portal/documents/76/Guia\\_para\\_a\\_Utiliza%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Linguagem\\_Inclusiva.pdf](https://www.up.pt/portal/documents/76/Guia_para_a_Utiliza%C3%A7%C3%A3o_de_Linguagem_Inclusiva.pdf)
- Leech, G. N. (1983) *Principles of Pragmatics*, Longman.
- Leiria, I. (1998) *Falemos antes de «verdadeiros amigos»*, in Pinto, Paulo Feytor e Júdice, Norimar (Orgs.) *Para acabar de vez com Tordesilhas*, Edições Colibri, Associação de Professores de Português, pp. 11-30.
- Leiria, I., Queiroga, M. J. & Soares, N. V. (2005) *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional*. In *Orientações nacionais. Perfis sociolinguísticos da*

- população escolar que frequenta as escolas portuguesas*. DGIDC, Ministério da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/plnm\\_p erfis\\_linguisticos.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/plnm_p erfis_linguisticos.pdf)
- Levinson, S. (1983) *Pragmatics*, Cambridge University Press.
- Lima, J. P. (2007) *Pragmática Linguística*, Editorial Caminho, Coleção 'O essencial sobre Língua Portuguesa'.
- Limberg, H. (2009) Impoliteness and threat responses. *Journal of Pragmatics*, 41, pp. 1376-1394.
- Little, D. (1991) *Learner Autonomy 1: Definitions, Issues and Problems*, Authentik.
- Llamas, C., & Watt, D. (Eds.). (2010). *Language and Identities*, Edinburgh University Press.
- Locher, M. A., & Bousfield, D. (2008) *Introduction: Impoliteness and power in language*. In D. Bousfield & M. A. Locher (Eds.), *Impoliteness in Language. Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice* (pp. 1 – 13), Mouton de Gruyter.
- Locher, M. A. (2010) Introduction: Politeness and impoliteness in computer-mediated communication, *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture* 6(1), 1--5.
- Locher, M. A. (2015) Interpersonal pragmatics and its link to (im)politeness research. *Journal of Pragmatics*, 86, pp. 5-10.
- Lopes, A. C. M. (1995) *A Pragmática Linguística e os novos programas de Português*, [https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23931/1/mathesis4\\_artigo20.pdf?ln=pt-pt](https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23931/1/mathesis4_artigo20.pdf?ln=pt-pt)
- Maingueneau, D. (1991) *L'analyse du discours* Hachette.
- Marcoccia, M. (2003). *La communication médiatisée par ordinateur: problèmes de genres et de typologie*. Journée d'études: les genres de l'oral, Université Lumière.
- Marcoccia, M. (2004) On-line polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups, *Journal of Pragmatics*, 36, pp. 115-145.
- Marcuschi, L. A. (1996) A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: Ingedore V. Koch (Org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Vol. VI, Unicamp, 95-129.
- Marlangeon, S. K. (2008) *La descortesía en contextos institucionales y no institucionales*. *Pragmatics* 18: 4, pp. 729-749
- Martins, A. C. (2000) *O lugar da dêixis na descrição da língua*. Fórum Media 2, Revista do Curso de Comunicação Social 2: 86-95.
- Martins, C. & Pereira, I. (2011) *Metodologias de ensino de PL2 à medida dos aprendentes*. In C. Flores (Org.), *Múltiplos Olhares Sobre o Bilinguismo* (pp. 45-65), Edições Húmus.
- Marques, M. E. R. (1988) *Complementação verbal. Estudo sociolinguístico* (Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal).
- Marques, M. E. R. (1995) *Sociolinguística*, Universidade Aberta.
- Mateus, M. E. R. et al. (org.), (2005-2008) *Projecto diversidade linguística em escola portuguesa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian*. (cd1 – 2005, cd2 – 2006, livro – 2008).
- Miller, C. and Swift, K. (1981) *The Handbook of Non-sexist Writing for Writers, Editors and Speakers*, Women's Press

- Matos, J. (2020) *Poderá uma língua natural sexista? Avaliação do impacto de informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados com sujeitos masculinos genéricos em Português Europeu*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, NOVA FCSH, Lisboa, Portugal): <http://hdl.handle.net/10362/110814>
- Mendes, E. (2012). Vidas em Português: Perspectivas culturais e identitárias em contexto de Português Língua de Herança (PLH). *Platô*, 1 (2), 20-31.
- Miller, C. & Swift, K. (1981) *The Handbook of Non-sexist Writing for Writers, Editors and Speakers*, Women's Press
- Mills, S. (1999) *Discourse competence: or how to theorise strong women speakers*, in eds. Hendricks, C. and Oliver, K. Language and Liberation: Feminism, Philosophy and Language, State University of New York Press
- Mills, S. (2002) *Rethinking politeness, impoliteness and gender identity*, in eds. Litosseliti, L. and Sunderland, J. Gender Identity and Discourse Analysis, John Benjamins
- Mills, S. (2003a) *Gender and politeness*, Cambridge University Press. 270 pp., ISBN Hb 0 521 81084 1, Pb 0 521 00919 7
- Mills, S. (2003b) *Third Wave Feminist Linguistics and the Analysis of Sexism*, Discourse Analysis Online: <http://www.shu.ac.uk/daol/>
- Mills, S. (2007) *Impoliteness in a cultural context* English, Sheffield Hallam University, Owen Building, Sheffield S1 1WB.
- Mouta, M. (2007) *Os jogos de linguagem e a aquisição de uma “competência humorística” em PLE*. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 2 – 2007*, p. 77-102.
- Oliveira, M., & Duarte, I. (2008) *O Fascínio da Linguagem: actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca: O Fascínio da Linguagem*.
- Olshtain, E. & Celce-Murcia, M. (2008). Discourse Analysis and Language Teaching. In D. Tannen, D. Schiffrin, & H. Hamilton (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 707 – 724, Blackwell.
- Orton, N. & Biar, L. *Stories less told. Behind-the-scenes of feminist narrative research in Brazil*. In: *GLAD!* <http://journals.openedition.org/glad/7518>
- Paiva, V. L. (2004) *Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento*. Machado, I. L.; Mello, R. (Orgs). In: *Gêneros: reflexões em análise do discurso*, Faculdade de Letras da UFMG, p.171-189.
- Paiva, V. L. & Rodrigues Júnior (2007) *O footing do moderador em fóruns educacionais*. In: Araújo, J. L. (Org.). *Internet & Ensino: Novos gêneros, outros desafios*, Lucerna.
- Paradis, M. (2007) *The Neurofunctional components of the bilingual cognitive system*. In I. Kecskes & L. Albertazzi (Eds.) *Cognitive aspects of bilingualism* (pp. 3-28), Springer.
- Perea, F. (2010). *L'identité numérique : de la cité à l'écran. Quelques aspects de la représentation de soi dans l'espace numérique*. *Les Enjeux de l'information et de la communication*, 144-159. <https://doi.org/10.3917/enic.010.0800>
- Pérez, C. C. (2019) *Invisible Women. Exposing Data bias in a World Designed for Men*, Abrams Press.
- Pialoux, M. (2019) *Le temps d'écouter. Enquêtes sur les métamorphoses de la classe ouvrière*. *Raisons d'agir*.

- Prendes E., M. P. & Calatayud V. G. (2023). *Os professores do século XXI enfrentando o desafio da digitalização*. In Pedro, Neuza & Santos, Cassio & Mattar, João. *Competências Digitais: Desenvolvimento e Impacto na Educação Atual*. [https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/59595/1/EXXI\\_NPedroCSantosJMattar\\_CompeticenciasDigitais\\_EBOOK.pdf](https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/59595/1/EXXI_NPedroCSantosJMattar_CompeticenciasDigitais_EBOOK.pdf)
- Polletta, F., & Jasper, J. M. (2001) *Collective identity and social movements*. Annual Review of Sociology, 27, pp. 283 – 305.
- Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001) Lisboa, Edições ASA.
- Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro, Portaria n.º 914/2009, Direção-Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/ensino-do-portugues-noestrangeiro>
- Ribeiro, D. (2019a) *Lugar de fala*. Feminismos plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Pólen.
- Ribeiro, D. (2019b) *Pequeno Manual Antirracista*, 1ª Companhia das Letras.
- Rodrigues, L. (1984) *Fórmulas de modéstia, majestade e cortesia*, in *Estilística da língua portuguesa*, 11.ª ed., Coimbra Editora, pp. 152-156.
- Rosa, R. & Ricciardi, N. (2021) *Das atividades sociais às propriedades dos textos*, NOVA FCSH/CLUNL Capítulo de livros nacionais. <http://hdl.handle.net/10362/135213>
- Samaniego, J. L. (2003) *Lenguaje y cibernética. Es el lenguaje cibernético un riesgo en la sociedad globalizada?* Onomazein 8, 257-260.
- Schiffrin, D. (1987) *Discourse markers*, Cambridge University Press.
- Schiffrin D. (1996) *Interactional sociolinguistics*. In: mckay, S. L., Hornberger, N. H. (eds.). *Sociolinguistics and language teaching*, Cambridge University Press, p.307-28.
- Seargeant, P. (2019) *The Emoji Revolution: How Technology is Shaping the Future of Communication*, Cambridge University Press.
- Searle, J. R. (1981) *Os Atos de Fala. Um ensaio de filosofia da linguagem*, Livraria Almedina.
- Searle, J. R. (2002) *Expressão e Significado*, Martins Fontes.
- Serra, C., Garaizábel, C. & Macaya, L. (2021) *Alianzas rebeldes Un feminismo más allá de la identidad*, Bellaterra.
- Sifianou, M. (2012). Disagreements, face and politeness. *Journal of Pragmatics*, 44, pp. 1554 – 1564. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.03.009>
- Sifianou, M. (2017). The impact of globalisation on politeness and impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 55, pp. 86-102.
- Sifianou, M. (2019a). Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, 145, pp. 91-101.
- Sifianou, M. (2019b). Im/politeness and in/civility: A neglected relationship?. *Journal of Pragmatics*, 147, pp. 49-64.
- Silva, P. N. (2013) *Parâmetros e marcadores do género 'Dissertação de mestrado': análise de um corpus do português europeu*. "Revista Estudos Linguísticos/Linguistic Studies". ISSN 1647-0346. Vol. 8, p. 243-261.
- Silva, P. N. (2015) *Alguns contributos da linguística para a classificação dos textos literários*. In *Atas do 11º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português*, Associação de Professores de Português, esp. pp. 1-29.

- Silva, P. N. (2020) *Redes, cadeias, sistemas e reportórios: sobre as relações entre géneros*. *Linguística* (Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto) 15, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 95-134.
- Sim-Sim, I. (1998) *Desenvolvimento da Linguagem*, Universidade Aberta.
- Soares, C. (1996) *Modificação de actos ilocutórios, em português*, Porto, (Dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal): <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18118?locale=pt>
- Spencer-Oatey, H. (2008) *Introduction*. In H. Spencer-Oatey (Ed.), *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory* (2nd ed.), Continuum.
- Spencer-Oatey, H. & Franklin, P. (2009) *Intercultural Interaction: A Multidisciplinary Approach to Intercultural Communication*. Palgrave Macmillan. <http://dx.doi.org/10.1057/9780230244511>
- Suranto & Aryanika, S. (2020) *The Analysis of Form and Meaning of Written Language in Social Media*, Atlantis Press. 10.2991/assehr.k.200804.041.
- Swann, J. (2002) *Yes, but is it gender?*, in eds. Litosseliti, L. and Sunderland, J. *Gender Identity and Discourse Analysis*, John Benjamins.
- Tannen, D. (1991) *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*, Virago.
- Terkourafi, M. (2008) *Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness*. In D. Bousfield & M. Locher (eds) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice* (pp. 45-74), Mouton de Gruyter.
- Thiry-Cherques, H. R. (2006) *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. *Revista De Administração Pública*, 40 (Rev. Adm. Pública, 2006 40 (1)), 27 – 53. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>
- Ullman, M. (2004) *Contributions of Memory Circuits to Language: the Declarative/Procedural Model*, *Cognition*, 92, 231-270.
- van Dijk, T. A. (2001) *Critical Discourse Analysis*. In D. Tannen, D. Schiffrin, & H. Hamilton (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 352 – 371, Blackwell.
- van Dijk, T. A. (2014) *Discourse and Knowledge*, Cambridge University Press. <https://pdfs.semanticscholar.org/1724/1b49a29c0451562ebaa94a7aa5e6ff2d4858.pdf>
- Yus, F. (2023) *The interface between pragmatics and internet-mediated communication: Applications, extensions, and adjustments*. In C. Ilie & N. R. Norrick (Eds.), *Pragmatics and its interfaces* (pp. 267-290). John Benjamins.
- Wacquant, L. (2019) *Bourdieu's Dyad: On the Primacy of Social Space and Symbolic Power*. In: Blasius, J., Lebaron, F., Le Roux, B., Schmitz, A. (eds) *Empirical Investigations of Social Space*. *Methodos Series*, vol 15. Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-15387-8\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-030-15387-8_2)
- Wacquant, L. (2023) *Resolver o problema da raça*, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLV, pp. 127-154, <https://doi.org/10.21747/08723419/soc45f1>
- Watts, R. J. (2003) *Politeness*, Cambridge University Press.
- Wenger, E.C. (1998) *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*, Cambridge University Press. ISBN 0521430178: [https://www.researchgate.net/publication/225256730\\_Wenger\\_E\\_1998\\_Communities\\_of\\_practice\\_Learning\\_meaning\\_and\\_identity](https://www.researchgate.net/publication/225256730_Wenger_E_1998_Communities_of_practice_Learning_meaning_and_identity)
- Wodak, R. (1996) *Disorders of Discourse*, Longman.

- Wodak, R. & Reisigl, M. (2001). Discourse and Racism. In D. Tannen, D. Schiffrin, & H. Hamilton (Eds.), *Handbook of Discourse Analysis*, pp. 372 – 397, Blackwell.
- Wodak, R., Culpeper, J., Semino, E. (2021) *Shameless normalisation of impoliteness: Berlusconi's and Trump's press conferences*. *Discourse and Society*. 32, 3, p. 369-393.

### Referências literárias

- Atwood, M. (1985) *The handmaid's tale*. McClelland and Stewart.
- Atwood, M. (2000) *The Blind Assassin*. Anchor Books, A Division of Random House, Inc.
- Austen, J. (1818). *Northanger Abbey*, Little.
- Beauvoir, S. (1960) *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Europeia do Livro.
- Bessa, B. (2018) *Poesia que transforma*. Sextante.
- Kaur, R. (2015) *Milk and honey*. Andrews McMeel Publishing.
- Lugrís A., I. (2016) *Curso de Linguística Geral*. Através Editora.
- Melo, M. B., & Vaz, W. (Eds.), *Volta para tua terra: uma antologia antirracista/antifascista de poetas estrangeirxs em Portugal* (1ª ed., Vol. 1). Editora Urutau.
- Mendonça, J. T. (2021) *A Noite Abre Meus Olhos*. Assírio & Alvim.
- Mexia, P. (1999) *Duplo Império*. Edição do autor.
- Ribeiro, D. (2019a) *Lugar de fala*. Feminismos plurais. Coordenação: Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro, Pólen.
- Tokarczuk, O. (2019) *Viagens [Bieguni]*, Todavia.
- Walker, R. (2001) *Black, White & Jewish: Autobiography of a Shifting Self*, Riverhead Books.

### Referências de artigos em meios de comunicação

- Afonso, C. (2024.05.06) Racistas encapuzados no Porto e racistas ostensivos em todo o lado, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2024/05/06/politica/opiniao/racistas-encapuzados-porto-racistas-ostensivos-lado-2089316>
- Anjos, M. (2024.01.10) TikTok e os jovens: A máquina de fazer extremistas, *Revista Visão*. <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2024-01-10-tiktok-e-os-jovens-a-maquina-de-fazer-extremistas/>
- Barroso, E. (2023.01.09) Alterar o hino nacional? Não concordo, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2023/01/09/p3/cronica/alterar-hino-nacional-nao-concordo-2034334?fbclid=IwAR1HDxNwlzD3M8u3CicGB066nRzRXxrAlQQ9RCBkwZzw7q6v7SAzLvNmqec>
- Blitz (2024.12.06) “Ninguém tem o direito de dizer o que quer que seja”: Ariana Grande reage a comentários sobre a sua aparência, *Semanário Expresso*. <https://expresso.pt/blitz/2024-12-06-ninguem-tem-o-direito-de-dizer-o-que-quer-que-seja-ariana-grande-reage-a-comentarios-sobre-a-sua-aparencia-e574ea4d>

- Cardoso, P. (2024.05.15) Descobri-quê? – em busca da memória negra escondida, *Diário de Notícias*. <https://sk1.dn.pt/7557142453/descobri-que-em-busca-da-memoria-negra-escondida/>
- Cunha, A. & Nunes, V. (2024.09.13) Porchat: “O humor é arma poderosa contra opressão, preconceito e violência”, *Jornal Público*. [https://www.publico.pt/2024/09/13/publico-brasil/entrevista/porchat-humor-arma-poderosa-opressao-preconceito-violencia-2104109?utm\\_source=copy\\_paste](https://www.publico.pt/2024/09/13/publico-brasil/entrevista/porchat-humor-arma-poderosa-opressao-preconceito-violencia-2104109?utm_source=copy_paste)
- Dias, J. F. (2022.11.17) A questão da etnia, da raça e do género na proposta de revisão constitucional do PS, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2022/11/17/opiniao/opiniao/questao-etnia-raca-genero-proposta-revisao-constitucional-ps-2027951>
- Fisher, M. (2013.11.24) Exiting the Vampire Castle, *Open Democracy*. <https://www.opendemocracy.net/en/opendemocracyuk/exiting-vampire-castle/>
- Gama, I. (2023.12.05) A problemática da linguagem neutra e inclusiva, *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-problematica-da-linguagem-neutra-e-inclusiva/5376>
- Henriques, J. G. (2011.03.22) Crianças alvo de racismo não querem voltar a Portugal, *Jornal Público*. <http://jornal.publico.pt/magoo/noticia.aspx?a=2024&m=09&d=28&uid=&id=47993441&sid=143393>
- Henriques, J. G. (2024.09.09.) Bloco de Esquerda leva ao Parlamento audição sobre políticas de reparação e reconciliação, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2024/09/09/sociedade/noticia/bloco-esquerda-leva-parlamento-audicao-politicas-reparacao-reconciliacao-2102905>
- Henriques, J. G. (2024.11.11) Acusações por ódio equivalem a 2,9% dos inquiridos. Racismo tem pouco apoio da lei, dizem juristas, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2024/11/11/sociedade/noticia/acusacoes-odio-equivalem-29-inqueritos-racismo-apoio-lei-juristas-2110913>
- Henriques, J. G. (2024.11.15) Quatro anos de pena suspensa e 16.500 euros para racismo contra filhos de Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2024/11/15/sociedade/noticia/quatro-anos-pena-suspensa-16500-euros-racismo-filhos-bruno-gagliasso-giovanna-ewbank-2112046>
- Henriques, J. G. (2024.12.07) Chamou “sua preta” a peixeira, vai ser julgado. Grupo quer mudar lei para punir mais casos de racismo, *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2024/12/07/sociedade/noticia/chamou-preta-peixeira-vai-julgado-grupo-quer-mudar-lei-punir-casos-racismo-2114834>
- Lusa (2024.05.19) Ensino da história refém dos preconceitos dos professores, *RTP Notícias*. [https://www.rtp.pt/noticias/pais/ensino-da-historia-refem-dos-preconceitos-dos-professores\\_n1572629](https://www.rtp.pt/noticias/pais/ensino-da-historia-refem-dos-preconceitos-dos-professores_n1572629)
- Mendes, E. (2022.05.31) Professores(as) de Português para o século XXI, Desafios do século XXI, *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/ensino/professoras-de-portugues-para-o-seculo-xxi/4902#>
- Não, C. (2023.02.20) As implicações do masculino genérico, *Semanário Expresso*. [https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmscttbpDQEhrw3xUj3t9\\_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658](https://expresso.pt/geracao-e/2023-02-20-As-implicacoes-do-masculino-generico-9c98f3ac?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2jdmscttbpDQEhrw3xUj3t9_0SxAPkTpiG3dyUuhQpHJcrTMmDn1jT2LM#Echobox=1676903658)

- Ribeiro, J. R. (2024.09.01) Suspensão do X no Brasil aprofunda debate sobre o poder das gigantes tecnológicas, *Jornal Público*.  
<https://www.publico.pt/2024/08/31/mundo/noticia/suspensao-x-brasil-aprofunda-debate-gigantes-tecnologicas-2102510>
- Tavares, S. & Ganhão, M. (2020.10.01) Quão sexista é a Língua Portuguesa e como é que isso se resolve? Uma reflexão a partir do documento que indignou os militares, *Semanário Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2020-10-01-Quao-sexista-e-a-Lingua-Portuguesa-e-como-e-que-isso-se-resolve--Uma-reflexao-a-partir-do-documento-que-indignou-os-militares>
- Silva, A. (2022.12.24) Um legado pelo planeta: eles têm filhos *vegan* porque sonham com um mundo mais verde, *Jornal Público*.  
<https://www.publico.pt/2022/12/24/azul/noticia/legado-planeta-filhos-vegan-sonham-mundo-verde-2032044>

### Recursos audiovisuais

- Adichie, C. N. (2009.07) The danger of a single story (O perigo de uma única história). Palestra TED.  
[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. (2020.06.23). A carga racista do adjetivo "negro" YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=zhMTVzfzjiA>
- Eribon, D. (2008. 01.17). Sobre ¿Qué significa hablar? (C. Hdez-Pérez, Trad.). *Sociología Contemporánea*. <https://sociologiac.net/?p=252>. (Fonte da entrevista: *Libération*, 19 de outubro de 1982, p. 28)
- Furtado, A. (2019) Com a mala na mão contra a discriminação – uma viagem pela história dos nossos direitos. Buala. <https://www.buala.org/pt/a-ler/com-a-mala-na-mao-contr-a-discriminacao-uma-viagem-pela-historia-dos-nossos-direitos>
- Kramsch, C. (2020.11.02) *Trans-lating culture in the language classroom: An historical challenge*. UMass Boston Applied Linguistics. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=ZC\\_2kJd6hoI](https://www.youtube.com/watch?v=ZC_2kJd6hoI)
- Rahmanian, R. (2015.06.12) Kolb's Learning Cycle. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=oikYx9-zhxQ>

### Páginas web institucionais

- Comissão Europeia (2022) Recomendação do Conselho sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. <https://education.ec.europa.eu/pt-pt/focus-topics/improving-quality/key-competences>
- Direção-Geral da Educação. (2018) DigCompEdu, *Quadro europeu de competência digital para educadores*. <https://www.dge.mec.pt/noticias/tic-na-educacao/digcompedu-quadro-europeu-de-competencia-digital-para-educadores>
- Unesco (2021) Recursos sobre cultura da paz.

<https://www.unesco.org/biennaleluanda/2021/pt/recursos-sobre-cultura-da-paz>  
União Europeia (1996.08.15) Resolução do Conselho e dos representantes dos governos dos Estados-Membros, reunidos no Conselho, de 23 de julho de 1996, relativa ao Ano europeu contra o racismo (1997), *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, 15.08.1996, p.3. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:41996X0815&qid=1560768260792&from=EN>

## Televisão

Eventos (2024.10.19) Dino D'Santiago emociona Whoopi Goldberg: "A cor da minha pele era uma sentença antes de eu poder escrever a minha própria história", OptoSic. <https://sic.pt/programas/eventos/2024-10-19-video-dino-dsantiago-emociona-whoopi-goldberg-a-cor-da-minha-pele-era-uma-sentenca-antes-de-eu-poder-escrever-a-minha-propria-historia-308c9a54>  
Livesay, C. (2024.09.29) In Finland, classes in recognizing fake news, disinformation. Chris Livesay reports. CBS News. <https://www.cbsnews.com/video/in-finland-classes-in-recognizing-fake-news-disinformation/>

## Canções

César, C. & Baleiro, Z. (2021). *Dislike*, [Música] no álbum *O Amor é um Ato Revolucionário*. Saravá Discos.  
Simone, N. (1964). *Don't Let Me Be Misunderstood*, [Música] no álbum *Broadway-Blues-Ballads*, Philips.

## Postagens da Rede social Facebook (*Corpora*)

Jornal Público (2023.01.09) Há que encará-lo com uma canção que representa a nação, que exalta factos que aconteceram e que pretende simbolizar as lutas passadas pela nossa nação. Alterar o hino nacional? Não concordo. Facebook. <https://www.facebook.com/search/posts/?q=alterar%20o%20hino%20nacional%20C%20n%C3%A3o%20concordo>  
Jornal Público (2022.12.24) Um legado pelo planeta: eles têm filhos *vegan* porque sonham com um mundo mais verde, Facebook. <https://www.facebook.com/Publico/posts/pfbid025SY5L6HCrcqraLoddMFp22AsY86uEADbKTSucKNuwRN1NbphZN8WdTaoUnNtQ6Shl>  
Moreira, J. K. (2021.08.12) Boa notícia! Facebook remove grupo de mais de 11 mil "racistas unidos pelo Chega" que defendia "fascismo sempre", Facebook. <https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/4016693968459339>

Moreira, J. K. (2021.07.19) Justiça Histórica a um homem que morreu na miséria por desobedecer a um regime fascista, salvando pessoas da morte com a sua assinatura! Salvé Aristides de Sousa Mendes!, Facebook.

[https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/3944323965696340?paipv=0&ea\\_v=AfZkm4454vE-%20bk40e9WkDG\\_9stLcUEFKZiNSwLn2F77yKYCjuYo-fWICaqIt1QKB5jw&\\_rdr](https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/3944323965696340?paipv=0&ea_v=AfZkm4454vE-%20bk40e9WkDG_9stLcUEFKZiNSwLn2F77yKYCjuYo-fWICaqIt1QKB5jw&_rdr)

## Imagens

López, C. (2004). *Nubes Negras (detalhe) [Óleo sobre linho]*. Colección Martínez Guerricabeitia, Universitat de València.

Steiner, P. (1993). Desenho de um cão sentado em frente a um computador com a legenda "On the internet, nobody knows you're a dog", *The New Yorker*, <https://www.newyorker.com/magazine/1993/07/05>

## Software

ATLAS.ti. (2023). *ATLAS.ti (Versión 9.1)*. ATLAS.ti Scientific Software Development GmbH. <https://www.atlasti.com>

Google LLC. (2023). Google Forms. <https://forms.google.com>

OpenAI. (2023). *ChatGPT* [Software de inteligência artificial]. OpenAI. Disponível em <https://openai.com/chatgpt>

## Dicionários em linha

Aulete, C. (s.d.). *Aulete Digital*. Lexikon Editora Digital. <https://www.aulete.com.br/>

Ceia, C. (Org.). (s.d.). *E-dicionário de termos literários*. Universidade Aberta. <http://edtl.fcsh.unl.pt/>

Porto Editora. (s.d.). *Infopédia*. Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/>

## **9. Anexos**

## **Anexo I**

### **a. Inquéritos utilizados na recolha dos dados (*Links do Google Form*)**

Delicadeza linguística (inquérito para estudantes)

Delicadeza linguística (inquérito para falantes de português L1 )

Delicadeza linguística (inquérito para professores)

## **Anexo II**

### **b. Plano de aprendizagem de línguas**

## Plano de Aprendizagem de Línguas

- Antes de iniciar os seus estudos, reflita sobre os seus **objetivos de aprendizagem**:  
O que gostaria de ser capaz de fazer nesta língua? Seja muito específico.
- O que precisa de fazer nas 4 competências: falar, ouvir, ler e escrever?
- Divida os seus objetivos de longo prazo em passos de curto prazo.

### 1. Longo prazo (data limite .....

Competência	Quero ser capaz de .....
Falar	
Ouvir	
Ler	
Escrever	

### 2. Curto prazo (no final do semestre?) (data limite .....

Competência	Quero ser capaz de .....
Falar	
Ouvir	
Ler	
Escrever	

### Ficha de Autoavaliação

Tendo em conta o **plano de aprendizagem de línguas**, previamente elaborado, e as **atividades de aprendizagem**, é importante refletir sobre o seu progresso de aprendizagem da língua estrangeira.

Reveja os objetivos estabelecidos no plano de aprendizagem de línguas. Considera que alcançou os objetivos inicialmente propostos por si?

Até que ponto acha que alcançou alguns desses objetivos? Seja específico, descreva o que pode fazer, em contextos específicos.

Competência	Eu posso .....
Falar	
Ouvir	
Ler	
Escrever	

#### Trabalho em progresso:

Não desanime se ainda não alcançou todos os seus objetivos. O processo de aprendizagem requer tempo e um trabalho continuado. Reflita sobre o que está a fazer para atingir esses objetivos e se existem novos desafios para si. Preencha a coluna "porque" com essa informação.

Competência	Ainda não sou capaz de...	Porque .....
Falar		
Ouvir		
Ler		

<b>Escrever</b>		
-----------------	--	--

**O que vou fazer a seguir?**

Refleta sobre as técnicas de aprendizagem que melhor ou pior funcionaram para si. Pense como pode melhorar essas estratégias de estudo.

**Foi positivo para mim:**

- |                     |             |                        |
|---------------------|-------------|------------------------|
| Trabalho individual | Ler         | Técnicas para aprender |
| Trabalho de grupo   | Ouvir rádio | vocabulário            |
| Ver televisão       | Falar       | Etc                    |

---



---



---

**Aprenda da sua própria experiência!**

Aspetos menos positivos para mim	O que vou fazer diferente